

via spiritus

Leituras e espiritualidade
na Península Ibérica na
Época Moderna

Ano 4 - 1997

Via Spiritus

Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso
Centro Inter-Universitário de História da Espiritualidade da Universidade do Porto
Instituto de Cultura Portuguesa – Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Anual - Publicação subsidiada pela Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica

Comissão Científica

Robert RICARD † Mário MARTINS, S.J. † J. S. da Silva DIAS †
Maria de Lourdes Belchior PONTES; José V. de Pina MARTINS; Maria Idalina Resina RODRIGUES; Maria Lucília G. PIRES; José Adriano de Freitas CARVALHO

Conselho de Redacção

José Adriano de Freitas CARVALHO; Luis de Sá FARDILHA; Maria de Lurdes Correia FERNANDES; Zulmira C. SANTOS; Ivo Carneiro de SOUSA; Pedro V. B. TAVARES;

Direcção

Maria Idalina Resina RODRIGUES; José Adriano de Freitas CARVALHO

Edição do Centro Inter-Universitário de História da Espiritualidade e do Instituto de Cultura Portuguesa - Faculdade de Letras da U.P.
Via Panorâmica, s. n.

4150 Porto (Portugal) e-mail: ciuhe@esoterica.pt

Depósito legal n.º 85227/94 ISSN 0873-1233

Impressão: Oficina Gráfica da Faculdade de Letras do Porto

CONTENTS

J. A. Carvalho	Recommended and chosen reading. Spiritual guidance and reading habits among Franciscan and Clarist nuns in Portugal during the 17th century.....	pág. 7
L. S. Fardilha	D. Manuel de Portugal, a studious reader of the works of Friar Rodrigo de Deus, OFM.....	pág. 57
Z. Santos	Reading to discuss. Books and readings recommended by Teodoro de Almeida in his work <i>Harmonia da Razão e da Religião</i>	pag. 81
M. L. Fernandes	The lost library of J. Cardoso († 1669) and the library of the <i>Agiologio Lusitano</i>	pág. 105
J. S. Hermida	Books and reading in the Convent of Claustered Augustinian nuns of Salamanca (16th to 18th century).....	pág. 133
M. M. Rodrigues	Short notes for the history of the readers and of the reading in the city of Oporto (1657-1746).....	pág. 233
Notas	V. Infantes, <i>Devotio in propatulo</i> : an unrecorded poetical text found in the Fraternal Order of the 'Rosario de Nuestra Señora'.....	pág. 243
	J. A. Carvalho, <i>A corrigendum</i> and two different views. The biography of the Mother Superior Sister Maria da Conceição, OSC, in the <i>Agiologio Lusitano</i> and in the <i>Crónica Seráfica da Provincia dos Algarves</i>	pág. 253
Reviews by	J. A. Carvalho, I. Morujão, P. Tavares, J. S. Hermida, Z. Santos.....	pág. 261

English Summaries in the end of each article



762837

Índice

Leituras e espiritualidade na Península Ibérica na Época Moderna

José Adriano de Freitas Carvalho, *Do recomendado ao lido. Direção espiritual e prática de leitura entre franciscanas e clarissas em Portugal no século XVII*

pág. 7

Se o mundo da leitura na Época Moderna é ainda um mundo complexo, o da leitura conventual, especialmente feminina, nesses dias, é, dadas as circunstâncias de vida e de acesso aos testemunhos, não só mais complexo, mas também mais complicado. Bastará pensar nos diversos intervenientes – mestras de noviças..., confessores..., directores espirituais..., etc. – na orientação e selecção de leituras. Partindo da análise dos conselhos de leituras – obras e modos – que prodiga Fr. António das Chagas († 1682), um célebre franciscano, na correspondência que manteve com muitas das suas dirigidas, procurou-se estabelecer o *corpus* dessas leituras recomendadas e confrontá-lo com o que nos transmitem algumas biografias devotas da mesma época conservadas em crónicas conventuais.

Luís de Sá Fardilha, *D. Manuel de Portugal, leitor de Fr. Rodrigo de Deus, O.F.M.*

pág. 57

Nos preliminares dos *Motivos Espirituaes* (1ª edição, 1611), são publicados dois sonetos de Fr. Agostinho da Cruz e um de D. Manuel de Portugal. Estes poemas indiciam uma leitura da obra anterior à sua publicação. Se não surpreende que um arrábido possa ter lido outro arrábido, o caso do fidalgo leigo é diferente, por razões cronológicas e, sobretudo, enquanto sinal de adesão a um certo modelo de espiritualidade. Evidentemente, um soneto, por si só, não revela as práticas espirituais do seu autor nem as possíveis dependências relativamente às orientações propostas pelo texto de Fr. Rodrigo de Deus. Para desenvolver o quadro destas relações, utiliza-se igualmente um pequeno texto publicado nas últimas páginas das *Obras* de D. Manuel de Portugal (1ª e única edição em 1605), o qual permite uma aproximação mais documentada ao(s) modo(s) como este fidalgo leigo recebeu as propostas do autor dos *Motivos Espirituaes*. Procura-se, assim, estabelecer um quadro das circunstâncias e dos critérios orientadores de uma leitura individualizada e laica de uma obra de espiritualidade largamente difundida em Portugal no século XVII.



008(05)
via

Zulmira C. Santos, *Ler para discutir. Livros e leituras na Harmonia da Razão e da Religião (1793), de Teodoro de Almeida* pág. 81

Este estudo pretende inserir a *Harmonia da Razão e da Religião (1793)* do oratoriano Teodoro de Almeida no contexto da literatura «apologética» que percorreu, sobretudo, a segunda metade do século XVIII, sublinhando asindicações de livros, leituras e formas de ler fornecidas e discutidas pelo autor.

Maria de Lurdes Correia Fernandes, *A biblioteca perdida de J. Cardoso († 1669) e a biblioteca do Agiologio Lusitano. Livros de gosto e de uso* pág. 105

Este artigo estuda e faz a edição comentada de uma parte – os manuscritos – da biblioteca perdida de J. Cardoso, autor do *Agiologio Lusitano do Santos de Portugal e suas Conquistas*, com base numa cópia do século XVIII do Catálogo dos livros (manuscritos e impressos) feito pelo próprio J. Cardoso. Deixando para um estudo próximo a edição comentada da lista dos impressos, pretendeu-se aqui mostrar como a parte dos manuscritos da biblioteca de J. Cardoso – a que, no século XVIII, não conseguiu aceder D. Manuel Caetano de Sousa, o continuador da obra – é, em grande parte, o resultado do esforço imenso de reunião (em originais ou cópias) de dados, informações e documentos (sobretudo históricos e hagiográficos) para tornar mais completo e mais fundamentado o *Agiologio Lusitano*.

Jacobo Sanz Hermida, *Libros y Lecturas en el Convento de las Madres Agustinas Recolectas de Salamanca (Siglos XVI-XVII)*..... pág. 133

O trabalho apresentado pretende, a partir dos conteúdos duma típica livraria conventual feminina (o Convento da Puríssima Conceição de Salamanca), patentear não só o seu fundo bibliográfico mas também o estado de conservação do mesmo. As duas vertentes poderão servir para insinuar os hábitos e os interesses de leitura dessa comunidade de Agostinhas de clausura.

Maria Manuela Martins Rodrigues, *Notícias breves para a história dos leitores e da leitura na cidade do Porto (1657-1746)* pág. 233

Como decorre do título deste artigo, apresentam-se os primeiros resultados de uma investigação em curso, que podem indiciar a existência de uma razoável dinâmica cultural no Porto, durante a segunda metade do século XVII e na primeira metade do século XVIII, centrada nas classes económica e socialmente predominantes, nomeadamente nos poderosos cônegos e abades da cidade.

Victor Infantes, *Devotio in propatulo: un cartel poético desconocido en la Cofradía del Rosario de Nuestra Señora* (c. 1545) pág. 243

José Adriano de Freitas Carvalho, *Uma Corrigença e duas visões. A biografia da Madre Soror Maria da Conceição, O.S.C, no Agiológico Lusitano e na Crónica Seráfica da Província dos Algarves* pág. 253

Recensões

Ana Isabel BUESCU, *Imagens do Príncipe. Discurso normativo e representação (1525-49)*, (J. A. Carvalho) 261; Anne Marie QUINT, *L' «Imagem da Vida Cristã» de Fei Heitor Pinto. Essai d'Interprétation du Langage figuré chez un Humaniste Chrétien* (J. A. Carvalho) 265; Carlos M. N. EIRE, *From Madrid to Purgatory. The art and craft of dying in sixteenth-century Spain* (I. Morujão) 268; Ronaldo VAINFAS (org.), *Confissões da Bahia, Santo Ofício da Inquisição de Lisboa* (P. Tavares) 273; M^a Luisa LÓPEZ-VIDRIERO y Consolación MORALES BORRERO, dirs., *Catálogo de la Real Biblioteca. Tomo XII. Impresos Siglo XVII* (J. S. Hermida) 277; CONTINISIO, Chiara – MOZZARELLI, Cesare (a cura di), *Repubblica e Virtù – Pensiero politico e Monarchia cattolica fra XVI e XVII secolo* (Z. Santos) 279; J. Pinharanda GOMES, *D. Manuel Mendes da Conceição Santos, Vice-Reitor do Seminário da Guarda (1905-1916) e Bispo de Portalegre (1916-1920)* (P. Tavares) 281.

Crónica pág. 285

Do recomendado ao lido.

Direcção espiritual e prática de leitura entre franciscanas e clarissas em Portugal no século XVII*.

Leya por onde quizer, como sejam livros espirituaes, que tudo são iguarias de Deos por peyor, ou melhor cozinheiro. Fr. António das Chagas, *Cartas Espirituaes*, II, 26¹

I. Valerá a pena repetir, uma vez mais, que a questão das leituras - e da leitura: do ler ao texto (manuscrito..., impresso...) passando pelos modos de ler que, por sua vez, remetem para problemas mais literários (géneros..., estilos..., etc.) - nos coloca, em si e historicamente, à beira, quando não no interior, de um mundo complexo - da alfabetização à técnica, o que implica necessariamente a sociedade e a economia -, cuja abordagem, para os «tempos modernos», requer múltiplas e, por vezes, simultâneas aproximações? Talvez, e, por isso, não será demais recordar esta verdade muito simples no começo de uma breve investigação sobre as leituras de literatura de espiritualidade por parte de freiras - no caso presente, quase exclusivamente franciscanas - no século XVII - especialmente na sua segunda metade - em Portugal. E se dissemos de freiras - e não, por exemplo, nos conventos - é porque gostaríamos de deixar, desde o início, bem preciso que não pretendemos nem estender a toda uma comunidade notícias individuais nem abordar a questão desde um ponto de vista mais ou menos, para o sugerir de alguma maneira, tipológico. Não se trata, com efeito, de ponderar, à partida, se uma obra lida por uma religiosa seria ou não leitura difundida na casa nem, muito menos, de verificar o que, um tanto genericamente, se dizia que deveria uma freira ler - ou ouvir ler -, de acordo com os conselhos de um directório para essa «religiosa ideal» que o século XVII gostou de construir e de propor, tal como, por exemplo, se tinham já dado recomendações de leituras a fazer de acordo com um estatuto

* Investigação subsidiada por JNICT/PRAXIS XXI.

¹ Utilizamos a edição de Lisboa, na Oficina de Miguel Rodrigues, 1736. Para as questões levantadas pelas edições desta obra de Fr. António das Chagas haverá sempre que recorrer à globalmente ainda não superada obra de Maria de Lourdes Belchior PONTES, *Bibliografia de António da Fonseca Soares (Fr. António das Chagas)*, Lisboa, 1950.

socio-político (um rei., um governador..., um fidalgo...) ou profissional (um negociante...). Para qualquer das circunstâncias e dos casos se podem apontar exemplos de listas mais ou menos largas – quase sempre, porém, breves – dos tipos de livros que lia ou deveria ler um religioso..., um rei²..., um príncipe³..., um senhor de vassalhos⁴..., um fidalgo⁵..., um negociante⁶ e que, normalmente, dizem respeito mais à concepção que desse estado ou dessa função social ou dessa profissão se fazia o autor de tais conselhos e às suas leituras que às obras que, efectivamente, leram – ou poderão ter lido – os destinatários... Por mais que conheçamos a erudição – que não é o mesmo que as obras lidas... – de Gomes Eanes de Zurara e saibamos que D. Afonso V, seu patrono e mecenas, pôs a biblioteca real ao serviço público, nada sabemos dos livros que poderá ter lido... Se seu pai, D. Duarte, é uma

² Felipe de la TORRE, *Institución de un Rey Christiano, colegida principalmente de la Santa Escritura y de los Sagrados Doctores* (Anvers, 1556) apresenta, segundo José António MARAVALL, *La Oposición Política-Religiosa a mediados del siglo XVI. El Erasmismo tardío de Felipe de la Torre in La Oposición Política bajo los Austrias*, Barcelona, 1972, 53-92 (v. g. 77-78) uma série de sugestões de «libros pios y de gobierno de la República» em que deve ocupar-se o rei e que incluem, além de certos livros bíblicos, Platão, Aristóteles, Isócrates, Plutarco, Cícero, Tito Lívio, Séneca, Eusébio, S. João Crisóstomo, Dr. Constantino de la Fuente, Fr. Luis de Granada, Serafim de Fermo, etc...

³ Vespasiano da BISTICCI, *Comentario de la Vita del Signore Federico, Duca di Urbino in Le Vite* (ed. crítica com introduzione e commento di Aulo Greco), Firenze, 1970, I, 355-416 traz, como é bem sabido, a lista das suas leituras – inclusivamente os exemplos das suas leituras piedosas de cada manhã –, e dos livros da sua biblioteca.

⁴ O Padre Baltasar Álvarez, S. J., em carta de 27.7.1574, recomenda ao marquês de Velada que leia os *Comentários* aos salmos penitenciais, obra atribuída a S. Gregório, e, em outra de 12.3.1575, os *Moralia* do mesmo autor, depois de acabada a primeira obra. Tem, porém, dúvidas em aceitar, sem condições, que o seu dirigido leia o *Audi, Filia* de S. Juan de Ávila, acabando, no entanto, por lhe lembrar uma edição acessível e recente – a de Toledo, Juan de Ayala, 1574. Conf. Baltasar ÁLVAREZ, *Escritos Espirituales*, Barcelona, 1961, 500 e 508, respectivamente

⁵ Fr. Amador ARRAIS, *Dialogo Terceyro. Da Gente Judaica in Dialogos*, Coimbra, 1604 (aliás, Porto, 1974, 110) apresenta as leituras que diz ter feito o «Fidalgo, Aureliano»: algo da *Sphera*, porque quando Pero Nunez a lia a certos homens principais, eu me achava presente..., *Décadas* de João de Barros..., Petrarca em sua língua..., as *historias* de Jovio em latim..., as *antiguidades* de Florião de campo em Castelhana..., o *Sumario* de Estevão de Garibay Biscainho... e a *Historia Imperial* do vizinho de Sevilha..., e a *Pontifical* de Illescas de Dueñas..., as *Respublicas*, e os *letrados* do Moraes Cordoves...

⁶ Cristóbal SUÁREZ DE FIGUEROA, *EL Pasajero (Alivio X)*, (ed. de Maria Isabel López Bascuñana), Barcelona, 1988, II, 620-222 apresenta uma lista de autores que um negociante, como Isidro, que não sabe latim, pode, «como virtuoso, sacar mayor aprovechamiento»: antes de mais, «das flores de santos»..., ainda que también os podrá ser licito leer otros autores, así modernos como antiguos, mas que traten todos materias importantes para perficionar la vida... E se bem que, como negociante, não vá encaminhado às coisas de guerra, poderá, «por curiosidad», passar «dos ojos por los que en vulgar hablan della»... E também os historiadores, como Hérodoto, Tito Lívio, Tácito... «No olvidéis la vida de Plutarco y los comentarios de César. Haces grande amigo de Séneca...[...] Estas lecciones y otras tales os causarán contento y regalo bien diferente del que ocasionan los Amadises, Febos y Orlandos: sueños, profanidades, mentiras y locuras»...

excepção, já que o seu *Leal Conselheiro* começou por ser uma série de leais apontamentos sobre variadas matérias, incluindo livros – que, em parte, podemos controlar pelo que sabemos do inventário da sua livraria – e modos de os ler, estamos longe de saber, ainda por exemplo, o que leram ou o que liam – uma distinção sempre importante –, e aqui ao nível das obras de espiritualidade – um tipo de leitura que, aceitar-se-à facilmente, melhor ou pior deveriam fazer – um D. João II ou um D. João III... Com segurança, do primeiro, que, a fiarmo-nos no silêncio dos apontamentos de Sousa Viterbo, não terá posto especial empenho em continuar a biblioteca de seu pai, apenas recordamos o *Recuerde el alma dormida...* de Jorge Manrique, trovas que, segundo confidenciava a Garcia de Resende, «tão necessario era a hum homem sabellas, como saber o Pater noster»⁷... A afirmação do Príncipe Perfeito vale tanto pela estima que revela pelas *Coplas a la muerte de su padre* como pela classificação de obra de alta espiritualidade que lhes atribuíra... De outro admirador das *Coplas...*, D. João III⁸, se prescindirmos das informações sobre os livros de seu pai e dos livros que D. Catarina de Áustria, sua mulher, mandou comprar – que comprar não quer dizer apenas possuir e, menos, ler, mas também, por exemplo, oferecer – e do que revela de um pobre inventário feito em Évora em 1534 em que dos vinte livros registados nove são litúrgicos – certamente do uso da capela real nessa cidade –, nada sabemos⁹, embora seja legítimo supor que terá, pelo menos, folheado os livros que lhe foram dedicados, a começar pela *Crónica do Imperador Clarimundo* (Lisboa, 1520) de João de Barros¹⁰... Talvez, para

⁷ Garcia de RESENDE, *Crónica e Miscelânea* (Nova edição conforme a de 1798. Introdução de J. Verissimo Serrão), Lisboa, 1973, 269.

⁸ Também de D. João III se conta em *Ditos Portuguese dignos de Memória. História íntima do século XV* (anotada e comentada por José H. Saraiva), Lisboa, s. a., 45 (nº85), que a um criado do conde de Vimioso e que este lhe inculcava para moço de câmara, perguntou se sabia «de cor as trovas de D. Jorge Manrique que começam: *Recuerde el alma dormida*». Perante a resposta negativa do moço, comentou D. João III: «Pois não sabeis nada, e eu vos aceito porque mo pede o conde»... D. Carolina Michaelis de Vasconcelos, '*Recuerde el Alma Dormida*'. (*Duas palavras ao Auctor da 'Antologia de Poetas Líricos', III, 106-116, VI, CIV-CLII*) in *Revue Hispanique*, 6(1899),148-162 apontou a estima do poema de J. Manrique e as principais glosas que dele se fizeram no século XVI em Portugal; Nellie E. SÁNCHEZ ARCE, *Las Glosas a las «Coplas» de Jorge Manrique*, Madrid, 1956 parece ter esquecido aquele antigo, mas útil trabalho, de D. Carolina Michaelis.

⁹ Sousa VITERBO, *A Livraria Real especialmente no Reinado de D. Manuel*, Lisboa, 1901, 24-37.

¹⁰ Sem qualquer pretensão de exaustividade e abreviando, sempre que possível, os títulos, lembremos algumas das obras dedicadas a D. João III: H. Cuellar, *Opus Insigne ad libros tres predictionum Hipperat. Commento...*, Coimbra, João Barreira, 1543; Francisco de Monzón, *Libro Primero del Espejo del Principe Christiano*, Lisboa, Luis Rodriguez, 1544; Francisco de Monzón, *Norte de Confessores*, Lisboa, Luis Rodriguez, 1546; Manuel Costa, *Commentaria*, Coimbra, João Barreira, 1548; Martín de Azpilcueta, *Relectio...*, Coimbra, João Barreira, 1548; Diogo de Teive,

além do imediato das modas, possa ser o gosto do rei por essa *Crónica...* uma das razões por que estava a biblioteca do palácio cheia de novelas de cavalaria, obras de que foi limpa, em 1553, com a ajuda do P. Francisco de Borja¹¹...

Como já aludimos, não será deste tipo de leitores que nos vamos ocupar. Aqui apenas nos interessam as leituras concretas que certas pessoas concretas – religiosos, mas, sobretudo, religiosas, em alguns conventos ao longo do século XVII, muito especialmente depois da sua segunda metade – fizeram por eleição própria ou por conselho de alguém, esses alguém que, quase sempre, se podem identificar com confesores, directores espirituais, mestres de noviços... São conselhos de gente que, geralmente, por prudência ou por ignorância, tinha em conta as circunstâncias concretas do «progresso espiritual» das pessoas aconselhadas¹² e das suas possibilidades de acesso às

Commentarius de Rebus in India, Coimbra, João Barreira, 1548; [Belchior Beleago] *Logica Aristotelis ab Eruditissimis Hominibus Conversa*, Coimbra, João Barreira, 1549; Sancho de Noronha, *Tratado Moral de louvores e perigos de alguns estados seculares...*, Coimbra, Francisco Correia, 1549; Pedro Mendes Correia, *Oratio*, Coimbra, s. ed., 1549; Fernão Lopes de Castanheda, *Historia dos Descobrimentos e Conquista da Índia*, Coimbra, João Barreira, 1551; Hilário Moreira, *De omnium Philosophiae partium Laudibus et Studiis Oratio*, Coimbra, João Barreira, 1552; Fr. Juan de la Cruz, O. P., *Historia de la Yglesia que llaman Ecclesiastica y Tripartita*, Coimbra, João Alvarez, 1554; Garcia de Resende, *Libro das Obras...*, Évora, André de Burgos, 1554; Martín de Ledesma, O. P., *Primus Thomus qui et Prima 4...*, Coimbra, João Alvarez, 1555; Fr. Marcos de Lisboa: *Primeira Parte das Crónicas da Ordem dos Frades Menores*, Lisboa, João Blávio de Colónia, 1557.

¹¹ Ignacio IPARRAGUIRRE, *Prática de los Ejercicios de San Ignacio en vida de su autor*, Bilbao, Roma, 1946, 46.

¹² Fr. António das CHAGAS, *Cartas Espirituaes*, II, 42, 129: «Faça V. M. muito por se exercitar na virtude da cumpunção, doendo-se de seus descuidos, froxidoens, e negligencias, sendo esposa de Christo, e busque para isso lição que a mova. Leya em S. João Climaco, no principio o grao, que trata do pranto espiritual; que se V. M. chorar seus peccados, e andar algum tempo compungida delles, terá quanto quizer de Deos». Ainda a título de exemplo, num plano menos personalizado, poderia apontar-se o que aconselha Fr. Agustín de SAN ILDEFONSO, *Theologia Mystica*, (I, 3, 2), Madrid, 1683, 51: «Y las almas que siendo simples, sencillas y puras, y se quieren dar a la oracion, les ordenarán que lean libros generalmente devotos y que traten de virtudes, como es de humildad y castidad; porque como asi a los que han sido grandes pecadores, les irá bien que lean la vida de la Madalena, la de santa Maria Egyptiaca, y la de Rogelia Penitente; de la misma suerte para las doncellas y virgenes sera bien que lean libros que traten de la virtud de la virginidad, y assi se les podrá mandar que lean los libros de la santa Madre Teresa de Jesus, la vida y libro de nuestra santa Clara de Monte Falco, la de Doña Luisa de Carvajal y el interrogatorio de sor Ana Maria de S. Joseph, y otros libros semejantes a estos para que con el exemplo de la paciencia, perseverancia y amor del esposo se animen todas a buscar, a guardar y a servir al que lo es de todas». Por sua vez, o P. Manuel BERNARDES na sua *Direcção para ter os nove dias de Exercícios Espirituais*, Lisboa, 1725, II, § 13, 80-82 – obra dirigida aos congregados oratorianos – recomenda que «seja aplicado aos livros espirituais e autores de primeira classe nas materias mysticas», como, por exemplo, dentro o largo rol que apresenta, »S. Gregorio, nos Moraes..., S. Boaventura, no Itinerario e na Theologia Mystica..., João Gerson na *Theologia Mystica* e no *Monte da Contemplação...*, Harpio expurgado..., João Taulero..., Lanspergio Cartusiano..., o beato Frei João da Cruz..., Frei

obras recomendadas... Por isso, na sequência de algo que também já prevenimos, ainda que tenhamos de reconhecer a importância das suas informações desde outros pontos de vista, não nos fixaremos agora em notícias que aludem vagamente a leituras em algum convento, como, por exemplo, na *Crónica da Fundação do Mosteiro de Jesus de Aveiro*, em que as várias referências a leituras não passam, quando muito, de alguma sugestão sobre o apreço em que aí era tido Santo Agostinho¹³... Em lugar desta vaguíssima alusão preferiríamos que essas páginas nos informassem que nessa casa existia alguém que possuía um exemplar da edição veneziana (1485) *Arbor Vitae Crucifixae* de Ubertino da Casale¹⁴... E que esse alguém era nada menos que a princesa «santa» Joana que aí vivia e que, por sua morte, deixou a obra ao mosteiro. Mesmo quando aparentemente mais precisas, as linhas que, séculos depois, dedica Soror Maria do Céu na *Relação da vida e morte da serva de Deus a veneravel Madre Elena da Cruz* a evocar quanto a sua biografada foi «inclinada à lição dos livros, de cujos exemplos tirava as imitações em que se assemelhou a muytos santos», a ponto de «em sahindo de novo algum livro sendo espiritual o comprava sem reparo no custo»¹⁵, para além de evidenciar o gosto de ler e as possibilidades económicas para o satisfazer, pouco adiantam em referências a leituras concretas, embora possa aceitar-se que parecem insinuar o gosto de Madre Helena pela hagiografia, orientação, como veremos, bem do seu tempo... Fr. António das Chagas não se cansará de recomendar a leitura de vidas de santos. Do mesmo modo, quando, nos começos do século XIX, Soror Ana Maria do Amor Divino, nas suas *Memórias Historicais do Real Convento de Jesus de Setubal*, nos informa que «naquelles tempos – entendamos, entre 1580 e 1602 – se lião aqui muito as obras de Rusbrochio, de Taulero, de Blossio e outros varões de alta sabedoria em tais materias; e achei alguns destes em linguagem...» que poderemos concluir, mesmo sabendo que, em prova da das suas afirmações, indica que achou, escondidos no coro, «hum livro de quarto manuscrito em que estão hum admiravel Tratado da Oração tirado dos sermões de Taulero e do livro do Ornamento das Vodas de João Rusbrochio, hum sermão inteiro do mesmo Taulero tirado

Thomas de Jesus Maria em varias obras, é especialmente na *Eschola de Oração*... (Conf. ainda pág.s 272-280 em que põe outras obras em que se podem prontamente achar mais materias para meditação).

¹³ *Crónica da Fundação do Mosteiro de Jesus, de Aveiro* (ed. de R. Madahil), Aveiro, 1939, 17.

¹⁴ É hoje o Inc. 234 da Biblioteca Pública Municipal do Porto, exemplar em que depois do colofon se escreveu: «este lyvro deixou a senhora Ifiante nossa s. por seu falicimento ao m.ro de jhc».

¹⁵ Soror Maria do CÉU, *Relação da Vida e Morte da Serva de Deus a Veneravel Madre Elena da Crus* (ed. de Filomena Belo), Lisboa, 1993, 206.

de latim em linguagem, duas cartas espirituaes e de altíssima doutrina sobre a via unitiva, escritas de dous religiosos (cujos nomes não declaram) da Provincia da Arrábida...»¹⁶. Será possível deduzir deste volume miscelâneo e antológico essa leitura frequente dos místicos renano-flamencos que pretende a freira historiadora? Antes de mais seria necessário determinar a origem da recolha dos textos e das traduções... Sempre houve ler e ler... E, por isso, não seria o mesmo terem sido feitas no mosteiro de Setúbal ou no vizinho dos franciscanos da Arrábida donde eram os anónimos autores dessas «duas cartas espirituaes e de altíssima doutrina sobre a via unitiva»... E mesmo que pudéssemos aceitar, sem mais, as deduções de Soror Ana Maria do Amor Divino, sempre nos interrogaríamos sobre quem, efectivamente, lia, por essas datas, essas obras, no mosteiro das clarissas de Setúbal... Para uma leitura directa, em latim – língua em que se encontrava aquele *Tratado de Oração* extractado, ao parecer, dos *Sermones de Festis et Solemnitatibus Sanctorum* de J. Tauler e do *De Ornatu Spiritualium Nuptiarum* de J. Ruusbroec¹⁷ –, talvez, por então, não houvesse assim tantas religiosas com essa capacidade de modo a justificar aquele «lia-se muito»... Em castelhano e em português – sempre, porém, em impressão portuguesa – corriam as *Institutiones* e os *Exercitia Piissima*, obras que, resultantes do trabalho de Pedro Canísio – antes de ingressar na Companhia de Jesus – e de L. Surio – cartuxo de Colónia, esse intenso centro de reformação e de contra-reforma –, corriam sob o nome de Tauler¹⁸. De L. Blósio, que corria em latim desde 1568, havia algumas obras traduzidas em castelhano¹⁹ no século XVI, antes da grande edição das *Obras* em tradução de Fr. Gregório Alfaro (Sevilla, 1598)... Naturalmente, as clarissas de Setúbal poderiam sempre ler essas páginas em latim como o faziam, à volta de 1572, em Lisboa, em alguns círculos espirituais: Simão Lopes «levava hum livro de latim que se chamava Herpio e outro Lusbroch e por saber latim os lia e

¹⁶ Citado por Maria de Lourdes Belchior PONTES, *Fr. António das Chagas. Um Homem e um Estilo do Século XVII*, Lisboa, 1953, 378 (ANTT, ms. 846).

¹⁷ Das *Opera Omnia* de J. Tauler havia, no século XVI, as edições de 1548 (Colónia) e 1553 (Paris); dos *Sermones*, autonomamente, ao parecer, apenas a de Lyon (1577); de Ruusbroec, o *De Ornatu spiritualium Nuptiarum* foi editado em 1512 (Paris) e em 1552 (Colónia) as *Opera Omnia*, indicação sumárias que recolhemos das introduções de Teodoro H. Martín à sua tradução e edição das *Obras* de Tauler e Ruusbroec, respectivamente, Madrid, 1984.

¹⁸ Teodoro H. MARTÍN, introd. a *Obras* de J. Tauler, ed. cit., 89-90 sumaria a génese destas obras e em pág. 183 aponta as principais edições dos *Exercitia Piissima*, em edição autónoma, no século XVI: 1556 (Lyon), 1572 (Lyon); as *Institutiones* tiveram uma tradução em castelhano, em 1551 (Coimbra) e duas em português, em 1571 (Coimbra e Viseu), edições estas que, curiosamente, escaparam a Teodoro H. Martín.

¹⁹ L. BLÓSIO, *Instrucción Espiritual y Regla Breve del Novicio Espiritual*, Madrid, 1587; *Espejo Espiritual*, Madrid, 1596.

declarava em linguagem...»²⁰. E, deste modo, talvez Soror Ana Maria do Amor Divino possa ter razão... Teremos ocasião de ver que o ouvir ler, em grupo, livros devotos – especialmente vidas de santos? – era uma prática em conventos femininos na segunda metade do século XVII... E, talvez, até fosse uma prática instituída para as noviças em alguns conventos, como, por exemplo, na Esperança de Vila Viçosa.

II. Apesar de imprecisas – e, talvez até, por isso mesmo – algumas das notícias que deixámos apontadas sobre leituras espirituais nos conventos femininos poderão ter já sugerido as dificuldades de abordar as questões da leitura nesses círculos, por definição, mais ou menos fechados... Em tais meios e com as extremamente parcas informações disponíveis – uma parcimónia que, antes de mais, haverá que atribuir à própria vocação de vida retirada que não tanto (ou nem sempre?) a descuidos e ignorâncias, mesmo «santos», como gostaram, tantas vezes, de clamar os cronistas das ordens religiosas post-Trento em busca de exemplaridades para as suas histórias²¹ – o livro e, conseqüentemente, a leitura tornam-se, para nós hoje, qualquer coisa de quase incontornável... Curiosamente, porém, para além de uma obra como o *Agiológico Lusitano* (Lisboa, 1657-1744) de Jorge Cardoso e do seu continuador, D. António Caetano de Sousa, são algumas dessas crónicas monásticas e conventuais as fontes mais precisas sobre as leituras de muitos dos membros das suas ordens religiosas e muito especialmente – o que aqui lhes confere um carácter fundamental – das freiras... Naturalmente, nem todas essas crónicas registam com a mesma atenção as leituras que esses religiosos e religiosas foram fazendo e, mais naturalmente ainda, essa atenção é apenas indirecta, pois as registam somente como *um* dos instrumentos que serviram para alcançar essa exemplaridade de virtudes – digamos mesmo santidade, que, no fundo, é o que essas biografias pretendem expor nesses «hagiólogos» particulares que são muitas das crónicas das ordens religiosas post-tridentinas. Das mendicantes, que nos interessam especialmente aqui, Fr. Luis de Sousa e o seu continuador, Fr. Lucas de Santa Catarina, na *Historia de S. Domingos particular do Reino e Conquistas de Portugal* (Lisboa, 1623-1733) concedem-lhe escassíssima atenção, apesar de registarem dominicanos grandes leitores e senhores de

²⁰ José S. da Silva DIAS, *Correntes de Sentimento Religioso em Portugal*, Coimbra, 1960, I, 2, 616 (Nota XXVIII em que trancreve as declarações referentes ao processo inquisitorial relativas ao círculo de Catarina Ribeiro, em 1572).

²¹ Maria de Lurdes C. FERNANDES, *História, Santidade e Identidade. O 'Agiológico Lusitano' de Jorge Cardoso e o seu Contexto* in *Via Spiritus*, 3 (1996), 25-68 aborda, por algum ângulo, esta questão.

fartas bibliotecas²²... Fr. Manuel da Esperança e Fr. Fernando da Soledade, na *Historia Serafica da Ordem dos Frades Menores de S. Francisco da Provincia de Portugal* (Lisboa, 1656-1721), Fr. António da Piedade, no *Espelho de Penitentes. Chronica da Provincia de Santa Maria da Arrabida* (Lisboa, 1728), Fr. Martinho do Amor de Deus, na *Escola de Penitencia, Caminho de Perfeição, Estrada segura para a Vida Eterna. Chronica da Santa Provincia de Santo Antonio da Regular Observancia...* (Lisboa, 1740), Fr. Manuel de Monforte, na *Chronica da Provincia da Piedade...* (Lisboa, 1751), Fr. Francisco de Santiago, na *Chronica da Santa Provincia de Nossa Senhora da Soledade...* (Lisboa, 1762) são igualmente parcos em tais informações... Fr. Jerónimo de Belém, porém, na sua *Chronica Serafica da Santa Provincia dos Algraves* (Lisboa, 1750-1758) dá – proporcionalmente, claro! – grande relevo às leituras das freiras de que traça as biografias. Infelizmente, rarissimamente poderemos saber se a maior ou menor atenção do cronista a tal aspecto é resultado de uma opção sua ou consequência das informações transmitidas²³... Com efeito, estas, que quase sempre chegavam de gente que nos conventos se encarregava ou era encarregada de registar o que era considerado relevante, poderiam valorizar outros aspectos biográficos – devoções..., penitências..., fenómenos extraordinários..., governo... – que não as leituras... De qualquer modo, parece legítimo supor que, em geral, a maior ou menor atenção do cronista dependia da atenção que lhe fosse transmitida «de dentro», isto é, desde os meios próximos, por tradição ou vivência, àquele de quem traçava a biografia... Casos, porém, houve em que, como veremos a propósito de Soror Clara do Sacramento, clarissa da Madre de Deus, terá omitido ou tornado menos precisas as informações das suas fontes. Apesar de tudo, talvez não seja pura casualidade – é uma hipótese que necessita de demonstração, se tal, algum dia, for possível – que as informações mais precisas sobre leituras de religiosas em Portugal no século XVII brotem dessa *Chronica Serafica da Provincia dos Algarves...*, província franciscana a que pertencia Fr. António das Chagas, incansável pregador e espistológrafo.... As suas *Cartas Espirituaes*, de que foram publicadas cerca de trezentas e sessenta e oito

²² Fr. Luis de SOUSA, *Historia de S. Domingos Particular do Reino e Conquistas de Portugal*, II, 2, 10 lembra «a copiosa livraria» do Doutor Fr. António Freire que, «dadaiva, que fora do Bispo D. Julião d'Alva, acrescentada com a liberalidade de Jorge da Silva, fidalgo muito rico...», a vendeu, com autorização do seu prelado, a favor das maiores vítimas da peste de 1569, os pobres, ficando «só com alguns de devoção». (Servimo-nos aqui e em adiante da ed. de Lisboa, 1866, III, 145)

²³ Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica*, I, *Introdução (Catalogo dos Escriptores da Provincia dos Algarves)*, ed. cit., CCXXVIII-CCLXIX aponta, embora não exaustivamente, algumas das que utilizou para a redacção da sua obra.

(Lisboa, 1684-1687, 1ª e 2ª parte respectivamente²⁴) dos muitos milhares que terá escrito, contém constantes recomendações da prática da leitura quer como exercício espiritual quer como «espiritual recreio» e, o que é mais, dão, muitas vezes, indicações precisas de obras a ler... Deste modo, ainda que apenas em contadíssimos casos se possam determinar as destinatárias das suas cartas ou, sequer, o convento em que viviam, essa correspondência de António das Chagas resulta numa fonte relevante para a questão das leituras entre as franciscanas – clarissas ou terceiras – da segunda metade de Seiscentos em Portugal e, de um modo muito especial, para as da Província dos Algarves a que também pertencia. Será, então, possível tentar aproximar as recomendações de Fr. António das Chagas e a realidade atendida pelo cronista e perguntar em que medida o recomendado pelo director se acerca do que a história reteve. Com a certeza de que em qualquer dos casos estamos a lidar com seleções – de cartas e de biografias –, será interessante atender a tal questão e tentar «medir-lhe» os resultados.

Veremos, contudo, que as fontes de informação não se esgotam neste tipo de documentos, pois parece ser legítimo aceitar que quem louvava, nem que em verso fosse, determinada obra, conheceria, além do seu autor, o seu texto... Mesmo que superficialmente? Infelizmente, as nossas fontes nem sempre dão as coordenadas – extensão e profundidade – das leituras feitas... Aceitemos que Soror Violante do Céu leu as obras sobre que escreveu louvores...

III. Estamos em crer que algo do que até aqui ponderámos poderá ajudar a responder a uma questão basilar: Quem lia? Neste momento, depois da alusão que fizemos à leitura em voz alta, em grupo, a questão poderia não ter grande sentido... Lendo ou ouvindo ler, todas liam... Mas, como dirá Fr. António das Chagas, «ler tudo sempre he bom, mas nem a todos he concedido ir pelo caminho que se lê em todos...»²⁵, o que equivale a dizer que nem todas leriam ou poderiam ler as mesmas obras e, para o que nos atine agora, do mesmo modo... A maior parte das obras recomendadas pelo varatojano e os conselhos que as acompanham parecem exigir uma leitura pessoal... Ler e praticar os *Exercícios* de N. Esquio... ou meditar no *Tratado do Amor de Deus* de S. Francisco de Sales... parece pressupor uma atenção directa, pessoal e constante, ao texto... «O Directorio de S. Francisco de Sales – escrevia, em data incerta, Fr. António das Chagas a uma sua dirigida

²⁴ Maria de Lourdes Belchior PONTES, *Bibliografia de António da Fonseca Soares (Fr. António das Chagas)*, ed. cit., 118-119, dá conta, como já assinalámos, das diversas edições e das variantes, em número, das cartas publicadas.

²⁵ Fr. António das CHAGAS, *Cartas Espirituaes*, II, 20, 68.

que lhe pusera algumas questões sobre livros a ler – traga-o consigo sempre...»²⁶, o que equivale a recomendar, para além do mais, essa leitura pessoal – silenciosa? – da obra²⁷... Por sua vez, Fr. Jerónimo de Belém, ao anotar que tal religiosa lia tal obra nunca regista que o faz auditivamente²⁸... E se os milhares de cartas que escreveu Fr. António das Chagas puderem significar – como cremos significam – um elevadíssimo número de destinatárias que tinham capacidade de ler as suas cartas e, sublinhemos, a sua letra²⁹ – o manuscrito aumenta a dificuldade de ler –, então, talvez possam servir também de um índice que permita sugerir uma boa capacidade de ler entre as religiosas franciscanas nesses dias... Por seu lado, Fr. Jerónimo de Belém raramente – e dizemo-lo assim para salvaguardar qualquer falha nossa de leitura – aponta qualquer religiosa que não saiba ler, o que tudo somado parece confirmar a sugestão que acabámos de fazer... E, notemos, as cartas de António das Chagas e as informações de Jerónimo de Belém permitem conhecer leitoras de Lisboa – sobretudo desse aristocrático Mosteiro da Madre de Deus – de Évora..., de Elvas..., de Beja..., de Setúbal..., e até de Cernancelhe...

E, para além do breviário, o que se lia? Apesar de algumas pistas para a resposta já terem ficado sugeridas, convirá dizer que, em alguns momentos, ao parecer em épocas um tanto tardias desse Seiscentos português, a julgar pelos inventários das suas bibliotecas que chegaram até nós, lia-se muito e até, talvez, como em todas as épocas e lugares, de acordo com as modas e os tempos... De certo modo, dadas as condições de vida retirada que levavam – ainda que, como se sabe, não haja que tomar sempre a definição à letra – as leituras das religiosas dependiam de factores que vão

²⁶ Fr. António das CHAGAS, *Cartas Espirituaes*, II, 80, 233.

²⁷ Margot FRENK, *Entre la Voz y el Silencio. La lectura en tiempos de Cervantes*, Alcalá de Henares, 1997 aborda, com subtilidade, alguns destes «modos de ler», ainda que, obviamente, centrando-se no universo dos leitores e das leituras «profanas»... (Devemos a Victor Infantes a chamada de atenção urgente para esta obra).

²⁸ Não tão obliquamente como poderíamos pensar neste momento, pois teremos que o encontrar mais adiante a propósito da direcção espiritual prestada a duas clarissas de Vila Viçosa, terá algum interesse anotar aqui que Fr. Estêvão da Purificação, um célebre carmelita de vasta influência nos fins do século XVI e começos do século seguinte, em Lisboa e no Alentejo - Moura..., Vidigueira..., Évora... - que dedicava longas horas a orar vocalmente, segundo se pode ver pelo sem número »dos exercícios que teve passado o primeiro anno depois de seu chamamento», «não pronunciava com a boca sempre as palavras, antes a imitação de Anna mãe de Samuel, somente movia os beijos». Se assim rezava, também assim lia? Não vale a pena lembrarmo-nos aqui da admiração de Agostinho frente a Ambrósio, mas registar que o biógrafo de Fr. Estêvão sentiu a necessidade de registar esse modo de rezar vocalmente, por contraste, estamos em crer, com a prática corrente... Conf. Fr. Luis da APRESENTAÇÃO, *Vida e Morte do Padre Fr. Estêvão da Purificação, Religioso da Ordem de Nossa Senhora do Carmo da Provincia de Portugal*, Lisboa, 1621, 48-59 e 72, respectivamente.

²⁹ Fr. António das CHAGAS, *Cartas Espirituaes*, I, 90, 145.

desde as existências bibliográficas na casa até à possibilidade – que pode ser oportunidade – de aquisição dos textos, passando pelo conselho do director ou pela obediência à mestra de noviças... As conceptionistas de Nossa Senhora da Penha de França, em Braga, por exemplo, possuíam, segundo o inventário da sua livreria feito em 1874³⁰, catorze edições (de Lisboa, entre 1742 a 1817) das *Visitas ao Santíssimo e a Maria Santíssima* de Santo Afonso de Liguori... Como não parece ser legítimo pensar que fossem coleccionistas, haverá que supor, se não quisermos defender que tal era o resultado de esmolas – mas, então, porquê especialmente esta obra? – que as freiras desse convento da ordem fundada por Santa Beatriz da Silva eram constantes e assíduas leitoras das *Visitas ao Santíssimo*... Por outro lado, por ser da mesma ordem, esperaríamos uma maior representação da obra de Maria de Jesus de Ágrede, isto é, da *Mística Ciudad de Dios* – duas edições – e dos *Ejercicios Espirituales de Retiro* – quatro edições – que, como outras obras devotas que correm sob o nome de Maria de Jesus, derivam dessa sua obra maior. No entanto, e seguindo com o mesmo exemplo, uma parte da sua biblioteca era constituída por novenas..., essas devoções que, como lembra Fr. Jerónimo de Belém, as freiras faziam antes das festas principais e das festas dos santos³¹... Esses textos devotos, contudo, continham orações e exercícios que, e é o prisma por que nos interessam aqui, tinham de ser lidos... Mas esta biblioteca de pouco mais de três centenas de títulos – incluindo alguns manuscritos, entre os quais uma tradução em português da *Arte de servir a Dios* de Fr. Alonso de Madrid³² – não deverá criar-nos ilusões quanto ao seu significado como possível «prova» de leitura entre essas conceptionistas... Quando muito, patenteia as possibilidades de variar a leitura. Por outro lado, não deveremos tomar esse número de volumes como um índice para outras casas e ordens, pois as clarissas de Caminha, segundo o inventário dos seus livros em 1891³³, não possuíam mais que 61 volumes, trinta dos quais eram diurnais e breviários... Liam menos do que as freiras de Braga? Apenas sabemos que tinham menos variedade de obras e que, conseqüentemente, podiam variar menos as suas

³⁰ O respectivo *Inventário* conserva-se na Biblioteca Pública e Universitária de Braga (F.M.C., F.129, Doc.3) e, como outros desse mesmo Fundo, será editado pelo C. I.U. H. E. da Universidade do Porto no âmbito de um Projecto de Investigação que vem desenvolvendo sobre esse tipo de inventários resultantes da desamortização dos bens conventuais em 1834.

³¹ Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica...*, II, 9, 11, ed. cit., 447, por exemplo.

³² É o n.º 284 desse *Inventário*. Deveria esta tradução algo à que fez Manuel Monteiro S.J. publicado em Lisboa, por Francisco da Silva, em 1741?

³³ O *Inventário* da livreria das clarissas de Caminha está hoje arquivado na Biblioteca Pública e Universitária de Braga (F. M. C., F. 580, Doc. 300).

leituras... O que, no fundo, até estava de acordo com os conselhos de muito director espiritual.

Curiosamente, no estado actual da questão, para a Ordem franciscana, conhecemos muito melhor as leituras de obras de espiritualidade das religiosas do que as dos frades... Os frades que liam, liam para estudar – não nos preocupe, para estas datas, a «questão dos estudos» entre os franciscanos – e, depois, para ensinar..., pregar..., dirigir espiritualmente..., confessar..., etc.. E os que não liam ou não tinham a obrigação de ler – os irmãos leigos, por exemplo? Estes quase sempre escapam à investigação... E as vidas edificantes que enchem as crónicas, quando a eles se referem, exaltam as suas virtudes, as suas penitências, muitas vezes até as suas santas excentricidades, mas calam as suas leituras... É, como já se terá concluído, uma perspectiva contrastante com a das freiras, já que estas, sempre que lhes foi possível ou oportuno, procuraram deixar constância do hábito de ler e, muitas vezes, dos livros mais apreciados e lidos. E se nos lembrarmos, como já tivemos ocasião de aludir, que essas biografias edificantes a que as crónicas modernas deram tanto relevo, dependiam, em larga medida, de documentação – memórias..., apontamentos... – enviados pelos conventos a que tinham pertencido esses membros ilustres em virtudes e onde tinham morrido em odor de santidade, podemos, então, suspeitar, uma vez mais, que as informações sobre leituras possam traduzir um ponto de vista preciso – a reivindicação de sabedoria espiritual... –, para não falarmos da eficácia de um paradigma «moderno» de grande leitora – e que foi santa: Teresa de Jesus... Aliás, como teremos ocasião de verificar, a larguíssima maioria das suas recomendações de leituras, tal como as suas cartas, são dirigidas a freiras... E, por isso, será sempre de perguntar se muito do recheio das livrarias conventuais femininas, no que diz respeito a obras de espiritualidade, não terá dependido das orientações e dos conselhos de directores espirituais e de confesores... Depois de tudo, podemos continuar a sugerir-lo quando vemos escrever, desde Sacavém, em data incerta, Fr. António das Chagas a uma religiosa que gostava de latins: «os livros de que V. M. me falla, se se acharem, ponha-os na livraria...»³⁴. Mas, esses que não liam, ouviriam ler? Evidentemente, para além do officio divino que é leitura e, nem valeria a pena referi-lo, contém «leituras», havia sempre momentos de leitura colectiva – no refeitório..., nas refeições espirituais, etc., ainda que não

³⁴ Fr. António das CHAGAS, *Cartas Espirituaes*, II, 80, 233. Qual o sentido da recomendação do P. Chagas? O dever colocar tais livros na livraria da casa significaria que todas as freiras os deveriam ler, ou, pelo menos, servirem para o uso de todas e não apenas para uso da simples destinatária da carta? Uma recomendação que, sem que no fundo sejam dissociáveis, tanto pode visar um apelo à leitura como ao espírito de Pobreza.

tenhamos encontrado, para estes tempos, explícitas referências à leitura em voz alta, em grupo³⁵.

Algumas alusões que ficaram feitas poderiam motivar a questão da existência nos conventos de um espaço ou, ainda melhor, um aposento, especial para os livros – as livrarias... Ultrapassando arcas e armários, possuíam os conventos femininos esse espaço? Mesmo para as casas mais importantes, a documentação sobre este aspecto é, tanto quanto sabemos, extremamente escassa..., tal como as simples alusões³⁶... Mesmo para um convento como o de Santa Maria de Jesus (ou S. Francisco) de Xabregas – a principal casa da Província franciscana dos Algarves – o que nos conta Fr. Jerónimo de Belém sobre a livraria da casa é muito limitado, embora, entre algumas críticas em nome da Pobreza, não deixe de lembrar que se deve à acção de Fr. Luis dos Anjos, quando provincial – 1610/1613 e 1623/1626 – e de apontar os luxos com que reformou o convento Fr. Diogo César, provincial de 1645 a 1648³⁷... De todos os modos, como vimos, algum mosteiro, como aquele para onde escrevia, desde Sacavém, Fr. António das Chagas, possuía o que se considerava a livraria³⁸...

³⁵ Fr. Fernando da SOLEDADE, *Historia Serafica*, ed. cit. III, I, 1, 43: «...ha tradição que quando sahião [os frades do convento de Nossa S^a. da Ribeira] a recrear-se a huma pequena horta junto da Rybeyra, levavão livro em que lião algua materia espiritual; com o fim tal vez de que sendo as creaturas espelhos enigmaticos do Creador, contemplassem logo nas flores, nas plantas, e nos frutos a Ferosura, o Poder, e Providencia de Deos, quando pelos mesmos objectos não decifrassem a vaidade, inconstancia, e miseria do homem».

³⁶ Victor Manuel Moutinho CARDOSO, *O Convento de Santo António de Vila Cova de Alva in Itinerarium*, 43 (1997), 71-138, publica o inventário deste convento (concelho de Arganil) feito em 29.1.1835 por cumprimento das leis da desamortização dos bens eclesiásticos e nele não aparecem referenciados quaisquer livros nem litúrgicos nem de estudo. Esta ausência poderia explicar-se em virtude de os primeiros, tal como as alfaias litúrgicas, se destinarem a ser distribuídos pelas igrejas mais necessitadas que as autoridades eclesiásticas indicassem, e os segundos não serem destinados à venda. Inventariados, deveriam aguardar um destino que, em muitos casos, tardou a ser definido. Se estas circunstâncias poderiam, como dissemos, explicar a ausência de referências à livraria da casa, não explicam, contudo, para estas datas, a ausência de qualquer aposento com funções de biblioteca. Com efeito, V. M. Moutinho Cardoso, com a planta do convento à frente, estuda as respectivas dependências – funções e património artístico – e não faz qualquer alusão à livraria. Um simples exemplo: mas que significado lhe devemos atribuir? Excepção ou regra?

³⁷ Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica...*, II, 7, 4, ed. cit., 148 e I, «Introdução», ed. cit., CCXIV - CCXVI.

³⁸ Fr. António das CHAGAS, *Cartas Espirituaes*, I, 162, 246 e I, 179, 270 refere-se a escritos seus, respectivamente, os «Suspiros e Saudades de Deos» e «huns exercicios para toda a semana de mortificação e oração», que, ao parecer, existiam nas casas em que viviam as religiosas destinatárias dessas cartas, sem, contudo, se poder saber se estariam na livraria... Ao parecer, como sugeria para o primeiro desses escritos, comunicavam-nos, umas às outras, as religiosas que os recebiam. Conf. *Cartas Espirituaes*, I, 69, 114: «Ahi vai esse papel de methodo de oração; como o trasladar pode servir a outras almas». Para o primeiro destes escritos poderá consultar-se o que escrevemos em *As Lágrimas e as Setas. Os 'Pia Desideria' de Herman Hugo, S. J. em Portugal in Via Spiritus*, 2 (1995), 169-201.

Por tudo o que fica exposto, apesar da limitada documentação de que dispomos, haverá, por agora, que procurar valorizar as informações sobre as leituras das freiras ao longo do século XVII, tentando, como já aludimos, captar, para além das leituras recomendadas, as leituras efectivamente «lidas»...

Mas ler – e, naturalmente, ouvir ler, ainda que não precisamente nos mesmos termos – conleva um modo – ou até uns modos? – de ler... Evidentemente não sabemos se, como recomendava, pelos fins do século XIV, o autor do *Horto do Esposo* a sua irmã, liam «passamente e non correndo»³⁹ ou, como, quase pelos mesmos dias, ensinava D. Duarte, «bem apontado»⁴⁰... Ler, porém, não implicava, imediatamente, uma atitude crítica, a não ser, muitas vezes, *a posteriori*..., quando por circunstâncias várias – condenações inquisitoriais..., críticas de directores..., não adequação à espiritualidade da ordem ou instituto... – se tinha de pôr de lado algum livro. Recordemos aqui, embora tenhamos que voltar ao exemplo, as críticas de Santa Teresa a *Via Spiritus* de Barnabé de Palma... Ler, porém, nas tradições da *lectio spiritualis* sempre conlevou, se não significou mesmo, como é bem sabido, a meditação..., pois ler, inclusivamente por «recreio espiritual», era sempre, como havemos de ver, meditar... Com efeito, se Venturino de Bergamo, em carta, escrita em Pradelles, em fins de 1336, a uma Soror Margarida aconselhava: «lisez [o livro] avec attention et sans courir, peu a la fois et lentement, et tout en lisant, demandez au très doux Christ crucifié de vous faire goûter par l'intelligence ce qu'il contient...»⁴¹, séculos mais tarde – deixemos, por agora, entre outros, os que dá Fr. Luis de Alarcón em *Camino del Cielo* (Alcalá, 1547)⁴² ou os que prodiga Juan de Ávila na sua correspondência – F. Quevedo, em *La Cuna y Sepultura*, aconselhando a «leer y meditar» alguns capítulos de S. Mateus e as *Epístolas* de S. Paulo, continuava: «no pases ningún capítulo adelante primero que poseas facilmente la sentencia de la meditación; que así es de

Que tinham, nas suas celas, livros que consideravam seus pode, com alguma certeza, deduzir-se, como veremos acerca de Soror Helena de Sousa, clarissa de Évora, do facto de a alguma freira terem encontrado tão poucos livros e bens na sua cela que tal foi exaltado como significativo do seu acendrado amor à Pobreza.

³⁹ ANÓNIMO, *Orto do Esposo* (ed. de Bertil Maler), Rio de Janeiro, 1956, I, 63.

⁴⁰ D. DUARTE, *Leal Conselheiro* (ed. de J. M. Piel), Lisboa, 1942, 348. Seria, algum dia, interessante comparar estes conselhos do ilustrado rei português com os que dá J. de Salibury no *Policraticus*, VII, 10 (conf. ed. preparada por Miguel Ángel Ladero), Madrid, 1984, 531-534.

⁴¹ Venturino de BERGAME, O. P., *Directoire Spirituel* (trad. et notes du R. P. de Boissieu, O. P.), s. a. (1924?), 98

⁴² Fr. Luis de ALARCÓN, *Camino del Cielo. Y de la Maldad y Ceguedad del Mundo* (ed. de Ángel Custodio Vega, O. S. A.), Barcelona, 1959, 66 - 93.

provecho lo que se lee, que de otra suerte sólo es entretenimiento...»⁴³. Liam assim as franciscanas e clarissas portuguesas e outras ao longo do século XVII? Nunca, naturalmente, o poderemos saber com precisão, já que não dispomos de referências ao assunto que traduzam a experiência de um sujeito leitor - neste momento de uma leitora - no contexto cultural do seu convento... No entanto, algum conselho de um director como Fr. António das Chagas - ele que raramente deu directamente conselhos sobre modos de ler - poderá ajudar a vislumbrar o modo como leriam - ou seria desejável que lessem - aquelas religiosas a quem dirigia: «Se tomar recolhimento, ou retiro, leya e aonde a lição lhe fizer proveito, pare, e fique até quase acabe a chãma, e tome por empresa sahir com alguma virtude em que se fique, ou a humildade, ou o silencio, ou a paciencia, ou o desapego das suas inclinaçoens, pedindo nos principios e nos fins a nosso Senhor lhe inspire, e ensine sua divina vontade...»⁴⁴. Aponta Fr. António à mesma tradição que rapidamente evocámos? Sem dúvida, mas indo, embora, um pouco mais além.

Como, certamente, teremos reparado, tal instrução diz respeito ao modo de ler em tempo de recolhimento ou retiro: «Se tomar recolhimento, ou retiro, leya...». A mesma orientação vem reafirmada, com novas precisões, aliás, em outra carta a que igualmente falta a data: «Tendo V. M. retiro, convém que ao menos tenha tres horas de oração, duas de lição espiritual, e esta seja conforme a oração que tiver. Se a oração é nos Novissimos, importa que do mesmo seja a lição; se he da vida de Christo, que a lição seja do mesmo, e para mais recreação leya as vidas de alguns santos ou santas, especialmente daquellas que deve, ou intenta imitar...»⁴⁵. Não interessa aqui, apesar do importante que seria tentar documentar um aspecto pouco conhecido das leituras de Fr. António das Chagas, comparar estas instruções com as que reitera Juan de Ávila na sua correspondência⁴⁶, mas talvez seja legítimo sugerir que seria do mesmo modo ou de um modo aproximado que esperava ver cumprir os seus conselhos para praticar os sempre recomendados *Exercicios* de N. Ésquio, pois «quem os fizer bem, impossivel he não chegar à divina união...»⁴⁷. Com efeito, se escrevia em outra carta sem data: «No que toca à mortificação dos sentidos leya por Ésquio o quarto exercicio e faça por ficar nelle...», e em outra ocasião

⁴³ Francisco de QUEVEDO, *La Cuna y la Sepultura para el Conocimiento próprio y Desengaño de las cosas ajenas* in *Obras Completas*, Madrid, 1961, I (*Obras em Prosa*), 1210.

⁴⁴ Fr. António das CHAGAS, *Cartas Espirituaes*, I, 97, 157.

⁴⁵ Fr. António das CHAGAS, *Cartas Espirituaes*, I, 179, 270.

⁴⁶ Juan de ÁVILA, *Obras Completas*, I (*Epistolario. Escritos Menores*), Madrid, 1952, 266 (carta a Fr. Luis de Granada), 661 et *passim*.

⁴⁷ Fr. António das CHAGAS, *Cartas Espirituaes*, I, 143, 215.

(Porto, 29.5.1677) precisava: «Não se esqueça de Ésquio, e veja se tem os sinaes⁴⁸, que pedem os exercicios, se lhe he facil entrar em Deos cada vez que quer, e se he já a memoria, e amor de Deos como respiração...»⁴⁹, em outro momento incerto (1680?), em correspondência desta vez com um amigo, os esclarecimentos, ainda que breves, acercam-se daquele modo de ler em dias de recolhimento: «Continue os exercicios que lhe disse, tocando o P. Puente nas meditaçoens que pertencem à sua oração...»⁵⁰. No entanto, como se terá notado, além dessa leitura meditada que, em remissão recíproca, integra o tempo de oração mental, há também um outro tipo de leitura que, sem largar a meditação, e consequência importante desta, se propõe objectivos práticos de vida. É a leitura de «espiritual recreio» a que, recomendando-a, alude algumas vezes nas suas cartas.

«Continue V. M. – escreve Fr. António, em carta sem data e sem lugar, a uma madre clarissa que, por esses dias, se ocupava da enfermaria – os exercicios; leya as vidas dos Santos, e use do espiritual recreio dos livros que tratão de Deos...»⁵¹. E escrevendo do Varatojo, em data incerta, a outra que, ao parecer, se lhe queixara da esterilidade da oração, aconselha: «O tempo, que puder ter para se divertir, leya, e leya vidas de Santos, ou o Combate Espiritual, ou o Amor de Deos de S. Francisco de Sales, ou o Padre Puente; e tome os seus exercicios por exercicio, que são excellentes, na forma que aconselha no Prologo...»⁵². E em carta datada de «Sacavem, em dia de S. Bernardino, «e que já utilizámos desde outro ponto de vista, pondera: «Os livros, em que V. M. me falla, se se acharem, ponha-os na livraria. O Directorio de S. Francisco de Sales traga-o consigo sempre; o Eschio para os exercicios. E quando tomar horas de divertimento, leya por aquelles que tenham as materias, em que V. M. se exercita. Leya tambem pelo Andrade; que os exemplos são às vezes esporas do espirito...». Em qualquer das ocasiões e circunstâncias, as vidas dos santos – o *Itinerario Historial* (Madrid, 1648) de Alonso de Andrade, S.J., se é a essa obra a que alude, é um largo repertório de exemplaridades – ocupam um lugar de destaque nessa leitura de «recreio espiritual» ao lado de S. Francisco de Sales e de L. de La Puente, tendo sempre Fr. António das Chagas o cuidado de distinguir o que é para ser lido no tempo de oração mental e o que é para ler em «horas de divertimento», momentos que, evidentemente, como

48 Manuel GODINHO, *Vida, Virtudes e, Morte com opinião de Santidade do Venravel Padre Fr. António das Chagas...*, ed. cit., 294-310 traz, extraídos do *Espelho do Espirito*, obra inédita até 1863, os catorze sinais do amor de Deus. Serão esses?

49 Fr. António das CHAGAS, *Cartas Espirituaes*, I, 158, 239.

50 Fr. António das CHAGAS, *Cartas Espirituaes*, I, 176, 267.

51 Fr. António das CHAGAS, *Cartas Espirituaes*, II, 21, 71.

52 Fr. António das CHAGAS, *Cartas Espirituaes*, II, 45, 136.

explicita, não são alheios ao *modus orandi* próprio de cada qual. No entanto, não nos atreveríamos a dizer que este «espiritual recreio dos livros» fosse sempre uma leitura pessoal e directa – e, talvez, silenciosa, especialmente no que diria respeito às obras hagiográficas. Com efeito, para além de, em alguma ocasião, Fr. Jerónimo de Belém nos mostrar um grupo de clarissas a ler e a comentar na Madre de Deus, antes de 1644, o *Purgatório de S. Patrício*, vemos que também, alguma vez, também nas cartas do Padre Chagas perpassa a alusão a essa leitura em voz alta e em grupo. Efectivamente, em carta de cerca de 1676, recomenda a uma sua dirigida que teima em lhe escrever apesar de lhe ter ordenado que o não fizesse...: «Leya poucos livros que os muitos confundem; se pegue a hum, e especialmente o escolha, seja qual for; e que ouvindo as virtudes e vidas dos Santos as imite quanto puder...»⁵³, conselho em que parece distinguir-se o ler do ouvir ler... E a leitura pessoal – silenciosa? – da leitura em grupo em voz alta? Muito possivelmente⁵⁴.

O breviário, que antes de ser oração é texto a ser lido e ouvido..., os livros a ler em recolhimento e «em recreio espiritual»..., as cartas do director espiritual que se recebem..., os métodos de oração que este envia e que há que copiar – «Ahi vay esse papel para methodo de oração; como o trasladar, pôde servir a outras almas»⁵⁵ – tudo regulado por horas – uma hora ..., duas horas de leitura, consoante as circunstâncias⁵⁶ – insinua, para além do mais, um mundo em que o livro e a leitura desempenham um papel de relevo..., papel que toca quase as fronteiras do profissional... Um relevo que, além de possíveis facilidades económicas e de acesso aos circuitos de distribuição do livro – aspectos que seria importante poder documentar –, deve muito, como será facilmente aceitável, à orientação de confessores e directores, para além de outros estímulos, como, por exemplo, as pinturas em altares e claustros com a Virgem⁵⁷ e santos lendo ou segurando um livro – pensemos, por exemplo em tantos trabalhos de um Francisco Henriques⁵⁸

⁵³ Fr. António das CHAGAS, *Cartas Espirituaes*, I, 90, 145.

⁵⁴ Margot FRENK, *Entre la Voz y el Silencio...*, ed. cit., 25, 73-86.

⁵⁵ Fr. António das CHAGAS, *Cartas Espirituaes*, I, 69, 114.

⁵⁶ Fr. António das CHAGAS, *Cartas Espirituaes*, I, 92, 149: «no ler não ponho preceito, senão conforme tiver o tempo, e o desafogo, tome a lição»; II, 17, 58: «e ao menos leya huma hora cada dia, ou junta, ou dividida.»; II, 86, 251: «Lea V. M. todos dias ao menos huma hora, se a occupação der lugar...».

⁵⁷ Santo Agostinho, *De Natura Domini, Sermo 6*. 5 sugere que a Virgem Maria teria sido uma atenta leitora das Escrituras, donde terá resultado a difusão desta visão tão divulgada no século XVII. Conf., por exemplo, Tristão Barbosa de CARVALHO, *Peregrinaçam Christam*, Lisboa, 1620, 140v.

⁵⁸ É fácil seguir esta nossa sugestão através do catálogo da exposição dedicada ao pintor em Évora: *Um pintor em Évora – Francisco Henriques – no tempo de D. Manuel I*, s. a. (1997) s. l.

–, esse livro que, para além dos seus simbolismos, podia ser «lido» como um convite exemplar à leitura... Por referência a este mundo de franciscanas e clarissas, podemos facilmente imaginar qual seria a reacção do seu Fundador a tantos livros e leituras..., mas podemos ter a certeza que, num gesto muito seu, lançando cinzas na cabeça, se interrogaria quando lesse estes conselhos de um filho seu: «Eu não quizera, que as freiras se occuparão nisto, [em fazer verónicas] salvo quando em peyor cousa se occuparão; porque ainda que he santo o trabalho de mãos, que não está o espirito para toda a hora; com tudo nas casas capuchas, e occupadas, passado o serviço das communitades, e obrigaçoens de officio, ou estado, e as horas de oração e exercicio, folgara que as mais se occuparão em lição das vidas de santos, e em oração...». Este filho de S. Francisco que isto escrevia era, como já teremos suspeitado, Fr. António das Chagas, em carta datada de Guimarães, em 22.12.1677 (1678?).

IV. Como estaremos lembrados, já ficou referido algum texto em que Fr. António das Chagas insiste na liberdade de escolha das leituras a fazer – o importante é que se leia –, chegando mesmo a oferecer listas de leituras possíveis apropriadas às circunstâncias de vida e de progresso espiritual das destinatárias, sempre privilegiando as vidas de santos. «Lea V.M. – escrevia ele, por exemplo, em carta que é possível datar de Lisboa, 1676 ou 1677 – todos os dias ao menos outra hora, e seja a lição de vidas de Santos, Obras de S. Francisco de Sales, do Padre Puente, Alonso Rodrigues, Eusebio e qualquer outro espiritual...»⁵⁹. Convém, porém, notar que, apesar disso, teremos até aqui procurado sublinhar a importância do papel de «directão da leitura» que, sem dúvida, coube a mestre de noviços..., confessores..., directores espirituais... No entanto, de todos estes conselhos não parece ser legítimo deduzir, sem mais, que as obras recomendadas tivessem sido efectivamente lidas... Aconselhar não garante o acolhimento do conselho, embora, dadas as pessoas envolvidas e o tipo de relação entre elas – uma espécie de hierarquia espiritual –, poderemos (poderíamos?) sempre supor – mas apenas supor – que tais conselhos foram, sempre que possível, seguidos. Soror Violante de Jesus Maria, por exemplo, levando a cabo os conselhos da mestra de noviças, lê, na quaresma de 1657, os *Trabalhos de Jesus*, leitura de que resultou uma «oitava» à cruz de Cristo que publica, quase como prova para nós, Fr. Jerónimo de Belém⁶⁰... Nem sempre – ou nem sempre imediatamente – tal seria factível. «Os livros de que V. M. me falla –

⁵⁹ Fr. António das CHAGAS, *Cartas Espirituaes*, II, 86, 251.

⁶⁰ Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica*, III, 14, 26, ed. cit., 293.

escrevia António das Chagas – se se acharem, ponha-os na livraria...»⁶¹. Teremos, algum dia, a certeza de que essa freira chegou a poder comprar o *Directório de Religiosas para su espiritual perfección* (Madrid, 1656) de S. Francisco de Sales..., os *Ejercicios Divinos de las tres vias* de N. Eschio (de que, pelo menos, havia, além das quinhentistas, em português – Lisboa, 1554, 1555 – uma edição de Madrid, em 1613, outra de Sevilha, em 1614, uma outra de Zaragoza, em 1625, e ainda uma outra de Lisboa, em 1669)... e, possivelmente, o *Itinerario Historial* (Madrid, 1648, etc.) de Alonso de Andrade que, pelo contexto, podemos aceitar que fossem alguns dos livros por que se interessava a religiosa? Terá uma outra «Madre Soror F», a quem, estando no Varatojo, escreve em carta sem data, lido o *Combate Espiritual* de Lorenzo Scupoli – de que havia uma edição em espanhol, em Lisboa, em 1630⁶² – o *Tratado do Amor de Deus* de S. Francisco de Sales, as *Meditaciones sobre los Principales Misterios de Nuestra Fe* (Valladolid, 1605) de Luis de La Puente e seguido, conforme lhe é indicado, «os seus [L. de la Puente] ejercicio por ejercicio, que são excellentes na forma, que aconselha no Prologo»⁶³? E dos livros que lhe sugeria – vidas de santos..., obras de S. Francisco de Sales..., do Padre La Puente..., de Alonso Rodríguez... , de Eusebio Nieremberg – qual dos autores e qual das suas obras teria escolhido e lido aquela religiosa que se encontrava – desde há pouco? – provida em ofício conventual que lhe tomava muito tempo⁶⁴? Teria mesmo lido algum desses ou teria ficado pelas vidas de santos? Também nunca teremos a certeza de que aquela religiosa a quem Fr. António, para lhe facilitar o exercício da virtude da compunção, recomendava que lesse «em S. João Climaco no principio o grao que trata do pranto espiritual»⁶⁵, pôs em prática – ou, por circunstâncias várias (disponibilidade da obra, conhecimento dela...), se poderia até tê-la posto – a leitura da *Escala Espiritual* de que havia uma tradução por Fr. Luis de Granada (Alcalá, 1553). E aquela senhora – por «Senhora minha» se lhe dirige – a quem recomenda vivamente que «siga o sexto ejercicio de Eschio, até não achar

⁶¹ Fr. António das CHAGAS, *Cartas Espirituaes*, II, 80, 233.

⁶² Se foi esta a edição de que dispuseram as religiosas a quem o P. Chagas aconselhou a leitura dessa obra, então, seguramente, leram também as *Meditaciones de los dolores mentales de Christo* do mesmo autor, L. Scupolli. Conf. Sousa VITERBO, *A Literatura Espanhola em Portugal*, Lisboa, 1915, 427.

⁶³ Fr. António das CHAGAS, *Cartas Espirituaes*, II, 45, 136. Por *Prólogo das Meditaciones de La Puente* deveria entender o P. Chagas a *Introducción en que se pone una suma de las cosas que abraza la práctica y ejercicio de la oración mental*.

⁶⁴ Fr. António das CHAGAS, *Cartas Espirituaes*, II, 86, 251: «Lea V. M. todos os dias ao menos outra hora, se a occupação der lugar, e seja a lição vidas de Santos, Obras de S. Francisco de Sales, do Padre Puente, Alonso Rodrigues, Eusebio, e qualquer espiritual, não variando muito...».

⁶⁵ Fr. António das CHAGAS, *Cartas Espirituaes*, II, 68, 129.

repugnância na vontade para se exercitar em todos...»⁶⁶, teria conseguido levar o conselho até a esse ponto? Nunca o saberemos, como não saberemos se uma outra Madre terá lido, «huma hora cada dia, ou junta ou dividida», como lhe recomendava Fr. António, «alguma lição que fale da morte ou vaidade do mundo, ou na brevidade da vida, ou na terribilidade da conta, ou na glória da celeste patria e divina formosura», mesmo sabendo que encontraria «tudo isto nas partes do Padre Puente, ou na vida de Santos»⁶⁷... Nem mesmo uma nota como esta última que parece admitir uma certa facilidade para encontrar as *Meditaciones* do célebre jesuíta, será suficiente para sequer nos dar a certeza dessa leitura..., leituras que, como tantas vezes acontece, dizem mais respeito a leituras do director que a interrogações do dirigido... Curiosamente, porém, todos estes autores – N. Eschio..., S. Francisco de Sales..., Luis de la Puente..., Alonso Rodríguez..., Lorenzo Scupoli..., Alonso de Andrade..., Eusébio Nieremberg..., isto é, esses poucos autores verdadeiramente aconselhados pelo varatojano – raramente aparecem efectivamente lidos pelas religiosas de que conseguimos controlar algumas leituras. Aliás, se Luis de Blois aparece uma ou outra vez, Tauler – não nos preocupa aqui, se o autêntico ou o «criado» por L. Surius e N. Canisio – e, apesar de ter conhecido algumas edições no século XVII e XVIII, nunca vem referido entre as leituras que as crónicas registam... Iremos negar que, editados e aconselhados, foram lidos? Não parece possível... Ou, apesar de tudo, terão sido menos lidos entre as religiosas do que poderíamos pensar depois de tantas recomendações? Uma possibilidade de resposta poderia ser encontrada no confronto das leituras aconselhadas a uma sua dirigida por Fr. António das Chagas com as leituras registadas na biografia dessa freira... Infelizmente as destinatárias das *Cartas Espirituaes* do P. Chagas são, praticamente, anónimas e, curiosa e mais infelizmente ainda, das suas dirigidas biografadas por Jerónimo de Belém quase nunca se referem as suas leituras... E dissemos «quase», porque houve uma excepção – a da inglesa Soror Helena da Cruz, da Madre de Deus, mas esta conhece a direcção do Padre Chagas por pouco tempo, tendo sido verdadeiramente dirigida por outro franciscano, Fr. João de Santo Estêvão. Esta Soror Helena da Cruz, como veremos, parece ter apreciado as obras de Maria de Jesus de Ágreda, obras que Fr. António das Chagas nunca recomenda, ainda que alguma vez parece aceitar a sua leitura... Também nunca o vemos recomendar a obra de Teresa de Jesus – ele que, ao parecer, nunca terá lido todas as cartas da santa abulense⁶⁸... – e sabemos que na Madre Deus, e em

⁶⁶ Fr. António das CHAGAS, *Cartas Espirituaes*, I, 68, 112.

⁶⁷ Fr. António das CHAGAS, *Cartas Espirituaes*, II, 17, 58.

⁶⁸ Fr António das CHAGAS, *Cartas Espirituaes*, II, 5, 26.

seus dias, Santa Teresa era não só venerada como era autora estimada... Mas, a este propósito, convirá recordar que sempre houve leituras silenciadas...

Com efeito, sempre houve obras que, apesar de lidas, foram, por desinteresse de informação ou por qualquer outra razão – inclusivamente, por crítica ou censura *a posteriori* – silenciadas... Estas resultam visíveis quando se «descobrem» as fontes – de qualquer tipo ou extensão – de um texto..., se bem que neste mundo conventual feminino – e, possivelmente, também no masculino – confessores..., directores..., as freiras mais lidas... desempenharam, muitas vezes, o papel de fonte de ideias e imagens... Muito de Santa Teresa se pode explicar deste modo..., tal como ela pode ser um bom exemplo de uma leitora que, alguma vez, silencia os livros que leu... Nunca declarou o título de uma obra que leu e que critica – o *Via Spiritus* de Barnabé de Palma –, apesar de ter sido uma leitura que deixou marcas precisas tanto no *Libro de la Vida* como no *Camino de Perfección*... Mas tanto as críticas como «ese pequeño grupo de figuras logradas» que de *Via Spiritus* passaram para o *Camino*⁶⁹ mostram a atenção com que se demorou nessa obra do franciscano e a impressão que a mesma lhe causou... Entre as clarissas portuguesas encontraremos quem tenha lido a *Vida do Beato Henrique Suso* de L. Surius e o imite e nunca na sua biografia se aluda a essa sua leitura... Do mesmo modo, como teremos ocasião de verificar, sabemos, por informação oblíqua, que no mosteiro de Nossa Senhora da Esperança de Vila Viçosa havia quem lesse Fr. Luis de Granada, sem que tal leitura tenha merecido qualquer referência objectiva... E donde teria copiado Soror Brígida de Santo António (1576-1650), cimeira figura dos começos das brigittinas entre nós, aqueles «documentos de alguns Santos que escreveo a Veneravel Madre Brizida sendo moça, para se avivar no serviço, e amor de Deos»⁷⁰? Mesmo que possa ter lido algo de Santo Agostinho – o que não sabemos, pois nunca na sua biografia se alude a qualquer leitura –, não parece crível que tenha lido S. João Crisóstomo..., S. Tomás de Aquino... ou tratados sobre a questão *de auxiliis*...

Por outro lado, há livros elogiados e que, por razões várias – idade..., saberes..., situação (noviça/professa), etc. – podem ser ou não recomendados. E mesmo no caso do elogio coincidir com a recomendação de leitura, também neste caso ficaremos sempre diante de um convite – mas

⁶⁹ Tomás de la CRUZ, O.C.D., na sua ampla *Introducción a Camino de Perfección*, Roma, 1965, II, 58-60 inventaria, e estuda, essas marcas da atenta leitura de *Via Spiritus* por parte de Santa Teresa. (O primeiro volume desta preciosa edição reproduz em *facsimile* o ms. autógrafa de Valladolid).

⁷⁰ Agostinho de SANTA MARIA, O.S.A.D., *Historia da Vida Admiravel e das Accções Prodigiosas da Veneravel Madre Brizida de Santo António*, Lisboa, 1701, 271-273.

apenas de um convite – mais caloroso a que sejam lidos... Quando, porém, Fr. António das Chagas, desde Setúbal, em data incerta, escreve: «Excellent livro he para tudo isto o Combate Espiritual, o que eu entendo que V. M. ha mister, como de pão para a boca»⁷¹, nunca teremos, apesar da premência da recomendação, qualquer certeza de que esse «excelente livrinho» – assim o classifica em outra ocasião⁷² – tenha sido efectivamente lido... E o mesmo se diga dos *Exercícios Espirituais* de Inácio de Loyola que, se a sua correspondente os pudesse encontrar, deles se devia aproveitar, porque «são santissimos»⁷³... Tê-los-ia encontrado? Um dos livros mais recomendados e elogiados por Fr. António das Chagas é, sem qualquer dúvida, os *Exercícios* de N. Esck que, segundo o mesmo Chagas, «tem notavel fogo, e luz do Espirito Santo»⁷⁴... De todas as vezes que os elogiou e recomendou terão sido lidos e praticados⁷⁵? Não sabemos, mesmo sabendo que o pirronismo não é – ou nem sempre é? – metodologicamente aconselhável...

De qualquer modo, talvez possa aceitar-se que todas as referências, como as que acabámos de repassar, a livros recomendados e elogiados, para além do que nos informam sobre as leituras, mais ou menos atentas, de quem aconselha e louva, poderão formar aquilo que talvez se possa dizer a «biblioteca selecta de espiritualidade» para uso das religiosas – neste caso, sobretudo das franciscanas e clarissas – em Portugal na segunda metade do século XVII... Curiosamente, no nosso caso, a estar ainda pelas referências precisas que estudaremos, é uma biblioteca bem parca... Também, é verdade, os conselhos não iam no sentido de ler muitos, mas, sim, de ler «poucos, que os muitos confundem...»⁷⁶.

V. É, porém, possível ir um pouco mais além, pois podemos encontrar muitas recomendações que não são mais do que a confirmação de leituras já feitas..., de outras que se andam a fazer..., de livros que se conhecem directamente ou por ouvir falar e sobre os quais se quer uma opinião, etc..

⁷¹ Fr. António das CHAGAS, *Cartas Espirituaes*, II, 41, 125.

⁷² Fr. António das CHAGAS, *Cartas Espirituaes*, II, 10, 38.

⁷³ Fr. António das CHAGAS, *Cartas Espirituaes*, I, 145, 234.

⁷⁴ Fr. António das CHAGAS, *Cartas Espirituaes*, I, 143, 215.

⁷⁵ Fr. António das CHAGAS, *Cartas Espirituaes*, II, 14, 49: referindo-se, tendo em conta a identidade das expressões com em outras ocasiões com que os elogia, aos *Exercícios* de N. Eschio, escreve: «No que toca aos exercicios, tenho por acertado, que V. M. gaste todos os dias que lhe parecer, em qualquer dos exercicios; porque qualquer delles bem obedecido, faz chegar à perfeição [...] Nenhuma perda tem V. M. em que os outros exercicios se lhe varressem; porque creyo, que estes são os mais seguros de quantos tenho achado no caminho do espirito».

⁷⁶ Fr. António das CHAGAS, *Cartas Espirituaes*, I, 90, 145.

Assim, quando o P. Chagas escreve, desde Viana do Castelo, em 28.3. (1678?): «Ieya V. M. quando puder essas quintas essencias do P. Puente; ainda que me parece, que quem lhe resumio a substancia, não terá o mesmo espirito»⁷⁷, podemos ter quase a certeza de que a correspondente conhecia – não teria, porém, lido – o divulgado *Compendio de las Meditaciones del P. Luis de la Puente* (Madrid, 1616)⁷⁸, pois de outro modo, estamos em crer, Fr. António, respondendo, não escreveria *essas*, mas, antes, *as* e não acrescentaria aquela pequena dúvida sobre o real interesse de um trabalho que, tal como ao seu autor, não conhecia... A uma outra sua filha espiritual, em carta sem data e sem lugar, confessa: «Não vi o livrinho de S. Filippe Neri, que V. M. me diz...»⁷⁹, comentando, porém, de acordo com a sua insistência em ler poucos livros, mas lê-los bem, que «ver a todos he bom, mas convem atar o entendimento, e não querer caminhar por todos...». Se neste caso também não podemos assegurar que essa religiosa tivesse lido a obra, podemos garantir que, pelo menos, a conhecia.

Em situação próxima parece estar aquela madre que lhe tinha falado em certos livros – ao parecer o *Directório* de S. Francisco de Sales..., os *Exercícios* de N. Esck..., talvez mesmo o *Itinerario Espiritual* de Alonso de Andrade... – e a quem recomenda, como já sabemos, que «se se acharem, ponha-os na livraria». Podemos aqui ter a certeza de que essa freira, apesar de não existirem na biblioteca da casa, conhecia a existência dessas obras. «As cartas de Santa Teresa – escrevia o mesmo P. Chagas em carta de Viseu em 16.7.1678 – com as notas de Palafoz tive depois de frade. Não li muito dellas; porque sempre me falta tempo para mim...»⁸⁰, confissão que, como a anterior, denota uma questão – um pedido de informação? – sobre essa obra de que a sua correspondente sabia, pelo menos, a existência... Outro tanto se poderá dizer de uma declaração sua, em carta de Viana em 28.3.1677 (1678?), acerca de uma obra do Padre Bartolomeu do Quental publicada mais de dez anos antes (Lisboa, 1666): «Ainda que não tive tempo de ler a Infancia de Christo, tenho o seu Autor por varão perfeito»⁸¹. Por vezes, as correspondentes deveriam parecer-lhe um tanto impertinentes quanto a perguntas sobre livros, a avaliar pelo tom da resposta a uma delas, em carta

⁷⁷ Fr. António das CHAGAS, *Cartas Espirituaes*, II, 20, 68.

⁷⁸ Não se trata, como se poderia pensar à primeira vista, de *Meditaciones sobre los principales Misterios de la Fé*, mas, sim, de um seu «resumo», obra que não deverá ter conhecido menor fortuna do que a obra principal.

⁷⁹ Fr. António das CHAGAS, *Cartas Espirituaes*, II, 28, 94.

⁸⁰ Fr. António das CHAGAS, *Cartas Espirituaes*, II, 5, 26. O varatojano refere-se, evidentemente, à primeira edição de *Cartas de Santa Teresa de Jesus* (Zaragoza, 1658) com comentários de D. Juan de Palafox y Mendoza.

⁸¹ Fr. António das CHAGAS, *Cartas Espirituaes*, II, 20, 68.

sem data e sem lugar: «Dos livros darei a V. M. também aviso e noticia; e folgára que V. M. tivera hora de lição das vidas dos Santos, que na verdade são os mayores despertadores para quem tem juizo, e se quer aproveitar das marés de Deos; as Cortes santas, que essa Senhora inculca, e em Hespanhol ha muitas; achará também V. M. com facilidade as nossas Chronicas e outros livrinhos, de que faremos memoria quando o tempo der mais lugar...»⁸². Apesar da pressa, e de um certo remoque que vai naquela sua valorização da literatura hagiográfica – uma insistência muito sua também –. António das Chagas lá vai respondendo... E, desse modo, ficamos a saber que essa freira apenas conhecia a *Corte Santa* de N. Causin por uma senhora nela lhe ter falado e recomendado⁸³... Talvez também lhe tenha a sua correspondente perguntado onde poderia descobrir as Crónicas da ordem..., o que parece indicar que não as haveria no convento, apesar da facilidade em as encontrar⁸⁴... De Viseu, em 13.8.1678, a uma religiosa que muito se interessava pela sua actividade missionária, declara: «Ande V. M. nas missoens em espirito, que assim o fazia a veneravel Soror Joana de Jesu Maria [...] O Padre Gavarre foi grande missionário, e muito exemplar; eu vi seus livros, queira Deos que haja muitos, que se aproveitem dos seus exemplos...»⁸⁵. Tudo parece indicar que a religiosa lhe falou no missionário espanhol e em alguma obra sua⁸⁶... Para o alertar para a sua importância? A outra «muito reverenda Madre», que, ao parecer, se lhe queixara de ter que lidar com o mundo, em carta sem data nem lugar, contesta: «A veneravel Madre Maria de Jesus tinha mais lida com creaturas, que V. M. e não se queixava, porque dentro de si trazia sempre o deserto, e o oratorio, se

⁸² Fr. António das CHAGAS, *Cartas Espirituaes*, I, 193, 288.

⁸³ Das traduções e edições da obra de N. Causin, Fr. António das Chagas († 1682) poderia conhecer, pelo menos, a de Antonio Cruzado y Aragón (Madrid, 1664) e a de Pedro González Godoy (Madrid, 1670) que, depois, tiveram várias reedições (Barcelona, 1696-1698 e 1718; Madrid, 1726, etc.). Curiosamente, não parece referir a tradução portuguesa de António Pires Galante (Lisboa, 1652). Para a difusão desta obra em Portugal pode ver-se de Zulmira Coelho dos SANTOS, *Da 'Corte Santa' a corte santissima em Portugal* in AA.VV., *Espiritualidade e Corte em Portugal (Séculos XVI a XVIII)*, Porto, 1993, 205-215.

⁸⁴ Fr. António das CHAGAS, *Cartas Espirituaes*, I, 71, 116, dirigindo-se a um seu superior, confessa: «Ainda que não li tudo em todas as Chronicas, de todas li quasi tudo, e bastantes exemplos tenho na memoria do que V. R. me diz, e me aponta».

⁸⁵ Fr. António das CHAGAS, *Cartas Espirituaes*, I, 205, 303.

⁸⁶ Que obra ou obras do P. José Gavarri, O. F. M. terá referido essa religiosa a António das Chagas? As *Instruções Predicables y Morales, no comunes, que deben saber los Padres Predicadores y Confesores, en especial los misioneros apostolicos*, Sevilla, 1673? Ou *El Cristiano Reformado que añadio al que compuso el P. Ferrer*, Zaragoza, 1660? Ou ainda *Advertencias muy importantes para desterrar la ignorancia y conseguir la vida eterna*, Madrid, 1667? À edição de Lisboa, por João Galvão, em 1683 de *Breve Sumario y explicacion de los preceptos de nuestra serafica Regla* não se pode referir, pois é posterior à morte do «Fradinho»...

lhe parecem bem os seus livros, siga com o exercicio o exemplo...»⁸⁷. Aqui, o contexto torna possível defender que essa madre conhecia bem a obra e a terá referido ou aludido à personalidade de Maria de Jesus de Agreda... Se assim não tivesse sido, seria de esperar que em lugar de *se lhe parecem bem os seus livros* escrevesse o Padre Chagas *se lhe parecerem bem...* De todos os modos, esta alusão à leitura da celebradíssima e polémica obra – *Mística Ciudad de Dios* (Madrid, 1670) – da não menos famosa concepcionista é a única que encontramos na correspondência de António das Chagas e, mesmo assim, sem o calor que costuma pôr nas suas recomendações...

Dentro deste âmbito, é, contudo, possível encontrar ainda situações em que se pode afirmar que a correspondente do P. Chagas já tinha lido a obra por que se interessa. «Não me pezará – escreve o missionário varatojano em carta que é possível datar de 1678 a uma religiosa – que se tornasse a refrescar com o Combate Espiritual, que he excellente livrinho...»⁸⁸. De igual modo, quando diz a uma Madre não filha de S. Francisco – refere-se a «meu Padre S. Francisco» e não ao «nosso» –: «Muito me alegre que V. M. se aproveitasse do livro de S. Pedro de Alcântara, porque são sem engano esses exercicios cada dia do oytavario de meu Padre S. Francisco...»⁸⁹, é possível garantir que a sua correspondente⁹⁰ lera, efectivamente, o *Tratado de Oración y Meditación* (Lisboa, 1556-1558)⁹¹ do alcantarino. Na mesma ordem de ideias, quando responde a uma freira sua dirigida em carta de Évora (11.4) – «Nos exercicios siga V. M. a ordem, que atégora, excepto em chegando ao ultimo de Esquio, no qual eu encômendo, e mando, a V. M. (pois tanto gosta disto) que continue o mais da vida como o mesmo exercicio ordena»⁹² – temos a certeza de que a freira já andava a ler e a praticar os *Exercicios* de Esck e que os continuaria... O

⁸⁷ Fr. António das CHAGAS, *Cartas Espirituaes*, I, 190, 284.

⁸⁸ Fr. António das CHAGAS, *Cartas Espirituaes*, II, 10, 38.

⁸⁹ Fr. António das CHAGAS, *Cartas Espirituaes*, I, 60, 102-103. O próprio P. Chagas apresenta, em outra carta «a huma religiosa» o essencial do *modus orandi* de S. Pedro de Alcântara da seguinte forma: «O modo de oração de S. Pedro de Alcântara, depois que achou centro ou ninho, era dizer aquelle verso de David: *Anima mea ingredere in requiam tuam*; bem quizera eu tivera V. M. a mesma.» (*Cartas Espirituaes*, I, 77, 124).

⁹⁰ Poderá sugerir-se tratar-se de uma dominicana, pois, logo no começo dessa carta, refere-se ao cuidado («lembrança») que a religiosa destinatária da sua carta tinha «da alma de minha irmã», possivelmente uma das que foram dominicanas em Moura – Leonor das Chagas e Brites do Lado. Conf. Maria de Lourdes Belchior PONTES, *Fr. António das Chagas. Um Homem e um Estilo...*, ed. cit., 20, n° 1.

⁹¹ Ainda que tal assunto não diga, directamente, respeito ao objecto da nossa investigação, convirá recordar, sobre o «estado da questão» da polémica à volta da atribuição deste *Tratado* a S. Pedro de Alcântara ou a Fr. Luis de Granada, as ponderadas páginas que lhe dedica Rafael SANZ VALDIVIESO, O. F. M., *Vida y Escritos de San Pedro de Alcántara*, Madrid, 1996, 201-226.

⁹² Fr. António das CHAGAS, *Cartas Espirituaes*, I, 61, 104.

mesmo se diga de outra a quem recomenda em carta de Viseu, em 9.3.1677: «Continue os exercicios de Esquio, o melhor que lhe for possível, que ainda que imperfeitamente se fação, para a perfeição encaminhão...»⁹³.

Seguramente teremos notado, confirmando algo que, com alguns riscos, já insinuámos, também entre estas obras que de um modo ou de outro podemos garantir que foram lidas ou, pelo menos, conhecidas pelas religiosas são raras as referências aos textos ou aos autores que Fr. António das Chagas mais insistentemente recomendava... Anotemo-lo, uma vez mais, sem, contudo, tirar as conclusões mais fáceis.

VI. Apesar de poder parecer um *excursus* neste correr de leituras de gente franciscana, não será ilegítimo, até porque já vimos que, alguma vez, Fr. António das Chagas aconselhou algumas freiras não pertencentes à Ordem de S. Francisco ou de Santa Clara... De alguma dominicana já terão passado alguns dos livros que leu ou por que se interessou. A *Historia de S. Domingos Particular do Reino de Portugal* de Fr. Luis de Sousa (e do seu continuador Fr. Lucas de Santa Catarina) nada informa sobre as leituras de Soror Violante do Céu († 1693) nas escassas linhas que lhe dedica⁹⁴. Como dissemos, porém, parece ser legítimo aceitar que, pelo menos, terá lido as obras para as quais escreveu alguns poemas em seu louvor dos seus autores. Publicados originalmente entre os preliminares dessas obras, foram depois recolhidos nas suas *Rimas Varias* (Ruan, 1646) e também no *Parnaso Lusitano de Divinos e Humanos Versos* (Lisboa, 1733). Deixemos, porque não são obras de literatura de espiritualidade, as *Flores de España, Excellencias de Portugal* (Lisboa, 1631) de António de Sousa de Macedo, os *Discursos Varios Politicos* (Lisboa, 1624) de Manuel Severim de Faria e o *Teatro da Mayor Façanha e Gloria portuguesa* (Lisboa, 1642) de Diogo Ferreira de Figueiroa⁹⁵, e apontemos o *Livro intitulado Cavallerias do Ceo* e os *Chorosos Cantos da Paixão de Christo Senhor Nosso*, ambos de autores desconhecidos⁹⁶, o *Livro das Excellencias de Nossa Senhora*, isto é, os *Virginidos, ou Vida da Virgem Nossa Senhora* (Lisboa, 1667), poema heróico do Dr. Manuel Mendes de Barbuda e Vasconcelos⁹⁷ e o *Collegio*

⁹³ Fr. António das CHAGAS, *Cartas Espirituaes*, I, 199, 295.

⁹⁴ Fr. Lucas de SANTA CATARINA, *Historia de S. Domingos...*, ed. cit., IV, 2, 19, 448-450.

⁹⁵ Soror Violante do Céu, *Rimas Varias* (ed., introd. e notas de Margarida Vieira Mendes), Lisboa, 1993, 131.

⁹⁶ Soror Violante do CÉU, *Rimas Varias*, ed.cit., 64, 68. Tal como a nossa recordada Colega e Amiga, não fomos capazes de identificar estas obras, dado que, como suspeitamos, os títulos que lhes dá a poetisa não correponderão exactamente àqueles com que foram editados – prática corrente na época –, como pode deduzir-se do modo de citar obra, depois referida, do Dr. Manuel Mendes de Barbuda e Vasconcelos.

⁹⁷ Soror Violante do CÉU, *Parnaso Lusitano de Divinos e Humanos Versos*, Lisboa, 1733, I, 63.

Espiritual da Theologia Mystica cujo autor, a quem elogia⁹⁸, foi, ao parecer, o «collector» do *Parnaso Lusitano*⁹⁹, quem, por sua vez, responde¹⁰⁰ elogiando as *Deprecações Devotas, para quando se ouvir Missa*, quer dizer, as *Meditações da Missa, e preparações affectuosas de huma alma devota...* (Lisboa, 1689) de Soror Violante. Acrescentemos ainda um Sermão de S. Francisco que fez Fr. Pedro de Santo Agostinho, bispo de Constância, «e que a Authora leo»¹⁰¹ – e não ouviu, como a tantos outros que elogia nas suas obras – e que se poderá identificar com o *Sermão da Tresladação da Imagem do Serafico Patriarcha da Igreja do Convento de S. Francisco da Ponte de Coimbra, para a nova Capella da Vener. Ordem Terceira* (Coimbra, 1743)¹⁰². São obras que seguramente leu. Não teria, no entanto, a dominicana lido nenhuma das obras espirituais de D. Leonardo de S. José¹⁰³ – o Cónego Regrante que se encarregou de preparar a edição das *Rimas Várias* e a quem celebra em uma Décima nessa obra?¹⁰⁴ Ela, que chora a morte de D. Bernarda Ferreira de Lacerda e a celebra, juntamente com uma filha¹⁰⁵, não teria lido qualquer das suas obras? Perguntas que, glosando, não levam a parte nenhuma...

VII. É agora possível analisar as informações sobre leituras realmente feitas, documentadas em biografias de religiosas veneráveis pelas suas virtudes e fama de santidade publicadas, como já aludimos, em crónicas das ordens ou mesmo autonomamente. Na sua exposição não seguiremos uma ordem cronológica que, se poderia permitir, aparentemente, captar um certo devir, na realidade obrigaria, muitas vezes, a aproximar leitoras separadas no espaço e no tempo. Preferimos expô-las por casas, ainda que, depois, as ordenemos cronologicamente... Talvez, deste modo, possa sugerir-se – nada mais que sugerir – uma certa educação..., preferências..., modas e colmatar alguns silêncios... Principiaremos por uma série de informações relativas a casas dispersas, para depois nos ocuparmos de leituras feitas no mosteiro da Esperança de Vila Viçosa e, finalmente, no da Madre de Deus de Xabregas

⁹⁸ Soror Violante do CÉU, *Parnaso Lusitano de Divinos e Humanos Versos*, ed. cit., II, 1113.

⁹⁹ Escrevemos assim, mas temos algumas dúvidas sobre a correcção do que afirmamos, pois «o Collector destas obras» pode muito bem referir-se, não ao *Parnaso Lusitano*, mas, sim, às *Deprecações Devotas para quando se ouvir missa...*

¹⁰⁰ Soror Violante do CÉU, *Parnaso Lusitano de Divinos e Humanos Versos*, ed. cit., II, 1114.

¹⁰¹ Soror Violante do CÉU, *Parnaso Lusitano de Divinos e Humanos Versos*, ed. cit., I, 319-

321.

¹⁰² D. Barbosa MACHADO, *Bibliotheca Lusitana*, Lisboa, 1752 (aliás, Coimbra, 1966), III,

583.

¹⁰³ D. Barbosa MACHADO, *Bibliotheca Lusitana*, ed. cit., III, 6-7.

¹⁰⁴ Soror Violante do CÉU, *Rimas Várias*, ed. cit., 146.

¹⁰⁵ Soror Violante do CÉU, *Rimas Várias*, ed. cit., 82; *Parnaso Lusitano*, ed. cit., I, 64-65.

donde, como facilmente se poderia supor, nos chegou o maior número de notícias. Apesar de tudo, são, proporcionalmente, poucas, já que – convirá recordá-lo – só nos chegaram informações referentes a um pequeno número de freiras que se destacaram pela sua virtude... As outras, que eram a maior parte, também, de um modo ou de outro, leriam..., mas dessas nada sabemos.

A primeira notícia de que dispomos diz respeito a Soror Isabel da Madre de Deus († 1590)¹⁰⁶, franciscana do convento do Espírito Santo de Torres Novas¹⁰⁷, que à hora da morte pede lhe leiam um pouco do *Monte Calvario* de Fr. António de Guevara... Nunca, porém, saberemos qual das duas partes dessa obra – a última que compôs o bispo de Mondoñedo – apreciava, no caso de ter lido a ambas, Soror Isabel. A primeira (Valladolid, 1545) começada a escrever antes do que terá pensado o seu autor ser a sua derradeira doença, ou a segunda (as *Siete Palabras*) que já não teve tempo de terminar (Valladolid, 1549)¹⁰⁸? De qualquer modo, esse pedido da freira de Torres Novas parece revelar, para além de apreço, familiaridade – uma certa familiaridade? – com essa obra, no seu todo ou com uma das suas partes, em momentos da sua vida.

Duas décadas depois, no mosteiro de Santa Clara de Évora, D. Leonor de Sousa († 13.7.1612), tão amante da Senhora Pobreza que, por sua morte, não acharão na sua cela mais que os *Trabalhos de Jesus* de Fr.

¹⁰⁶ Verdadeiramente, a primeira notícia de que dispomos sobre uma leitora de obras de literatura de espiritualidade, nestes dias, não diz respeito a Soror Isabel, mas, antes, a D. Isabel de Castro, da família dos Castros de Reriz e de Resende, que faleceu em 1567. Dela lembra Jorge CARDOSO: «E como no anno de 1566 saisse a luz a Chronica dos Menores que escreveo Fr. Marcos, empregava D. Isabel a maior parte do dia na lição da vida de S. Francisco, de quem era devotíssima». (*Agiologio Lusitano*, I, Lisboa, 1652, 266, 272 (27 de Janeiro). Só não a referimos em primeiro lugar, por não ter entrado em religião.

¹⁰⁷ Jorge CARDOSO, *Agiologio Lusitano*, II, Lisboa, 1657, 63, 69 (6 de Março). O benemérito autor desse monumento de erudição – e de desvelo pelas glórias portuguesas – terá recebido tal notícia de Fr. Manuel da Esperança, pois declara que desta «sancta vida [de Soror Isabel da Madre de Deus] escreve diffusamente o P. M. F. Manuel da Sperança nas Chronicas da sua Provincia, a que dá obediencia o convento de Torres Novas...». Se mal não lemos, em nenhuma das partes da *História Seráfica* pudemos encontrar a referência a Soror Isabel. Este Segundo Tomo do *Agiológico*, publicado em 1657, traz, tal como a Primeira Parte da *História Seráfica* (1656), licenças de 1655. Por esta questão de datas, Jorge Cardoso, como, aliás, parece insinuar a redacção da notícia, terá colhido a informação não no texto impresso da obra do cronista franciscano e do seu continuador, Fr. Fernando da Soledade, mas, como, agradecido, aponta tantas vezes em informação particular que lhe forneceu Manuel da Esperança. Seria muito interessante, no âmbito da história da cultura portuguesa, tão arredada destas perspectivas, estudar, na sua complexidade dos apoios..., correspondentes..., mecenas..., o interesse pela erudição sacra e profana que uniu um Fr. Manuel da Esperança..., um M. Severim de Faria..., um Jorge Cardoso...

¹⁰⁸ Augustin REDONDO, *Antonio de Guevara (1480?-1545) et l'Espagne de son Temps*, Genève, 1976, 459, 762-763.

Tomé de Jesus¹⁰⁹... A descoberta, por si só, poderia não passar de um razoável índice de que Soror Leonor teria lido a obra, mas o cronista afiança que nela «tanto meditava» que «nella aprendeo a intelligencia do Officio Divino, como se fosse a mais perfeita na língua latina». Não cabe discutir, mas apenas admirar esta capacidade de leitura da clarissa eborense que bem poderia ter lido a obra completa (1ª parte, Lisboa, 1602; 2ª parte, Lisboa, 1609) do agostinho graciano.

Muitos anos passados, encontramos no Mosteiro de Nossa Senhora da Ribeira, em Cernancelhe, Soror Maria do Desterro († 1683) que «douta nas Letras Sagradas e por especial devota de S. Paulo, tinha feyto tal estudo das suas *Epistolas*, que fielmente as repetia todas com grande promptidão de memória...»¹¹⁰. Esta, uma das raras referências à leitura do *Novo Testamento* que podemos registar, parece insinuar, para além de devoção a um autor, um modo de leitura tão bem apontado e meditado – tal como exigiam os conselhos tradicionais de leitura meditada que já recordámos – que facilitou a memorização – porque não dizer neste caso a «de-coração»? – dos textos paulinos.

Um pouco mais tarde, entre as clarissas da Conceição de Beja, uma casa onde Fr. António das Chagas nem sempre foi bem recebido, a Madre Inês dos Serafins († 20.7.1700), «exemplo de religiosas desenganadas», converteu-se, entendamos, neste caso, «reformou-se», quer dizer ainda, aceitou plenamente a reforma da casa – uma das causas das desavenças com o P. Chagas¹¹¹ –, lendo «as obras de Santa Theresa e [...] hum Tratado Espiritual de seu director S. Pedro de Alcantara»¹¹². Se desconhecemos qual das obras da Santa de Ávila leu Inês dos Serafins, do seu director quase podemos garantir ter sido o *Tratado de la Oración y Meditación...*, livro que encontraremos em outras ocasiões como leitura das clarissas.

A Madre Teresa da Anunciada († 16.5.1738), do Convento da Esperança de Ponta Delgada, casa que chegou a pertencer à Província franciscana dos Algarves, quando, em pequena, ainda não sabia juntar as letras, muito sofria por «não poder ao menos ler os livrinhos das Meditações de Santa Brígida, à que era muito affeiçãoada». Por intervenção divina, conseguiu-as «ler em breve tempo e as rezava todos os dias», emocionando-se profundamente «quando chegava àquellas palavras, nas quaes se exprime

¹⁰⁹ Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica...*, IV, 18, 14, ed. cit., 58 de quem recebeu a notícia D. António Caetano de SOUSA, *Agiológio Lusitano*, IV, Lisboa, 1744, 139.

¹¹⁰ Fr. Fernando da SOLEDADE, *Historia Serafica*, III, 2, 27, ed. cit., 239.

¹¹¹ Manuel GODINHO, *Vida, Virtudes e Morte .. do Veneravel Padre Fr. António das Chagas*, ed. cit., 71; Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica*, II, 10, 10, ed. cit., 522-524.

¹¹² Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica*, II, 10, 11, ed. cit., 533.

o quanto o Senhor padeceu por nosso amor...»¹¹³. Continuou Madre Teresa a ler essas *Meditações* de Santa Brígida, obra que conheceu três traduções (e duas edições) na segunda metade do século XVII?¹¹⁴ É possível, apesar de depois – segundo o seu biógrafo, o oratoriano José Clemente que se baseou em muitos escritos da própria Soror Teresa – ser igualmente «muy afeiçãoada à lição dos livros da veneravel Madre Maria de Jesus, religiosa da sempre esclarecida Ordem da Conceição...». O que entenderemos por esses «livros da veneravel Madre»¹¹⁵? A *Mística Ciudad de Dios*? Ou alguma das obras deles extractadas, como, por exemplo, os *Ejercicios Espirituales de retiro*? O mesmo biógrafo nos esclarece ao recordar que «quando Teresa lia nestes livros como a Virgem Santissima tomava a veneravel Maria de Jesus por filha e discipula, e lhe ensinara a amar a Deos; ao mesmo tempo que se accendia em huma santa enveja, se desconsolava grandemente por lhe parecer que não amava a Deos como esta sua serva»¹¹⁶, recordação que parece indicar a leitura da *Mística Ciudad de Dios*...

Pelos mesmos anos, encontramos, em Elvas, uma terceira franciscana, D. Leonor da Gama († em Janeiro de 1748) que, «todos os mezes, com algumas religiosas e pessoas de sua devoção» fazia «os exercicios do Santissimo Coração de Jesus, da Cruz e da Morte, e enquanto pode, o da Via Crucis, e os da veneravel Maria de Ágreda muitas vezes no anno»¹¹⁷. O cronista apenas aponta devoções – e deste ponto de vista será sempre um texto a reter, pelas datas, para a devoção ao Coração de Jesus e para os modos da sua difusão –, mas não indica precisamente leituras. No entanto, como já sabemos, os exercicios de Maria de Jesus Agreda – *Ejercicios Espirituales de retiro* – estão tirados da *Mística Ciudad de Dios*... Teria D. Leonor lido também esta obra? Não sabemos, mas somente que

¹¹³ José CLEMENTE, *Vida da Veneravel Madre Teresa da Anunciada*, Lisboa, 1763, 11.

¹¹⁴ *Meditações de Santa Brizida com hum Tratado para antes e depois da Comunhão, do Padre Francisco Bermudes de Castro*, Coimbra, Manuel Dias, 1664 (tradução de D. Leonardo de S. José); *Meditações de Santa Brígida*, Lisboa, João Galvão, 1678 (tradução de Afonso de Alcalá e Herrera); Domingos Garcia que D. Barbosa MACHADO (*Bibliotheca Lusitana*, ed. cit., I, 711) só sabe ter sido um «varão pio, e devoto», traduziu, de acordo com o registo de João Franco Barreto na *Bibliotheca Portuguesa*, a mesma obra, tradução que, ao parecer, nunca se terá publicado. As «Revelações» da santa sueca foram traduzidas para português por Fr. Manuel dos Santos, O.F.M. (†1666), mas tudo indica que tal tradução permanece inédita, tal como a Vida de Santa Brígida de Suecia, viuva, *Revelações que teve de Deos; autoridade das suas Revelações que tiveram diante dos Papas, que as aprovarão*, que escreveu o arrábido Fr. Manuel das Chagas, e que Jerónimo de Melo Coutinho «mandou tresladar com todo o primor illuminado em muitas partes, e o ofereceu à Serenissima Rainha D. Luisa Francisca de Gusmão», segundo Barbosa MACHADO, *Bibliotheca Lusitana*..., III, ed. cit, 219.

¹¹⁵ José CLEMENTE, *Vida a Veneravel Madre Teresa da Anunciada*, ed. cit., 364.

¹¹⁶ José CLEMENTE, *Vida da Veneravel Madre Teresa da Anunciada*, ed. cit., 364.

¹¹⁷ Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica*, IV, 20, 48, ed. cit., 494.

praticou uns «exercícios» que, com alta probabilidade, poderemos identificar com os que acabámos de lembrar.

Recordemos agora umas magras indicações de leituras feitas nas duas casas de clarissas dessa terra cheia de mosteiros e conventos que foi Vila Viçosa¹¹⁸ – o mosteiro de Nossa Senhora da Esperança e o das Chagas.

As mais antigas dizem também respeito ao mais antigo dos mosteiros – o da Esperança. Ai, com vinte e quatro anos, morreu em 4.3.1621 Soror Catarina do Salvador que «dos treze aos quinze annos o tempo que lhe restava dos trabalhos de mãos, era seu descanso a lição de livros espirituais, e exercicio de santa oração...»¹¹⁹. Infelizmente, o cronista, nos cinco capítulos que dedica à sua biografia, não precisa melhor esses «livros espirituais», mas indica que, já noviça, «o tempo que lhe restava do serviço do seu noviciado, nelle lia em voz alta a Santa Regra, ou algum livro espiritual, como practiçaõ as mesmas noviças...»¹²⁰. A banalidade da informação é, porém, de certo modo, compensada pelo que diz do modo de ler a *Regra de Santa Clara* que praticava Soror Catarina... Lia-a «em voz alta». Um modo de ler seu ou um modo de ler usual das noviças? Com algum risco, preferimos sugerir que a redacção parece favorecer a interpretação de que se tratava de um costume imposto às noviças... Liam estas em voz alta a regra e os livros espirituais. Se assim era, compreende-se que esse modo de ler funcionasse como uma maneira de mais facilmente memorizar a *Regra* e, talvez, até também muito dos livros ... Se as nossas conclusões estiverem certas, poderemos pensar que as não noviças – as professoras – leriam silenciosamente? Como tivemos ocasião de assinalar, algumas alusões de Fr. António das Chagas permitem olhar nesta direcção para determinado tipo de obras. E as vidas de santos? Estas ouviam-se... No entanto, ainda que indirectamente, é possível sugerir mais alguma leitura de Catarina do Salvador. Com efeito, sabemos que, ella que «escreveo dous volumes de sua excellente letra, e por sua morte ficou o terceiro principiado, com varias devoções a muitos Santos, que ella fazia todos os dias»¹²¹ e

118 Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica*, IV, 19, 1, ed. cit., 126: «exorna-se mais a Villa com os Conventos, da Graça, onde jazem sepultados em nobres mausoléos os senhores Duques de Bragança; dos Eremitas de S. Paulo; de S. João Evangelista, Casa professa da Companhia, fundada pelo serenissimo Duque D. Theodosio II; e do de Santo Antonio, da Provincia da Piedade, que fôra dos muros, em huma Ermida da Piedade, fundou o Duque D. Jayme. Tem mais os Mosteiros, da Esperança, de que escrevemos, o das Chagas, pertencente a esta Provincia; e o de Santa Cruz, de Religiosas Agostinhas».

119 Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica*, IV, 19, 21, ed. cit., 202.

120 Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica*, IV, 19, 22, ed. cit., 206.

121 Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica*, IV, 19, 22, ed. cit., 205. Note-se que o mesmo cronista na vasta *Introdução* à sua obra (I, ed. cit., CCXXXVIII) apenas aponta, como obra de Soror Catarina, uma *Oração com que gratificava a Deos os beneficios, que de sua liberal mão*

«costumava [...] resistar o seu Breviario com palavras da Escritura, e algumas sentenças dos Santos Padres, escritas de sua propria e singular letra»¹²², seguia, no «seu modo de orar, meditando, a doutrina do P. Estêvão da Purificação, da Ordem de Nossa Senhora do Carmo, e do Veneravel Fr. Luis de Granada, repartida pelos dias da semana»¹²³. Porque as cartas de Fr. Estêvão da Purificação († 17.11.1618) – ou extractos delas – apareceram na *Vida* que do carmelita escreveu Fr. Luis da Apresentação (ou de Mértola) publicada, em Lisboa, em 1621¹²⁴ – o ano da morte de Catarina do Salvador – teremos de supor, se não é dedução do cronista, que, directa ou indirectamente, conheceu as orientações espirituais de Fr. Estêvão da Purificação sobre a meditação na Paixão de Cristo ao longo da semana. Efectivamente, como se pode deduzir de uma carta que escreveu Fr. Estêvão a uma religiosa terceira carmelita acerca do «modo como avemos de celebrar a Paixão de Christo», Fr. Estêvão insistia, expondo-o de forma sumária, nesse método. Curiosamente, o que sobre tal escreve se diria quase um resumo das páginas que Fr. Luis de Granada dedica no *Libro de la Oración y Meditación* (a partir do capítulo XI) a ensinar a meditar na vida e paixão de Cristo, o que não nos deve estranhar quando sabemos que Fr. Luis era, com La Puente, Alfonso Rodríguez, T. Villa Castín, um dos autores preferidos de Fr. Estêvão¹²⁵ e uma das leituras que mais recomendava¹²⁶. Ora, uma das vezes em que expressamente o aconselha é precisamente nessa carta em que se diria resumir Fr. Luis de Granada... Apesar da sua oração

tinha recebido que, aliás, como indica Fr. Jerónimo, vem publicada no *Agiolégio Lusitano*, II, ed. cit., 47-48.

¹²² Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica*, IV, 19, 22, ed. cit., 205.

¹²³ Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica*, IV, 19, 23, ed. cit., 209.

¹²⁴ Fr. Luis da APRESENTAÇÃO, O. C., *Vida e Morte do Padre Fr. Estêvão da Purificação, Religioso de Nossa Senhora do Carmo da Provincia de Portugal*, ed. cit., 16, 36, 75, 94, 119, 148, 149, 150, 158, 159, 189, 203, 211, 244, 245, 252, 262, 269, 281, 283, 286, 298, 302, 312, 318, 319, 321.

¹²⁵ Fr. Luis da APRESENTAÇÃO, *Vida e Morte do Padre Fr. Estêvão da Purificação...*, ed. cit., 280: «Por isso regulava muito bem seu estudo, e escolhia os livros que primeiro lhe prégassem a elle, do que lhe ensinassem a prègar aos outros; como são so livros espirituais, e de Autores que sentião o que disserão. E não fallando já dos santos Padres, e Doutores da Igreja; as obras do veneravel Granada, as dos Padres Luys de la Puente, Alonso Rodríguez, e Villa Castín, todos tres da Companhia; o livro de S. Theresa, Contemptus mundi, e alguns livrinhos de N. P. fr. Geronymo Graciano, erão suas delicias...». Fr. José Pereira de SANTA ANA, *Chronica dos Carmelitas da Antiga, e Regular Observancia nestes Reinos de Portugal*, II, Lisboa, 1751, 166, colheu essas notícias de Fr. Luis da Apresentação, que, por sua vez, sublinhou Maria Idalina Resina RODRIGUES, *Fray Luis de Granada y la Literatura de Espiritualidad en Portugal (1554-1632)*, Madrid, 1988, 545-546.

¹²⁶ Fr. Luis da APRESENTAÇÃO, *Vida e Morte de Fr. Estêvão da Purificação...*, ed. cit., 126: «Lea fortemente pelo livro da Santa Madre Theresa de Jesus. Não deixe de ter as Meditações do Padre Granada, e lea cada dia alguma cousa dellas».

mental não ter seguido – ou nem sempre ter seguido? – uma orientação imaginativa, como propunha Fr. Fr. Estêvão¹²⁷, perante coincidências de doutrinas e de conselhos, não será ilegítimo confirmar Soror Catarina do Salvador como leitora do *Libro de la Oración y Consideración* de Fr. Luis de Granada, um autor que, estranhamente, ainda não encontráramos, até aqui, nem aconselhado nem lido...¹²⁸ É, contudo possível admitir que quem se oferecia para ler e lia as crônicas da Ordem – as *Chronicas da Ordem dos Frades Menores de Fr. Marcos de Lisboa* de que aparecera uma nova edição em 1615 (Lisboa) devida aos cuidados, nem sempre respeitadores do texto original, de Fr. Luis dos Anjos – a uma companheira gravemente doente e aproveitava a leitura para lhe ir lendo um «Aparelho de Bem Morrer»¹²⁹ – que não deverá ser o de Estêvão de Castro, S. J., pois este apareceu precisamente em 1621 (Lisboa), mas, antes, as *Horas da cruz de Cristo. Arte e aparelho santo para bem morrer* (Lisboa, 1613) de J. Carvalho do Canto – tinha alguma vez lido essas obras.

No mesmo convento viveu Soror Maria das Chagas, que faleceu, muito velha, em 11.5.1631, o que leva a vê-la como contemporânea de Soror Catarina do Salvador. E a aproximação não parecerá tão casual se, recordando que Soror Catarina costumava resistir o seu breviário com palavras da escritura, e sentenças dos Santos Padres», soubermos que Soror Maria das Chagas «a este fim [louvores divinos] encaminhava as Escrituras, e sentenças dos Santos Padres, como se em huma e outra lição fosse versada; e em tão proprio sentido que bem mostrava ser do Ceo sua sciencia, pois nas práticas que tinha com as suas religiosas para qualquer conceito acudia logo, citando os Psalmos de David, os livros de Salomão, e Doutores da Igreja [...]; nesta forma, e com scientifica applicação acomodava qualquer texto, que conferido depois com homens doutos, dizião ser superior sua intelligencia»¹³⁰. Apesar de relativamente vagas, estas referências sugerem-nos, estamos em crer, mais do que uma leitora da Biblia, uma leitora muito atenta do seu breviário... Uma leitura atenta e meditada, como convinha a alguém que também se correspondeu com Fr. Estêvão da Purificação, pedindo-lhe «lhe alcançasse de Deos esta virtude [a verdadeira humildade],

¹²⁷ Fr. Luis da APRESENTAÇÃO, *Vida e Morte do Padre Fr. Estevão da Purificação...*, ed. cit., 126: «Quando rezar, ou seja por livro, ou por contas, imagine que as regras, ou palavras são as feridas, ou açoutes de Christo; e que as letras estão escritas com seu sangue».

¹²⁸ Fr. Jerónimo de Belém que pouco diz acerca das extraordinarissimas penitências de Soror Catarina – que conhecemos pelas páginas do *Agiológio Lusitano* (II, 38-40), nada sugere também sobre o sem número de orações que diariamente recitava, por devoção, prática em que poderíamos dizê-la uma discípula de Fr. Estêvão, se nos lembrarmos da larga relação - a que já fizemos referência – de orações e devoções que cumpria ao longo do dia.

¹²⁹ Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica*, IV, 19, 23, ed. cit., 209.

¹³⁰ Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica*, IV, 19, 43, ed. cit., 288.

pois em quarenta annos de requerimentos, ainda não pudera negociar o seu despacho». Embora possamos suspeitar, em virtude de tantas outras que vêm na sua *Vida...*, que a houve, não conhecemos a resposta, pois nem Luis da Apresentação nem Jerónimo de Belém a insinuam sequer... Terá sido por conselho do célebre carmelita português que leu a «Vida do Veneravel Francisco de Yepes», isto é, *Vida y Virtudes del Venerable Varón Fray Francisco de Yepes, que murió en Medina del Campo, Valladolid, 1616*, de Fr. José de Velasco?¹³¹ Ignoramo-lo, mas o cronista garante-nos que Soror Maria das Chagas leu essa biografia que, como declara a continuação do seu título, *Contiene muchas cosas notables de la vida de su santo hermano, el Padre Fr. Juan de la Cruz*, pois, por lá ter visto «que o demonio tinha grande pena de trazerem os filhos, e devotos de Nossa Senhora do Carmo o seu Bentinho, pela guerra que com este lhe fazião, os procurou com a mayor ancia...», passando depois até a distribuí-los¹³².

No mosteiro das Chagas de Vila Viçosa, de clarissas urbanas, viveu a Madre Isabel de S. Bernardo († 11.1.1734) que, conta Fr. Jerónimo de Belém, «sendo ainda secular, depois que leo os livros da Doutora Mystica Santa Teresa, lhe ficou tão affeioada, por devota, que mandando fazer hum retrato seu, o trouxe sempre ao peito, por todo o tempo de sua vida...»¹³³. A notícia não informa se a devoção à santa incrementou a leitura das suas obras, nem, muito menos, que obras terá lido D. Isabel (Coutinho?) lá por meados do século XVII – terá nascido à volta de 1640, pois morreu com «noventa e tantos annos» –, mas, como faz o cronista, sempre poderemos, piedosamente, «inferir, que muito se aproveitou do que nas suas obras aprendeo...» e que «também aprenderia as maximas de governar, segundo o que nos refere a tradição das religiosas, e a publicação seus escritos». Estes seriam, pelo menos, «alguns livros, assim da sua [mosteiro das Chagas] fundação, como dos títulos das fazendas da Casa, repartição do sustento, e propinas de costume, Alvarás, e Breves Pontifícios, e tudo com tão boa, e excellente economia, que bem pudera servir de modelo para o bom governo das Famílias Religiosas»¹³⁴. Ela, que foi a escritvã da casa durante nove annos, uma leitora atenta do *Libro de las Fundaciones* teresianas? das *Constituciones*? ou simplesmente do *Libro de la Vida*? Como não temos possibilidade de o saber – teremos algum dia? – registemo-lo, e, sobretudo, apontemos a veneração e a leitura dos livros de Teresa de Jesus em Vila Viçosa, à sombra, no sentido literal do termo, da família a que pertenceu

¹³¹ Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica*, IV, 19, 43, ed. cit., 288.

¹³² Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica*, IV, 19, 43, ed. cit., 287-288.

¹³³ Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica*, IV, 21, 24, ed. cit., 606.

¹³⁴ Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica*, IV, 21, 24, ed. cit., 605

D. Teotónio de Bragança, o arcebispo de Évora que, grande amigo da reformadora carmelita, custeou a primeira edição das suas obras – *Avisos Espirituales y Camino de Perfección* (Évora, 1583).

Podemos agora avançar para algumas das leituras de algumas clarissas da Madre de Deus, que, apesar de tudo, são, como facilmente se pode supor, aquelas de que possuímos uma maior informação. Era não só o mosteiro feminino mais importante da Província franciscana dos Algarves, se não talvez mesmo o mais importante de Portugal, tanto pelas suas origens como pela sua situação junto da corte. Umhas e outras, se fizeram dele uma casa sempre marcada pelas predilecções da aristocracia de corte como destino das suas filhas – o que pode já conlevar um nível cultural de maiores exigências e uma consequente maior preparação –, também contribuiriam, seguramente, para a dotar de livros. Por outro lado, nem valeria a pena lembrar que um Fr. António das Chagas, sempre disposto a recomendar a leitura e apontar livros a ler, desempenhou na direcção espiritual dessa casa um papel de relevo. E precisamente, por isso, dividiremos a nossa análise em dois momentos. Um primeiro que vai até cerca de 1676 e outro que vai desde essa data até cerca de 1743, balizas escolhidas em função da chegada de Fr. António das Chagas como «aliviador» das freiras da Madre de Deus¹³⁵, sem que, evidentemente, isto signifique que antes de 1676 – mas nunca antes de 1672¹³⁶ – não tenha já podido o varatojano dirigir, especialmente por carta, alguma das freiras dessa casa – direcção que Fr. António, ele que veio a ser nomeado «mestre de espirito» desse mosteiro¹³⁷, compartiu essa direcção com Fr. Diogo de Santo Agostinho..., com Fr. João de Santo Estêvão († 1703¹³⁸) – e que depois do seu afastamento em missões pelo País e mesmo depois da sua morte (20.10.1682) não tenha continuado por carta ou por fama essa direcção.

Conhecemos os nomes de algumas das religiosas que foram suas filhas espirituais – Soror Sebastiana de Jesus Maria († 2.7.1677), Soror Teresa da Madre de Deus († 4.6.1677), Soror Catarina das

¹³⁵ Fr. António das CHAGAS, *Cartas Espirituaes*, II, 22, 76.

¹³⁶ Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica*, III, 15, 16, ed. cit., 352 afirma, aludindo à inspiração divina que levou Fr. António a escrever, prevenindo-a de que logo que pudesse a iria ajudar a sossegar o seu espírito, a Soror Helena da Cruz que recebeu o hábito na Madre de Deus em 1672, que «ainda neste tempo se não communicava o Veneravel Padre com a familiaridade, com que depois tratou algumas Religiosas».

¹³⁷ Manuel GODINHO, *Vida, Virtudes, e Morte com opinião de Santidade do Veneravel Padre Fr. Antonio das Chagas*, ed. cit., 396-398 publica a Patente que, em Maio de 1682, nomeou o Padre Chagas «Mestre de espirito das muito espirituais religiosas da Madre de Deus».

¹³⁸ Antónia Margarida de CASTELO BRANCO (depois Soror Clara do Santíssimo Sacramento), *Autobiografia* (Prefácio e transcrição de João Palma-Ferreira), Lisboa, 1983, 514 tece o elogio deste confessor da Madre de Deus, assinalando 1703 como o ano de sua morte.

Chagas († 13.6.1685), Soror Luisa Maria de Jesus († 9.10.1691)¹³⁹, Soror Joana da Trindade († 8.10.1694), Soror Francisca do Lado († 2.12.1696), Soror Helena da Cruz († 28.8.1698) e Soror Maria Madalena de Jesus († 19.7.1701). Pontualmente, também ajudou Soror Clara do Santíssimo Sacramento (15.1.1717) como ela conta na *Relacção (fiel e verdadeira) da sua vida*. Apenas estas? Estas foram as que deixaram fama de virtudes e santidade em grau que as tornou dignas de verem as suas biografias mais ou menos resumidamente escritas nas páginas da *Chronica Serafica...* Curiosa, mas infelizmente, como já aludimos, nem de todas temos informações sobre as suas leituras... Às vezes, apesar da direcção de Fr. António, até parece que nada leram, mas não devemos esquecer que não possuímos todas as cartas de Fr. António – muitas delas, como ele se queixa, algumas vezes, nem sequer eram recebidas pelos seus destinatários¹⁴⁰... – nem o cronista foi sempre preciso – por omissão ou por generalizações do tipo «applicou-se à lição das vidas dos santos...», «nas obras da Doutora Mystica Santa Theresa encontrou materia, e luz para o acerto...», etc. que, apesar de benvidas, são, para nós, como já tivemos ocasião de lembrar, de escassa utilidade. Tendo, porém, em atenção as últimas datas acima referidas, podemos, de acordo com o que já sugerimos, facilmente aceitar que, por exemplo, uma Soror Teresa Maria de S. José († 8.5.1743) ainda terá conhecido a fama da direcção de António das Chagas e, através das suas dirigidas que ainda viviam, os ecos das suas orientações, pois entrou na Madre de Deus em 1684.

Assim, sabemos que na Madre de Deus, já antes de 1644, ano da morte de Soror Maria da Conceição (9.6.1644), a religiosa que dá azo à informação, lia-se um livro em que se falava do Purgatório de S. Patricio e lia-se em voz alta e em grupo. Com efeito, Soror Maria, que «de tudo e de todos julgava bem», em uma «ocasião em que se achavão algumas religiosas lendo o que se escreve do Purgatorio de S. Patricio, disse huma dellas na presença da serva de Deos: *Quem me dera lá ir, para que em*

¹³⁹ Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica*, III, 15, 6, ed. cit., 314 diz que «ao cuidado, e diligencia desta veneravel Religiosa se deve a impressão das obras do Padre Chagas; ella pôs os títulos às Cartas do seu segundo Tomo dellas; deu, e procurou muitas noticias da sua vida que escreveu o Padre Manuel Godinho...».

¹⁴⁰ Fr. António das CHAGAS, *Cartas Espirituaes*, I, 37, 65: «Não posso acabar de entender, que sumidouro ha para as minhas cartas, não tendo ellas cousas, de que se possa fazer reliquias, nem mysterios, nem reparos, e pelo que colho das que recebi de V.M. conheço que lhe são dadas poucas, ou nenhuma cartas minhas, e o mesmo tenho entendido havendo escrito outras a varias pessoas dessa Corte...»; I, 79, 127: «Algum pezar tive de que neste ultimo, que recebo, escrito em vinte de Janeiro, me mostre V. M. claramente que não tem recebido nenhuma carta minha, sendo que ha menos de um mez que lhe escrevi largamente, e de modo, que podéra V. M. ter menos susto com estas cousas, que lhe derão sobressalto».

morrendo, fosse logo a gozar da Bemaventurança, sem passar por outras penas; e o mesmo repetirão as mais. Entendeo a Madre Soror Maria que ja as freiras se embarcavam para a Ibernia, e neste sentido, com a graça natural de que Deos a dotou, lhes dizia: *Se tal petição chegar a Roma, que risadas não darão os Cardeaes, e o nosso Protector: pois desenganai-vos, que aindaque esse Purgatorio estivera no valle de Xabregas, não haviéis de conseguir a licença*»¹⁴¹. Que obra estariam as freiras a ler? Uma cópia manuscrita em português ou em castelhano dessa obra medieval não parece crível, pois, tanto quanto sabemos, a tradição manuscrita medieval peninsular aponta apenas para o domínio catalão e aragonês¹⁴². A divulgada novela devota de Juan Pérez de Montalbán, *Vida y Purgatorio de San Patricio* (Barcelona, 1628)? Ou um *Flos Sanctorum* – o de P. Ribadeneira, S. J. que traz a *Vida de S. Patricio, Primado de Irlanda*¹⁴³ – ou o de qualquer outro livro hagiográfico, como, por exemplo, a *Legenda Aurea* de J. de Voragine¹⁴⁴? Talvez nunca logremos sabê-lo, mas qualquer destas obras podia, como insinua uma recomendação, já citada, de Fr. António das Chagas – «e que ouvindo as virtudes, e vidas dos Santos as imite quanto puder...» – ser lida em voz alta e em grupo. Por outro lado, a notícia tem ainda o interesse, para além do mais, de testemunhar a difusão desse tema entre nós, depois de Lope e Calderón terem ajudado a redescobri-lo.

Com D. Violante Henriques, ou seja Soror Violante de Jesus Maria, falecida aos 23 anos em 6.7.1659, encontrámo-nos com uma «grande leitora». Assim terá sido classificada a filha do Senhor de Ferreiros e de Tendais nada menos que pela infanta D. Catarina, a futura rainha de Inglaterra, quando Violante Henriques entrou na Madre de Deus. Ela que tinha «particular graça, e expedição em ler livros, assim Portuguezes como Castelhanos»¹⁴⁵, começou por se dedicar a «alguns de comedias, e profanos», chegando a representar «muito ao vivo o que havia aprendido de memoria, com tanta viveza, e galantaria, como se tivesse por officio o emprego de representante»¹⁴⁶. Não nos interessa demasiado esta perspectiva de corte tipicamente hagiográfico, mas lembremos que «deixada em fim a lição profana, se applicou ainda mais à Divina, procurando livros

¹⁴¹ Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica*, III, 14, 11, ed. cit., 176-177.

¹⁴² Charles B. FAULHABER, *Libros y Bibliotecas en la España Medieval*, Londres, 1987, 311, 59, 91, 126-127, 208, 256, 411; Maria Rosa Lida de MALKIEL, *La Visión del Trasmundo en las Literaturas Hispánicas*, in (como Apêndice) Haward R. PATCH, *El Otro Mundo en la Literatura Medieval*, Mexico-Buenos Aires, 1956, 369-449.

¹⁴³ Pedro de RIBADENEYRA, *Flos Sanctorum, o Libro de las Vidas de los Santos*, Tercera Parte, Madrid, 1675, 468-472.

¹⁴⁴ J. de VORAGINE, *La Leyenda Dorada*, Madrid, 1982, 208-211.

¹⁴⁵ Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica*, III, 14, 15, ed. cit., 197.

¹⁴⁶ Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica*, III, 14, 15, ed. cit., 198.

espirituales, que lhe ministrassem materia para prosseguir com proveito o que principiára devota». Era seu director espiritual o arrábido Fr. Arcanjo da Assunção. E a primeira indicação que temos deste novo tipo de leituras levamos a Salvaterra de Magos, para onde, nos começos de 1656, se retirou D. Violante com sua mãe. Aí, «achava-se necessitada de livros, com que se divertisse a si, à familia de casa, e àquella gente menos culta, por falta de comunicação; e para passarem as noites de inverno mais gostosas, e com algum proveito, mandou D. Violante pedir a seu tio, e padrinho Francisco de Miranda Henriques, algum livro espiritual, que para todos servisse, e que estimaria lhe mandasse o Flos-Sanctorum do Padre Ribadeneira»¹⁴⁷. Ao parecer, esse seu tio e autor da sua biografia – escrita em 1658 –, não tendo conseguido encontrar essa obra do jesuita, remeteu-lhe «hum pequeno tratado do Padre João de Niemberg sobre a afeição, e amor que devemos ter à Virgem Maria Nossa Senhora, e o como ella nos ama...». Se não podemos imaginar Violante Henriques a ler – em espanhol¹⁴⁸? – à sua família o *Flos Sanctorum*, como Afonso Fernandes Barbuz, ferreiro de Penafiel, o lia, «em voz alta e intelligivel», «aos Domingos e Sanctos, passada a cesta» aos «amigos, e vizinhos, [em] hum terreiro»¹⁴⁹, podemos imaginá-la a ler – e a traduzir? – *De la Afición y Amor de Maria Virgen sacratissima Madre de Jesus Dios y Hombre que la deven tener todos los redimidos de su Hijo* (Madrid, 1630; Lisboa, 1648). Pouco depois, «deparou-lhe Deos outro livro do mesmo Veneravel Niemberg, da Afeição e Amor de Jesus, e a sua leitura lhe pentrou por tal modo o coração, que como se fosse huma aguda setta, que lho traspassasse, assentou logo consigo de deixar totalmente o mundo, para se desposar com Christo». Registando essa imagem de sabor teresiano que, apesar de tudo, poderá não ser unicamente da responsabilidade do cronista, não sigamos, contudo, as peripécias que rodearam a concretização dessa decisão que a leva à Madre de Deus, mas apontemos que a única coisa que quis levar de sua casa foi esse exemplar *De la Afición y amor de Jesus que deben tener todos los redimidos, com alimento de amor divino, codocia santa de Gracia y devoción a las ánimas del Purgatorio* (Madrid, 1630). Por obediência, terá que abandonar essa leitura¹⁵⁰... Terá lido agora a *Diferencia entre lo temporal y lo eterno* (Madrid, 1640), já que tempos antes o «arrojara de si, dizendo, que não queria beatices, senão cousas de divertimento»? É provável, mas de certo apenas sabemos que «deparando-lhe as obras da Mystica Doutora santa Thereza, nellas encontrou os erros,

¹⁴⁷ Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica*, III, 14, 16, ed. cit., 201.

¹⁴⁸ A tradução da *Primeira parte* deste *Flos Sanctorum* deve-se a João Franco Barreto, impressa em Lisboa, 1674, isto é, c. de 20 depois da pretensão da futura clarissa.

¹⁴⁹ Jorge CARDOSO, *Agilológico Lusitano*, ed. cit., III, 483.

¹⁵⁰ Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica*, III, 14, 22, ed. cit., 220.

que de si confessava a Santa, lendo na sua mocidade livros porfanos»¹⁵¹. Esta última indicação permite vê-la a ler o *Libro de la Vida* de Teresa de Jesus, pois, precisamente, no começo do livro (II, 1) Santa Teresa conta o seu gosto pelas novelas de cavalarias. E a confirmá-lo está que, prosseguindo na leitura dessa obra, decidiu imitar o que a futura reformadora do Carmelo conta da sua decisão «de deyxar pais e irmãos, e recolher-se em hum Mosteiro» (III, 7, IV, 1)¹⁵². No entanto, enquanto não entrava em religião, pôde ainda ler os «Nescios desejos da vida, Vãos temores da morte», obra que deveremos poder identificar com o *Discurso do vão Temor da Morte e desejo da Vida e representação da Glória do Céu* (Lisboa, 1649) de Pedro de Valles, traduzida por D. Basílio de Faria... Depois, já noviça, «divertia-se a ouvir livros devotos»¹⁵³, o que confirma a sugestão que, por mais do que uma vez, já fizemos de que as noviças ouviam ler... Apenas ouviam ler? Talvez não, pois também é certo que na Quaresma de 1657, «vendo sua Mestra que Soror Violante cuidava mais na saude da alma que na do corpo, para consolação sua, lhe deu o livro dos Trabalhos de Jesus, para que da sua lição tirasse conformidade, e merecimento»¹⁵⁴. Tudo parece indicar que a obra de Fr. Tomé de Jesus lhe foi dada para que a lesse pessoal e directamente. De todos os modos, dessa leitura resultou uma oitava em que, de acordo com a orientação de leitura que recebera de sua mestra, pedia a Cristo que lhe concedesse a sua cruz¹⁵⁵.

Tudo quanto essa «grande leitora» leu? Talvez não. Tentemos adentrar-nos um pouco mais nas suas leituras. Terá ela ou as fontes do cronista silenciado alguma? Recordemos que Fr. Jerónimo de Belém declara ainda que «na refeição do Refeitório não perdia ponto para meditar, porque de tudo tirava materia para a contemplação; e da mesma lição da menza dava depois tão fiel relação, como se de proposito a houvera estudado. No partir de huma maçã descobria a lembrança do Mysterio da Santissima Trindade: porque descascando os primeiros tres quartos, contemplava as tres divinas pessoas, e no ultimo, por aparar, considerava o Verbo Divino vestido no hábito da nossa humanidade; e nesta fôrma ainda alimentando o corpo, refazia juntamente o espirito»¹⁵⁶. Ao lermos esta passagem, perguntamo-nos imediatamente se Soror Violante não teria lido o *Horlogium Aeternae Sapientiae* de H. Suso. Esta obra propriamente não deverá ter lido, mas leu,

¹⁵¹ Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica*, III, 14, 16, ed. cit., 202.

¹⁵² Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica*, III, 14, 16, ed. cit., 203.

¹⁵³ Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica*, III, 14, 26, ed. cit., 232.

¹⁵⁴ Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica*, III, 14, 26, ed. cit., 233.

¹⁵⁵ Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica*, III, 14, 26, ed. cit., 233 publica essa Oitava, bem como outras poesias de Violante Henriques.

¹⁵⁶ Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica*, III, 14, 25, ed. cit., 227.

seguramente – ou, recordemos que se trata da biografia de um santo, ouviu ler? – a *Vida do Beato Henrique Suso*, escrita por L. Surio e traduzida por Fr. Luis de Sousa (Lisboa, 1642). Ora, esta biografia é, como se sabe, inteiramente construída sobre aquela obra do dominicano. Com efeito, no capítulo IX da *Vida*¹⁵⁷ vem, precisamente, no seu alto simbolismo – olvidemos, na sua inoperância o «ridículo» a que aponta J. Huizinga e os «amaneramientos extremos» que fixa Ortega y Gasset a propósito desta passagem¹⁵⁸ –, o exercício que imitava Soror Violante. E, como teremos ocasião de ver, não será ela a única leitora da *Vida do Beato Henrique Suso* entre as clarissas da Madre de Deus.

Em Soror Fabiana do Horto († 4.12.1676), mas clarissa no mosteiro de Xabregas desde 1625, encontramos a primeira leitora declarada das *Moradas* de Santa Teresa. Com efeito, «não obstante o seu grande recato (costume praticado neste Mosteiro, por cuja causa o menos he o mais que se sabe das suas virtudes) praticando-se hum dia sobre as moradas da Doutora Mystica Santa Theresa, disse Soror Fabiana: *Que Deos lhe fizera a mercê de lhe querer entender a fabrica daquelle casto interior*¹⁵⁹; mas se chegou a todas, ou não, ninguem o pode alcançar»¹⁶⁰. Infelizmente, nada mais podemos dizer. No entanto, é possível sugerir que o que conta Fr. Jerónimo de Belém sobre «os favores que [Soror Fabiana] experimentou de seu amante, e Divino Esposo» foi, quando meditava sobre o Passo da Columna [...] representou-se-lhe aquella sacrossanta Humanidade tão ferida, y lastimada que mal o podia explicar; e como chegando-se-lhe para ella lhe dizia, que a buscava, para que lhe acudisse...»¹⁶¹. Não sabemos o que o texto poderá dever à sabedoria do cronista, mas não seria difícil defender que, independentemente da verdade essencial da sua visão – que desprezou, com farto sentimento depois, por temer que fosse ilusão diabólica –, Soror Fabiana era igualmente leitora de outras obras da Madre Teresa de Jesus, nomeadamente do *Libro de la Vida* e do *Camino de Perfección*¹⁶². Tê-las-á lido? O que sabemos é que são obras que não vêm referidas na sua biografia.

157 L. SURIUS, *Vida do Beato Henrique Suso, da Ordem dos Pregadores, Traduzida do Latim em Português* por Fr. Luis de Sousa, Lisboa, 1764, 37.

158 J. HUIZINGA, *El Otoño de la Edad Media*, Madrid, 1961, 208; J. ORTEGA Y GASSET, *El Hombre del Siglo XV* in *En torno a Galileo*, Madrid, 1965, 216.

159 Como vemos, o original traz *casto interior*, expressão que não emendamos como seria tentador proceder, em virtude de Soror Babiana poder querer dizer isso mesmo, numa espécie de «linguagem derivada». Naturalmente, «castelo interior» seria o que esperaríamos, mas *casto interior*, no preciso contexto da resposta de Soror Fabiana, não é um completo absurdo.

160 Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica*, III, 14, 32, ed. cit., 267.

161 Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica*, III, 14, 32, ed. cit., 267.

162 Teresa de JESUS, *Libro de la Vida*, IX, 1, XIV, 22; *Camino de Perfección*, XLII, 5.

Em relação com a direcção espiritual do Padre Chagas, podemos assinalar Soror Teresa da Madre de Deus († 4.6.1677), dirigida do Varatojano. Contudo, ignoramos se continuou, durante os doze anos que viveu no mosteiro, a aplicar-se à lição dos livros de Santa Teresa – Fr. António nunca, que saibamos, os recomenda, apesar de ser seu devoto admirador – com a atenção com que o fizera em casa de sua avó, D. Leonor de Sousa, junto de quem sempre viveu desde que faltaram os pais, a ponto de ter pensado ser carmelita¹⁶³.

Também de outra dirigida de Fr. António das Chagas, Soror Sebastina de Jesus Maria († 2.7.1677) apenas conhecemos que aos «seis annos de sua tenra idade lhe faltou sua mãe e D. Sebastiana, como fiel imitadora de Santa Theresa, se entregou por filha à Virgem Maria; e esta espiritual filiação conservou por todo o tempo de sua vida...»¹⁶⁴. Não nos atrevemos a decidir se esta notícia é uma explicação do cronista para essa «espiritual filiação», ou se, efectivamente, pelo modo que fosse, desde os seis anos saberia Sebastiana que a Santa de Ávila, como recorda no *Libro de la Vida* (I,7), se tinha também entregado como filha da Virgem Maria. A ser assim, não seria de estranhar que também tivesse chegado a ler, pelo menos, a autobiografia da Santa a quem imitava... Mas foi assim?

Já recordámos que Fr. António das Chagas não parece ter revelado grande entusiasmo pela leitura das obras da Madre Ágreda... Seria a Soror Joana da Trindade († 8.10.1684) a quem escrevia: «se lhe parecem bem os seus livros, siga com o exercicio, o exemplo»? É uma pura hipótese, mas o certo é que Soror Joana da Trindade ouvia ler – e comentava – o que outra religiosa da casa ia copiando: «as doutrinas de Nossa Senhora reveladas a sua serva a Veneravel Soror Maria de Jesus, Abadessa do Mosteiro de Agreda». Dessa leitura e comentários «sobre os mysterios escritos, de tal sorte se retirava inflammada para a sua Oração, que sem saber por onde hia, erão tantas as adorações profundas, que de caminho fazia, que nunca outra Religiosa as pode contar»¹⁶⁵. A notícia é muito interessante, pois nos revela não só duas leitoras da *Mística Ciudad de Dios* e a cópia que na Madre de Deus se fazia dessa obra – o que parece sugerir um ambiente altamente receptivo a esse polémico livro... E, como veremos, não ficará por aqui esse acolhimento. E se soubermos que Soror Joana foi quem «por intercessão de Nossa Senhora alcançara de Deos a graça das Comunhões quotidianas» na

¹⁶³ Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica*, III, 15, 1, ed. cit., 284.

¹⁶⁴ Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica*, III, 14, 33, ed. cit., 269.

¹⁶⁵ Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica*, III, 15, 7, ed. cit., 316.

Madre de Deus¹⁶⁶, talvez aceitemos ver nessa casa um centro de leitoras agredistas..

Confirmemos ainda a sugestão que acabámos de fazer com as leituras da inglesa Soror Helena da Cruz († 2.8.1698) a quem Fr. António das Chagas escreveu, «inspirado por Deos, sem preceder diligencia alguma», em tempos em que ainda «se não communicava com a familiaridade, com que tratou depois algumas religiosas»¹⁶⁷, isto é, em data à volta de 1676, pois Soror Helena, filha de cristãos reformados (luteranos?) vivendo neste País, entrou no mosteiro em 1672¹⁶⁸. Teve Helena da Cruz «particular devoção com a Veneravel Soror Maria de Jesus, singular escritora da Vida de Nossa Senhora, de quem participou a doutrina do que escreveu nos seus livros intitulados *Mystica Ciudad de Dios*; e applicando-se muito à sua lição, com espiritual aproveitamento de sua alma. Gastava horas em fallar na Veneravel Madre...»¹⁶⁹. Compreende-se, deste modo, melhor, a sua «particular devoção à Virgem Maria, contemplando muito de espaço em suas virtudes, e perfeições...»¹⁷⁰.

Soror Maria de S. Francisco († 28.10.1699) «se applicava à lição das *Chronicas da Ordem*, contemplando nas vidas dos santos as suas mayores acções; e elegendo por seu Mestre o Serafico Doutor S. Boaventura, fazia muito por seguir sua doutrina no serviço do coro, refeitório e em todas as cerimoniaes religiosas (que sobre tudo escreveu com sciencia mais que humana); e nesta forma andava sempre advertindo às religiosas o que o santo dizia...». Passemos os comentários do cronista, mas fixemo-nos que Maria de S. Francisco – talvez do nome derivasse esse seu interesse pela história franciscana – era uma leitora das crónicas da sua Ordem. Das *Crónicas da Ordem dos Frades Menores* (Lisboa, 1557 - 1ª P.; 1562 - 2ª P.; Salamanca, 1570 - 3ª P.; Lisboa, 1615, as três *Partes*) de Fr. Marcos de Lisboa? Muito provavelmente, apesar de pelos seus dias já poder contar com os trabalhos de Francisco Gonzaga (*De Origine Seraphicae Religionis...*, Roma, 1587), de Lucas Wadding (*Annales Minorum*, Lyon, 1625). E a confirmar esta nossa convicção está no facto de na *Segunda Parte* dessas *Crónicas* de Fr. Marcos poder, precisamente, ler uma série de obras de S. Boaventura ou a ele atribuídas, inclusivamente o sempre apreciado *Espelho de Disciplina para a criação de Noviços* que nelas ocupa todo o livro

166 Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica*, III, 15, 7, ed. cit., 316.

167 Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica*, III, 15, 17, ed. cit., 352.

168 Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica*, III, 15, 16, ed. cit., 350.

169 Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica*, III, 15, 17, ed. cit., 354.

170 Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica*, III, 15, 17, ed. cit., 355.

terceiro da *Segunda Parte*¹⁷¹. Terá sido a esta Maria de S. Francisco que lembrava Fr. António das Chagas a facilidade com que encontraria «as nossas Chronicas, que são notaveis»^{172?} Infelizmente a carta não tem data nem qualquer outro elemento que permita aproximar-nos, sequer, da simples sugestão.

Soror Maria Madalena de Jesus († 19.3.1701), da Casa dos Condes da Ericeira, além de uma das mais célebres das dirigidas pelo P. António das Chagas, foi uma das mais insignes e fervorosas apoiantes das missões desse seu director. A ela se deve, por exemplo, a eleição do Arcanjo S. Miguel para patrono das missões apostólicas dos varatojanos¹⁷³. Curiosamente, dir-se-ia que nada lia, pois nem a sua larga biografia traçada por Jerónimo de Belém nem as cartas que, publicadas na *Chronica Serafica*, Fr. António das Chagas lhe escreveu¹⁷⁴, não se fazem referências a leituras suas. Com uma única excepção: as *Sagradas Escrituras* e, destas, particularmente o *Saltério*. Por isso, nada admira que, independentemente de poder ser um tópico hagiográfico, o cronista possa dizer que «teve sciencia sem estudo, porque na eschola da Oração aprendeo para saber e ensinar...». Dessa sua meditação no texto sacro derivou a sua «especial intelligencia das Escrituras» que se revelou na concordância dos seus textos, como se prova, diz ainda Jerónimo de Belém, pelas suas obras¹⁷⁵... E estas, de que o cronista dá os títulos, se, além das poesias e das vidas das *Veneraveis Religiosas* [da Madre de Deus] *de mais conhecida virtude*, versaram sobre questões de oração e meditação, também versaram, muito especialmente, sobre o texto dos Salmos, como se podia ver na exposição *Paraphrastica de alguns Psalmos de David em sentido mystico, divididas em duas partes*, livro de que Jerónimo de Belém

¹⁷¹ José Adriano de Freitas CARVALHO, *Das Edições de S. Boaventura em Portugal nos séculos XVI, XVII e XVIII. Semântica de uma Influência na História da Espiritualidade Portuguesa* in *A. I. A.*, XLVII (1987), 131-159.

¹⁷² Fr. António das CHAGAS, *Cartas Espirituaes*, I, 193, 288.

¹⁷³ Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica*, III, 15, 23, ed. cit., 381 e o P. Manuel GODINHO, *Vida, Virtudes, e Morte ... do Veneravel Padre Fr. Antonio das Chagas*, ed. cit. 149, contam, com mais ou menos pormenores, como foi decidido tomar S. Miguel por protector das missões franciscanas; Fr. António das CHAGAS, *Cartas Espirituaes*, I, 28, 44 e I, 32, 51 refere-se a essa devoção e protecção. Em contexto franciscano poderá sempre perguntar-se se esta escolha não será uma marca do profundo franciscanismo que envolve a vida de Fr. António e em que ele procura envolver os seus correspondentes, principalmente religiosas clarissas. Com efeito, como se sabe, Tomás de Celano (2 Cel. 197) pondera «de devotione eius ad angelos, et quid amore sancti Michaelis faciebat, justificando Francisco esta sua devoção ao Arcanjo, porque eo quod animarum repraesentandarum haberet officium», o que se applicava, naturalmente, à acção dos missionários. *Conf. Fonti Francescani* (a cura di E. Menestò e S. Brufani), Assisi, 1995, 615-616.

¹⁷⁴ Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica*, III, 15, 28, ed. cit., 396-398.

¹⁷⁵ Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica*, III, 15, 27, ed. cit., 395.

dá breve resumo descritivo e uma orientação sobre o sentido da paráfrase de cada salmo¹⁷⁶. Tudo em demonstração das suas leituras.

Uma das mais dramáticas biografias que traça Fr. Jerónimo de Belém na *Chronica Serafica* é, sem qualquer dúvida, a de Soror Clara do Santíssimo Sacramento († 15.1.1717). A sua fonte é a própria extensa autobiografia – até 1703 – dessa clarissa que no século foi D. Antónia Margarida de Albuquerque ou de Castelo Branco. Não nos interessam aqui todo os seus sofrimentos no mundo e as tribulações e, como diz na sua *Relação (fiel e verdadeira) que dá da sua vida*¹⁷⁷, as «ruínas espirituais» por que passou no claustro – em algum momento consultou Fr. António das Chagas¹⁷⁸ e o P. Bartolomeu do Quental foi-lhe, igualmente, de grande socorro¹⁷⁹ –, mas apenas as sua leituras. Parecem ter sido bem escassos os livros de que temos a certeza que leu. Se, no mundo, leu, como muitas outras, novelas e comédias – uma realidade passada, muito provavelmente, a tópicos de um itinerário de conversão próprio do cânone hagiográfico –, também leu, mandado comprar a uma feira, em 1665, um *Flos Sanctorum* – possivelmente uma das edições do de Pedro de Ribadeneira (Madrid, 1599-1ª P.; Madrid, 1601 - 2ª P.; Barcelona, 1623 - 1ª, 2ª, 3ª P.) em que, imediatamente, encontrou as vidas de Santa Clara e de Santa Teresa¹⁸⁰. Também sabemos que foi nas obras da Santa de Ávila que, anos mais tarde, já recolhida, como hóspede, no Mosteiro das Comendadeiras de Santos, encontrou «matéria, e luz para o acerto» de «buscar Deus em si mesma»¹⁸¹. Fr. Jerónimo de Belém descuidou de apontar que foi o *Libro de la Vida* que D. Antónia Margarida consultou nessa altura (1676), sem, contudo, como

¹⁷⁶ Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica*, III, 15, 30, ed. cit., 406-408.

¹⁷⁷ Esta *Relação*, amplamente aproveitada por Fr. Jerónimo de Belém (*Chronica Serafica*, III, 16, 1-53, ed. cit., 406-589), deve ser identificada com a sua *Autobiografia*, título com que foi, como já referimos, modernamente editada. Notemos, no entanto, que Fr. Jerónimo de Belém dá como nome de profissão o de Soror Clara do Santíssimo Sacramento, enquanto J. Palma-Ferreira a diz, com apoio em alguma documentação, ao parecer, autógrafo, Soror Antónia do Santíssimo Sacramento. Curiosamente, na sua *Autobiografia* (cap. 56, p. 236) ao lembrar o dia da sua profissão, declara: «Tomei o nome de nossa Madre [Santa Clara], por ordem do P.e Frei Filipe com o apelido do Sacramento, tanto por algumas circunstâncias que observou, quanto por querer que não tivesse do mundo nem o nome».

¹⁷⁸ Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica*, III, 16, 28, ed. cit., 503; Clara do SANTÍSSIMO SACRAMENTO, *Autobiografia*, ed. cit., 266.

¹⁷⁹ Clara do SANTÍSSIMO SACRAMENTO, *Autobiografia*, ed. cit., 526.

¹⁸⁰ Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica*, III, 16, 18, ed. cit., 473; Clara do SANTÍSSIMO SACRAMENTO, *Autobiografia*, ed. cit., 71. Pedro de RIBADENEYRA, *Flos Sanctorum, Tercera Parte*, ed. cit., 522-539 traz a vida de Santa Teresa. Foi por este *Flos Sanctorum* – continuado, como é sabido, e segundo reza a aprovação (Barcelona, 5.2.1643) do P. Vicente Navarro, S. J., pela «diligencia curiosa y curiosidad diligente, y estudio estremado del P. Eusebio Nieremberg» – que terá lido Soror Clara do Sacramento?

¹⁸¹ Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica*, III, 16, 18, ed. cit., 473.

conta na sua autobiografia, se atrever a seguir esses caminhos do recolhimento¹⁸²... Teria continuado na Madre de Deus (entrou em 27.3.1679) a leitura de Teresa de Jesus? Tendo tomado a santa carmelita por sua «mestra espiritual», voltou a ler (1678), pelo menos, algum capítulo dessa obra ou, talvez, algum das *Moradas*¹⁸³, em que a reformadora do Carmelo fala «do tempo das escuridades», indicações que unidas à sua devoção a Santa Teresa poderão, algum dia, ajudar a sublinhar o profundo teresianismo que, tantas vezes, percorre a sua autobiografia. Leu, ainda, não sem antes lhe terem proibido tal leitura, obrigada pelo confessor, o «primeiro e segundo livro da *Subida do Monte Carmelo* de São João da Cruz»¹⁸⁴, obra em que, como declara, não achou quanto necessitava. Pelo contrário, achou «cabal sossego» depois de ler, também por ordem do confessor, a primeira parte da *Noite Escura*¹⁸⁵. Na *Relação da sua vida...* declara, copiando mesmo as passagens que mais a «comoveram», a *Conquista del Reino de Dios* (Madrid, 1595) de Fr. Juan de los Angeles¹⁸⁶. Curiosa e inexplicavelmente algumas destas últimas leituras – *Libro de la Vida...*, *Subida del Monte Carmelo...*, a *Conquista del Reino de Dios...* – são esquecidas – ou silenciadas? – por Fr. Jerónimo de Belém...

Outra grande leitora do mosteiro de Xabregas foi Soror Maria da Purificação († 3.10.1724), que também em noviça ouviu conselhos de Fr. António das Chagas e algum destes bem poderia ter-se traduzido em alguma das suas leituras. Com efeito, como recomendava o varatojano, «applicou-se à lição das vidas dos Santos, e antigos anachoretas, para copiar em si suas virtudes, e exercicios; e no seu modo possível procurava imitá-los em tudo». A «freirinha da Madre de Deos» – epíteto por que era conhecida na corte –, com muita «caridade assistia às moribundas, valendo-se para isso do muito, que tinha lido, especialmente nas obras dos Padres Eusebio, e Luiz Blosio»¹⁸⁷... O que teria lido de Eusebio Nieremberg e de Ludovico Blosio? De todos os modos, sabemos que «lembrada do que havia lido na vida do beato Henrique de Suso de que hum cão que roia hum trapo, e ao mesmo

182 Clara do SANTÍSSIMO SACRAMENTO, *Autobiografia*, ed. cit., 212.

183 Clara do SANTÍSSIMO SACRAMENTO, *Autobiografia*, ed. cit., 212: «... e por último, me mandou [o confessor nas Comendadeiras de Santos] ler o livro de S.ta Teresa e com especialidade o capítulo em que ela [fala? falta no texto impresso] do tempo das escuridades».

184 S. João da Cruz, beatificado por Clemente X em 25.1.1675, foi canonizado por Bento XI em 27.12.1726, pelo que dizê-lo «santo» Soror Clara apenas poderá entender-se por uma questão de veneração piedosa. Ou terá esta classificação a ver com alguma intervenção estranha no texto da *Autobiografia*?

185 Clara do SANTÍSSIMO SACRAMENTO, *Autobiografia*, ed. cit., 191; Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica*, III, 16, 32, ed. cit., 518.

186 Clara do SANTÍSSIMO SACRAMENTO, *Autobiografia*, ed. cit., 427, 433.

187 Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica*, III, 17, 5, ed. cit., 605.

tempo o pizava, por onde o servo de Deos aprendeo o desprezo de si, com este exemplo pedia Soror Maria ao Senhor, com supplicas, e instancias, que a fizesse hum trapo mordido, e pizado, para que ninguem lhe pusesse os olhos...»¹⁸⁸. O exemplo referido vem, precisamente, na *Vida do Beato Henrique Suso*¹⁸⁹, essa tradução da obra de L. Surius por Fr. Luis de Sousa a que já fizemos referência a propósito de outra leitora – Soror Violante de Jesus Maria – da mesma obra no mesmo mosteiro, mas em data tão afastada que não permite que na coincidência se possa ver uma consequência da leitura em grupo ...

Outra leitora de Eusébio Nieremberg foi Soror Brites da Conceição († 16.10.1727). Com efeito, ela, que no «deploravel estado» em que se encontrava na sua última enfermidade, «tinha só o desafogo de buscar livros que lhe servissem para a hora da morte», pediu, nesses últimos dias, «a huma religiosa assistente, que lhe fizesse huns actos de amor de Deos, que trazia nas suas obras o P. Eusebio Niemberg, e porque nellas se não achavão, a mesma enferma resistou o livro e o entregou para se lhe ler o que pedia...»¹⁹⁰. Talvez, com algum cuidado e muita paciência fosse possível identificar esses «actos de amor de Deus», mas o que aqui interessa é sugerir quanto, ao parecer, se vai acentuando, com o correr dos anos, a leitura deste autor jesuíta e, por outro lado, a boa conhecedora das suas obras que se revela essa filha dos condes do Sabugal...

Nada custa, depois de tudo, ceder um tanto às generalizações – e à facilidade... – e aproveitar ainda o que se diz na *Chronica Serafica* sobre essa leitora que foi Soror Teresa Maria de S. José († 8.5.1743). Ela «deu-se muito – diz Jerónimo de Belém – à lição dos livros em que aproveitou tanto, que até escreveu alguns das vidas de muitas religiosas que fallecêrão em seu tempo neste mosteiro...»¹⁹¹. Seguramente, a ficarmo-nos por esta informação, nunca viríamos a saber que livros lera, mas o cronista, ao incluir o seu nome no *Catalogo dos escritores da Provincia dos Algarves* aponta, entre outras de carácter histórico e espiritual que não deverão ser suas, que «traduzio as doutrinas da *Mystica Cidade de Deus*»¹⁹². Para traduzir é preciso ler... Porque terá esquecido, uma vez mais, uma referência «bibliográfica»? De todos os modos, o que parece ter sido mais relevante para Fr. Jerónimo de Belém foi a sua actividade de cronista da casa e, por isso, como de tantas outras – a começar por aquelas que só por terem sido historiadoras das suas casas religiosas são fugazmente recordadas

188 Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica*, III, 17, 3, ed. cit., 600.

189 L. SURIUS, *Vida do Beato Henrique Suso*, ed. cit., 97.

190 Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica*, III, 17, 8, ed. cit., 617.

191 Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica*, III, 17, 32, ed. cit., 687.

192 Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica*, I, «Introdução», ed. cit., CCLXV.

como fontes do historiador da província franciscana dos Algarves – poderíamos igualmente dizer que se aplicaram à lição dos livros... E, ao parecer, nesse plano escandalosamente humano da escrita da História, com não menos proveito...

VIII. A longa busca que fizemos de livros aconselhados e de livros lidos pelas franciscanas portuguesas – clarissas, em particular – no século XVII – com especial acento na sua segunda metade – e nos começos do século seguinte, é, ao nível da quantidade, um pouco decepcionante... Talvez valha, porém, como índice do tipo de obras que se foram preferindo nos mosteiros em que as pudemos localizar. E, neste sentido, teremos sempre que recordar que foram as obras escolhidas pelas melhores – em virtude, evidentemente, que nem sempre em Letras – das religiosas moradoras nessas casas. Evidentemente também, essas obras são, em muitos casos, como acentuámos, apenas algumas das que elas leram... As que tiveram por bem de nos informar nos seus escritos – Teresa da Anunciada..., Clara do Sacramento... – ou as que seleccionaram os seus biógrafos, seguindo, muito possivelmente, o critério de apenas reter aquelas obras que, segundo lhes pareceu – directa ou indirectamente –, foram preferidas das suas biografadas ou melhor explicavam, geralmente por imitação, as suas virtudes e santidade, e até das «escuridades» da sua vida espiritual... Os cronistas, por sua vez, como verificámos com um dos mais atentos à questão da prática da leitura – Fr. Jerónimo de Belém –, encarregaram-se ainda, em nome, talvez, da síntese que estavam a elaborar, de esquecer algumas dessas... Gostaríamos que os exemplos que rapidamente evocámos e analisámos tivessem servido para documentar, algum tanto, esse complexo e complicado mundo da leitura nos conventos e mosteiros, onde se lia por obrigação, por devoção, por obediência, por recreio – e, tantas vezes, no meio de fortes tribulações no corpo e na alma –, mas, sempre, por «dever profissional», já que a leitura vem sempre encarada como uma forma da *ars orandi*... que era a razão de ser da vida religiosa. Fr. António das Chagas, ele, uma vez mais, pode, servindo-se do livro como imagem – ele que os tratava tão mal¹⁹³... – dar-nos a dimensão desse «profissionalismo»: «O que importa, he pormonos na mão de Deos, e deixallo obrar. Faça-se livro: o livro se o dobrão, dobra-se; se o virão, vira-se; se o fechão, fecha-se; se o poem a hum canto, se o abrem pelo meyo, deixa fazer o que quer quem o tem na sua mão...»¹⁹⁴.

¹⁹³ Fr. António das CHAGAS, *Cartas Espirituaes*, I, 92, 149: «Foy prudencia o poupar o livro; que eu tenho essa ruim manha de os dobrar, e assim ficão porque me falta o tempo para aquilo que noto».

¹⁹⁴ Fr. António das CHAGAS, *Cartas Espirituaes*, II, 69, 198.

No entanto, como fomos lembrando, nem sempre as listas das leituras aconselhadas, mesmo por quem tinha autoridade para o fazer, coincidem com as listas que, com as cautelas de análise que ponderámos, se podem estabelecer das leituras que temos a certeza que foram realizadas... Se, contas feitas, para estes anos e, antes de mais, para a Província franciscana dos Algarves, encontramos lidas duas autoras nunca verdadeiramente recomendadas, mas sempre devotamente veneradas – Teresa de Jesus e Maria de Jesus de Ágreda –, onde estão as leitoras de La Puente..., de S. Francisco de Sales..., de Alfonso Rodríguez¹⁹⁵?... E os místicos renano-flamencos, J. Tauler..., J. Ruusbroec..., H. Suso..., H. Herp...? Mesmo sem a preocupação de distinguir as suas obras autênticas das que se atribuíam a alguns deles e apesar de alguma reedição das *Institutiones* taulerianas na segunda metade do século XVII peninsular – *Saludables y verdaderamente divinas Instituciones o Enseñanzas ... del Iluminado Doctor y Sublime Teologo Fr. Juan Taulero...* (Madrid, 1669) – e outra, um tanto tardia para o arco cronológico que aqui considerámos, de J. Ruusbroec – *Obras del Iluminado Doctor y Venerable Padre D. Juan Rusbroquio* (Madrid, 1696-1699)¹⁹⁶ –, não parece, à parte aquela *Vida* de Suso que ficou referida, que os místicos do Norte tenham merecido uma relevante atenção como leitura das religiosas franciscanas. Nem ao nível dos conselhos nem ao das memórias... Ou o que é normal não é notícia? O mesmo não se diga dos livros de alguns dos seus epígonos ou divulgadores, como, antes de mais, um N. Eschio¹⁹⁷ e, até certo ponto, um Ludovico

¹⁹⁵ Fr. Manuel de MARIA SANTÍSSIMA, *Historia do Real Convento e Seminario do Varatojo*, Porto, 1800, 245-246 conta que «dembrado o servo de Deos [Fr. João do Nascimento, depois bispo do Funchal] que a lição espiritual he companheira da devoção, tinha por costume ler cada dia no Seminario hum capitulo dos exercicios de perfeição do V. P. Affonso Rodrigues, e ordenou, que este livro se lêsse à noite no Refeitório de Varatojo». Os factos reportam-se a uma data anterior a 1740, ano em que Fr. João do Nascimento foi nomeado para a sé do Funchal.

¹⁹⁶ Feita pelo Padre Blas López, dos Clérigos Menores, é uma curiosa edição, pois contém interpolações de textos de Tauler..., S. João da Cruz..., Santa Teresa... que seria bem útil estudar no contexto polémico da reacção a Miguel de Molinos... , um aspecto de que não se ocupou Teodoro H. Martín na introdução à sua tradução espanhola das *Obras* de Ruusbroec, Madrid, 1984.

¹⁹⁷ Talvez tenha algum interesse assinalar aqui, completando, ainda que provisoriamente, as que apurou Maria de Lourdes Belchior Pontes, as principais, e ao parecer difíceis de deslindar, edições de N. Esck ao longo dos séculos XVI, XVII e XVIII peninsulares: 1 - *Exercicios Spirituaes e Divinos*, Évora, André de Burgos, 1554 (Trad. de Fr. Cristóvão de Abrantes, O.F.M.); 2 - *Exercicios Spirituaes e Divinos*, Évora, André de Burgos, 1555 (Trad. de Fr. Cristóvão de Abrantes, O.F.M.); 3 - *Catorze exercicios espirituas* [junto com Tauler, *Meditações da Paixão de Cristo*], Évora, André de Burgos, 1554 (Trad. de Fr. Bernardino de Aveiro, O.F.M., edição altamente duvidosa); 4 - *Exercicios Divinos ... Explicados por Fr. André Ximenez*, Madrid, (?), 1613; 5 - *Exercicios Divinos ... Explicados por Fray Juan Ximenez...*, Zaragoza, Juan de Lanaja y Quartanet, 1625; 6 - *Exercicios Divinos ... Explicados por Fray Juan Ximenez...* Alcalá de Henares, Andrés Fernandez de Castro, 1665; 7 - *Exercicios Divinos ... Explicados por Fray Juan*

Blosio¹⁹⁸... São questões que podem suscitar outras, provavelmente, ainda mais impertinentes... Porque não aconselha, nas *Cartas Espirituaes*, evidentemente, a leitura de Fr. Luis de Granada, autor que «cidiu» o seu abandono do mundo?¹⁹⁹ E porque nunca se refere a Santa Gertrudes de quem se diz ter lido, durante a viagem para o Brasil, a «vida»²⁰⁰ e cujas *Insinuaciones Divinae Pietatis* foram bem divulgadas na Península? Quem lia a *Arte de Orar* (Coimbra, 1630) do P. Diogo Monteiro, S. J..., o *Tratado do Anjo da Guarda* (Évora, 1621) do Padre António de Vasconcelos, S. J..., a *Milicia Cristiana* (Salamanca, 1596) de Sebastião Gomes de Figueiredo..., a *Arte Espiritual* (Lisboa, 1649) de Fr. Paulo de Vasconcelos e outras obras de outros «professores e mestres do espírito» que recorda Francisco Manuel

Ximenez, [Sevilla] (Impresso en Alcalá de Henares y por su original en Sevilla), Florencio J. Blás de Quesada, s.a.; 8 - *Exercicios Espirituaes das tres vias*, Lisboa, António Craesbeck de Melo, 1669 (Trad. de Diogo Vaz Carrilho); 9 - *Exercicios Divinos*, Lisboa, 1714; 9 - *Exercicios Espirituaes*, Lisboa, Of. de Francisco da Silva, 1746 (Trad. de Diogo Vaz Carrilho, *Novamente correcta e emendada de muitos e gravissimos erros*). Agradeço a Pedro Cátedra a sua contribuição para que esta sumária lista esteja menos incompleta.

¹⁹⁸ Maria de Lourdes Belchior PONTES, *Fr. António das Chagas. Um Homem e um Estilo...*, ed. cit., 379, n° 15 pensa que «rara era a biblioteca de convento quer não tivesse entre os livros de doutrina ascético-mística Taulero, Ruysbroeck, Blósio, etc.», remetendo, como exemplo, para a livraria de Xabregas (Madre de Deus?, S. Francisco?) e para a livraria das carmelitas do convento de Santo Alberto. Não sabemos se hoje a nossa querida e Ilustre Mestra manteria a mesma opinião, mas, por nossa parte, estaríamos dispostos a sublinhar que, se, por um lado, como que confirmando essa intuição, as concepcionistas de Braga possuíam L. Blósio (2 edições das suas obras em castelhano: Madrid e Gerona, 1619) e os *Exercicios Divinos* de N. Eschio (Lisboa, 1714), já de Tauler e de Ruysbroeck não parecem ter tido qualquer edição... Do mesmo modo, os franciscanos de Santo António de Caminha, os de Santo António de Ponte de Lima e os dominicanos de Santa Cruz de Viana do Castelo, a julgar pelos inventários das suas livrarias feitos à raiz da exclausuração, tão pouco parecem ter possuído esses autores. Poderá tirar-se, como simples sugestão sequer, alguma conclusão? No estado actual dos estudos sobre as bibliotecas religiosas tal não parece ser recomendável...

¹⁹⁹ Manuel GODINHO, *Vida, Virtudes, e Morte... do Venravel Padre Fr. Antonio das Chagas...*, ed. cit., 13; Maria de Lourdes Belchior PONTES, *Fr. António das Chagas. Um Homem e um Estilo...*, ed. cit., 1-5 procurou precisar a vaga indicação do biógrafo do Padre Chagas e propôs, com sumo acerto, que as «obras spirituaes» que decidiram a conversão de António da Fonseca Soares devem identificar-se, antes de mais, com o *Guia de Pecadores*.

²⁰⁰ Manuel GODINHO, *Vida, Virtudes, e Morte... do Veneravel Padre Fr. Antonio das Chagas...*, ed. cit., 12: «Hua só cousa acho dita por elle mesmo, annos depois, a huma Religiosa, e foi: Que o Mestre da nao, em que hia, lhe dera em certa occasião, que o apertava a melancolia, para ler, a vida de Santa Getrudes». A ida para a Baía deu-se em 1653 – ou, pelo menos, no Verão desse ano já lá se encontrava, Conf. Maria de Lourdes Belchior PONTES, *Fr. António das Chagas. Um Homem e um Estilo...*, ed. cit., 27 – e por estas datas as propriamente biografias da Santa de Helfta ainda não existiam, pois a do P. Alonso de Andrade, matriz de outras, só aparecerá em 1663, Teremos de pensar que por «vida» entendeu Fr. António e o seu biógrafo alguma das já antigas edições (Salamanca, 1603; Salamanca, 1605; Valladolid, 1607; Madrid, 1614; Sevilla, 1616) da tradução das *Insinuaciones Divinae Pietatis* por Fr. Leandro de Granada, O. S. B. Conf. José Adriano de Freitas CARVALHO, *Gertrudes de Helfta e Espanha. Contribuição para o estudo da história da espiritualidade peninsular*, Porto, 1981.

de Melo²⁰¹? De todos os modos, com os matizes que se julgarem pertinentes, o que a amostra que apresentámos do mundo da leitura por parte de algumas religiosas em alguns mosteiros pode sugerir é a variedade de autores e de obras que, entre aconselhados e lidos, poderiam ter sido ou foram mesmo lidos... Com efeito, embora, por algumas das limitações apontadas e por outras que, como assinalámos, nos impusemos, e por razões de ordem metodológica que presidiam à leitura espiritual – ler poucos livros, mas fazê-lo meditando –, conheçamos apenas algumas dessas leituras, o seu conjunto parece permitir pensar que raramente uma ordem religiosa se sentia vinculada aos *seus* autores... Talvez se tenha podido verificar o peso de algumas invasões de certos autores... Da Companhia..., do Carmelo..., de algum epígono dos místicos renano-flamencos... Por outro lado, talvez, estas notas tenham permitido – muito parcialmente, estamos certo – vislumbrar como se ia fazendo – e tantas vezes, impondo – a selecção das leituras, escolha em que a orientação de directores espirituais e de confessores foi, não poucas vezes, acompanhada – quando não equilibrada – pela influência de certas personalidades gozando da fama de grandes virtudes e santidade. Gente que, por sua vez, necessita de ser estudada...

E, desde este ponto de vista, continua a ser plenamente válido, quase cinquenta anos depois, voltar a lembrar que «só quando tivermos notícia do que liam os homens de Seiscentos, será possível estabelecer relações de autor para autor e esboçar o programa da religiosidade daquele tempo»²⁰².

José Adriano de Freitas Carvalho

Abstract

If it is difficult to ascertain the type of texts read in the Early Modern Age, it is far more complex and difficult to study which texts were being read in convents, especially by nuns, due to the rigid rules by which those places were governed and the difficulty in having access to such sources. It was the responsibility of a large group of people to select and guide the reading of the accepted texts: perceptresses of novices, confessors, spiritual mentors, etc. The analysis of the list of recommended texts and of the aspects that should guide the way to read them found in the letters of an illustrious Franciscan, Friar António das Chagas († 1682), to his many pupils, lead us to establish de corpus of recommended texts and compare them with those mentioned in some biographies of devout people of that same period included in conventual chronicles.

²⁰¹ Francisco Manuel de MELO, *Cartas Familiares*, Roma, 1664 (ed. e notas de Maria da Conceição Morais Sarmento), Lisboa, s. a. (1980), 409-422 (nº414, datada de 24.8.1650)

²⁰² Maria de Lourdes Belchior PONTES, *Fr. António das Chagas...*, ed. cit., 340.

D. Manuel de Portugal, leitor de Fr. Rodrigo de Deus, O. F. M.*

1. O leitor que se acerca do texto dos *Motivos Espirituaes*, um tratado que Fr. Rodrigo de Deus quis tão despretenso e humilde quanto prático e eficaz nos seus objectivos imediatos, depara, à entrada, com duas das mais significativas figuras literárias portuguesas de finais do século XVI e inícios do século XVII. Fr. Agostinho da Cruz acolhe-o com dois dos primeiros sonetos que deu à estampa¹, enquanto D. Manuel de Portugal se lhe dirige com um dos dois únicos sonetos impressos fora das *Obras* de 1605². Na antecâmara de obra tão modesta, não deixa de surpreender a presença de tais figuras. Qualquer leitor moderno poderá legitimamente perguntar o que fazem aqui, neste limiar de páginas inumeradas que estabelece a ligação entre o «Prologo que declara o intento do Author» e o texto em que este se dirige «Ao pio leitor», esse eremita, místico a espaços, e este venerável fidalgo velho dado à poesia, agora apenas religiosa³.

A resposta parece simples, no caso de Frei Agostinho da Cruz. Por estes anos de 1611, quando sai a 1ª edição dos *Motivos Espirituaes*⁴, ele é um dos membros mais ilustres e queridos dos franciscanos arrábidos, o ramo dessa numerosa família religiosa em que também Frei Rodrigo de Deus professara aos 21 anos, em 1568. Uma outra vez, quando publicar os versos

* Investigação subsidiada por JNICT/PRAXIS XXI.

¹ Anteriormente a estas composições, haviam sido incluídos na 1ª edição d'*O Lima* de Diogo Bernardes (Lisboa, em casa de Simão Lopes), o soneto «Do Lima, donde vim já despedido» e a carta «Se tanto penetrou toda dureza» e na 1ª edição das *Rimas Várias. Flores do Lima* (Lisboa, Manoel de Lyra, 1597) a "Elegia à morte de Diogo Bernardez seu irmão", que começa «Claras agoas do nosso doce Lima».

² Impressas em Lisboa, por Pedro Craesbeeck. O outro soneto, publicado em 1595 n'*As obras do celebrado lusitano o doutor Frãncisco de Sá de Miranda* (Lisboa, por Manuel de Lyra), é o que dedicou à morte do poeta do Neiva, com o *incipit* «Alma Felice, a nós alto decoro». Não consideramos, evidentemente, os sonetos que foram atribuídos a Camões e que, por isso, foram impressos como obras do épico português.

³ Os sonetos estão sempre presentes entre os preliminares, embora a sua localização concreta seja diferente de edição para edição. Na de 1633, por exemplo, encontram-se entre a licença do provincial, Fr. Jácome Peregrino, e o «Prologo que declara o intento do Autor».

⁴ Impressa em Lisboa, por Pedro Craesbeeck, a obra seria reeditada, sempre na capital, em 1620, pelo mesmo impressor, em 1633, por António Álvares, em 1656, por Henrique Valente de Oliveira, em 1674, por António Craesbeeck e, por último, em 1723, na Oficina de Francisco Xavier de Andrade. O texto que utilizamos é o da edição de 1633.

do *Tratado dos Passos que se andão na Quaresma*, em 1618⁵, há-de recorrer aos préstimos literários do poeta da Arrábida para desempenhar idênticas funções. A mesma família religiosa, o mesmo interesse por versos, ainda que com resultados muito díspares, e, sobretudo, a mesma devoção à humanidade de Cristo são motivos bastantes para justificar que o leitor de Frei Rodrigo de Deus encontre, na entrada do livro, o testemunho empenhado de Frei Agostinho da Cruz. Familiar do autor e afeiçoado ao tema, o poeta da Arrábida seria o guia ideal para conduzir o recém-chegado. Respondendo a esta função, começa por salientar, no primeiro soneto, a utilidade da obra, tanto para os leitores quanto para o autor: o proveito de quem ler será contabilizado por Deus a favor de quem compôs:

«Aquelle que na vinha do Senhor
Trabalha por cavar proveito alheo
Tanto do proprio seu fica mais cheo,
Quanto mais do commum foi cavador.»⁶

Deus não deixará de retribuir com o justo salário este trabalho, que, pelo seu didactismo e imediata aplicabilidade prática, tão útil pode ser aos leitores na sua vida espiritual:

«Aqui nesta doutrina claramente
Se ensina, por que via como, e quando,
Offerta faz a Deos mais excellente

Todo o que dignamente comungando
Offerece a Deos Padre omnipotente
Seu Filho, sua gloria acrescentando.»⁷

Feitas as apresentações e anunciado o conteúdo, o segundo soneto mostra-se mais directo e apelativo. Assentando a sua estrutura na apóstrofe aos leitores, Frei Agostinho da Cruz incita-os a penetrarem no texto, recorrendo a uma estratégia de convencimento que passa pela exposição, ainda que implicitamente, da sua experiência íntima de leitura. Num registo emotivo, acentuadamente marcado pela afectividade característica da sua sensibilidade, o poeta resume a interpretação que faz dos *Motivos*

⁵ Também nesta obra dois sonetos de Frei Agostinho da Cruz servem de proémio. São os sonetos «Se queres, ó cristão, gozar da glória» e «Os passos, que de dores trespassado».

⁶ *Motivos Espirituaes*, Lisboa, Antonio Alvarez, 1633, fol. inumerada.

⁷ *Motivos Espirituaes*, ed. cit., fol. inumerada.

Espirituaes quando se lhe refere como «Motivos santos amorosos». Ao alterar-lhe o título, Frei Agostinho da Cruz apropria-se do tratado de Frei Rodrigo de Deus, fá-lo seu, num processo que a sua condição de leitor lhe permite e que fica patente no uso que faz da 1ª pessoa gramatical, no último verso:

«O alto sacrificio de honrar digno
A nos tam proveitoso a Deos aceito,
Cõ que he toda a Trindade engrandecida,

Sagrada Hostia, viatico divino
Que offerecida ao Padre em effeto,
Lhe dou gloria infinita, e sem medida.»⁸

Este segundo soneto resulta, assim, não só num apelo, mas também numa preparação para a leitura, na medida em que sintetiza a experiência pessoal de quem acaba de ler e a transmite a quem se apresta para realizar tarefa idêntica. Este espaço de passagem que conduz ao texto propriamente dito é, justamente, o lugar ideal para uma troca de experiências como esta. Espaço de convivialidade, é nele que se cruza quem sai, cumulado, do texto, com quem nele se apresta para entrar. A afinidade de interesses e de perspectivas sobre o mundo que aqui os reuniu, favorece o espírito de família que emerge da forma como Frei Agostinho da Cruz interpela os náveis leitores, evoluindo daquele «Vos» inicial com que os apostrofa para o «nos» com que, no verso 10, os assimila plenamente.

Encontrar o irmão de Diogo Bernardes em tal contexto nada tem, pois, de extraordinário. Quase diríamos que é uma presença esperada. Mas como justificar que aqui encontremos também D. Manuel de Portugal? Que afinidades o permitem? E como explicar que tenha escrito um soneto «a esta obra» quem, em 1611, já estava morto há 5 anos⁹?

2. Já tivemos oportunidade, num trabalho anterior, de salientar que a sensibilidade religiosa e as tendências místicas de D. Manuel de Portugal não podem ser consideradas uma típica preocupação de fim de vida¹⁰.

⁸ *Motivos Espirituaes*, ed. cit., fol. inumerada.

⁹ De acordo com A. Cactano de Sousa e Barbosa Machado, faleceu em 25 de Fevereiro de 1606. Cf. *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, Atlântida, Coimbra, s/d, X, 471 e *Biblioteca Lusitana*, Lisboa, 1741-1759 (aliás, Atlântida, Coimbra, 1967), III, 345.

¹⁰ Tomamos a liberdade de remeter para o nosso trabalho *Poesia de D. Manoel de Portugal – I. Prophana*, Porto, Instituto de Cultura Portuguesa; Faculdade de Letras do Porto, 1991. Vejam-se, em particular, as páginas XIX a XXII. Veja-se, ainda, o que escreve Mário MARTINS, S.J., em *A*

Contribuindo para desenhar o mosaico das suas relações espirituais, Maria Lucília Gonçalves Pires lembra que um factor de índole biográfica no-lo mostra relacionado, por laços familiares, com o autor de uma obra como o *Livro de doutrina espiritual*, Francisco de Sousa Tavares¹¹. Com efeito, a filha deste, D. Madalena de Vilhena, casaria com D. João de Portugal em 1568, 4 anos depois da publicação desse livro em que se reflectem as preocupações espirituais de um grupo de leigos fidalgos portugueses do século XVI, entre os quais podemos incluir a mãe de D. Madalena, D. Maria da Silva, e Jorge da Silva, parente desta. O segundo filho de D. Manuel de Portugal materializava, pelo matrimónio, a ligação dos Vimioso com um fidalgo que, segundo José Adriano de Carvalho, era «uma influente personalidade em círculos de alta espiritualidade (...) e chefe de uma família em que a espiritualidade não foi apenas um conjunto de exercícios de piedade, mas ainda uma luz que, não sem uma ponta de mistério, se projectou nos caminhos do seu futuro»¹².

Mais do que esta união familiar, será significativa de uma verdadeira sintonia em domínios espirituais a identidade de objectivos que perseguem os tratados dedicados à temática da oração que Sousa Tavares e D. Manuel de Portugal publicaram. Se o primeiro terá procurado «fazer um «tratado» que fosse, ao mesmo tempo, prático, repleto de conselhos de bom senso nos caminhos da espiritualidade, e uma síntese (...) de diversas orientações e, logo, de linguagens»¹³, o autor do *Tratado breve da Oração* é o primeiro a confessar que o seu texto, longe de pretender a originalidade, mais não é do que uma «breve summa de doutrina de tão grandes e cathólicos doutores, os quaes todos vão alegados e, onde não vão, he sancta doutrina que recolhi de livros espirituales, impressos, aprovados e autênticos»¹⁴. Sobrepondo-se à expressão de iguais intenções antológicas e de divulgação, merecerá realce a coincidência das autoridades a que recorrem os dois autores: S. João Damasceno, S. Tomás de Aquino, S. João Crisóstomo, S. Bernardo, Pseudo-Dionísio, Tauler... e, dominando sobre todos, S. Boaventura. Também o *Tratado* de D. Manuel de Portugal se poderá enquadrar, como alerta José Adriano de Carvalho a propósito de

poesia mística de D. Manuel de Portugal, separata da *Revista da Universidade de Coimbra*, vol. 19º, Coimbra, 1960.

¹¹ Cf Maria Lucília Gonçalves PIRES, *D. Manuel de Portugal*, in *Antologia de Espirituais Portugueses*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1994, 420. A obra de Sousa TAVARES foi impressa em Lisboa, por João Barreira, em 1564.

¹² José Adriano de CARVALHO, *Francisco de Sousa Tavares*, in *Antologia de Espirituais Portugueses*, ed. cit., 208.

¹³ José Adriano de CARVALHO, *Francisco de Sousa Tavares*, in *Antologia de Espirituais Portugueses*, ed. cit., 212.

¹⁴ D. Manuel de PORTUGAL, *Obras*, ed. cit., fol 465v-466.

Sousa Tavares, «numa «tradição» que por muito que deva aos «místicos nórdicos», inclusivamente através do seu grande divulgador Ludovico Blosio, pertence a uma tradição franciscana que consolida e divulga S. Boaventura», enquanto fonte de espiritualidade¹⁵. É mesmo provável que D. Manuel tenha lido a obra de Sousa Tavares, dado o convívio que o referido matrimónio deixa pressupor e a identidade de preocupações espirituais que os referidos textos manifestam. Mas, se tal leitura concreta não pode ser mais do que especulada, acentuemos que ambos enfileiram entre os divulgadores de práticas espirituais de raiz franciscana.

A aproximação do Vimioso aos franciscanos reformados da serra da Arrábida é um facto que podemos datar, pelo menos, de 1556, quando estes frades aceitaram que o fidalgo custeasse a construção do convento de Nossa Senhora de Jesus, perto de Santarém, «em terra da sua Quinta, junto ao Lugar de Val de Figueira.»¹⁶ Os termos em que o cronista da Província da Arrábida refere o facto, dando a entender que houve uma forte insistência do doador¹⁷, permitirá, sem grandes dificuldades, fazer recuar de alguns anos a admiração do fidalgo por estes religiosos. Sem deixarmos de ter em conta que esta protecção a uma ordem reformada nada tem de singular entre a alta nobreza do Portugal quinhentista, retenhamos, ainda assim, que, desde aproximadamente os seus trinta anos, D. Manuel de Portugal alimentava um contacto directo e documentado com a família religiosa de Frei Agostinho da Cruz e de Frei Rodrigo de Deus. Não seria, por isso, um estranho para o autor dos *Motivos Espirituaes*. À nomeada que angariara como poeta entre os seus contemporâneos deveria somar-se a de homem devoto e consumidor habitual de obras espirituais. Com efeito, desde 1574 que corria, manuscrito, o seu *Tratado breve de Oraçam*, como atesta a licença de Fr. Bartolomeu Ferreira:

«Li este caderno de exercicios do amor de Deos, & oração, & pareceome sümamente bem, & conforme â doutrina dos santos, especialmente â doutrina de São Thomas, & São Boaventura, por onde julgo que se pode cõmunicar & ler conforme â decima regra do catalogo Tridentino 18. de Ianejro de 1574.»¹⁸

¹⁵ José Adriano de CARVALHO, *Francisco de Sousa Tavares*, in *Antologia de Espirituais Portugueses*, ed. cit., 212.

¹⁶ Cf. Fr. António da PIEDADE, *Espelho de Penitentes e Crónica da Província de Santa Maria da Arrábida*, Lisboa, José António da Silva, 1728, I, 213.

¹⁷ Fr. António da PIEDADE escreve: «No anno de 1556 (...) prevaleceo a devoção de D. Manoel de Portugal, para que lhe accettassemos hum Convento, que nos queria fundar em terra da sua Quinta (...)» (*Espelho de Penitentes...*, ed. cit., I, 213).

¹⁸ D. Manuel de PORTUGAL, *Obras*, ed. cit., fol. 459v.

1556... 1568... 1574... Três pontos de referência num percurso espiritual que vai aproximando o fidalgo das páginas vestibulares do tratado do frade arrábido. Se bem o esboçamos, tornou-se visível o quadro onde se explica, com naturalidade, a apetência de D. Manuel de Portugal por um texto como o que Frei Rodrigo de Deus fez imprimir pela primeira vez em 1611. Resta uma última dificuldade, de ordem puramente cronológica: falecido em 1606, é impossível que o autor das *Obras* tenha visto impresso o tratado do arrábido.

Efectivamente, temos de reconhecer esta impossibilidade material; mas é provável – arriscar-nos-íamos até a afirmar que é certo, por razões que tentaremos explicar adiante – que tenha tido acesso a uma versão manuscrita do texto que viria a ser publicado sob a designação de *Motivos Espirituaes*. Que tal versão existiu e que correu entre um público interessado e em certa medida vasto, o próprio autor o confirma no texto em que se dirige «Ao pio leitor»:

«Ha muito tempo que trago no pensamento estas considerações do Sanctissimo Sacramento, sem ter nunca proposito de as imprimir. Porem como a materia de si he tam vtil, & suaue, (...) fiz alguns summarios, que aprouados polo Santo Officio, & com licença sua communiquei de letra de mão a muita gente deuota, assi neste Reyno, como fora delle.»¹⁹

Esta afirmação de Frei Rodrigo de Deus é objecto da atenção de José Adriano de Carvalho, no trabalho que lhe dedicou já lá vão 30 anos²⁰. No capítulo VI desse artigo, ao tratar da repercussão dos *Motivos Espirituaes* em Espanha, o autor formula um conjunto de interrogações, a propósito da utilização que Fray Juan de los Angeles terá feito da obra do arrábido português, que, em parte, poderíamos repetir em relação à possibilidade de se ter verificado uma leitura do mesmo texto por D. Manuel de Portugal²¹. Levando em conta a data de morte do fidalgo português, seria

¹⁹ Frei Rodrigo de DEUS, *Motivos Espirituaes*, ed. cit., fol. inúmeradas.

²⁰ José Adriano de CARVALHO, *Para a História da Espiritualidade em Portugal: os «Motivos Espirituaes» de Fr. Rodrigo de Deus e sua repercussão em Espanha*, in *Itinerarium*, Ano XIV, n.º 59, Janeiro-Março, 1968, 49-102. O mesmo autor volta a ocupar-se do arrábido português e do seu texto nas páginas 397-403 de *Gertrudes de Helfta e Espanha. Contribuição para o estudo da história da espiritualidade peninsular nos séculos XVI e XVII*, Porto, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1981.

²¹ José Adriano de CARVALHO interpreta a referência de Frei Rodrigo de Deus a Fr. Juan de los Angeles como uma «representação de créditos» sobre o texto que o autor da *Lucha Espiritual* terá utilizado. Se a nossa leitura está certa, quando o autor dos *Motivos Espirituaes* escreve «Muyta parte delle me foy tirado, vendo que o muy docto, & veneravel Padre Frey Ioam dos Anjos da reformadissima Prouincia de Sam Joseph em Castella, os estimou em tanto, que os ouue por dignos de os authorizar, & honrar, metendo algũas clausulas delles no seu deuoto liuro da Luta Espiritual», não deve entender-se que queira dizer que «o livrito» lhe foi tirado, mas sim «o arreceo, que o conhecimento de minha pouquidade, & insufficiencia me representavam». Como se compreende,

impossível que este conhecesse a edição impressa, do mesmo modo que o autor da edição de 1600 da *Lucha Espiritual* a não poderia ter utilizado. Assim, o que um e outro leram foram esses «sumários» que Frei Rodrigo de Deus refere, e que correriam, provavelmente, sob um título diferente do do texto impresso. A designação que Fr. Juan de los Angeles regista — «Sentimentos admirables de un religioso sacerdote acerca del Santissimo Sacramento» — não deveria destinar-se a encobrir a dívida em relação ao frade português²², mas correspondia, muito provavelmente, ao título com que corria a edição manuscrita — como é sabido, são numerosos os casos em que o título do manuscrito não coincide com o da obra impressa ou, pelo menos, é corrente não o citar com o mesmo título. A confirmar esta suposição está a forma como D. Manuel de Portugal se refere à obra no soneto incluído na edição de 1611 — «esta obra do diuino Sacramento» — e que contrasta com a alusão de Fr. Agostinho da Cruz ao título correcto. Atente-se igualmente na expressão que Frei Rodrigo de Deus utiliza para se referir a essa versão manuscrita do seu trabalho: «considerações do Sanctissimo Sacramento» e poderá concluir-se que só quando preparou a edição impressa encontrou o título de *Motivos Espirituaes* para designar a obra. Fosse com que título fosse, o que de momento nos interessa reter é que

esta precisão não invalida que o arrábido português possa ter querido, indirectamente, aludir à utilização que o franciscano espanhol tinha feito do seu texto, nem põe em causa qualquer das conclusões ou interrogações que o articulista formula; serve apenas para, no integral respeito da sintaxe, restituir ao discurso do frade arrábido aquela atitude de humildade que, se entendermos «o livrito» como antecedente do pronome, pareceria ter sido suplantada por um arroubo de orgulho autoral.

Uma vez que estamos em maré de corrigir imprecisões, registre-se que a 1ª edição impressa dos *Motivos Espirituaes* data de 1611, como regista a *Bibliografia cronológica da literatura de espiritualidade em Portugal (1501-1700)*, Porto, Instituto de Cultura Portuguesa, 1988, nº 785, uma obra dirigida pelo autor do artigo que temos vindo a referir e para quem, evidentemente, esta informação não é novidade. Desta 1ª edição pudemos localizar um exemplar na Biblioteca Pública e Universitária de Braga (cota : Res 198 A). Também neste caso, a informação não tem consequências relativamente às conclusões apresentadas no artigo de 1968, antes confirmando o acerto dos raciocínios então apresentados e que permitiam ao autor propor que «a obra de Fr. Rodrigo é ou de 1608 ou de data posterior que pode ser mesmo depois de 1611». Não poderia andar mais perto da verdade, se tivermos em conta a data da 1ª edição. Ainda assim, poderia ter aproveitado o facto de se incluir na edição dos *Motivos Espirituaes* um soneto de D. Manuel de Portugal dedicado a esta obra para estabelecer o limite *ad quem* da sua redacção. É verdade que a data da 1ª edição da *Lucha Espiritual* e da estada de Fr. Juan de los Angeles em Portugal foram suficientes para fundamentar os seus raciocínios, mas um argumento mais, que os reforçasse, não parece que fosse de desprezar...

²² Aludimos, naturalmente, à afirmação de José Adriano de CARVALHO de que «há que confessar que Fr. Juan de los Angeles aproveitou a obra de Fr. Rodrigo de Deus na «*Lucha Espiritual*» encoberta a citação pelo vago título de «Sentimentos admirables de un religioso sacerdote acerca del Santissimo Sacramento» e que formam, como bem aponta Rodrigo de Deus, o Apêndice ao Cap. XIII dessa obra de Fr. Juan de los Angeles.» (*Para a História da Espiritualidade em Portugal: os «Motivos Espirituais» de Fr. Rodrigo de Deus*, art. cit., 93.

a obra terá sido conhecida por Fr. Juan de los Angeles antes de 1600, provavelmente durante a sua estada em Portugal nos anos de 1592-1593²³. Pelos mesmos anos a conheceu D. Manuel de Portugal, que fazia seguramente parte dessa «muita gente devota» a quem o autor diz tê-la comunicado, e concentrou no soneto que acompanha a edição de 1611 a forma como a leu. Quando atentamos nesses 14 versos, parece-nos que o velho fidalgo terá visto nos «sumários» uma arma eficaz com a qual poderiam os católicos combater as heresias que punham em causa a presença real de Cristo na hóstia consagrada:

«Em tam asperos tempos, tam crueis,
Esta alta inspiraçam de tal conceito
Destesla vos Senhor âquelle peito,
Que cella vossa gloria entre os fieis,

Contra os Anjos immundos, & infieis,
Traidores a fe, por seu respeito,
Que dizendo creem, negam defeito
A ao que obrando dixestes, tam rebeis.

Este spirito os encontra celebrando
Com esta obra do diuino Sacramento,
Que voar ao Ceo com ella ensina.

O alta inspiraçam, diuino intento,
Pois da modo ao fiel, que assi va dão
Ao altissimo Deos gloria diuina.»²⁴

A leitura militante e combativa que o soneto reflecte não deixa de estar adequada à personalidade de um fidalgo que chegou a ser apresentado por Cristóvão de Moura a Filipe II como «el que da las traças para que Portugal se deffenda de Castilla»²⁵. Aliás, ela valoriza uma das dimensões que o texto dos *Motivos Espirituaes* apresenta, nomeadamente no Cap. XI da *Terceira Parte*:

«Alem da certeza infaliuel, que por authoridade, & testemunho de Christo temos de estar o seu Santissimo corpo, & sangue, & pelo

²³ Cf. José Adriano de CARVALHO, *Para a História da Espiritualidade em Portugal: os «Motivos Espirituais» de Fr. Rodrigo de Deus*, art. cit., 93-99.

²⁴ Frei Rodrigo de DEUS, *Motivos Espirituaes*, ed. cit., fol. inumeradas.

²⁵ Luis de Sá FARDILHA, *Poesia de D. Manoel de Portugal*, ed. cit., XVIII.

consequente toda a essencia diuina no venerauel Sacramento, porque o mesmo Senhor Iesus tomando o pão em suas mãos disse: Este he o meu corpo, & tomando o Calix com vinho, disse: Este he o meu sangue, & não temos necessidade de mais authoridade, nem testemunho pera crermos esta verdade tão certa. Com tudo pella grande fraqueza humana, que muytas vezes parece, que não quer crer, se não o que quasi vê com os olhos, & palpa cõ as mãos, quis o Senhor aprouar esta verdade com muytos milagres, mostrando aos olhos corporaes como elle depois das palauras da Consagração está verdadeiro Deos, & verdadeiro homem no Santissimo Sacramento dos quais se poem aqui os seguintes, pera consolação, & mais firmeza dos Christãos, & confusão dos hereges, que não crem este diuino mysterio.»²⁶

O conjunto de *exempla* que compõem este capítulo terá impressionado o antigo combatente partidário de D. António, prior do Crato, despertando-o para outras lutas, mais de acordo com as preocupações que as *Obras* impressas em 1605 reflectem. A diversidade das leituras que os sonetos de Frei Agostinho da Cruz e de D. Manuel traduzem parece, pois, adequar-se à diferença de sensibilidades destes dois leitores. Não podemos, contudo, deixar de ponderar uma hipótese levantada pelo confronto que José Adriano de Carvalho fez entre os textos de Fr. Juan de los Angeles e de Frei Rodrigo de Deus: a de que o texto dos «sumários» manuscrito fosse substancialmente diferente do texto impresso. Como sugere esse confronto, «Fr. Rodrigo de Deus deve ter transformado o seu texto não só no que se refere à forma, mas também no que diz respeito à estrutura da obra.»²⁷ Em tais condições, poderia conjecturar-se que o texto manuscrito seria mais combativo e empenhado na luta contra as heresias do que o texto impresso, diferença que os sonetos reflectiriam... Uma hipótese que parece não ter viabilidade, porque os ecos que o texto manuscrito deixou na obra de Fr. Juan de los Angeles não a confirmam. Além disso, o soneto publicado em 1611 não é o único testemunho da leitura que D. Manuel de Portugal fez do texto do frade arrábido, nem sequer é o único poema que tal leitura sugeriu.

3. Na edição das *Obras* de D. Manuel de Portugal, depois do *Tratado breve da Oração*, aparece um último texto encimado pela epigrafe «ADDICAM DE COMO AVEMOS / de offercer o filho de Deos a seu / pay eterno.» Este texto, que ocupa 13 fólhos não numerados, colocados no fim do volume, depois do fólho 489, que é o último numerado, parece ser um

²⁶ Frei Rodrigo de DEUS, *Motivos Espirituaes*, ed. cit., fol. 119-119v.

²⁷ José Adriano de CARVALHO, *Para a História da Espiritualidade em Portugal: os «Motivos Espirituais» de Fr. Rodrigo de Deus*, art. cit., 95-96.

acrescento, não ao *Tratado* – como refere Maria Lucília Gonçalves Pires²⁸ –, mas antes ao conjunto das *Obras*. Além de contrastar com o tipo de espiritualidade interiorista e avessa a práticas exteriores que o *Tratado* propõe, esta «Adição» está centrada na valorização da humanidade de Cristo, a qual «é quase inexistente» naquele texto, «limitando-se a uma breve referência», como notou M. Lucília Gonçalves Pires²⁹. Acrescente-se que a «Adição» integra três composições poéticas – duas quadras, uma em português e outra em castelhano, e uma esparsa –, o que não acontece no texto do *Tratado*.

Ao que nos parece, o texto da «Adição» não é outra coisa senão um conjunto de apontamentos sugeridos pela leitura dos «sumários» manuscritos em que Fr. Rodrigo de Deus apresentou «a muita gente devota» as suas «considerações do Sanctissimo Sacramento». Quando os pomos lado a lado, não podemos deixar de perceber num texto os ecos do outro:

Fr. Rodrigo de Deus, *Motivos
Espirituaes*

«TERCEIRA PARTE. Que contem a intença, e modo com que deuemos offerecer a Deos seu vnigenito Filho, quando no Sacramento o recebemos, ou espiritualmente quando não comungamos, & serue tambem de aparelho aos Sacerdotes pera celebrarem, & aos que não o são, pera comungarem, e outras cousas tocante a esta materia.»

(fol. 82v)

«Porque como de todas as obras, que aquelle summo Sacerdote Christo IESUS nosso Deos, & Senhor fez neste mundo, nenhũa

D. Manuel de Portugal, *Obras*

«ADDICAM DE COMO AVE-MOS de offerer o filho de Deos a seu pay eterno.»

(fol. [490])

«Era este Senhor igual ao pay quanto à diuidade, & offerer a Deos he reconhecimento de seruidão que não cabia nelle,

²⁸ Maria Lucília Gonçalves PIRES – *D. Manuel de Portugal* in *Antologia de Espirituais Portugueses*, ed. cit., 421– considera, com efeito, que a «Adição» é «uma espécie de apêndice ao tratado sobre a oração».

²⁹ Maria Lucília Gonçalves PIRES, *D. Manuel de Portugal* in *Antologia de Espirituais Portugueses*, ed. cit., 421.

contentou, nem honrou ao eterno Padre, nem satisfêz mais inteiramente a sua diuina justiça, que aquelle viuo, & voluntario sacrificio, que elle no Monte Caluario, lhe fez de si mesmo, quando por obedecer a sua diuina vontade, & eterna disposição, quis morrer por nos todos, encrauado na Cruz (...))»

(fol. 19v)

«Tanto que o Sacerdote acaba de dizer as palauras da Consagração, pode, & deue cõ zelo, & desejo de dar a cada hũa das diuinas pesso-as, toda a sobredita honra, & louuor, offerecer ao Eterno Padre cõ hũa amorosa, & humilde vontade a Sacratissima pessoa de seu muito amado Filho com seu purissimo corpo, & Alma San-tissima, & fermosissima, que nelle infundio, qual com tanta certeza, & verdade em suas mãos tem depois da Consagração.

Esta obra, & esta offerta mais alta que os Ceos, & mais aceita, & apraziuel aos olhos de Deos, que todas as cousas que criou, he rezão, que todos os que somos Sacerdotes abramos os olhos, & aduirtamos como, & quando se deue fazer, pera que nos desponhamos, & auientemos a attenção no tal tempo, lembrandonos actualmente, que offerecemos ao padre eterno, & pello con-seguinte a toda a Beatissima

tomou nossa natureza achando nella seruidão, & reconhecença & fez esta offerta na aruore da cruz.»

(fol. [490])

«Auêdo nos de seguir este exemplo & caminho, pera offerecer a Deos hũ dom digno de Deos, he necessario que seja o dom infinito, que responda a sua gloria infinita: este lhe podemos offerecer d'algũs modos que se aqui declararão.

Podemos offerecer na Missa o filho de deos a seu pay eterno.

Esta obra tão marauilhosa, & este exêplo diuino nos obriga a nos offerecemos de todo a Deos. Esta deue ser a primeira cousa que lhe offereçamos, dedicãdolhe a nos mesmos, & todas nossas cousas em reconhecimento de seruidão, preparandonos assi pera lhe offerecemos hum dom, & offerta infinita que he seu mesmo filho, sacrificio, & oblação de infinita gloria, & incomprehen-siuel valor & preço. Este acto de offerecer o filho a Deos, he o de mayor gloria & merecimento, que podemos fazer em genero de reconhecença que he acto de reli-

Trindade, o verdadeiro, & summo bem, & tal, & tão grande, que infinitamente se contenta nelle: nem algũ entendimento criado, nem o mesmo Deos pode inuentar outro mayor bem, nem outra gloria, & contentamento mais perfecto, pois não he outra cousa este tal bem senão o verdadeiro Filho de Deos: assi que com verdade podemos affirmar, que quem tal offerta offerece ao padre, offerece juntamente a toda a Beatissima Trindade toda a sua gloria essencial: o que he muito pera admirar, e pera nos fazer abraçar a todos em viuas chamadas de amor diuino, pois esse mesmo diuino amor quis dar ao homem dignidade, & poder tam grande, que não somente com desejos, mas por obra expressa, & palpauel, possa dar a seu Deos cada dia muitas vezes hum dom em que elle sem algũa duuida recebe louuor, honra, & contentamento infinito, offerecendolhe nelle toda a gloria, & bœauenturança de que abeterno está gozãdo, pois com tanta certeza, & verdade, lhe pode dar, & offerecer a seu Filho, que he todo esse bem, & toda essa gloria que dizemos.»

(fol. 6-6v)

«(...) toda pessoa Christam, alem dos Sacerdotes, que recebe o San-

gião: & não damos aqui menos a Deos do que se lhe deu: porque damos Deos a Deos, infinito a infinito, omnipotente a omnipotente, & so neste offrecimento, & sacrificio podemos honrar a deos diuidamente.

Este Senhor podemos offerecer realmente na Missa pollas mãos do sacerdote, porque elle deu ao homẽ em diuino sacramento o corpo & sangue que deu a seu pay em sacrificio: & pozse tambẽ em nossas mãos como cousa nossa, & fazendose nosso por esta ineffauel inuenção diuina, deusenos em modo que nos o podessemos dar, & quer que o demos & offreçamos a Deos, & que com este infinito sacrificio o possamos aplacar, & reconciliar com nosco. Neste sacrificio offrecido por mãos do sacerdote, temos nos parte, & assi quando o sacerdote diz Missa, offecemos nos tambem o filho de Deos a seu pay eterno de hũa de tres maneiras, assistindo, ou seruindo a ella, ou dando nossas esmolos, & por este modo damos a Deos hum dom realmente nosso, & de infinita gloria.»

(fol. [490-491])

«Quando commungamos, & temos em nosso peito o santissimo

tissimo Sacramento, pode facilmente fazer esta excelétissima obra, & todas as vezes que quiser, quando dignamente o receber: specialmente por todo aquelle spaço, que a Hostia, ou particula Consagrada estiuer no seu peito, sem se acabar de gastar cõ o calor natural (...)

(fol. 44)

«A deliberada vontade, & intenção de fazer actualmente estas offertas a Deos, & outras boas obras as quaes fizera se podera, he hum unico remedio para quãdo hũa pessoa não pode occuparse actualmente nellas por ter obrigações forçadas a que acodir, do qual Deos recebe esta boa vontade, como se fora a obra (...)

Este exercicio pode muyto bem fazer, inda que não comungue Sacramentalmente, porque como Deos Trino, e hum está dentro em nossos corações, e& cada hũ de nos o tem indubitauelmente dentro do seu interior, pode tambem de continuo andar spiritualmente offerecendo dentro em si mesmo ao Eterno Padre o seu muyto amado Filho (...)

(fol. 110v e 111)

Sacramento participando assi do sacrificio que o sacerdote offrece, offreçamos nõs tambem por nõs Christo nosso Senhor ao pay eterno assi pera gloria sua, como pera bem de sua igreja & nosso; & este offrecimento se pode fazer com a tenção & consideração que fica ditto atras no offrecimento da Missa, pera nos mouermos mais à deuaçam.»

(fol. [492v-493])

«Doctrina he dos santos, que podemos commungar espiritualmente, & assi podemos tambem espiritualmente offerer. Commungamos espiritualmente, quando fazemos exame de culpas, pedindo dellas perdão, aparelhan-donos pera receber espiritualmente este Senhor no diuino sacramento, como se então o ouessemos de receber, & imaginandonos com o mesmo desejo no estado de o receber, & de o ter recebido, fazendo em nossa alma o humilde, & amoroso gasalhado que este Senhor de nos quer, quando he nosso hospede com particular lembrança de sua morte & paixão.

Assi tambem podemos offerer espiritualmente o filho de Deos a seu pay, desejando de lho offerer, o qual desejo será hum espiritual sacrificio & offrecimento.

Este offrecimento espiritual podemos fazer, ou quando himos às

igrejas onde està o diuinissimo Sacramento do altar, ou em qual-quer outra parte em que nos acharmos.»

(fol. [493-493v])

«Formemos hum firme proposito, & tenção de todas as vezes que respiramos, isto he que todas as vezes que nossa natureza estiuer naturalmente resfolegando, & laçando o bafo pera fora, estemos nos juntamente lançando, & offerendo do intimo de nosso coração, & de nossa alma humilde, & amorosamente ao Eterno Padre, ou a toda a Beatissima Trindade, â gloriosissima pessoa do Filho que dentro em nos temos, tendo intenção de comprehender em cada respiração, tanto numero de offertas, quanto ja temos dito, pois Deos nosso Senhor faz tanto caso da boa intenção, & vontade que temos para fazer o que he de seu serviço.»

(fol. 97v)

«E assi todas as menhãs em acordando podemos fazer este offercimento spiritual com firme proposito, & tenção, de não respirar aquelle dia tantas vezes, quantas façamos este offercimento: & todas as vezes que nos descuidarmos, tornemos a fazer este acto com muito desejo & vontade de o pôr por obra.

E tendo por certo (como he) que Deos nosso Senhor aceita, & recebe de nos todas as obras que nossa alma deseja fazer por seu amor (ainda que por nenhũa via as possa fazer) como se as fizera; desejemos que pudermos fazer tantas vezes este offercimento em cada hum acto de nossa respiração, quantas todos os eleitos, santos, & anjos da corte caelestial em toda a eternidade podem numerar, pera que cada hum destes offercimentos seja de gloria infinita a deos nosso Senhor.»

(fol. [493v-494])

4. Se bem conseguimos avaliar, o confronto que acabamos de propor deixa ver com clareza que existem ligações entre os dois textos, embora essa intertextualidade esteja muito longe de configurar um caso de cópia. Ainda uma outra vez, vemo-nos tentados a retomar, applicando-as ao trabalho de D. Manuel de Portugal, as palavras que José Adriano de Carvalho escreveu a propósito de Fr. Juan de los Angeles, quando caracteriza o que, no texto da

Lucha Espiritual, é dívida face aos *Motivos Espirituaes*: «Os textos citados raramente revelam uma citação perfeita, e no entanto deixam perceber um Fr. Juan de los Angeles seguidor de Fr. Rodrigo de Deus. Uma palavra, um modo de dizer, uma ou outra frase, além do aparentado rigoroso das ideias.»³⁰ Se substituirmos o nome do franciscano espanhol pelo de D. Manuel de Portugal, poderemos fazer nossas, palavra por palavra, as observações que acabamos de transcrever.

Com efeito, a dependência do texto da «Adição» relativamente à obra do arrábido português é bem mais do que uma simples sugestão, ainda que seja muito difícil de concretizar. As distâncias que os separam são, teremos de o reconhecer, numerosas e significativas. Antes de mais, assinalem-se as diferenças de estilo, decorrentes da opção por tipos textuais distintos: enquanto Fr. Rodrigo de Deus elabora um texto prolixo, retoricamente assente na reiteração e no apoio de numerosas citações de um vasto leque de autoridades, D. Manuel de Portugal é sistemático, organizado, económico até ao esquemático, despojado do recurso a qualquer autoridade exterior.

Além destas diferenças, há que dizer que o fidalgo selecciona, nos *Motivos Espirituaes*, o que poderia aplicar-se a um público mais reduzido, mas mais definido, se é que não escrevia apenas para si próprio. Com efeito, se Fr. Rodrigo de Deus se dirige a um público composto primordialmente por eclesiásticos, e só num segundo momento tem em conta os cristãos em geral, já a «Adição» está ordenada exclusivamente em função de um público leigo. Embora os «algús modos» de «offerer o filho a Deos» que o seu texto indica possam encontrar-se, definidos nos mesmos termos ou formulados de maneira semelhante, na obra de Fr. Rodrigo de Deus, D. Manuel de Portugal omite alguns dos que os *Motivos Espirituaes* sugerem. Dos numerosos modos apresentados nesta obra, o velho fidalgo seleccionou três, registando: «Podemos offerer o filho de Deos a seu pay eterno de tres maneiras (...). Na missa em que temos parte assistindo, ou ajudando a ella, ou dando esmolla pera se dizer. Quando recebemos o santissimo Sacramento. Fazendo este offercimento espiritualmente (...)»³¹

A «Adição» esquece os momentos privilegiados de que os sacerdotes dispõem para oferecerem o Filho de Deus a seu Pai, quando celebram a eucaristia. Passa em claro, pois, toda a «Primeira Parte» dos *Motivos Espirituaes*, onde Fr. Rodrigo de Deus se ocupa a apresentá-los com insistência e minúcia: «Este nobilissimo acto, & altissima offerta se faz

³⁰ José Adriano de CARVALHO, *Para a História da Espiritualidade em Portugal: os «Motivos Espirituais» de Fr. Rodrigo de Deus*, art. cit., 95.

³¹ D. Manuel de PORTUGAL, *Obras*, ed. cit., fol. [494].

expressa, & palpavelmente oito vezes na Missa(...). A primeira vez (...) he quando o Sacerdote leuanta a Hostia Consagrada: A segunda quando leuanta o Caliz (...): A terceira, quando depois de leuantar o Caliz, & de dizer: Offerimus præclare Magestati tuæ de tuis donis ac datis (...): A quarta, quando fazendo a mesma Cruz diz: Hostiam Sanctam: A quinta, Hostiam immaculatam: A sexta, Panem Sanctum vitæ æternæ: A septima, quando diz: Et Calicem salutis perpetuæ: porque em cada palavra destas, que esta pronunciando, quãdo faz cada hũa das Cruzes, offerece distinctamente ao Padre o seu vnigenito Filho. A octaua, quando antes de querer començar o Pater noster, toma o Caliz, & a Hostia; juntamente, & os leuanta hum pouco dizendo: Est tibi Deo Patris in vnitæte Spiritus Sancti, omnis honor, & gloria.»³² Além destas oito vezes em que, enquanto celebra o sacrificio da missa, o sacerdote faz expressamente a oferta de Cristo ao Pai, são ainda sugeridas outras: «quando acabamos de consumir a Hostia Cõsagrada, naquelle interim, que estamos recolhidos antes de tomar o sangue (...). Podese tambem este altissimo dõ acabada a Missa offerecer recolhendose o Sacerdote pera isso em algum lugar quieto, ou quietandose naquelle em que por então se achar, onde com assaz oportunidade, & proueito seu o poderá offerecer milhares de vezes (...).»³³

Este detalhado elenco de ocasiões propícias à prática espiritual é omitido por D. Manuel de Portugal. A menos que consideremos que aquele primeiro modo que indica – «Na missa em que temos nossa parte assistindo, ou ajudando a ella, ou dando esmolla pera se dizer» – possa considerar-se uma adaptação às circunstâncias da vida laica desses modos especificados na «Primeira Parte» dos *Motivos Espirituaes...* Tendo em conta que nesta obra só em breves e contados momentos, um pouco em apêndice ao que se diz dos sacerdotes, faz o autor referência à participação que os leigos podem ter na celebração eucarística, somos levados a concluir que o fidalgo não se limita a repetir, seleccionando embora, o que encontrou escrito nos «sumários» do frade, antes intervindo no texto de modo a adaptá-lo e a reescrevê-lo, reorientando a perspectiva que o organiza de acordo com a sua condição pessoal e o lugar que ocupa no seio da igreja. Tais intervenções ou inovações não são, contudo, do nosso ponto de vista, uma traição ao texto original; se se afastam da forma, é para alargar o seu espírito a um público mais vasto, o qual se poderia sentir excluído da prática dos exercícios propostos. Esta discrepância poderá, pois, ser explicada pela necessidade de sintonizar os textos e as práticas propostas aos públicos distintos a que se dirige cada um

³² Frei Rodrigo de DEUS, *Motivos Espirituaes*, ed. cit., fol. 6v-7v.

³³ Frei Rodrigo de DEUS, *Motivos Espirituaes*, ed. cit., fol. 8-8v.

dos autores. Mas outra há que nos vemos tentados a atribuir, de maneira mais específica, à sensibilidade espiritual própria de D. Manuel de Portugal.

Acolhendo a sugestão dos *Motivos Espirituaes* segundo a qual «toda a pessoa Christam, alem dos Sacerdotes, que recebe o Santissimo Sacramento, pode facilmente fazer esta excelētissima obra, & todas as vezes que quiser, quando dignamente o receber», indica o texto da «Adição» que a segunda maneira de «offreer o filho de Deos a seu pay eterno» é «quando recebemos o santissimo Sacramento». No entanto, passa em silêncio as recomendações de Fr. Rodrigo de Deus, quando este aconselha os leigos a associarem a prática da oferta espiritual – quando não é possível a comunhão sacramental – à oração vocal: «Podemos apresentar tãbê a Deos esta diuina oblação, quãdo rezamos, ou ouuimos rezar os diuinos officios, & outras quaesquer orações vocaes, como Rosairos, coroas, &c. Neste modo. Antes que comêcemos a rezar formemos hü firme proposito & tenção de não somente em cada palavra, mas tãbê em cada letra que pronúciarmos, ou ouirmos pronúciar, fazermos offera a Deus Padre de seu vnigenito Filho, naquella forma e figura humana em que o quisermos representar (...)»³⁴ Será para estranhar que não acolha tal conselho, nos termos muito concretizantes que o excerto citado ilustra, quem, no seu *Tratado breve de Oraçam*, desvaloriza a oração vocal, considerando-a apenas enquanto adjuvante e propiciadora da oração mental, e expõe uma concepção interiorista da espiritualidade fundada no que Robert Ricard chamou «socratismo cristão»? Com efeito, nesse *Tratado*, D. Manuel de Portugal dirige-se ao leitor nos seguintes termos: «Do conhecimento de ty mesmo podes subir a contêplar a Deos: quanto cada dia aproueitas em conhecimêto de ty, tâto te abilitas a conhecer cousas mais altas: & se ja tens conhecimento de ty, & aprendeste morar no coração, não te contentes cõ isto, mas aprêde assi morar no centro de tua alma, & assi fazer nella tua habitação, que quando per força te tirarem deste repouso & quietação tornes cõ grande pressa a elle.»³⁵ E mais adiante, indicando com precisão o lugar que a oração vocal deveria ter na prática de uma oração entendida deste modo: «Destes dous meynos .s. que estamos no centro da diuina eternidade, como se não ouuesse outra criatura, & juntamente que em todas está Deos por essencia, presença, & potencia, ha o principiante de vsar: juntamente vendoas cos olhos exteriores, sem as dar aos interiores per discurso, ou com hũa memoria simplez, & logo aspirar ou aleuantar a Deos, & isto como se não ouuesse estes meynos. E tanto que se acostumar a leuantar a Deos sô estes meynos, não se ocupe mais nelles, mas vse quando lhe for necessario de

³⁴ Frei Rodrigo de DEUS, *Motivos Espirituaes*, ed. cit., fol. 90-90v.

³⁵ D. Manuel de PORTUGAL, *Obras*, ed. cit., fol. 477-477v.

orações breuissimas a que Agust. chamaua jaculatorias, pera que ellas o despertê ao amor, & interior atenção (...).»³⁶ Parece-nos compreensível que quem deixou escritas estas considerações passe em claro a prática destes exercícios associados a orações vocais tais como rosários e coroas...

Por muito significativas que sejam estas atitudes aparentemente críticas de D. Manuel perante os conselhos de Fr. Rodrigo, elas não apagam a sensação com que ficamos, lendo-os a ambos, de que o primeiro segue, quase sempre, o segundo. Como assinalamos no caso da missa, a «Adição» adapta à situação particular dos leigos as propostas que os *Motivos Espirituaes* apresentam para os sacerdotes. Poderíamos, talvez, encontrar outros exemplos deste tipo de intervenções sobre a doutrina exposta pelo frade arrábido, mas quer-nos parecer que a apropriação pessoal que o fidalgo faz desse texto se manifesta tanto no que silencia, quanto naquilo que aproveita das suas recomendações. Vimos já alguns pontos em que a «Adição» é omissa. Sublinhemos, agora, dois aspectos em que parece seguir os *Motivos*.

Em primeiro lugar, destaquemos, porque vai um pouco contra o que seria de esperar, a valorização da humanidade de Cristo, particularmente as devoções centradas na contemplação das cenas da Paixão. Deixamos referido já, acompanhando as observações de Maria Lucilia Gonçalves Pires³⁷, que esta valorização surpreende, uma vez que no texto de *Tratado breve de Oraçam* ela é praticamente inexistente. Poderia explicar-se esta divergência por uma mudança de orientação determinada pela passagem dos anos? Não esqueçamos, com efeito, que o *Tratado* estava escrito pelo menos desde 1574... Vinte anos permitem muitas evoluções, ainda mais estes vinte anos portugueses que preenchem o final do século XVI... Mesmo assim, registemos que para esta evolução de D. Manuel poderá ter contribuído a leitura de Fr. Rodrigo de Deus. O apelo que aquele faz, na «Adição», a que os cristãos que queiram oferecer espiritualmente Cristo ao Pai, Lhe façam na alma o «humilde, & amoroso gasalhado que este Senhor de nos quer, quando he nosso hospede com particular lembrança de sua morte e paixão»³⁸ poderá resumir várias sugestões que no mesmo sentido faz o texto dos *Motivos Espirituaes*. Como habitualmente, este desenvolve, desdobrando-se em detalhes, este tema de meditação e associa-o à prática da oração vocal: «Represente agora Christo nosso Senhor em qualquer passo da paixão que quiser, conforme a hora que rezar, & na tal figura, & passo tenha intenção de o yr apresentando a Deos Padre em cada letra que for

³⁶ D. Manuel de PORTUGAL, *Obras*, ed. cit., fol. 478-478v.

³⁷ Cf. *supra*, nota 28.

³⁸ D. Manuel de PORTUGAL, *Obras*, ed. cit., fol. [493-493v].

pronunciando, & ouuindo pronunciar. Podeo representar nas matinas qual estaua na noyte da prisão (depois de lhe auerem dado aquella cruel bofetada) em meyo de tam crueis inimigos com a corda ao pescoço, as mãos atadas de tras, com os olhos baixos, & o rosto sereno, sofrendo com summa paciencia, & mansidão muytas outras bofetadas, pescoçadas, escarros no diuino rosto, & infinidade de afrontas, & injurias que lhe fazião & por este modo se pode yr representando em cada hũa das outras horas, conforme ao que sabemos que nellas padeceo.»³⁹

Acompanhando ainda uma observação de M. Lucília Gonçalves Pires, registemos o acolhimento que D. Manuel de Portugal dá no seu texto a algumas fórmulas para o oferecimento do Filho de Deus ao Pai. A sua presença é tanto mais surpreendente quanto sabemos que o autor é «tão pouco dado a fórmulas e actos exteriores»⁴⁰. Poderemos interpretar esta presença como uma concessão feita à autoridade de Fr. Rodrigo de Deus? Ainda assim, sublinhe-se que, aceitando que se trata de uma cedência, às fórmulas extraordinariamente exaustivas propostas no cap. II da «Terceira Parte» dos *Motivos Espirituaes* ao longo de oito longas páginas, D. Manuel de Portugal faz corresponder as breves orações de algumas linhas, dirigidas ao «benigno Iesu», à «Madre de Deos», aos «Anjos e santos» e ao Anjo da guarda. Entre estas orações, encontramos duas quadras:

«Quem tratar d'ambas as vidas
Ao respirar do viuer,
Traga estas tenções vnidas,
Amar, vnir, & offercer.»⁴¹

«El que sabe habitar dentro em si mismo
Teniendo en poco lo que fuera dexa,
Halla de Dios en su hondo abysmo
Dulce paz, libertad, gusto sin queexas.»⁴²

A inclusão destes breves poemas pode tornar-se altamente significativa, se considerarmos que eles nos indicam que, tal como estes versos, aquelas fórmulas que os emolduram não são mais do que o resultado da prática pessoal do velho fidalgo. Não restam dúvidas de que D. Manuel de Portugal rezava. E, por vezes, – nada se opõe a que aceitemos tal suposição – essa

³⁹ Frei Rodrigo de DEUS, *Motivos Espirituaes*, ed. cit., fol. 91.

⁴⁰ Maria Lucília Gonçalves PIRES, *D. Manuel de Portugal in Antologia de Espirituais Portugueses*, ed. cit., 421.

⁴¹ D. Manuel de PORTUGAL, *Obras*, ed. cit., fol. [495].

⁴² D. Manuel de PORTUGAL, *Obras*, ed. cit., fol. [495v].

oração coagularia em versos... Aceitando a ideia de que as fórmulas que as acompanham nasceram de circunstâncias idênticas às que deram origem a essas duas quadras, poderemos considerar que, mais do que modelos destinados à prática espiritual alheia, todos estes microtextos serão o resultado de uma prática espiritual personalizada, adaptada às possibilidades e às circunstâncias concretas de quem as utiliza. Na sua simplicidade breve, estes modelos de oração parecem, pelo menos, bem mais praticáveis do que as complicadas e longuíssimas fórmulas propostas por Fr. Rodrigo de Deus. Talvez possamos admitir, prolongando o nosso raciocínio, que essas fórmulas são o registo escrito de orações efectivamente feitas por D. Manuel, antes de serem propostas de modelos para serem utilizadas por outros.

5. Esperamos ter mostrado, nas páginas precedentes, que D. Manuel de Portugal conheceu, leu e aproveitou uma versão dos *Motivos Espirituaes* anterior à edição de 1611. Levava outro título, certamente, e não sabemos até que ponto a redacção seria diferente. De qualquer modo, só para esse texto primitivo poderia o fidalgo ter escrito o soneto que saiu publicado naquela edição. Não foi o único a conhecer a obra antes de ser impressa, já o sabemos. Foi apenas um entre muitos. O próprio autor dá essa informação e a investigação de José Adriano de Carvalho confirmou-a, há três décadas. Assinalemos até um passo dos *Motivos Espirituaes* que nos permite concluir que o frade arrábido recebeu o retorno desta divulgação. É o que nos sugere a leitura do cap. XV da «Primeira Parte», onde se indica, explicitamente, que ele se destina a responder «a hũa duuida que se moueo sobre hũas palauras que se ficão no capit. 8 Motiuo 4. as quacs são estas: E esse mesmo sacrificio tam fresco, tam verdadeiro, tam perfeito, & tam viuo como elle então se offereceo, & sacrificou no dia de sua paixão, he o que offerecem, & sacrificio agora os Sacerdotes da ley de graça, &c.»⁴³ Fr. Rodrigo conhecia, pois, os ecos das polémicas levantadas pelo seu texto e, pelo menos neste passo, a elas procurou dar resposta na versão impressa. Por outro lado, deixou assinalados, com precisão, autores e obras que haviam utilizado o texto manuscrito. Por que não se refere, nunca, a D. Manuel de Portugal? Publicadas em 1605, é difícil de aceitar que as *Obras* deste autor não tenham chegado ao seu conhecimento.

Embora arriscando-nos a laborar no vazio, poderíamos ensaiar uma explicação. Não custa aceitar, por exemplo, que o fidalgo-poeta estava longe de ser uma autoridade citável no âmbito da literatura de espiritualidade, sobretudo quando colocado ao lado do franciscano Fr. Juan de los Angeles

⁴³ Frei Rodrigo de DEUS, *Motivos Espirituaes*, ed. cit., fol. 42.

ou do cartuxo António de Molina. A sublinhar esta falta de peso, enquanto autoridade na matéria de que se ocupa o livro, está a circunstância de este se dirigir, antes de mais, aos sacerdotes e D. Manuel ser um leigo. No entanto, nele saiu um soneto seu... o que permite suspeitar que a sua autoridade em matéria de poesia seria superior à que lhe era reconhecida no campo da espiritualidade... Inclina-mo-nos, contudo, a pensar que o facto de a «Adição» ser um texto muito simples, pessoal, que interessaria quanto muito a um público de certo modo deixado à margem no texto dos *Motivos*, como eram os leigos, explicará melhor o silêncio do arrábido.

Poderemos sempre pensar que, de facto, Fr. Rodrigo de Deus não conheceu o trabalhito de D. Manuel de Portugal. Mas, se o leu, arriscamo-nos a considerar que não terá visto nesse texto mais do que um conjunto de notas de leitura, destinadas a facilitar a retenção na memória de um texto que parecera útil ao fidalgo conservar, na medida em que apontava caminhos que poderia, à sua dimensão, explorar na prática espiritual em que se empenhava. Tratando-se de uma obra que circulava manuscrita, o mais natural é que D. Manuel de Portugal se tenha visto constrangido a devolver o exemplar a que tivera acesso, pelo que terá decidido fixar, para uso pessoal, as sugestões que lhe pareceram mais importantes ou mais adequadas à sua maneira própria de viver a espiritualidade. Tais circunstâncias poderiam explicar o à-vontade com que o leigo interveio no texto do frade, adaptando-o, condensando-o, interpretando-o. Assim sendo, estes apontamentos não teriam relevância suficiente para que a obra impressa os citasse, ou para que o autor fizesse valer os seus créditos sobre eles. Têm, no entanto, para nós, o valor de revelarem a forma pessoal como D. Manuel de Portugal fez seu o texto de Fr. Rodrigo de Deus, os critérios segundo os quais o reescreveu, isto é, a maneira como o leu.

Neste sentido, isto é, na medida em que regista e revela os sentidos de uma leitura meditada, resultará interessante sublinhar a diferença de perspectiva que podemos constatar, quando confrontamos este texto da «Adição» com o soneto que precede a edição impressa dos *Motivos Espirituaes*. Dessa interpretação que, como deixamos assinalado acima, destacava um sentido de militância e de combate no texto de Fr. Rodrigo de Deus e o apresentava aos leitores como uma arma eficaz que poderiam utilizar no combate contra as heresias e os hereges não ficou qualquer marca na «Adição». Será lícito interpretar esta divergência como um indício de que a leitura «pública» – para o público... – era encarada de maneira diferente da leitura «privada», íntima?

Ficando-nos pela interrogação, sublinhemos, ainda assim, essas diferenças. Curiosamente, poderíamos resumi-las, de um modo

emblemático, opondo a esse soneto a esparsa que fecha as *Obras*, já depois do «*Laus deo*» que parece marcar o final da «*Adição*». Com efeito, este derradeiro poema reflecte, em nosso entender, a orientação essencial da leitura íntima e meditada que esse texto de D. Manuel de Portugal documenta e sublinha um modo de orar a que o fidalgo foi particularmente sensível – as «*aspirações*»:

«*Irme a ti parece respirando,
Y que tu vienes al cobrar de aliento:
Deste fluxo y refluxo el alma biue.
O dulce mouimiento,
Que no conoscen, si no es amando,
Y porque resfriando,
En si, lo que reciué,
(Misera) no se vaya, algun instante
Embriaguéla, señor, la misma llama
Mas clara y rutilante,
Que al Seraphin inflama,
Y al alma en ti encendida,
Seras calor de gloria, y luz de vida.»⁴⁴*

Luis de Sá Fardilha

Abstract:

*The introductory notes to the work *Motivos Espirituaes* (1st. edition, 1611) include two sonnets by Friar Agostinho da Cruz and one by D. Manuel de Portugal. These poems suggest that the text had been previously read and was, therefore, known by two authors. If it is no surprise that a Franciscan should know the work of another Franciscan, it is quite different in the case of a noble who is also a layman. First of all due to chronological reasons, but, most important of all, because this meant an adherence to some sort of spiritual model. It is quite clear that one sonnet alone does not express the spiritual models of its author, nor does it sustain the possibility of his acceptance of some of the spiritual principles suggested in the text written by Friar Rodrigo de Deus. In order to identify the context of this relationship, we have*

⁴⁴ D. Manuel de PORTUGAL, *Obras*, ed. cit., fol. [496].

also studied a small text printed in the last pages of the Obras by D. Manuel de Portugal (1st and only edition from 1605). This study helps to establish a more documented analysis of how this noble and layman accepted the principles enunciated by the author of Motivos Espirituaes. The aim of this study is, therefore, to examine the establishment of the criterion and circumstances which guided a personal and lay reading of a spiritual work largely disseminated during the 17th. century in Portugal.

Ler para discutir. Livros e leituras na *Harmonia da Razão e da Religião* (1793) de Teodoro de Almeida*.

«Baronesa: Mas emfim, Theodosio, dizei-me como hei-de fazer com estes livros?»

Teodoro de Almeida, *Harmonia da Razão e da Religião*, 1793

A frase em epígrafe, extraída da Tarde Quarta da *Harmonia da Razão e da Religião* (1793)¹ do oratoriano Teodoro de Almeida, sintetiza a(s) área(s) de reflexão que neste estudo se pretendem equacionar. Tributário do filão de literatura «apologética», tão comum na França e Itália da segunda metade do século XVIII – e de incomparavelmente menor representação na Península Ibérica do mesmo tempo² –, o texto de T. de Almeida procura responder aos argumentos de «Ímpios e Incredulos» contra a Religião, deslocando a discussão das «Dissertações Theologicas» para a «conversação familiar».

As quinze «Tardes» que constituem a obra, seleccionando como guia discursivo a «Razão» – e perseguindo a *Harmonia* indiciada pelo título –, procedem ao exame sequencial e particularizante dos temas que tanto as obras de ataque como as de defesa do Cristianismo haviam tornado nucleares neste debate: a «Existencia de Deos», «...os Mystérios da nossa Religião», «a Espiritualidade e Immortalidade da Alma», «...a Religião Revelada em commum»... É justamente neste amplo enquadramento de «resposta» e não de ataque – como aliás o próprio autor sublinha na

* Investigação subsidiada por JNICT/PRAXIS XXI.

¹ Teodoro de ALMEIDA, *Harmonia da Razão, e da Religião ou Repostas Filosoficas aos Argumentos dos Incredulos, que reputão a Religião contraria á Boa Razão. Dialogo do Author da Recreação Filosofica sobre a parte da Metafysica, que se chama Theologia Natural*, Lisboa, Na Officina Patriarcal, MDCCXCIII.

² Basta percorrer o repertório cronológico de obras proposto pelo clássico estudo de A. MONOD, *De Pascal à Chateaubriand. Les défenseurs français du Christianisme* (Paris, 1916) ou o inventário – incompleto... – traçado pelo *Dictionnaire de Théologie Catholique*, para verificar o enorme conjunto de textos que, sobretudo em França, mas também em Itália – embora aqui em menor número –, tiveram como objecto a defesa da Religião Cristã. Pelo que diz respeito a Espanha, o reeditado *Evangelio en triunfo o Historia de un filosofo desengañado* de Pablo de Olavide, é apenas de 1788 e 1789 (cf. Miguel BENITEZ, *El sueño de la razón produce monstruos: El Evangelio en triunfo de Pablo de Olavide*, in *Actas del Congreso Internacional sobre Carlos III y la Ilustración*, Madrid, Ministerio de Cultura, 1989).

«Prefação»: «Não faço aqui a figura de quem ataca, mas sim de quem se defende, não tanto a si, mas a Religião que professa...» –, que se organizam as reflexões sobre a leitura, cujos contornos nos propomos estudar, tendo em atenção que o texto implica, por assim dizer, um duplo contexto: por um lado, o tempo e o lugar da publicação, Portugal dos anos 90, por outro, as coordenadas intratextuais seleccionadas pelo autor, a França da década de 70. Locais diversos e, sobretudo, tempos diversos, na evocação nostálgica e «exemplar» de alguém para quem os recentes e contemporâneos acontecimentos da Revolução Francesa eram interpretados como consequência da multiplicidade de livros «Ímpios» que haviam retirado à Religião a qualidade de factor de coesão e estabilidade social.

A distinção entre livros «pessimos» e livros «excelentes» desvendada por um «mestre», que o era também de Geometria, Matemática, Física e Lógica – Teodósio – a uma discípula do sul de França – a Baronesa de Armendariz –, inscreve-se num complexo de «saberes» polarizado por pautas de leitura, cujo domínio permite o acesso a textos considerados «Ímpios e Incredulos». O que ler, mas sobretudo como ler – qual a «gramática» de leitura – constituem interrogações a que T. de Almeida procura responder, no quadro de um complexo de obras e autores que se movem no cenário dos ataques e defesas do cristianismo que percorreram o século XVIII.

O trabalho que nos propomos efectuar desenvolver-se-á, assim, em três momentos diferentes: em primeiro lugar, demonstraremos que apesar de uma tradição que consagra o título *Harmonia da Razão e da Religião* para os dois volumes, verdadeiramente, ele convém apenas ao primeiro, objecto deste trabalho; procuraremos, em seguida, reconstruir o duplo universo para que o texto remete, pelo que diz respeito à circulação e mecanismos de divulgação das obras a favor e contra o Cristianismo e, finalmente, estudaremos, enquadrando-o no contexto estudado no ponto anterior, o complexo de referências a livros, leituras e formas de ler.

1. O texto: uma ou duas *Harmonias*?

Para fazer a minha leitura mais amena, e os meus argumentos mais vivos, me valho do estilo de Dialogo, como felizmente fiz no meu nono Volume da Theologia Natural, a que dei o Título de Harmonia da Razão, e Religião.

T. de Almeida, *Recreação Filosófica sobre a Filosofia Moral em que se trata dos Costumes*, 1800.

No conjunto da *Recreação Filosófica*, a mais longa e significativa

obra de Teodoro de Almeida publicada, como é sabido, ao longo de quase 50 anos (1751-1800)³, a *Harmonia da Razão e da Religião* tem vindo a ser entendida autonomamente como um texto dividido em dois tomos, mas submetido, todavia, a um título comum. Deste modo, o primeiro tomo da *Harmonia*, editado em 1793, é o nono da *Recreação*, enquanto o segundo, de 1800, é o décimo e último. E, no entanto, esta unidade de funcionamento, aparentemente original, parece ter resultado mais de estratégias editoriais muito provavelmente estranhas ao autor do que de uma intenção inicialmente assumida.

Ao terminar o tomo VIII, publicado apenas um ano antes, em 1792, Teodoro de Almeida anunciava o seguinte, sublinhando a diferença entre este e os anteriores: «Theod. E he o que me ocorre, Eugenio, que possa interessar a vossa instrução: o demais que alguns tratam, não merece o trabalho da disputa, nem he cousa que de luz para caminhar sem ella. Os pontos que aqui faltão, e são essenciaes, como v. gr. A Imortalidade da Alma, e sua espiritualidade, a nossa liberdade, &c. não são pontos, em que Sílvio duvide, nem temos diferente modo de pensar: eu vos farei ver esses pontos disputados com os inimigos da nossa Religião, e essa disputa viva nos pode interessar mais...»⁴.

Teodoro de Almeida procedia, assim, à alteração das personagens que havia conservado ao longo dos oito tomos anteriores, durante 41 anos. Enquanto até ao tomo oitavo, o peripatético Sílvio tinha servido para explicitar, pelo contraste, a «Filosofia Moderna», no presente quadro das disputas sobre a Religião a sua permanência não se afigurava necessária ao autor, já que as habituais diferenças de opinião que permitiam e justificavam a evolução discursiva tecida pelo diálogo não teriam lugar. Em matéria religiosa, o peripatético Sílvio e o «moderno» Teodósio estavam de acordo. Por isso, Teodósio pretende enviar a Eugénio uma cópia das disputas que teve com os «Incredulos», «quando vivia no meio delles», transformadas em diálogos que havia denominado «Harmonia da Razão e da Religião», ficando «desse modo completa a Instrução» pedida «em materia de Filosofia»⁵.

Enquanto os oito primeiros tomos da *Recreação*, independentemente de diferenças que não importam a este estudo, se estribavam globalmente na antinomia Peripatéticos/Modernos, o tomo IX visava um inimigo que o autor acreditava comum – os Incredulos – e

³ Constituída por 10 volumes, a *Recreação Filosófica* foi publicada entre 1751, data do Tomo I, e 1800, ano do último. Os sete primeiros tiveram, pelo que respeita a Portugal, várias edições.

⁴ T. de ALMEIDA, *Recreação...*, ed. cit., t. VIII, 310-311.

⁵ T. de ALMEIDA, *Recreação...*, ed. cit., t. VIII, 310-311.

enfileirava assim na larga panóplia de literatura apologética que procurava desde há várias décadas, e sobretudo em França e Itália⁶, se bem que não rigorosamente nos mesmos anos⁷, responder aos variadíssimos textos – em registo discursivo, formatos e autorias – construtores do «processo ao cristianismo»⁸.

O título completo não deixava, aliás, qualquer dúvida: *Harmonia da Razão, e da Religião, ou Repostas Filosóficas aos Argumentos dos Incredulos que refutam a Religião contrária à Boa Razão, Dialogo do Autor da Recreação Filosófica sobre a parte da Metafysica que se chama Theologia Natural*. Na dedicatória ao Bispo do Algarve e Inquisidor-mor, D. José Maria de Mello, o autor explicava ter sido persuadido pelo prelado a «completar» a *Recreação Filosófica* com esta obra: «...e também que deste modo completava aquella Obra, cuja Metafysica tendo já a *Ontologia* e *Psicologia*, necessitava da *Theologia Natural*, que por este modo ficava supprida, bem como a *Ethica* o ficou com o *Feliz Independente*»⁹. Isto é, T. de Almeida considerava terminada a *Recreação*, entendendo que os nove volumes impressos abarcavam exaustivamente os diferentes domínios da Filosofia, circunstância que permite concluir que o projecto inicial da *Harmonia* continha apenas um tomo, o nono.

Aliás o rosto do tomo X não inclui qualquer alusão à possibilidade de poder ser encarado como o tomo II da *Harmonia: Recreação Filosófica sobre a Filosofia Moral Em que se trata dos Costumes*¹⁰. Na Dedicatória e no Prólogo não existe nenhum elemento – ou mesmo sugestão – que leve o leitor a pensar tratar-se de um tomo II. Tão só os esclarecimentos de que esta última parte da Filosofia Moral era a *Ética* que, desta vez, T. de Almeida não considera já «supprida» pelo *Feliz Independente*: «faltava esta última parte da Filosofia Moral, a que chamão *Ethica* no que empregamos este decimo e último volume».¹¹ O tomo X, editado em 1800, mantinha as

⁶ Daí que, em nome de uma verosimilhança que continuava a ser a pedra de toque da opção pelo diálogo como registo discursivo, Almeida situe o texto em França e faça da residência de uma família da nobreza rural o cenário das disputas.

⁷ As obras italianas de refutação de escritos «irreligiosos» franceses publicam-se, sobretudo, a partir da década de 70. Cf. A. PRANDI, *Cristianesimo offeso e difeso. Deismo e apologetica cristiana nel secondo settecento*, Bologna, 1975; Daniel MENOZZI, «*Philosophes*» et «*Chrétiens Éclairés*». Política e religione nella collaborazione di G. H. Mirabeau e A. A. Lamourette (1774-1794), 1976; Mario ROSA, *Riformatori e ribelli nel '700 religioso europeo*, 1969; *Politica e religione nel '700 europeo*, Firenze, 1974.

⁸ Na feliz e conhecida expressão de P. Hazard (*La Pensée européenne au XVIII siècle. De Montesquieu à Lessing*, 1946, 58).

⁹ T. de ALMEIDA, *Recreação...*, Tomo IX, ed. cit.

¹⁰ O rosto comporta ainda as indicações «Composta e offerecida ao Principe Regente o Senhor D. João por T.A.D.C.O., Tomo X, Lisboa, Na Regia Officina Typografica, Anno M:DCCC.»

¹¹ T. de ALMEIDA, *Recreação...*, Tomo X, Prologo.

personagens, repetia o registo discursivo, ordenava até sequencialmente as Tardes (começando na décima sexta, quando o tomo IX havia terminado na décima quinta), mas não reiterava o título, retomando, no rosto, a directa filiação na *Recreação...* como o haviam feito todos os anteriores com excepção do nono. Logo, tendo em conta apenas a leitura dos rostos nada autoriza a suposição de que se trata, no interior da *Recreação*, de um texto autónomo intitulado *Harmonia da Razão e da Religião*, dividido em duas partes. Aliás na dedicatória do Tomo X, T. de Almeida afirma claramente: «Para fazer a minha leitura mais amena, e os meus argumentos mais vivos, me valho do estilo de Dialogo, como felizmente fiz no meu nono volume da *Theologia Natural*, a que dei o titulo de *Harmonia da Razão e Religião*».

Como explicar, então, que em muitos dos exemplares, mas não em todos..., datados de 1793 – a única edição portuguesa – surja uma folha prévia ao rosto, isto é, uma espécie de ante-rosto que, contrariando as afirmações de Teodoro de Almeida acima enunciadas, regista o título seguinte: *Harmonia da Razão e da Religião, Parte I. No que toca aos Dogmas da Fé ou Theologia Natural*. Como sabia quem forneceu a informação, em 1793, que haveria um tomo segundo, quando o autor escrevia, três folhas depois, na Dedicatória, que havia completado a obra?¹² E no Tomo X, de que se conhece apenas a edição de 1800, como explicar que, quando o autor procede à resenha dos diferentes volumes, esclarecendo que os primeiros seis eram sobre a Filosofia Natural, o VII sobre a Racional e o VIII sobre a Transnatural, «o nono tomo que he da *Theologia Moral*» que implicava a falta da filosofia Moral a «que chamão *Ethica*, no que empregamos este decimo e ultimo volume»¹³, em alguns exemplares exista também um ante-rosto que umbilicalmente liga o tomo décimo ao nono? – *Harmonia da Razão, e da Religião, dividida em duas Partes. Parte I. Do que Pertence aos dogmas da nossa Santa fé, Que faz o nono Tomo da Recreação filosófica, e he a Theologia Natural. Parte II. Do que pertence aos costumes da nossa Religião. Que faz o decimo Tomo da Recreação Filosófica e he a Filosofia Moral ou Ethica*. Apenas uma explicação possível. Não se tendo esgotado as tiragens primitivas e, seguramente, para tirar proveito da independência que estes dois volumes efectivamente possuíam face à *Recreação* – tinham temas e personagens próprios – os editores acrescentaram, mais tarde, não sabemos exactamente quando, mas

¹² T. de ALMEIDA, *Recreação...*, ed. cit., Tomo IX, Dedicatória: «... e tambem que deste modo completava aquella Obra, cuja Metafysica tendo ja a Ontologia e Psicologia, necessitava da *Theologia Natural*, que por este modo ficava supprida, bem como a *Ethica* o ficou com o *Feliz Independente*».

¹³ T. de ALMEIDA, *Recreação...*, ed. cit., Tomo X, Prologo.

sempre depois de 1800, estes dois ante-rostos que, verdadeiramente, em relação aos exemplares primitivos, são falsos. Como podia saber-se em 1793, quando T. de Almeida afirmava ter escrito o último tomo da *Recreação*, pois que a *Ética* ficava suprida pelo *Feliz Independente*, que surgiria um outro e, sobretudo, que a *Harmonia* constituía um Tomo I? Estratégia editorial que, com toda a probabilidade, procurava aproveitar o relativo sucesso indiciado pelas traduções que trataram sempre estes dois tomos da *Recreação* como autónomos¹⁴.

Aliás, parece corroborar a nossa tese o facto de o tradutor, o Padre Vasquez¹⁵ – ou o editor... – da versão espanhola terem retirado a Dedicatória do Tomo IX, em que Teodoro de Almeida assinalava, como atrás sublinhámos, tratar-se do último volume da *Recreação* mantendo, tão somente, o «Prologo» e acrescentando um outro da responsabilidade do tradutor. Esta atitude estende-se ao Tomo X, onde Vasquez utiliza, no «Prologo do Tradutor» por ele redigido, corrigindo-as até, informações da

¹⁴ O problema das traduções dos tomos IX e X merece alguma atenção. Menendez y Pelayo, nos seus *Heterodoxos* mencionou, pela primeira vez, uma tradução do volume IX em 1798 (*Armonia de la razón y de la religion o Teologia Natural*, obra escogida del P. D: Teodoro de Almeida contra las abondas opiniones de los filosofos del día. Este tratado particular sirve de tomo IX, y es el complemento de la Recreacion Filosofica. Madrid, 1798 en la Imprenta de la Rifa del Real Estudio de Medicina Prática). Sempre citada tendo como fonte Menendez Pelayo, esta informação é repetida por Robert Ricard e M. H. Piwnick, que parecem, assim, não ter compulsado a edição mencionada (R. RICARD, *Sur la diffusion des oeuvres du P. Teodoro de Almeida*, in *Boletim Internacional de bibliografia luso-brasileira*, 1963, IV, 4, 626-630 e *Les ouvrages du P. Teodoro de Almeida en Espagne (complément)*, ibid, 1964, V, 632-634; M. H. PIWNIK, *Les souscripteurs espagnols du P. Teodoro de Almeida (1722-1804)* in *Bulletin des Études Portugaises et brésiliennes*, Nouvelle Série, t. 42, Paris, 1981, 95-119). No entanto, lida com cuidado, a nota do autor de *Heterodoxos* em que se anota o título da obra, revela alguma confusão: «Hay muchas ediciones, entre ellas una reciente de la Libreria Religiosa». Na verdade, as «Muchas ediciones» não são apenas do Tomo IX, mas sim dos Tomos IX e X, subordinados ambos ao título «Armonia de la Razón y de la Religion» e designados por Tomo I e II. Todas as traduções espanholas da *Harmonia* ... que conseguimos encontrar – a última, de 1850, da Libreria Religiosa, deve ser justamente aquela que Menendez Pelayo menciona – são constituídas por dois volumes e não um. Carmen Rovira trata a *Armonia*... sempre como uma obra em dois tomos: «semillante es el título que lleva su obra es la que reúne varios argumentos contra los incredulos: *Armonia de la Razón y de la Religion*. El primer tomo aparece dedicado a Don Jose Maria de Mello... El segundo tomo esta dedicado al Principe Regente» (C. ROVIRA, *Eclecticos Portugueses*..). Acreditando, com Robert Ricard e M. H. Piwnick, que Menendez Pelayo viu a edição de 1798 – que nunca conseguimos encontrar – deve ter havido uma primeira tradução da *Harmonia*..., quando ainda não estava publicado o Tomo X, e posteriormente o tradutor, persuadido pela manutenção das personagens, pela semelhança do tema, pela sequência das «Tardes», criou uma unidade que acabou, em termos editoriais, por se autonomizar do conjunto da *Recreação*, e que, com grande dose de probabilidade, influenciou os círculos editoriais portugueses.

¹⁵ O P. Vasquez foi, pelo menos em número de trabalhos, o mais constante dos tradutores espanhóis de T. de Almeida (Zulmira C. SANTOS, *As traduções das obras de espiritualidade de Teodoro de Almeida (1722-1804) em Espanha e França: estado da questão, formas e tempos* in *Via Spiritus*, I, 1994, 185-208).

omitida Dedicatória. Por uma confusão difícil de perceber se da inteira e completa responsabilidade do oratoriano português, pode ler-se na Dedicatória a D. João, futuro D. João VI: «...porém nada disto basta, porque a ouvir os ímpios Voltaire, Rousseau, L'Esprit, Les Moeurs, d'Alembert, Diderot, e outros...». F. Vasquez, sem mencionar a citada Dedicatória, integralmente esquecida pelas traduções, como observámos, escreve: «...mas no sé yo si hallarán ocacione para esto en la filosofia moral del Padre Almeida, el cual, y las consecuencias que de principios solidos ha sacado por el metodo socratico, no solo los deja sin respuesta, sino que los hace un la ridiculez de los sistemas de aquellos libros de *L'Esprit, Les Moeurs, Homo Planta*, y de los autores favoritos de los ignorantes, Voltaire, Rousseau, D'Alembert, Diderot, etc»¹⁶. A leitura comparada das duas passagens evidencia o conhecimento do texto português, não apenas pela identidade do universo referencial, mas também pela correcção da confusão entre autores e obras no texto de origem¹⁷.

Deste modo, limitar-nos-emos ao estudo do tomo IX, o único verdadeiramente intitulado *Harmonia da Razão e da Religião*, na medida em que este explicitamente se inscreve no contexto da literatura de controvérsia que percorreu a segunda metade do século XVIII, enquanto o tomo X, embora refutando ocasionalmente Voltaire e Rousseau, se dedica essencialmente «aos costumes», ignorando o registo da polémica e as questões relativas à leitura.

2. Os Contextos

«Prevenir com esta especie de antidoto o mal que começa a grassar no nosso clima... Porém como esta empresa he alta, e no nosso Paiz nova...»

Harmonia da Razão..., Dedicatória, 1793

Na já citada Dedicatória ao Tomo IX, T. de Almeida esclarece as condições de produção da obra, fazendo-a enfileirar no vasto conjunto de texto contra «Ímpios e Incredulos»: «Trata-se de publicar as Repostas aos

¹⁶ T. de ALMEIDA, *Armonia de la Razón y la Religion ó Respuestas Filosoficas à los Argumentos de los Incredulos*, Dedicatória.

¹⁷ Curiosamente, uma estratégia editorial idêntica foi também usada para alguns exemplares da segunda edição, corrigida e aumentada, de *O Feliz Independente* (1786), que deve ter sido objecto de maiores tiragens. Com efeito, alguns volumes integram um retrato do autor, acrescentado, com toda a certeza, alguns anos depois, já que na respectiva legenda se pode ler a data de nascimento e de morte de Teodoro de Almeida ocorrida apenas em 1804: «Theodorus de Almeida, congreg. Oratorii olys natus die VII Jan ano MDCCXXII obit die XVIII April an. MDCCCIV».

argumentos, que pela parte da nossa Religião dei n'outro tempo aos Ímpios e Incredulos quando as circunstancias me fizerão brigar com elles com armas iguaes; isto he, com as da pura Razão.»¹⁸ Se bem que publicado em 1793 – em pleno período do «Terror», o que não deixa de funcionar como um «contexto» significativo – o texto remete para o anos 1768-1777, quando da estadia de T. de Almeida em França¹⁹, e também na Sabóia, conferindo-lhe, desta forma, a verosimilhança que o autor não deixa de sublinhar nas palavras introdutórias: «Feita pois esta posterior reflexão sobre o que nos casuaes encontros, e disputas imprevistas havia ouvido e respondido, julguei ser importante pôr em ordem esses argumentos e repostas; e isto tinha feito muito tempo ha, em forma de cartas aos meus Discipulos e Amigos os Senhores d'Armendariz, a quem eu tinha instruído, junto com a Fysica e Mathematica, na solidez da nossa Religião; por quanto servindo elles então nos Reaes Carabineiros em França, muitas vezes se me queixavão dos ataques, que os seus amigos lhes davam nas materias da Religião»²⁰.

Do mesmo modo que o espaço é a França, circunstância de que decorre um «aumento» de verosimilhança, o tempo é a década de 70, como se Teodoro de Almeida sugerisse, sem nunca verdadeiramente o afirmar, o conjunto de consequências a que, em sua opinião, tinham conduzido os ataques à Religião. Remetido para um tempo anterior, o texto joga implicitamente com o universo de conhecimentos actuais do leitor, criando uma dupla relação de diálogo, instituída simultaneamente face à matriz textual – a literatura «apologista» que procura responder aos ataques dos «philosophes» – e as circunstâncias históricas dos anos 90.

Sabe-se como sobretudo a partir da década de 60, em França, e muito nas consequências da publicação da *Encyclopédie*²¹, a questão religiosa alimentada por textos a favor e contra se começou a revestir de particular acuidade.

¹⁸ T. de ALMEIDA, *Harmonia...* (1793), Dedicatória.

¹⁹ T. de Almeida partiu de Portugal, tencionando dirigir-se à Holanda, onde já estava o P. Chevalier, em Setembro de 1768, fugindo a alegadas ordens de prisão da responsabilidade de Sebastião José de Carvalho e Melo. As dificuldades experimentadas na viagem por mar fizeram-no mudar de ideias e acabou por permanecer durante quase 10 anos - regressou a Lisboa apenas em Março de 1778 – em Bayonne, com estadias esporádicas em Auch e Annecy.

²⁰ T. de ALMEIDA, *Harmonia*, ed. cit., Prefação.

²¹ O episcopado francês havia tomado posição contra a *incredulidade* na assembleia do clero de 1755. Contudo é no *Procès verbal de l'Assemblée générale du Clergé de France tenue à Paris... en l'année de 1775* que se enunciam com clareza as vantagens da Religião e os efeitos ditos perniciosos da incredulidade, mostrando que as tendências materialistas e ateísticas constituíam ameaças à ordem social. Sobre esta questão, para além do clássico trabalho de R. PALMER, *Catholics and Unbelievers in Eighteenth Century France*, Princeton, 1939, M. ROSA, *Politica e religione nel '700 europeo*, Firenze, 1974.

A discussão filosófica – metafísica – sobre a existência, natureza e atributos de Deus, relações com o mundo e com o homem em particular implicava para muitos uma enorme erudição filológica, histórica e exegetica que obrigava a situar a discussão no campo de um saber profundamente especializado²². Contudo, o «processo ao cristianismo», cujas raízes os defensores da Religião Cristã faziam recuar bem longe²³, mas que assumiu particular importância na França dos anos 60-70 e na Itália de 70-80 escorava-se, se assim pode dizer-se, em dois tipos de texto fundamentais: por um lado a literatura do tipo do *Examen Critique des Apologistes de la Religion Chrétienne* (1766), título da célebre obra atribuída a Nicolas Fréret²⁴, tão apreciada por Voltaire²⁵, de uma tão larga e diferenciada erudição que mesmo os mais directos opositores lhe reconheciam valor²⁶, por outro a produção textual que pode ser paradigmaticamente pelo «patriarca de Ferney», isto é, um conjunto compósito de obras que, embora utilizando um saber histórico que não ignora a exegese bíblica, tem menos rigor filológico, mas muito mais variedade formal, na medida em que passa do

²² Sobre o problema da erudição no quadro das provas históricas e de exegese bíblica, veja-se a notável reunião de estudos de Bruno NEVEU, *Erudition et Religion aux XVII et XVIII siècles*, Paris, 1994.

²³ A maioria dos chamados «apologistas» chega, naturalmente, a Erasmo, na medida em que a questão se coloca essencialmente em termos de erudição em matéria bíblica. Contudo, os nomes e obras mais citados pertencem à segunda metade do século XVII e aos primeiros decénios da centúria seguinte. Veja-se, sobre esta questão, o muito informativo capítulo «L'attacco finale: la demolizione della Bibbia, l'impossibile certificazione della rivelazione, confutazione del «pari» pascaliano» da obra de A. PRANDI, *Cristianesimo offeso e diffuso...*, ed. cit., 113-155.

²⁴ Nicolas Fréret (1688-1714) foi também considerado o autor de *Lettre de Trasybule à Leucippe* editada por Holbach-Naigeon em 1765, sem indicação de impressor nem lugar de edição. Publicados postumamente, permanece ainda hoje não só a dúvida sobre a veracidade da atribuição, como o desconhecimento de alguma eventual circulação dos manuscritos antes deste aparecimento público consideravelmente tardio. Veja-se, para a biografia de Fréret, R. SIMON, *Nicolas Fréret académicien, Studies on Voltaire and the Eighteenth Century*, Genève, 1961, vol. XVII. Sobre o *Examen Critique...* o muito útil estudo de A. PRANDI, *Cristianesimo offeso e diffuso. Deismo e apologetica cristiana nel secondo settecento*, Bologna, 1975.

²⁵ *Voltaire's Correspondance*, Genève, 1953.

²⁶ O italiano Nicola Spedalieri, professor na Universidade de Pisa, fez publicar, refutando a obra de Fréret, em Roma, em 1778 (com reedição em 1791) a *Analisi dell'Esame Critico del Signor Fréret*, afirmando no prefácio: «il suo è un esame critico, nel qual si discute se gli cristiani hanno ridotti gli argomenti che provano il fatto ossia l'esistenza della Rivelazione, ad un grado di certezza capace di convincere un uomo ragionevole» (*Analisi...* fl. xi; citamos da edição de 1791, apenas por razões de comodidade). No mesmo prefácio (fl. v) sublinha: «è stato letto con piacere un libro in cui, invece di epigrammi, si trovano sillogismi, riflessioni in luogo di satire ed anziché vanamente declamare, si aspettano in silenzio i decreti della ragione per obbligar la verità a scoprire il suo volto e per questo arduo sentiero, da cui l'entusiasmo e la bile la maggior parte degli scrittori allontanano, è salito presso gli spiriti forti in alto grado di stima».

epigrama à novela, do poema épico ao panfleto ou ao teatro²⁷. Esta dimensão de «qualidade de estilo» que tornava as obras contra o Cristianismo – e não só as de Voltaire – particularmente atraentes para o leitor, continha em si, no sentir dos «apologistas», o germe da multiplicação, na medida em que a novela, o teatro, o poema épico obtinham uma circulação bem mais diferenciada e alargada que os pesados tratados a favor da Religião, que supunham uma competência de leitura comum a muito poucos. Para o Abbé Gauchat, que escreve contra Rousseau, Voltaire, Montesquieu e Pope, estes autores reúnem contra a «verdade», «l'étalage de l'érudition, le sel de l'ironie, l'amertume de la critique, l'équivoque du sophisme, la noirceur de la calomnie...»²⁸.

Obviamente os «apologistas da religião cristã» procuraram responder, palmo a palmo²⁹, aos sucessivos ataques, porém não conseguiram nunca abandonar o registo «sério», de tratado erudito, a única forma que reputavam conveniente para tratar as questões relativas à religião³⁰.

²⁷ Vejam-se, a título de exemplo, as palavras do «Préface» que o Abbé Gauchat escreveu para as suas *Lettres Critiques ou Analyse et réfutation de divers écrits modernes contre la Religion* (Paris, Chez Claude Hérisant, 1751): «Mais, osons le dire, nul siècle où l'incrédulité se soit produite avec plus d'audace, répandue avec plus de progrès. Il ne suffit pas de gémir sur ce scandale, il faut tâcher d'en découvrir les sources, d'y remédier s'il est possible. Il en est plusieurs sans doute; mais un des plus générales, c'est ce déluge de malheureux Libelles qui inondent le Christianisme. Les vérités capitales que l'impie même jusques ici n'avait osé attaquer, ne sont plus à l'abri des traits de ces plumes noires & hardies, qui tâchent de répandre leur vénin, leurs ténèbres sur la Religion & sur le trône même de Dieu. Une licence effrénée conduit aux dernières bornes certains Auteurs nés avec des talents pour le malheur de l'univers. Ils réunissent contre la vérité l'étalage de l'érudition, le sel de l'ironie, l'amertume de la critique, l'équivoque du sophisme, la noirceur de la calomnie, le spécieux d'une morale sèche et sans principes. On dévore hardiment ces productions de malice & d'erreur, sans autre motif que la légèreté & la curiosité; peut-être, avec un secret esprit d'incrédulité & de révolte: du moins sans avoir une connaissance exacte & de la Religion, on ose lire tout ce qui l'attaque.»

²⁸ GAUCHAT, *Lettres Critiques*, Préface.

²⁹ A propósito deste complexo de fenómenos eclesiástico-religiosos ou sócio-religiosos que, verdadeiramente, enquadraram a apologética e a controvérsia no cenário das Luzes, permitimo-nos transcrever as palavras de M. Rosa que, em nossa opinião, traduzem com clareza a situação em causa: «D'ora in avanti [depois da condenação romana do *Esprit des Lois* (1751)], però, la lotta tra cattolicesimo e Lumi verrà condotta dai contendenti senza esclusione di colpi: dai Lumi, con la critica sempre più radicale alla morale e alla teologia della Chiesa, nel desiderio di liberarsi dai modelli tradizionali dell'autorità religiosa dominante e di una ortodossia privilegiata e persecutrice; dal cattolicesimo, con l'uso sempre più frequente degli strumenti propri di una politica repressiva ereditati dalla Controriforma, indirizzati, sebbene senza grande successo, contro le espressioni più significative della nuova cultura. In effetti, di fronte alle critiche dei Lumi, che andavano mutando la cultura e la società, la Chiesa non solo perderà il controllo della vita intellettuale europea, ma darà complessivamente, sino alla Rivoluzione e alle soglie dell' Ottocento, una risposta inadeguata ai *philosophes*.» (*Le Chiesa Cristiana fra tradizione e rinnovamento* in AA. VV., *Europa 1700-1992: storia d'un'identità. La disgregazione dell' Ancien Régime*, Roma, 1992, 163).

³⁰ Vejam-se, como tom de um conjunto, as afirmações de Gauchat no prefácio das *Lettres Critiques*: «On a choisi le style épistolaire, comme plus facile & plus convenable. Les Lettres

Evidentemente que a questão global se centrava nas provas da existência de Deus: nem a sublimidade da doutrina, nem os sinais extrínsecos (profecias e milagres) podiam continuar a ser atribuídos a causas misteriosas e sobrenaturais e, bem pelo contrário, mediante a pesquisa de uma razão convenientemente orientada, teriam de ser obrigatoriamente despojadas do proclamado carácter extraordinário. Durante longo tempo, os apologistas cristãos foram obrigados a mover-se sobre o terreno dos princípios resistindo às impugnações, em primeiro lugar, da existência de Deus, depois defendendo o Deus cristão contra o Deus dos «philosophes» a quem, como autor e conservador da Natureza, se queria negar a acção do milagre, da profecia, da revelação sobrenatural.

Ao situar no seio da nobreza rural francesa dos anos 70 o debate sobre a «Existencia de Deos» e os seus atributos – recordemos que as questões fundamentais se jogavam em duas frentes: os ateus negavam a existência Deus, os deístas, a perfeição – T. de Almeida aproveitava da experiência vivida, mas colhia também a «mais valia» que representaria para um leitor da década de 90, em Portugal, saber a que havia conduzido a admiração pelos livros «Ímpios», manifestada pelos diferentes intervenientes do diálogo, que curiosamente não cita explicitamente um único texto, nem anterior nem contemporâneo, a favor da Religião.

E, no entanto, a década de 60 tinha assistido, em França, à publicação de um conjunto de escritos que directamente visavam textos contra a Religião: em 1762, Claude Nonotte publica *Les erreurs de Voltaire*³¹, em 1765, Nicolas-Sylvestre Bergier (1718-1790) faz editar, contra Rousseau, *Le deïsme réfuté par lui-même ou examen des principes de l'incrédulité dans les divers ouvrages de M. Rousseau en forme de lettres*³² e em 1767, contra o *Examen...* de Fréret, *La certitude des preuves du Christianisme*³³; entre 1768 e 1770 saem os quatro tomos do *Accord du christianisme et de la raison* de Gauchat,³⁴ que em 1751 havia editado as *Lettres Critiques ou analyse et réfutation de divers écrits modernes contre*

exigent moins de contention: elles séparent les matières: elles présentent une discussion simple & naturelle à la portée de tout le monde. Elles ont si bien réussi aux partisans de l'erreur, pourquoi ne pas profiter de cet avantage en faveur de la vérité? Il n'est pas possible de les rendre amusantes. Le ton badin, les railleries, les contes, les relations; en un mot tout ce qui a donné tant de cours à de certaines Lettres doit être banni de celles-ci. Bornées aux matières de Religion elles exigent un style grave et sérieux. Pour les goûter il faut aimer le vrai & le solide.»(sublinhado nosso).

³¹ C. NONNOTTE, *Les erreurs de Voltaire*, Avignon, 1762.

³² Nicolas-Sylvestre BERGIER, *Le Deïsme Réfuté par lui-même ou examen des principes de l'incrédulité dans les divers ouvrages de M. Rousseau en forme de lettres*, Paris, 1765 (em 1774 tinham saído já cinco edições).

³³ N.S. BERGIER, *La Certitude des preuves du Christianisme*, Paris, 1767.

³⁴ GAUCHAT, *Accord du Christianisme et de la Raison*, Paris, 1768-1770.

la religion, e em 1769 as *Lettres de quelques juifs*³⁵ do Abbé Guénéé. A mesma década tinha sido também, em França, o teatro em que os textos do «processo ao cristianismo» haviam assumido particular relevo, em virtude de uma cadência editorial praticamente anual: em 1761, atribuído a N. Boulanger, mas verdadeiramente da autoria de d'Holbach, vê a luz *Le christianisme Dévoilé, ou Examen des principes et des effets de la religion chrétienne par feu M. Boulanger*³⁶, em 1764, o opúsculo satírico do mesmo d'Holbach, *L'abbé et le rabin*, em 1765 a *Lettre de Trasybule à Leucippe*, assacada a Fréret, em 1766 o *Examen...* do mesmo Fréret, em 1767 a *Théologie portative*, também de d'Holbach e Naigeon³⁷, *L'Impostura Sacerdotale ou recueil de pièces sur le clergé traduites de l'anglais*³⁸, *Les Prêtres démasqués ou des iniquités du clergé chrétien*³⁹, *L'Esprit du clergé* e ainda o muito célebre *Le Militaire Philosophe* que havia circulado clandestinamente em manuscrito⁴⁰; em 1768, de novo d'Holbach fazia publicar, como tradução, *La Contagion Sacrée ou Histoire Naturelle de la superstition* e como anónimo, *Lettres à Eugénie ou Préservatif contre les préjugés*⁴¹, e em 1770, o mesmo d'Holbach, sob o nome de Mirabaud, apresentava o famoso *Système de la Nature*, a cuja refutação o italiano Valsecchi procederá em 1776, na primeira parte de *La Religione Vincitrice*⁴².

Era este o cenário, pelo menos em termos editoriais, para o qual remetia T. de Almeida ao mencionar «os oito annos de continuas disputas»⁴³ a que em França tinha sido submetido pelos «ímpios e Incredulos»⁴⁴.

³⁵ GUENÉE, *Lettres de quelques juifs*, Paris, Amsterdam, 1769 (data que tem vindo a ser considerada falsa).

³⁶ No mesmo ano *Les Recherches sur l'origine du despotisme oriental e L'Antiquité dévoilé* (sobre Boulanger continuam válidas as considerações de F. VENTURI, *L'Antichità svelata e l'idea di progresso in N. A. Boulanger*, Bari, 1947 e *Postille inedite di Voltaire ad alcune opere di N. A. Boulanger e del barone d'Holbach*, Studi Francesi, 1958, n 2).

³⁷ *Théologie portative ou dictionnaire abrégé de la religion chrétienne* par M. l'abbé Bernier (1767).

³⁸ Recolha de opúsculos ingleses com a indicação de Londres, 1767.

³⁹ Tradução de *The Ax Laid to the Root of Christian Priestcraft, by a Layman* (cf. A. PRANDI, *Cristianesimo Offeso...*, ed. cit., 9).

⁴⁰ *Le Militaire Philosophe ou Difficultés sur la Religion, proposées au R.P. Malebranche, prêtre de l'Oratoire, par un ancien officier*. (R. MORTIER publicou-o, em edição crítica, em Bruxelas, 1970.)

⁴¹ Sobre as condições de aparecimento desta obra, v. A. PRANDI, *Cristianesimo Offeso e diffuso...*, ed. cit., 7-10.

⁴² VALSECCHI, *La Religione Vincitrice*, Padova, 1776 (A primeira parte refuta o *Système de la Nature*, a segunda é uma crítica ao *Examen...* de Fréret).

⁴³ T. de ALMEIDA, *Harmonia...*, Dedicatória.

⁴⁴ T. de ALMEIDA, *Harmonia...*, Dedicatória.

Porém, ao equacionar as condições de publicação da obra, em 1793, frisa que duvidou «por muitos tempos publicar... estas disputas, pela julgar (a Patria) isenta do contagio, que hia devastando Paizes bem florentes, e temia que os ouvidos pios, ignorando os meus intentos, me levassem a mal o vulgarizar eu as blasfêmias, que nessas disputas se ouvem da boca dos nossos inimigos»⁴⁵. Contudo, o facto de «que por centos de livros pestíferos, que nos curiosos se achão contra a Religião, apenas se acha hum, ou outro dos muitos que se tem publicado em sua defeza» acabou por persuadi-lo⁴⁶. Ao sintetizar os perigos – tópicos – que a vulgarização sempre acarretava, Almeida alude a uma situação que, do seu ponto de vista, fazia de Portugal um país onde apenas «começava a grassar»⁴⁷ o mal, e entendia a empresa a que se propunha como «alta e no nosso Paiz nova»⁴⁸.

Embora não seja fácil avaliar com rigor da justeza das palavras do oratoriano, na medida em que, em relação à primeira parte da afirmação, não existem estudos sistemáticos sobre a circulação dos chamados folhetos clandestinos, nem sequer trabalhos que analisem exaustivamente o teor das censuras que contêm em muitos casos apreciações sobre a circulação dos «philosophes», teremos que limitar-nos às informações sobre os mecanismos de divulgação, que acabam por passar por um conjunto composto de informações contemplando desde pareceres da Mesa Censória, a algumas pastorais⁴⁹ ou ao muito preciso *Catalogo dos Livros Defesos neste Reyno, desde o dia da Criação da Real Mesa Censória athe ao presente*⁵⁰. Se bem que aparentemente dispersas, estas indicações tornam, todavia, possível traçar um cenário cuja clareza depende dos conhecimentos existentes e que, nesse sentido, preserva ainda muitas zonas de sombra. Importa-nos, assim,

⁴⁵ T. de ALMEIDA, *Harmonia...*, Dedicatória.

⁴⁶ A alusão à multiplicidade de obras contra a Religião publicadas por estes anos 60-70 torna-se verdadeiramente uma espécie de *leit-motiv* nos prefácios dos textos dos «apologistas». Sirvam-nos como exemplo as palavras do Abbé Gauchat no prefácio às *Lettres Critiques ou Analyse et Réfutation de divers écrits contre la Religion* (A Paris, Chez Claude Herissant, MCCLVIII): «Il en est plusieurs sans doute; mais une des plus générales, c'est ce déluge de malheureux Libelles qui inondent le Christianisme...», corroboradas, aliás, pelo impressor da obra que no *Avis du Libraire*, acrescentado à segunda edição, sublinhava: «mais les écrits de l'Incredulité se multipliant chaque jour, il ne peut encore fixer les bornes précises d'une discussion aussi nécessaire».

⁴⁷ T. de ALMEIDA, *Harmonia*, ed. cit., Dedicatória.

⁴⁸ T. de ALMEIDA, *Harmonia*, ed. cit., Dedicatória.

⁴⁹ E não apenas a tão célebre de D. Miguel de Anunciação (M. A. RODRIGUES, *Pombal e D. Miguel da Anunciação bispo de Coimbra* in *Revista de História das Ideias – O Marquês de Pombal e o seu Tempo*, Coimbra, I.H.T.I., 1982, 207-298), mas também, e apenas como exemplo, a do franciscano Frei Manuel do Cenáculo, datada de 1 de Janeiro de 1778 (Cf. F. da Gama CAEIRO, *Frei Manuel do Cenáculo. Aspectos da sua actuação filosófica.*, Lisboa, 1959).

⁵⁰ Cf. M. Adelaide Salvador. MARQUES, *A Real Mesa Censória e a cultura nacional-Aspectos da geografia cultural portuguesa no século XVIII*, Coimbra, 1963.

por um lado destacar, desse mosaico de conhecimentos, algumas das referências a Voltaire, Rousseau, Bayle e d'Holbach, que demonstram que o esforço para conter a divulgação dos «philosophes» remonta aos anos 60-70 e por outro que a «empresa» de Teodoro de Almeida não era tão nova quanto o autor a presumia.

Se privilegiarmos, pelas razões atrás apontadas – e sobretudo pela regularidade de produção editorial das obras contra o cristianismo –, as décadas de 60-70, vale a pena ter em conta o teor da autorização concedida em 25 de Janeiro de 1760, a Frei Gonçalo de Oliveira O.S.H., a quem, apesar do Breve pontifício, o Tribunal Régio concedeu licença para ler livros proibidos durante cinco anos, exceptuando, todavia, «Hereziarcas, os de Astrologia judiciária, os de Materialismo, o livro L'Esprit, as obras de Nicolao Machiavelo, Carlos du Moulin, Thomas Hobbes, o Adonis de Marine e aquelles que a sua própria consciência entender que a podem offender e cauzar damno»⁵¹. Aliás, a regra 14^a do conjunto das que no Regimento da Real Mesa Censória (1768) precisavam as normas a seguir na censura dos livros visava directamente «as obras dos prevertidos Filozofos destes ultimos tempos, que continuamente estão inundando e inficionando o Orbe Literario com methafisicas tendentes ao Pyrronismo ou incredolidades: a impiedade ou à libertinagem»⁵².

Dos diferentes pareceres que na actividade da Real Mesa Censória enquadram simultaneamente a circulação das obras dos «philosophes»⁵³ e respectivas traduções, vale a pena atentar, como marca de uma atmosfera, na forma como os deputados António Pereira de Figueiredo, Frei Luís de Monte Carmelo e Frei Francisco de S. Bento decidiram, em 1770, da circulação das obras de Voltaire. Enquanto os dois primeiros pretendiam a proibição pura e simples de todos os textos⁵⁴, Frei Francisco de S. Bento considerou que se deviam deixar correr as obras de Teatro, por não terem «couza mais digna

⁵¹ ANTT, Santo Officio. Requerimentos, certidões e Petições, Est. 163, Prat. 6.

⁵² Cf. os clássicos trabalhos de J. T. da Silva BASTOS, *História da Censura Intelectual em Portugal*, Coimbra, 1926; A. FERRÃO, *A censura Literária durante o governo pombalino*, Coimbra, 1927; A. A. Banha de ANDRADE, *Vernei e a cultura do seu tempo*, Coimbra, 1966.

⁵³ Pelo Edital de 24 de Setembro de 1770, a Mesa havia proibido o *Émile ou de l'Education*, o *Contract Social ou Principes ...*, *Dedicatória du Droit Politique* de Rousseau, o *Dictionnaire Historique de Bayle*, os *Elementa Philosophica de cive de Hobbes*, as *Lettres Philosophiques*, *Candide ou l'Optimisme* e o *Dictionnaire Philosophique* de Voltaire (Cf. T. BRAGA, *História da Universidade de Coimbra*, Tomo III, Lisboa, 1898).

⁵⁴ Registem-se as palavras de A. Pereira de Figueiredo: «Elle he pessimo, ainda quando parece bom: elle diffunde o veneno, ainda quando faz oraçoens a Deos: elle inspira insensivelmente hum desprezo de tudo o que he Religião e piedade, ainda quando quer persuadir que so a piedade e a Religião o obriga a manifestar os seus sentimentos: elle emfim he impio e blasfemo ate quando se lamenta de o preseguiem por impio e blasfemo...». ANTT, Real Mesa Censória, Censuras, Caixa 2 (1770).

de censura que as muitas obras deste genero que continuamente se permitem» e porque «correm em toda a Europa e se representam nos Theatros com aplauzos», sendo «para esta real Meza hum grande desdouro, se as prohibir com todas as mais obras»⁵⁵, e também as de História, na medida em que «Hum censor, se fosse possível, devia ignorar o nome dos Authores, cujas obras examina, e atender unicamente ao que se acha escripto; pois que deste modo mostraria não ser movido nas suas censuras pelas paixões do ódio ou do amor, mas so pelo verdadeiro merecimento das obras»⁵⁶.

Alguns anos mais tarde, em 5 de Dezembro 1775, e a propósito da condenação da obra de Helvécio, *Le Vrai sens du système de la nature* (1774), um edital da Mesa Censória chamava a atenção para o perigo representado por aqueles que se escondiam debaixo do «pomposo título de espiritos fortes» e se «hão elevado como mestres do género humano, pretendendo extinguir a verdadeira crença... espalhando para isto livros cheios de máximas perniciosas».

Ao mesmo tempo que os mecanismos de censura de livros procuravam conter a divulgação dos autores ditos «espiritos fortes», as décadas de 70 e 80 assistiam em Portugal à tradução de obras dos apologistas cristãos. Porém, se examinarmos, com a precisão possível, o quadro das traduções, entre 1770 e 1793, data da publicação da *Harmonia*, verificaremos que, pelo que diz respeito aos «apologistas», as traduções se reduzem a Bergier: em 1780, a tradução da obra escrita contra o *Examen Critique* de Fréret, *La Certitude des preuves du Christianisme*, sob o título *A certeza das provas do Cristianismo, ou refutação do Exame critico dos apologistas da religião christã*, reeditada, pela Régia Oficina Tipográfica, em 1785 e 1789 e em 1787, do mesmo autor, o *Deismo refutado por si mesmo*, reimpresso também pela Régia Oficina em 1789, enquanto, no mesmo lapso de tempo, contámos 15 traduções de Voltaire⁵⁷ e uma de

⁵⁵ ANTT, Real Mesa Censória, Censuras, Caixa 2. Vejam-se as indicações facultadas pelo *Catalogo de livros defesos...: «Voltaire/ F. M. A. / Theatre de = Hê permitido, porem deve-se notar que algumas Edições trasem no fim l'Ingenu, et la Princesse de Babilone =Sup»*(M. Adelaide S. MARQUES, *A Real Mesa Censória...*, ed. cit., 204.

⁵⁶ ANTT, Real Mesa Censória, Censuras, Caixa 2.

⁵⁷ Verdadeiramente 18, pois que 3 se encontram repetidas: 1772 – *Historia de Carlos XII Rei da Suecia*; 1773 – *Alzira ou os Americanos, tradução de Monsieur de Voltaire*; 1781 – *Os Scytas*; 1782 – *Historia do Imperio da Rússia no tempo de Pedro o Grande*; 1783 – *O Orfão da China*; *Morte de César, ou do mundo a maior crueldade*; *Zaira*; 1784 – *O discreto ou o jactancioso*; 1785 – *Historia do Imperio da Russia...*; 1785 – *Alzira*; 1786 – *Méroe*; 1788 – *Alzira ou os Americanos*; 1789 – *Henriade*; 1790 – *Marianne*; *Orestes*; *Sofonisba*; 1791 – *Morte de César...*; *As Vinganças de Hermione* (recorremos, como instrumento de consulta, à muito útil publicação de A. A. Gonçalves RODRIGUES, *A Tradução em Portugal*, Lisboa, 1992).

Rousseau⁵⁸, sendo as de d'Holbach posteriores à data limite. Tanto quanto nos é lícito afirmar neste momento, mais nenhuma obra dos «apologistas» foi traduzida para português, até à data da publicação da *Harmonia*⁵⁹.

A única tradução que circulou por estes anos, com o objectivo confesso de contraditar sobretudo Rousseau, mas também Voltaire, foram as *Cartas de huma mãe a seu filho pelas quaes lhe prova a verdade da Religião Cristã* (1786 e 1787). Esta versão de um original francês anónimo, de que conhecemos duas edições, uma de 1786 e outra de 1787, a primeira da Oficina de Francisco Luís Ameno e a segunda da Oficina de António Gomes, recria um universo muito semelhante ao escolhido por Teodoro de Almeida, ao considerar no diálogo entre um cavaleiro e um filósofo, prévio às cartas – e que funciona como uma espécie de prefácio – que, para ser bem recebido em determinados círculos, que a qualidade das personagens faz identificar com a nobreza, «he preciso zombar do Evangelho, e declarar-se affoitamente inimigo dos prejuizos vulgares».

Se a este pequeno grupo, juntarmos, como produção nacional, a *Dissertação sobre a alma racional, onde se mostram os fundamentos da sua immortalidade* (1778) do franciscano Frei José Mayne e a *Verdade da Religião Cristã* (1787) de António Ribeiro dos Santos⁶⁰, teremos preenchido,

Alzira ou os Americanos; 1789 – *Henriade*; 1790 – *Marianne*; *Orestes*; *Sofonisba*; 1791 – *Morte de César...*; *As Vinganças de Hermione* (recorremos, como instrumento de consulta, à muito útil publicação de A. A. Gonçalves RODRIGUES, *A Tradução em Portugal*, Lisboa, 1992).

⁵⁸ Verdadeiramente, a tradução de Rousseau é ligeiramente anterior à data que definimos. Trata-se de *O cinto mágico do senhor João Baptista Rousseau*, datada de 1768. A informação, que não conseguimos confirmar, provém de Gonçalves RODRIGUES, *A Tradução...*, ed. cit., 153. As outras duas traduções de Rousseau, dentro do lapso temporal considerado, 1770-1793, que vêm anotadas no índice desta obra, não o são verdadeiramente, pois que pertencem às traduções em que Bergier refuta este autor.

⁵⁹ A obra do Abbé Lamourette *Pensamentos sobre a filosofia da incredulidade ou reflexões sobre o espirito e desígnio dos filósofos sem religião do presente século* (Lisboa, Régia Oficina Tipográfica) foi traduzida apenas em 1796 e reeditada em 1816.

⁶⁰ Publicada anonimamente, em Coimbra, na Real Impressão da Universidade, *A Verdade da Religião Cristã* tem sido desde sempre (veja-se Inocêncio) atribuída a António Ribeiro dos Santos. Desenvolvendo as mesmas questões dos «Defensores da Religião Cristã» (Prefácio, XII), o autor anota explicitamente as fontes utilizadas: «Esta Obra foi recopilada principalmente dos seguintes escritos, a saber, da *Demonstração Evangelica* do Ilustre Bispo de Avranches, Pedro Daniel Huet; da *Certeza das Provas do Cristianismo*, de Mr. Bergier; do *Deísmo Refutado por si mesmo*, do mesmo Autor; da *Apologia da Religião Cristã*, também do mesmo autor; do *Oraculo dos Novos Filósofos*; *Cartas de huma mãe a seu Filho sobre a Religião*; da *historia do Povo de Deos* do P. Isaac José Berruyer; do *Diccionario Anti-filosofico*; da *Verdade da Religião Christã*, de Jacome Abbadie; da *Verdade da Religião Christã*, de Hugo Grocio; da *Theologia Physica, e Astronomica* de Guilherme Derham; da *Religio Cristã provada por factos*, do Abbade Houteville & c.» (A. R. dos SANTOS, *A Verdade da Religião Cristã*, Coimbra, 1787, Prefácio, XII- XIII). V. J. Esteves PEREIRA, *O Pensamento Político em Portugal no século XVIII*, Lisboa, 1983 e João Luís LISBOA, *Enciclopédismo e Anti-Enciclopédismo in Prelo*, 4, Julho-Set., 1984.

tão completamente quanto nos é dado saber, o quadro no qual T. de Almeida entendia como «nova» a «empresa» que a *Harmonia da Razão e da Religião* representava.

3. Livros e leituras

«Ora mandai-me vir o Poema de Mr. Voltaire sobre a Religião natural dedicado a El-rei da Prússia»

T. de Almeida, *Harmonia...*, 1793

Do conjunto de personagens que participam nos diálogos que constituem a *Harmonia da Razão e da Religião*, há duas, Teodósio e a Baronesa, que não só conferem unidade ao texto, no sentido em que permanecem do princípio ao fim, garantindo a verosimilhança, como são, de alguma maneira, os elementos que mais directamente se envolvem nas questões relativas à leitura ou, mais rigorosamente, à definição de uma pauta de modos de ler.

Através da Baronesa, aluna de Teodósio em Geometria, Matemática, Física e Geografia, o autor precisa os cenários da discussão: o sul de França (Bayonne) e a nobreza rural dos anos 70. Através de Teodósio, o contexto argumentativo: assim como ensinou à jovem aristocrata as disciplinas entendidas como necessárias, assim procurará ensinar, desta vez não na ambiência de aula mas numa espécie de prática quotidiana, como resistir aos argumentos de «Ímpios e Incredulos», sublinhando os *estilos próprios para conhecer a verdade* e os modos de ler⁶¹.

Apesar do título, a *Harmonia da Razão e da Religião* não é um texto inscrito em sede de provas históricas ou exegese bíblica, mas sim um grupo de diálogos que procura «acudir às invectivas... contra a Religião», privilegiando a *conversação familiar*⁶². Daí que cada uma das quinze Tardes em que a obra se divide enquadre diferentes espaços da sociabilidade, das conversas à mesa aos passeios e assembleias, remetendo frequentemente para discussões havidas em dias anteriores, em contextos idênticos⁶³. Estes

⁶¹ Curiosamente, as *Cartas de uma mãe a seu filho...* sublinham que a educação da «Mãe» que vai permitir-lhe provar as «Verdades da Religião Cristã» pela «Razão», pela «Revelação» e pelas «Contradições em que incorrem os que a combatem» dependem da «felicidade de [ter sido] instruída pelo Abade ***», sujeito muito zeloso, e muito sábio. Em todo o tempo, que elle esteve encarregado da educação de meus Irmãos, nas instruções que nos dava, cuidou em ajuntar as provas da doutrina da revelação...». *Cartas de huma mãe...*, ed. cit., 14.

⁶² Teodoro de ALMEIDA, *Armonia...*, ed. cit., Prefação: «só quero acudir às invectivas, que na conversação familiar costumão fazer contra a Religião...»

⁶³ A definição dos espaços contribui, no quadro da verosimilhança, para a organização de um universo referencial, que torna possível, seguindo os nossos sublinhados, reconstruir,

curtos apontamentos, muitas vezes simples alusões, se tecem e fundamentam a coerência e coesão textuais, contribuem também para deslocar as questões discutidas das «Dissertações Theologicas» para a conversa de salão, justificando, de alguma forma, a aparente simplicidade de argumentação, ao mesmo tempo que recriam o viver quotidiano de uma certa nobreza francesa antes da Revolução.

É à Baronesa que cabe suscitar a questão do *mal* que chegou e ao qual não sabe como resistir, instada pelos diferentes hóspedes e visitas que constantemente abordam os temas relacionados com a Religião⁶⁴. Não deixa de ser curioso notar que à excepção da Baronesa e da Mãe – e obviamente de

cadencialmente, o viver dessa nobreza rural, pautado por visitas, ceias, passeios, idas à capela: *Tarde I*: «hoje tereis Vós á meza hum que não he dos peiores», 3; «e passeando com elle os dias passados sobre o Glacis», 3; *Tarde II*: «Não sabeis quanto eu me regalei hontem á noite, que ceei aqui com o Chevalier Sansfond ...», 25; «Se Vós quereis, Theodosio, vamos todos tres para o meu quarto; eu digo aos criados, que quando vierem visitas, as levem ao quarto de minha Mãe, ou de meu Irmão o Chevalier; e que eu sahi com o Barão a passeio», 27; «Vamos a passeio, Theodosio, antes que venhão visitas, que nos incommodem», 43; *Tarde III*: «Não vos posso ponderar, meu Theodosio, a admiração que me fez hontem em huma certa assemblea hum nosso amigo que eu não nomeio.», 44; «Esse sujeito não he hum, cujo nome principia por H, e ceou comnosco ha cousa de quinze dias?», 46; «Vamos a passeio.», 63; «Eu dei a palavra a Madama Governadora que me mandou convidar para lhe dar o braço no passeio esta tarde...», 63; «Vamos a passeio: chamai o Barão, que elle assim que percebeo que estava cá o Coronel com suas Filosofias, não quiz entrar; mas eu bem o senti.», 64; *Tarde IV*: «Eu o convidei hoje para o passeio;», 65; *Tarde V*: «Eu reparei hontem á noite, meu Amigo Theodosio, que Vós á meza notastes huma cousa...», 104; «...vamos a passeio, Theodosio.», 126; *Tarde VI*: «Chegão carruagens, ponhamo-nos em tom de passeio, antes que nos empatem em casa.», 143; *Tarde VII*: «Por ora basta de especulações: vem visitas, vou recebellas: Adeos.», 172; *Tarde VIII*: «Tomara, que vos fosse permitido apparecerdes assim como estais á tarde na Assemblea;», 176; «Sendo assim, vamos para a meza, que ja ouço, que são horas.», 206; *Tarde IX*: «Não vos retireis, que elle em percebendo, que Vós estais no meu quarto, não tarda.», 208; *Tarde X*: «Aposto eu, Senhor Brigadeiro, que Vós estaveis fazendo horas para me irdes buscar ao passeio costumado: aqui temos Theodosio; vamos nós sómente os tres passear até o bosque, que he frondoso, e grande abrigo para o tempo de calma; e depois acabada a nossa conversação (que será importante) sahiremos para os Jardins lá pela fresca, para nos ajuntar ao rancho grande dos Cavalheiros, e Senhoras, que aqui se ajuntão.», 250; *Tarde XI*: «A estas horas já ella está bem interessada no jogo, e bem pouco se lhe dá dos argumentos, que lhe fizemos.», 316; «Vamos a passear, que hoje não quero a companhia brilhante das mais senhoras; porque não acabo de admirar a facilidade com que se admittem absurdos horrendissimos, e de consequencias de maior importancia.», 316; *Tarde XII*: «...quando me encontrou sahindo da Capella...», 317; «Crede-me Balio; pouca gente reflecte como deve ser antes que falle: não sejais assim. Vamos ao jogo.», 317; *Tarde XIII*: «Vós estaveis tão influidos na disputa, que vindo eu por toda esta rua do Jardim, nenhum de Vós me vio, até que junto de Vós vos saudei.», 341; «Basta, meus Amigos, que vem gente.», 362; *Tarde XIV*: «...hoje creio que não temos ninguém, porque o casamento do vosso vizinho leva todas as nossas amigas, e esta tarde estaremos sós, Eu, e a Baroneza, e Vós.», 363; «Agora se quereis, vamos a passear todos tres.», 387; *Tarde XV*: «Vamos passear», 403.

⁶⁴ Consideremos uma vez mais o texto das *Cartas de huma mãe...*: «vos levanteis brevemente Apologista da Religião Cristã; porque todo o mundo hoje se intromette com ella». *Cartas de huma Mãe...*, ed. cit., xviii.

Teodósio –, todas as outras personagens, representantes de extractos vários da nobreza – militares como o Chevalier (ironicamente denominado Sansfond)⁶⁵, o Coronel (tido por ateu)⁶⁶, o Major (criado com protestantes),⁶⁷ o Brigadeiro (douto nas ciências naturais)⁶⁸, o Barão (irmão da Baronesa), o Conde, a Marquesa (tia da Baronesa, possuidora de estudos de «bellas letras» e autora de peças de teatro)⁶⁹, o Balio – constituem adversários a convencer, como se o autor quisesse sublinhar, pela variedade e qualidade dos opositores, por um lado, a dimensão da controvérsia religiosa na França da década de 70 e, por outro, os círculos da divulgação: «Baronesa: O mal, que receáveis veio; e os remedios que então me daveis como preservativo do mal, agora talvez que sirvam de o curar: pelo menos eu agora temo o que então não temia: espero qualquer dia meus irmãos, que chegarão de Saumur, e a vivenda no regimento não sei se lhes terá sido prejudicial; por quanto se eu aqui em minha casa me vejo summamente atacada sobre a Religião, sendo meus pais tão catholicos, e tão attentos, que succederá a meus irmãos entre toda a variedade de sentimentos que terão os seus companheiros?... Estes hospedes, que nos fazem favor, especialmente quando vem a jantar; porque já da mesa vai a questão armada, que dura até à hora do passeio; e huns com os outros se divertem em mil invectivas contra quem não quer sentir como eles: hoje tereis vós à mesa hum que não he dos peiores; mas afflige-me, e he pena, por quanto he homem de juizo, e não deixa de ter graça; mas pela sua conversação creio que he dos da moda: he o *Chevalier Sansfond*.»⁷⁰

Ainda que o conjunto das quinze Tardes que constitui a obra procure tratar exaustivamente as questões mais debatidas pelos *apologistas* – das provas sobre a Existência de Deus à Imortalidade da Alma, Revelação, Pecado Original, «Culto devido a Deos Interior e Exterior», «Immutabilidade Divina e... Fogo vingador da outra vida»⁷¹ –, apenas as primeiras quatro se prendem directamente com problemas de leitura, desenvolvendo-os de formas diversas: discutem-se, na Tarde I, as diferenças

⁶⁵ Teodoro de ALMEIDA, *Harmonia...*, ed. cit., 3: «...homem bem instruido, especialmente na Artilharia; sabe bem a fundo esta materia, e tem servido com grande distincção».

⁶⁶ Teodoro de ALMEIDA, *Harmonia...*, ed. cit., 51: «de quem ha pouco vos dizia que o tinha por Atheo.»

⁶⁷ Teodoro de ALMEIDA, *Harmonia...*, ed. cit., 390: «Todos os Protestantes seguem isso; e eu, ainda que sou Catholico Romano, como me criei com elles, não estou muito longe de os seguir».

⁶⁸ Teodoro de ALMEIDA, *Harmonia...*, ed. cit., 66: «Douto he elle: nas sciencias naturaes julgo que discorre bem...».

⁶⁹ Teodoro de ALMEIDA, *Harmonia...*, ed. cit., 289: «Tem muitos estudos de bellas letras; e tem composto varias peças de Theatro».

⁷⁰ T. de ALMEIDA, *Harmonia...*, ed. cit., 2-3.

⁷¹ Teodoro de ALMEIDA, *Harmonia...*, Appendix.

entre livros *pessimos* e livros *excelentes*, qualificação que naturalmente se altera em função do ponto de vista do leitor; considera-se, em sequência, na Tarde II, o estilo dos livros a favor ou contra a Religião, enquanto as Tardes III e IV põem em prática, refutando Voltaire e Rousseau, métodos de leitura tidos como aconselháveis. Esta espécie de consideração propedêutica revela e define a importância da leitura para tratar as questões da Religião. Para discutir é preciso ler. Como? De que formas?

Livros *pessimos* para a Baronesa e *excelentes* para o Chevalier são as obras «contra a Religião» definidas como «muitas» e «eloquentes». Para esta última personagem, que não para a Baronesa, também os textos a favor não faltam, mas «como não são escritos com tanta eloquência, não mettem appetite»⁷². A diferença fundamental entre os dois grupos equaciona-se, assim, em termos da «beleza de estilo» que fundamenta e justifica a atracção exercida por um conjunto de escritos tidos como favoráveis às paixões. Neste sentido, Teodósio traça para a Baronesa, não uma «biblioteca» de livros aconselháveis – curiosamente não se cita um único –, mas uma «gramática de leitura» que sublinha, essencialmente, uma «arte de resistência» aos textos qualificados como perigosos, prendendo-se umbilicalmente a um conjunto de modos de ler.

Embora os textos a favor da Religião sejam muitos, eles funcionam como poucos, no sentido em que, qualificados como «insípidos», não têm leitores. Transportar a «Verdade» não basta. Pelo contrário, os livros «Ímpios» multiplicam a sua influência, por um lado porque são agradáveis – usam de «chistes» e ditos engraçados⁷³ – por outro, porque não apelam a uma competência de leitura específica, podendo ser lidos por todos. Contrariamente, os livros «a favor» requerem instâncias intermédias entre texto e leitor, pois que supõem codificações que os aproximam das obras de Física, Matemática ou Geometria...⁷⁴ e que ultrapassam o simples domínio linguístico. Não basta entender Francês, é preciso dominar uma panóplia de saberes que permitem superar a aridez do texto e aceder à Verdade.

⁷² Teodoro de ALMEIDA, *Harmonia...*, ed. cit., 8.

⁷³ Teodoro de ALMEIDA, *Harmonia...*, ed. cit., 27-28: «O outro he mui ornado com as figuras da mais brilhante eloquencia, semeado com alguns chistes, ou galanerias de hum genio feliz; e acompanhado de algumas pinturas agradaveis; e além disto animado por entusiasmo poetico (ainda fóra da Poesia) deixa escapar por aqui, ou por alli algumas graças encantadoras; e ás vezes inyectivas engraçadas, como vemos commumente nos livros, que se escrevem contra a Religião».

⁷⁴ Teodoro de ALMEIDA, *Harmonia...*, ed. cit. «Na Geometria se ensina isso quando se trata da medição dos solidos.» – Thodosio: Ora quem nada disto tiver estudado a fundo, como poderá fallar, rir, e sentenciar sem dizer mil disparates? Pois o mesmo digo dos que fallão, e decidem, e zombão em materias de Religião, sem ter estudado estes pontos fundamentalmente ...dizei-me porque não estudastes vós a Mathematica deste modo? aqui hum bocado, acolá outro? e sem reflexão?».

Se esta é a solução para «entender» os livros a favor da Religião – que, apesar da aparente dificuldade, devem ser lidos antes dos outros⁷⁵ e convenientemente explicados, já que as convicções não sedimentadas se revelam mais fáceis de abalar – como proceder com os livros «perigosos»? Ignorá-los, conhecendo apenas um lado da questão? De maneira alguma.

É absolutamente necessário ler para poder discutir. E «ler» implica, neste caso, dominar uma «arte» de leitura que releva de uma técnica apresentada como rigorosa e eficaz. Se os livros «Ímpios», redigidos em estilo «ameno» – bem mais agradável que o sólido e «simples» dos livros a favor da Religião –, vivem de uma atracção que resulta da «Eloquência», disfarçando o erro pela beleza das palavras e a harmonia dos períodos, separem-se os vocábulos das ideias. Esqueçam-se as metáforas, as repetições, a prosa ritmada ou o verso bem soante e observem-se as frases nuas e sem enfeite.

Teodósio utiliza exemplarmente o poema de Voltaire sobre a Religião Natural e o *Émile* de Rousseau – um e outro disponíveis na residência da Baronesa: «Theodosio. Ora mandai-me vir o Poema de Mr. Voltaire sobre a Religião natural dedicado a ElRei da Prussia. – Barão. Eu o vou buscar» – para exercitar esta «arte» de leitura que anularia a sedução dos escritos dos «philosophes»: «Vós vereis, Baroneza, hum discurso bem aleijado, se o virmos nú, e sem ornatos; mas bem formoso, quando se vê com elles, como Voltaire o apresenta»... «Ora tiremos todo o enfeite, toda a roupagem desta figura; vejamo-la, como em si he, e então julgaremos, se he discurso direito, e bem formado, ou argumento corcovado, e monstruosos».⁷⁶

Deste ponto de vista, os textos a favor da Religião seriam, na essência, bem mais conformes à Razão que os textos contra, já que não precisariam de recursos, a não ser os da argumentação pura. Contudo, estes exercícios de «raciocínio» que sustentavam as doutrinas a favor não possuíam a enorme vantagem do enfeite literário que podia traduzir a proximidade ao «dito agudo», mas se afastava das «razões sólidas»: «A poder ser, meu Theodosio, eu prefiro o estilo ameno, que hoje todos preferem: nem hoje se lem os outros livros. Elles serão muito doutos, e scientificos, mas eu os vejo cobertos de pó, e comidos do caruncho, quando casualmente tópo com algum nessa estantes, em que se não bolem».⁷⁷

De resto, a sedução estilística, equacionada por T. de Almeida como perigo maior dos textos contra a Religião, mais não era que a

⁷⁵T. de ALMEIDA, *Harmonia*, ed. cit., 41: «Não os ler sem primeiro ter lido seriamente os livros a favor da vossa crença; porque sem vós estardes armada com o conhecimento da verdade, não podereis suspeitar que haja nos outros livros mentira».

⁷⁶T. de ALMEIDA, *Harmonia*, ed. cit., 36-37.

⁷⁷T. de ALMEIDA, *Harmonia*, ed. cit., 31.

reprodução dos argumentos que os críticos dos «philosophes» e sobretudo de Voltaire e Rousseau vinham utilizando desde a década de 50. Todos os «apologistas» sublinhavam a «eloquência» dos escritos contra a Religião, lamentando, e tendo em vista sobretudo Voltaire, que os Poetas se quisessem tornar filósofos e teólogos⁷⁸. O estilo «poético», dito impróprio para tratar assuntos desta natureza, funcionava como um polo mais de atracção de textos que só por si já eram entendidos como favoráveis às paixões: «Theod. – ...haveis de reparar, Baroneza, que hoje todos os artigos, em que os Senhores Filósofos do tempo se affastão da crença de nossos Pais, são aquelles, em que a liberdade de costumes fica mais authorizada: nenhum se affasta de nós apertando».⁷⁹

Nesta perspectiva, T. de Almeida recupera um leque de argumentos e razões sem qualquer novidade. Aliás, nas *Lettres Critiques ou Analyse et Réfutation de divers Écrits Modernes* (1758) o Abbé Gauchat havia proposto uma metodologia semelhante, ao confrontar as «*Lettres & les Pensées Philosophiques, le livre des Moeurs, le Poeme de Pope sur l'Homme...les Lettres Persannes, Turques et juives...les Ouvrages de M. de Voltaire*» usando «la prééminence éclatante de la verité. Proposée simplement & sans fard, seule elle terrasse l'erreur, quoique embellie par le style & l'erudition, quoique armée de tout ce qui semblerait la rendre triomphant»⁸⁰.

Na «Lettre Première» de *Le deïsme Refuté par lui-même* (1765), Bergier acusava Rousseau de «un style, aigre, mordant, passionné...»⁸¹ «...brillant, nerveux, tranchant...»⁸², enquanto por si tinha apenas «la raison et la verité»⁸³. Em Portugal, o mesmo fez Fr. José Mayne ao considerar, visando «Mr. de Volter e João Jacques Rousseau», que as razões dos filósofos naturalistas mais não eram «que huns poucos de enthymemas retóricos, os quaes apparecem na forma de miseraveis sofismas, logo que lhes separarmos a plumagem da Eloquencia»⁸⁴, o tradutor do *Deísmo Refutado* (1787), Francisco Coelho da Silva, no prefácio que acompanha a versão portuguesa – «Combinai agora esta licença popular que authorizais,

⁷⁸ Vejam-se as palavras de Francisco Coelho da Silva, no já citado prefácio ao *Deísmo Refutado* (ed. cit., XX): «Venha pois a juízo Mr. De Voltaire, e ouça de mim algumas graças moderadas em pena dos insultos que fez a Deos e à Religião, e do modo insolente com que zombou de quanto ha na terra de mais respeitavel, sel lhe lembrar nunca o papel ridiculo que fazia no mundo hum simples Poeta mettido a Filosofo, Legislador e Theologo».

⁷⁹ T. de ALMEIDA, *Harmonia*, ed. cit., 19.

⁸⁰ GAUCHAT, *Lettres Critiques...*, ed. cit., Préface.

⁸¹ N. S. BERGIER, *Le Deïsme...*, ed. cit., 4.

⁸² N. S. BERGIER, *Le Deïsme...*, ed. cit., 5.

⁸³ N. S. BERGIER, *Le Deïsme...*, ed. cit., 5.

⁸⁴ Fr. José MAYNE, *Dissertação Theologica sobre a Imortalidade da Alma Racional*, ed. cit., IV.

com o vosso systema de Religião Natural, que despido do enfeite, e hypocrisia das vossas palavras, propriamente se reduz a extinguir toda a casta de Religião no mundo...» ou Francisco Roussado, tradutor das já citadas *Cartas de huma mãe a seu filho...* (1786), que entendia que as palavras dos «philosophes» «eram doces, os seus escritos semeados de imagens, allusões agradáveis; mas entre estas se esconde mais perigosamente o veneno», enquanto o anónimo autor sublinhava que ler Voltaire e Rousseau «era beber por as bordas de um vaso untado de mel».

Ao fazer da Baroneza um modelo de «mulher leitora» – que sabe precisar de «intermediários» para os livros a «favor» e domina o saber que torna inócuos os livros «contra», argumento que no limite não impede a sua apreciação estética – T. de Almeida propõe um modelo alternativo à «dama nobre» de Fontenelle e Algarotti, dona de uma competência científica que, das leis físicas de Descartes e Newton, a leva a discutir, nos cenários da conversa de salão, os filósofos da moda. A Religião não seria, assim, para a Baronesa da *Harmonia...*, resultado da «credulidade» própria das mulheres, «as quaes entregavam o seu juizo a quem queria pegar d'elle, para o conduzir fosse para onde fosse...»⁸⁵ e a quem «clerigos velhos»⁸⁶ ensinaram três ou quatro normas, mas fruto de um conjunto *esclarecido* de principios, que não impediam mas antes fomentavam a leitura e o exercício da Razão.

Tivessem ou não sido do conhecimento do oratoriano as *Cartas de huma mãe a seu filho...*, parece indubitável que a sua Baronesa ecoa as considerações tecidas pelo anónimo autor a propósito da necessidade de encontrar «leitoras» que se aventurassem pelos «philosophes» armadas de cautelas e metodologias cuja divulgação parecia ser, em termos de eficácia, o único *antídoto* encontrado pela *Harmonia da Razão e da Religião*:

«Além disto pergunto, se a entrada no Paiz da Metaphysica he somente permitida às mulheres conduzidas pelos novos Filósofos, e he proibida a todas aquellas, que forem conduzidas pelos Mestres Christãos? Porventura não vemos todos os dias entre nós, raparigas, as mais ocupadas nas modas, e pompas, falar a linguagem dos novos Filósofos? Ellas tem a cabeça cheia de doutrinas de Voltaire, e de Rousseau; e as publicação pomposamente com hum tom decisivo».⁸⁷

Neste aspecto, em 1793, a *Harmonia...* aproveita exemplarmente um conjunto de argumentos que funcionariam, por este tempo, já bastante epigonalmente, embora, na verdade, a questão das leituras de «Ímpios e Incredulos» se revalorizasse por esses anos que iam assistindo à Revolução

⁸⁵ T. de ALMEIDA, *Harmonia...*, ed. cit., 65.

⁸⁶ T. de ALMEIDA, *Harmonia...*, ed. cit., 3-4.

⁸⁷ *Cartas de huma Mãe ...*, ed. cit., xviii.

Francesa e que muitos sectores consideravam como consequência mais evidente da destruição da função social da Religião. Embora a Baronesa, modelo de mulher culta, que não aderira por simples vaidade intelectual às doutrinas filosóficas da moda e se mantinha fiel ao bom uso da Razão e ao uso da boa Razão, consiga convencer todos os outros intervenientes, ajudada por Teodósio e armada dos «modos de leitura» enunciados nas quatro primeiras «Tardes», a *Harmonia...* sugere, assim mesmo, a penetração que os livros «Ímpios e Incredulos» tinham, ou o autor acreditava terem tido, nas camadas consideradas cultas. Por outro lado, ao fornecer pautas de leitura e ao insistir nos modos de ler, como se esta espécie de propedêutica fosse absolutamente necessária para discutir os assuntos relativos à Religião, T. de Almeida não realizava, em termos de objectivo global, uma empresa no nosso país «nova», como afirmara na «Prefação», mas conferia à forma de apresentar a discussão, e pelo que à nossa realidade «textual» dizia respeito, formulações e desenvolvimentos diversos. Deste ponto de vista, a organização discursiva – o diálogo – e a atenção pormenorizada aos problemas da leitura, mais até que à questão dos livros *perigosos* propriamente dita, constitui a muito relativa «novidade» que o autor poderia reivindicar para a sua obra. Não podemos esquecer que o público leitor dispunha desde 1786 da tradução das *Cartas de huma mãe a seu filho* que exploravam os mesmos temas dentro da mesma perspectiva. A diferença fundamental que a *Harmonia...* representava coagulava, essencialmente, no uso directo do diálogo entre a Baronesa, Teodósio e os diversos opositores, «o que tornava mais viva a disputa», e no acentuar do bom uso da Razão que conduzia, justamente, ao sublinhar das técnicas de leitura, como se dentro deste amplo quadro, e se as Luzes se identificavam com a Razão, elas devessem estar do lado da Religião Cristã, que resistia à discussão colocada neste campo, e não contra ela.

Zulmira C. Santos

Abstract:

This study deals with Harmonia da Razão e da Religião (1793) by the oratorian Teodoro de Almeida, in the context of the «apologetic» literature which was particularly relevant throughout the second half of the 18th century. The indications of books, readings and modes of reading presented and discussed by the author are emphasized.

A biblioteca perdida de Jorge Cardoso (†1669) e a biblioteca do *Agiologio Lusitano*. Livros de gosto e de uso*

Parte I: os manuscritos

1. Jorge Cardoso [1609-1669], o autor dos três primeiros tomos do *Agiologio Lusitano dos sanctos e varões illustres em virtude do reyno de Portugal e suas conquistas*¹, deixou, nesta obra da sua vida², um legado imenso de erudição, resultante de um contínuo e dedicado trabalho de pesquisa e recolha de informações, documentos e livros vários, alheios e próprios, com que quis alicerçar a sua devoção aos «santos da pátria» e a sua contribuição para a recomposição da história eclesiástica e religiosa de Portugal e «suas conquistas»³. E se é certo que tal trabalho foi em grande parte conseguido com o calcorrear de bibliotecas e arquivos vários, eclesiásticos e civis, públicos e privados⁴, foi igualmente acompanhado da «construção» – tentarei mostrá-lo – de uma biblioteca própria especializada,

* Investigação subsidiada por JNICT/PRAXIS XXI.

Agradeço as sugestões que me fizeram os Amigos Prof. Doutor José Adriano de Carvalho, Dr. Luís de Sá Fardilha, Dr. Pedro Tavares e Dr^a Zulmira Santos.

¹ J. CARDOSO, *Agiologio Lusitano...*, Tomo I, Lisboa, Oficina Craesbeeckiana, 1652; Tomo II, Lisboa, Oficina de Henrique Valente de Oliveira, 1657; Tomo III, Lisboa, Oficina de Antonio Craesbeeck de Mello, 1666. Citarei a obra com o título abreviado de *Agiologio*, seguido do número do volume, da página e da letra referente à «vida» ou «comentário» em causa.

² Apesar de ter projectado várias outras obras que foi referindo ao longo do *Agiologio* (como adiante se verá), apenas publicou, além deste e antes dele, o pequeno – e «pera priuado vso somente» – *Officio menor dos sanctos de Portugal*, em Lisboa, por Pedro Craesbeeck, em 1629, in 24^o. A magna «empresa» do *Agiologio Lusitano* absorveu-lhe os restantes anos da sua vida adulta e todas as outras obras não terão passado de projectos mais ou menos elaborados, mas nunca verdadeiramente concluídos.

³ Sobre os propósitos assumidos por J. Cardoso permito-me remeter para Maria de Lurdes Correia FERNANDES, *História, santidade e identidade. O Agiologio Lusitano de Jorge Cardoso e o seu contexto*, in *Via Spiritus*, 3 (1996), 25-68.

⁴ O próprio Jorge Cardoso o acentuou nas «Advertências» do Tomo I, lembrando ter tido que «lér innumeraueis volumes, escudrinhar varios cartorios (...), desempoar antigos pergaminhos, i escrituras, procurar diuersas relações, e noticias, instrumentos autenticos, summarios, e papeis manuscriptos das religiões, e conuentos deste Reino, e fora d'elle, solicitados (por cartas) de pessoas grauissimas, escriptores, e cronistas de Hespanha, no tempo que tinhamos liure esta correspondencia» (*Agiologio*, I, «Advertencias...», § I, 2-3). E muitos dos documentos e obras impressas pôde consultá-los em bibliotecas particulares – uma delas foi a então célebre biblioteca de D. Pedro de Lencastre –, como confessou em alguns dos «Comentários» da obra.

mas também variada, tanto em manuscritos como em impressos, alguns dos quais foram minuciosamente lidos e utilizados na elaboração do *Agiologio Lusitano*.

A parte mais original desta obra – ou seja, o relato das «vidas» que, até então, não tinham tido qualquer forma de publicitação fora de círculos restritos – contou tanto com o referido trabalho de pesquisa e leitura minuciosa nos arquivos e cartórios vários levado a cabo por Jorge Cardoso, quanto com diversos contributos, muitos deles solicitados pelo autor, de religiosos, clérigos e leigos que *ex professo* lhe enviaram dados (originais ou cópias)⁵ e que, dessa forma também, ajudaram a «formar», por um lado, a biblioteca deste em textos manuscritos e, por outro, a «biblioteca» do *Agiologio Lusitano*, ou seja, o suporte bibliográfico e documental com que alicerçou tanto os relatos das «vidas» como os respectivos «comentários». E desse modo foi crescendo – em quantidade e variedade – o volume dos documentos manuscritos, originais e cópias, de que Jorge Cardoso se foi servindo nos três tomos da obra e que foi também organizando para os restantes 3 volumes (referentes aos meses de Julho a Dezembro) que não teve condições de terminar, mas que, como admitiu e como o comprovam algumas passagens da obra, foi lentamente preparando, na expectativa da sua concretização e edição.

O compulsar de diversas obras impressas – de história eclesiástica e profana, geral e particular, nacional e local, de geografia, de hagiografia, de espiritualidade, de «literatura»... – e de muitos documentos manuscritos está bem comprovado nos três tomos do *Agiologio*, especialmente nos diversos «Comentários» a cada «vida», nos quais expôs os dados fundamentais que recolheu sobre o assunto em causa e em que, por vezes, discutiu, corrigiu ou corroborou as opiniões de outros autores acerca dos múltiplos aspectos sobre que se debruçou: datas e factos da vida e morte do(a) biografado(a), fundações e fundadores(as) de conventos, origens (linguísticas e históricas) de topónimos, e muitos outros dados e informações que considerou úteis aos leitores da sua obra. Teve, além disso – e este é também um dos aspectos que conferem grande interesse cultural à sua obra – o cuidado de indicar sobretudo no final de cada documentário, as fontes de que se serviu ou os autores e as obras que referiram o(s) assunto(s) que tratou, testemunhando aí um amplo leque de leituras – algumas muito atentas e minuciosas –, que dão uma vida especial tanto à sua biblioteca como à «biblioteca» do seu *Agiologio* (manuscritos e impressos, os possuídos e os alheios que pôde ler ou consultar).

⁵ Remeto para a longa lista de colaboradores de Jorge Cardoso incluída no já citado artigo *História, santidade e identidade...*, esp. 45-52.

2. Embora dedicando toda a sua vida a este grande projecto de um hagiológico nacional⁶, deixando por concluir outros projectos editoriais que também foi alimentando – o dos *Santuários de Portugal, e das milagrosas Imagens de Nossa Senhora*, o das *Tiaras Lusitanas*, o da *Biblioteca Lusitana*, diversas vezes anunciados nos três tomos do *Agiologio*⁷, e ainda um *Officio Menor da S. Coroa* «in usum priuatum deuotorum»⁸ e um *Promptuario Lusitano*⁹ –, Jorge Cardoso só conseguiu concretizar parte desse projecto que abarcou apenas os seis primeiros meses do ano, compreendidos em 3 volumes. Mas não desistiu do sonho nem da esperança de que alguém o continuasse. E, por isso, quando se viu, pela falta de vista e pelos achaques da idade, obrigado a abandonar a sua magna «empresa» – que só parcialmente continuou D. António Caetano de Sousa ao publicar, em 1744, o Tomo IV do *Agiologio Lusitano*¹⁰ – fez, no prólogo «A quem ler» do Tomo III, uma espécie de testamento público, em que disse oferecer «gratuitamente aos zelosos da Patria, que deseão promover suas glorias o peculio, que para os seis meses que faltão, temos adquirido em trinta annos com tanto desvelo, indefeso estudo, e consideravel dispendio, sem alguma espectativa, ou emolumento temporal...»¹¹.

Só que esse «peculio» nunca terá vindo às mãos de alguns «zelosos da Patria» que tentaram continuar o *Agiológico*, nem sequer do único que concretizou parte dessa continuação, D. António Caetano de Sousa. E foi este autor quem, pelo menos publicamente, mais lastimou o não cumprimento desta espécie de legado público de J. Cardoso. Efectivamente, no prólogo «A quem ler» do Tomo IV do *Agiologio Lusitano*, Caetano de Sousa, denunciando, com alguma amargura, o deficiente apoio de alguns dos

⁶ Deste aspecto me ocupei no estudo *História, santidade e identidade...*, art. cit.

⁷ A localização das referências a estas obras no *Agiologio* já se encontra na biografia de J. Cardoso por B. MACHADO, *Bibliotheca Lusitana*, ed. cit., II, 800-801, o que me dispensa da sua enumeração aqui.

⁸ Esta obra não foi registada por B. MACHADO, *Bibliotheca...*, ed. cit, mas vem referida por J. CARDOSO, *Agiologio*, III, 71a, com a indicação de «que ha dias [a] tomos côposto, & colhido de antigos Breuiarios», e com promessa de «breuemente» a dar «à estampa».

⁹ Esta obra também não vem registada por B. MACHADO, *Bibliotheca...*, ed. cit., mas vem prometida, «Deos querendo», por J. Cardoso no *Agiologio*, III, 191c.

¹⁰ Em Lisboa, na Regia Officina Sylviana, e da Academia Real, 1744.

¹¹ *Agiologio*, III, s.n. Foi precisamente este texto que D. António Caetano de Sousa evocou e transcreveu no prólogo «A quem ler» do tomo IV do seu *Agiologio Lusitano*, que adiante refiro. Mas note-se aqui também o tom algo amargo de Jorge Cardoso, apesar da gratidão manifestada pelo bom acolhimento da obra por parte dos «doctos», com que se referiu aos «typos, & prelos domesticos» que «nenhum gosto dão aos Autores, antes os desaboreão, & mortificação de tal modo, que a muitos lhes he mais facil cõpor, que estampar» e à ausência «neste Reino» de «premios (...) como ha nos outros» para os Portugueses que afirma serem «laboriosos, de grande engenho, & habilidade, cujos escritos são mais eruditos, & fundamentaes, que muitos de nossos vezinhos» («A quem ler», s.n.).

seus contemporâneos a este seu esforço e empreendimento, quis, de certa forma, justificar o abandono da continuação da obra para além deste Tomo IV, com base na dificuldade – ou, verdadeiramente, na impossibilidade – do acesso aos documentos que Jorge Cardoso afirmou possuir e desejar fossem usados por quem quisesse continuar a sua «empresa».

3. Convirá recordar que tais documentos ficaram, num primeiro momento, ao cuidado dos herdeiros directos de Jorge Cardoso – mais concretamente, um seu cunhado¹² –, mas terão passado com alguma brevidade para as mãos do Arcebispo D. Luis da Cunha e, mais tarde, por morte deste, para os seus herdeiros. E por isso – valerá a pena lembrar e destacar aqui as palavras de D. António Caetano de Sousa – confessou ter sido impossível «alcançar às nossas mãos o peculio, que em trinta annos de estudo ajuntou o Licenciado Jorge Cardoso, ficando no seu poder muitos papeis originaes, que allega, e nós depois buscámos nos Archivos donde erão, e os não achámos, e temos por sem duvida, que estão incorporados nos livros das memorias, que juntou para o Agiologio, e conforme o Catalogo que vimos, fazem hum grande corpo de Volumes, entre livros de folha, de quarto, e de oitavo, que com diversos titulos teve em seu poder, a saber: *Lusitaniae Sanctorum Codices; Antiquitas Lusitaniae; Varias noticias de Fundações; Varias noticias de Santos Portuguezes; Varias de Antiguidades; Chronicon Rerum Bracharensium; Historia Ecclesiastica de Evora; Theatro das Igrejas de Portugal*; e muitos papeis, que debaixo de outros titulos ajuntou»¹³. Dizendo ainda – como era do conhecimento pelo menos dos mais doutos – que «Todos estes livros de memorias ficarão na livraria, que deixou por sua morte ao Eminentissimo Cardeal de Sousa, então Arcebispo de Lisboa», acusou a sua «magoa» ao ver, depois da morte deste, «despedaçar, e passar a diversos dominios, o que com tanto trabalho, e cuidado, se ajuntou». E se não nos informa sobre todos esses «domínios» a que passou a biblioteca de Jorge Cardoso, aponta concretamente um – mais visado, por conter muitos documentos originaes cujo «catálogo» afirma ter visto – que temos de recordar com as próprias palavras de Caetano de Sousa: «Na parte, que se conserva na Casa de Arronches, ficarão os manuscritos, e entre elles os de cuja falta nos lamentamos, por não podermos achar

¹² Esta informação, fundada no testamento de J. Cardoso, é tirada da *Vida de J. Cardoso* (adiante citada), na sua versão mais clara – em letra e em exposição – e aparentemente posterior à versão que pensamos autógrafa de D. Manuel Caetano de Sousa (v. *infra*, *Memórias...* fl. 60), na qual este afirma que «O P.e Diogo Vaz Carrilho intentou proseguir a obra de Jorge Cardoso, e tendo permissão p.^a hauer de seu cunhado Antonio de Azeuedo os Manuscritos, não proseguio por desconfiar de achar quem o ajudasse com o dinhr.^o necessario...».

¹³ *Agiologio*, IV, «A quem ler», s.n.

caminho de os haver às nossas mãos, nem ainda por emprestimo, sendo estes papeis por direito nossos, por huma doação publica de seu dono, que não pode padecer duvida»¹⁴. Mas talvez os seus possuidores tivessem, convenientemente, mais dúvidas sobre essa «doação» do que o continuador do *Agiologio Lusitano*...

A esta queixa pública de D. António, que considero importante ter aqui presente, dever-se-ão acrescentar outros dados que constam do manuscrito da «Vida de Jorge Cardoso» (uma «vida» em duas versões, de letras e algum conteúdo diferentes) da responsabilidade (mas não totalmente da pena) de D. Manuel Caetano de Sousa, que se encontra na Biblioteca Nacional de Lisboa, incluída no códice com o título de *Memórias e documentos para a história da vida de Jorge Cardoso, autor do «Agiologio Lusitano»*¹⁵. A propósito dos livros constantes da biblioteca de J. Cardoso e remetendo para o seu testamento, feito a 2 de Outubro de 1669, véspera da sua morte, diz D. Manuel Caetano de Sousa que «o primeyro legado de que dispoz, forão cem volumes Manuscritos que deixou ao sobredito Capellão Mor Luiz de Sousa que fez delles tanta estimação que daly a m.tos annos sendo já Arcebispo de Lx.^a e Cardeal da Santa Igreja Romana (...) me respondeo: *Tambem a minha Liuraria se enriqueceo m.to com hum grande Legado de Liuros que me deixou Jorge Cardoso, e perdi muito nelle por que foy muyto diligente em buscarme, e comprar-me bons liuros, e depois delle morto não tiue quem o fizesse como elle*»¹⁶.

¹⁴ *Agiologio*, IV, «A quem ler», s.n. D. António C. de Sousa transcreve, na sequência, o texto acima citado de Jorge Cardoso.

¹⁵ É o Cod. 628, fls. 24-61 e 134 e ss. Desta «Vida de Jorge Cardoso» se ocupou, sem a editar, mas parafraseando-a, Joaquim Fernandes da CONCEIÇÃO, *Espiritualidade e religiosidade no Portugal Moderno. O Agiologio Lusitano do Padre Jorge Cardoso*, dissertação de mestrado em História Moderna, Porto, 1996, polic. Embora se refira muito vagamente às leituras de Jorge Cardoso e aos livros da sua biblioteca (*Espiritualidade e religiosidade...*, ob. cit., 44 e ss.), talvez por distração acreditou que as «Memórias dos livros do Licenciado Jorge Cardoso» (B. N. Lisboa, Cód. 628, fls. 69-79), se reportavam aos «livros» da sua biblioteca, quando estas «Memórias» são simplesmente um índice onomástico, incompleto, do *Agiologio Lusitano*, elaborado provavelmente por D. Manuel Caetano de Sousa... Além disso, dever-se-á precisar que as duas versões aí contidas da *Vida de J. Cardoso* se devem ambas, apesar das letras diferentes – no que diz respeito à concepção e elaboração do texto e a grande parte das anotações marginais – a D. Manuel Caetano de Sousa, que em diferentes passagens das duas versões (autógrafa e cópia em forma de discurso a proferir (proferido?) na Academia da História) remete para várias obras suas (veja-se Cod. 628, fls. 43r. e v., em que refere «o meu Pantheon Antystitum Lusitanorum, ou Lusitania Sacra...») (esta obra ficou ms. e vem referida em Barbosa MACHADO, *Biblioteca Lusitana*, 2ª ed. Coimbra, 1966, tomo III, 208), e fl. 45v-46r., onde afirma: «animei-me no anno de 1704 (...) a compor hum liurinho com o titulo de *Minerua Lusitana*...») (sobre este ms. veja-se igualmente B. MACHADO, *Biblioteca Lusitana*, ed. cit., tomo III, 207); veja-se também fl. 53r., col. b – na *Vida* mais abreviada, em forma de discurso e com uma letra mais legível e talvez mais «profissional» – onde remete para o seu «Catalogo dos Papas e Cardeais Portugueses...», que foi impresso em Lisboa em 1724.

¹⁶ *Vida de J. Cardoso*, B. N. Lisboa, Cod. 628, fl. 40v.

Convirá esclarecer, desde já, que este «grande legado de liuros» não se deve referir apenas – talvez nem sobretudo – aos volumes manuscritos – embora estes fossem mais necessários e urgentes para a continuação do *Agiologio* –, mas a um número bastante mais elevado de impressos que possuía J. Cardoso, sem contar, obviamente, com os muitos que lhe comprou – pelo menos 255 – em Madrid na Primavera de 1669, quando aí se deslocou com outros enviados, aparentemente a pedido do próprio D. Luis de Sousa, para «buscarem e prepararem o alojamento pera o Marquez de Arronches», irmão de D. Luis, que ia como «embayxador àquella corte», «leuando ao mesmo tempo o P. Jorge Cardoso commissão de seu antigo Patrono o noyo Bispo Capellão mòr pera lhe comprar liuros pera a sua insygne Liuraria»¹⁷. Lembremos que a amizade de J. Cardoso e D. Luis de Sousa se tinha estreitado muito desde que este residia em Lisboa e acompanhava de perto o trabalho e o saber de J. Cardoso. Como registou D. Manuel Caetano de Sousa na *Vida de J. Cardoso*, a grande estima do então Capelão-mor era «porque melhor que todos conhecia a vastissima erudição ecclesiastica, as virtudes do Padre Jorge Cardoso, e pera lograr mais tempo da sua utilissima Conuersação não sò trataua com elle no seu Palacio, mas traziao comsigo na Carroça na qual hia triunfando ao mesmo tempo a benignidade daquelle Prelado, e a reputação daquelle escritor, contribuindo mutuamente hum pera a gloria do outro»¹⁸.

4. Mas o que mais interessa aqui não é tanto o problema da dispersão dos seus livros quanto o de saber que livros tinha e também quais os que podemos saber que leu Jorge Cardoso. E esta questão, sempre difícil e complexa, tem tanto mais interesse quanto o estudo da sua «biblioteca perdida» – cujos manuscritos nem «por empréstimo» Caetano de Sousa pôde «haver às mãos» – beneficiará seguramente do confronto com a biblioteca (a lida e utilizada) da obra da sua vida que é o *Agiologio Lusitano*. Porque nesta obra – assumo o risco da repetição – Jorge Cardoso pôs grande parte do seu saber, nomeadamente o que colheu nos muitos livros (manuscritos e impressos) que leu, soube e quis mostrar ter lido. E, por isso, conhecer a sua biblioteca e cruzá-la com as fontes directas do *Agiologio* tem-se revelado um trabalho que, apesar de lento, minucioso, às vezes penoso, tenho de confessar também extremamente interessante.

Não posso aqui apresentar os resultados finais desse estudo, que em breve penso concluir e publicar, mas tão só uma primeira tentativa de identificação dos seus volumes manuscritos. Precisamente daqueles em torno

¹⁷ *Vida de J. Cardoso*, B. N. Lisboa, Cod. 628, fl. 40v, fl. 39r.

¹⁸ *Vida de J. Cardoso*, B. N. Lisboa, Cod. 628, fl. 40r.

dos quais mais polémica se terá gerado no virar do século XVII para o século XVIII, aqueles que permitiram maior originalidade, novidade e até alguma exaustividade do *Agiologio Lusitano*.

Para isso pude contar com um documento fundamental, que é a cópia do *Catálogo* dos livros que possuía Jorge Cardoso, a que também acedeu – mas muito provavelmente no original – D. António Caetano de Sousa, como confessou no prólogo «A quem ler» do Tomo IV do *Agiologio* acima citado, na passagem que refere alguns dos títulos dos manuscritos. É uma cópia do século XVIII, que penso – com base nos dados indicados de seguida – ter sido realizada directamente a partir do original, esse sim, da mão de Jorge Cardoso, como o comprova o testemunho de D. Manuel Caetano de Sousa numa passagem da *Vida de Jorge Cardoso*, em que afirma: «Para o mesmo fim de escrever o *Agiologio* ajuntou copia de liuros de Historia Ecclesiastica de que formou hua liuraria grande à vista dos poucos meyoys que o Autor tinha para compralos, da qual tem o *Catálogo original da letra do mesmo Autor* o nosso Diligentissimo Academico o R.mo Pe. Fr. Affonso da M.e de Deos Guerreiro, que mo communicou com a sua singular benignidade *do qual eu fis tirar hua copia...*»¹⁹. Penso que esta «cópia» mandada fazer por D. Manuel Caetano de Sousa deve ser a que guarda a Biblioteca Nacional de Lisboa com o título de «Bibliotheca Cardosiana. Catalogo dos livros impressos e manuscritos, que possuía o auctor do «*Agiologio Lusitano*» Jorge Cardoso»²⁰. É esta «Bibliotheca Cardosiana» que me proponho editar – de momento apenas a parte referente aos «Liuros Manuscritos que tinha Jorge Cardoso»²¹ – acompanhada da identificação (a que foi possível) das obras em causa. Pelo grande volume dos impressos (num total de 1222²² possuídos pelo autor, acrescidos de 255 «Livros que Jorge Cardoso comprou em Madrid»²³) e inerentes dificuldades de identificação, comuns a este tipo de «catálogos» – agravadas, neste caso, pela precisão do formato da quase totalidade dos livros – não concretizo aqui a edição dessa parte do referido códice, prometendo-a, contudo, para breve, acompanhada da identificação das obras, que tenho quase concluída, e da sua «citação» nos três tomos do *Agiologio Lusitano*.

5. O número de volumes manuscritos constantes no referido «catálogo» – os «Liuros manuscritos» da «Bibliotheca Cardosiana» que

¹⁹ B. N. Lisboa, Cod. 628, fl. 53r. Subl. nosso.

²⁰ B. N. Lisboa, Cod. 350 - Letra do séc. XVIII, 1 vol. in-4º de 40 fls. enc.

²¹ B. N. Lisboa, Cod. 350, fls. 36r.-38r.

²² B. N. Lisboa, Cod. 350, fls. 30r.-35v.

²³ B. N. Lisboa, Cod. 350, fls. 1r.-29r. A

publico em anexo²⁴ – perfaz, tendo em conta não só o número total de entradas (89) mas também a indicação do número de volumes de algumas obras, um total de 120 «liuros», dos quais 59 em formato folio – os «livros de folha» –, 52 in-4º e 9 in-8º, o que condiz com a indicação de D. António Caetano de Sousa no prólogo «A quem ler» (acima citado) a propósito do «Catalogo» que viu e que incluía «grande corpo de volumes, entre liuros de folha, de quarto e de oitavo».

São obras de temáticas diversas, embora a maior parte – sobretudo as de formato fôlio – diga respeito às grandes áreas de interesse e estudo de Jorge Cardoso, patentes tanto na sua biblioteca de impressos como na «biblioteca» do *Agiologio Lusitano*: a História (especialmente a Eclesiástica e de «Antiguidades», nomeadamente as regionais e locais) e a Hagiografia. Mas não faltam algumas obras de espiritualidade – um realce especial vai para a última da lista, um «Tratado da Oração de Falconi», mas não se poderá deixar de assinalar um «Liuro de rezar todos os dias» (nº 77), um «Officium S. Antonij» (nº. 64), umas «orationes Perpiniani» (nº 62) e dois breviários (nºs. 81 e 82) –, de genealogia (nºs. 1, 17, 18, 36), de política (nºs. 59, 60, 85) –, de filosofia (nºs. 70 e 73), de teologia (nºs. 72 e 74), de poesia (nºs 22, 48, 61, 65, 78), ou outras de temáticas muito diversas (nºs. 37, 55, 56, 75, 66) e até algo (aparentemente...) inesperadas (nºs. 67, 68, 69)...

O carácter muitas vezes demasiado genérico dos títulos – alguns dos quais traduzem o tema genérico e não o título preciso da obra –, acrescido de uma espécie de mistério que se foi criando à volta destes volumes manuscritos, dificulta grandemente a identificação rigorosa e, por vezes, até plausível dos mesmos. No entanto, cruzando as referências a algumas obras e/ou textos fornecidas por Jorge Cardoso nos três tomos do *Agiologio Lusitano* e, na falta destas, algumas informações de Diogo Barbosa Machado na *Biblioteca Lusitana* – informações baseadas em testemunhos directos e indirectos sobre a existência de alguns desses documentos – foi possível identificar (ou, pelo menos, sugerir com alguma plausibilidade) vários dos manuscritos que possuía J. Cardoso e que constam do referido «Catálogo». Esta lista dos «Liuros manuscritos que tinha Jorge Cardoso» mostra bem – terei ocasião de o comprovar de um modo mais claro com o estudo e a edição da lista dos livros impressos – o grande esforço de recolha de documentos vários relativos sobretudo à história eclesiástica e à hagiografia, que testemunha que o seu amor aos «santos da Pátria» se fez acompanhar também de um amor aos livros (manuscritos e impressos) que constituíram o seu grande auxílio e suporte para a

²⁴ Incluiu a numeração das entradas e os comentários entre []. Mantive a grafia do ms., mas desenvolvi as abreviaturas.

concretização do *Agiologio Lusitano*. Mas cujo desaparecimento, depois de tanto esforço de reunião, empobrece a cultura portuguesa, porque com eles desaparecem também muitos factos e imagens que configuraram a história daqueles tempos. Até porque para esta obra e para a sua «biblioteca», que tanto devem ao saber, à devoção, ao trabalho e à «biblioteca perdida» de Jorge Cardoso, contribuíram também alguns «sabios e prudentes» e muitas «pessoas zelosas» que lhe comunicaram «algumas notícias» – estes volumes manuscritos comprovam-no –, com que pôde «sair, e offerecer mais vistosa e enriquecida de preclaros varões, e de suas exemplares virtudes, e acções, porque de todo se não perca a memoria déllas, como a de tantos Sanctos, e seruos de Deos, que produzio este religioso Reino de Portugal: cuja notícia (por falta de Escriitores) ficou no profundo abismo do esquecimento»²⁵. Estas palavras de Jorge Cardoso testemunham a sua gratidão para com os seus colaboradores que lhe enviaram muitas «notícias» – guardadas na sua biblioteca – que permitiram registar e divulgar as vidas de muitos «santos» de «Portugal e suas conquistas», que o tempo fora deixando esquecidos. Mas não sem uma certa ironia do «destino» algumas dessas «notícias» e «memórias» parecem ter sido condenadas ao silencio ou, como diria Jorge Cardoso, ao «profundo abismo» do «esquecimento» – melhor dizendo, do «desaparecimento»...

Maria de Lurdes Correia Fernandes

Abstract:

*This article includes the commented edition and study of one part – the manuscripts – of the lost library of Jorge Cardoso (†1669), the author of *Agiologio Lusitano dos Santos de Portugal e suas Conquistas* (3 vols.). It is based on an 18th Century copy of the catalogue of the printed and manuscript books, whose original was authored by J. Cardoso himself. The purpose of this article is to discuss the way the manuscript part of J. Cardoso's library – to which D. Manuel Caetano de Sousa, the 18th Century continuer of Cardoso's work, didn't have access – is, to a large extent, the outcome of Cardoso's effort to gather the largest possible amount of information and documents (mostly historical and hagiographic, both originals and copies) which would allow him to write a work – *Agiologio Lusitano* – he intended to be thorough and well informed, the ultimate work of his genre in Portugal.*

²⁵ J. CARDOSO, *Agiologio Lusitano*, I, «A quem ler», s.n.,

*Livros Manuscritos
que tinha Jorge Casado -*

O Conde D. Pedro - - - - -	P. F.
D. Rodrigo de Toledo Hist. - - -	L. G.
Index dos pagéis da freguesia de Lisboa -	P. F.
Tratado dos Arcebispos de Braga - -	L. G.
Lavrada de entre Douro e Minho 4. - -	P. G.
Cartas da Torre do Tombo do mesmo - -	P. G.
Omnesno Lusitanae antiquitatis 2. tom. P. G.	P. G.
Omnesno Lusitanae sanctitatis 2. - -	P. G.
Princípios da Comarca de Fr. Luis - - -	P. G.
Bulle Ord. Militariæ - - - - -	L. G.
Igrejas de entre Douro e Minho - -	P. F.
Igrejas da Comarca de Villa Real de Portugal -	P. F.
Varões illustres do Claustro de Évora - -	P. G.
Cronica dos Domingos 2. e 3. p. - - -	P. G.
Vida des. Jacinto de Mariz Original - -	P. F.
Vida da Infante D. Joana, e deligençias q. refreoz q. sua Beatiçicaç. Original. P. F.	P. F.
Verdadeira Nobreza de Barreiros - - -	P. F.
Livro de familias de Barreiros - - -	P. F.

de Com.

ANEXO

(Biblioteca Nacional de Lisboa, Cód. 350)

BIBLIOTHECA CARDOSIANA

[fl.36r.]

Liuros Manuscritos que tinha Jorge Cardozo

- | | | | |
|-----|--|---------|--------|
| [1] | O Conde D. Pedro | — — — — | P. FI. |
| | [D. PEDRO, <i>Nobiliario</i> , também referido como <i>Livro das linhagens</i> . Citado por diversas vezes por Jorge CARDOSO nos 3 tomos do <i>Agiologio</i> (I, 156m; I, 270b; I, 436c, etc.; III, 252d, etc.)]. | | |
| [2] | D. Rodrigo de Toledo Hist. | — — — | L. F. |
| | [Possivelmente a <i>Cronica</i> do Arcebispo de Toledo, D. Rodrigo, que Jorge CARDOSO citou diversas vezes no <i>Agiologio</i> (I, 206c; II, 249a; II, 438a; II, 547a, etc.)]. | | |
| [3] | Index dos papeis da Camera de Lisboa | — — | P- F. |
| | [O título, embora lacónico, parece remeter para um índice de documentos da câmara de Lisboa. Não o vi referido, enquanto tal, no <i>Agiologio</i>]. | | |
| [4] | Tratado dos Arcebispos de Braga | — — — | L- F. |
| | [Talvez uma das obras manuscritas de LOUSADA, Gaspar Alvares, que J. Cardoso citou com o título de <i>Catalogo m. s. dos Arcebispos de Braga</i> (<i>Agiologio</i> , III, 730d)]. | | |
| [5] | Lousada de entre Douro e Minho | 4. — — | P- F. |
| | [LOUSADA, Gaspar Alvares, <i>Antiguidades de Entre Douro e Minho</i> , que Jorge CARDOSO disse «correr m.s.» e que citou diversas vezes (<i>Agiologio</i> , I, 27b; I, 104b; I, 176d, etc.; II, 319c etc.; III, 19f, etc.). Deste autor, escrivão da Torre do Tombo, disse J. CARDOSO ser «mais conhecido por fama, & obras m.s. que por algua que deixasse imprimir» (<i>Agiologio</i> , I, 530c)]. | | |

- [6] Cartas da Torre do Tombo do mesmo _____ P- F.
 [Jorge Cardoso referiu, efectivamente, diversas cartas de Gaspar Alvares LOUSADA (que, embora pertencentes à Torre do Tombo, podem ter ficado em seu poder, assim como outros documentos, como sugeriu D. António Caetano de SOUSA no prólogo, acima citado, do Tomo IV do *Agiologio Lusitano*, lamentando não ter acesso a diversos documentos mencionados por J. Cardoso). Entre essas cartas estariam a «Epistola ad Abraham Hortelium an. 1596», que tratava de santos bracarenses (*Agiologio*, I, 262c e 521a); uma «carta de Belmonte ... de 22 Agosto de 1609 (I, 388a); «uma celebre epistola que escreveu a M. Villegas cerca de S. Tyrso an. 1595» (*Agiologio*, II, 607e)].
- [7] O mesmo *Lusitanæ antiquitatis* 2 tom. _____ P.L.F.
 [Talvez se refira a duas das obras de Gaspar A. LOUSADA que ficaram manuscritas: o «*Epitome de vera successionem Primatum Bracharensum*» (*Agiologio*, II, 248d; III, 113a; III, 278c; III, 542-l, etc.), e o «*Livro m.s. da Comarca de Valença*» (*Agiologio*, II, 518a; III, 55a, etc.)].
- [8] O mesmo *Lusitanæ Sanctitatis* I. _____ P- F.
 [Entre as obras de LOUSADA citadas nos três tomos do *Agiologio* não encontrei nenhuma com este título, que talvez se refira a um conjunto de pequenos tratados, entre os quais poderá estar um que Jorge CARDOSO referiu com o título de *Sumario de S. Thyrso* (*Agiologio*, III, 519a)].
- [9] Triunfos da Conceição de Fr. Luis _____ P- F.
 [Serão as «...varias instruções spirituaes» do P. Fr. Luis de Faria que J. CARDOSO (*Agiologio*, I, 504f) disse estarem escritas «com taes palauras, & affectos, que igualmente mouem a vontade, & a inflâmão no divino amor, cuja copia temos em nosso poder»?].
- [10] *Bullæ Ord. Militarium* _____ L- F.
 [Não vi mencionadas estas Bulas no *Agiologio*].
- [11] Igrejas de entre Douro e Minho _____ P- F.
 [Jorge CARDOSO não citou nenhuma obra manuscrita com este título. É possível que se trate de documentos avulsos reunidos num volume, referentes às Igrejas da região. Não me parece provável que seja a obra que CARDOSO citou diversas vezes de M. ANTONIO, *Sumario de Entre Douro e Minho ms* (*Agiologio*, I, 7c; ; I, 16a; I, 114b; II, 681; III, 733f), que tinha um âmbito mais amplo que o das «Igrejas de entre Douro e Minho»].

- [12] Igrejas da Comarca de Villa Real de Portugal _____ P- F.
 [Talvez a obra de FONSECA, D. Gaspar do Rego da, *Livro das Igrejas e Benefícios da Comarca de Villa Real Arcebispado de Braga com as particularidades, que se poderão alcançar de cada huma, que, segundo a informação de B. MACHADO (Bibliotheca Lusitana, 2ª ed. Coimbra, 1965-67, II, 368)* se conservava («na Livraria do Eminentíssimo Duque de Lafoens, que foi do Eminentíssimo Cardial de Sousa»].
- [13] Varoens illustres do Chantre de Evora _____ P- F.
 [Provavelmente algumas biografias de religiosos da autoria de Manuel Severim de FARIA que Jorge CARDOSO citou ou, mesmo, disse possuir, como «hua [«relação» sobre Manoel Leal] mui larga, que nos communicou o Chantre d'Euora Manoel Seuerim de Faria» (*Agiologio*, II, 630f); a «Vida» do jesuíta Gaspar de Miranda, «a qual temos em nosso poder, firmada de sua mão em Euora a 3. de Junho de 1639...» (III, 327h); ou várias outras «relações» que este «mecenas de curiosos» lhe remeteu (*Agiologio* I, 63I e 453n; II, 208a, 309-I, 347h, 630f; III, 18e, 41h, 106h, 145d, 799h)].
- [14] Chronicas de S. Domingos 2 e 3 p. _____ P- F.
 [Devem ser cópias das versões manuscritas (a segunda parte foi impressa em 1626, mas a terceira parte só o foi em 1678, já depois da morte de J. Cardoso) da segunda e da terceira partes da *História de S. Domingos particular do reyno de Portugal e suas conquistas* de Fr. Luís de SOUSA, que J. CARDOSO utilizou e citou frequentemente nos três tomos do *Agiologio* – e de que possuía também um exemplar impresso, como se verá brevemente na edição da lista dos impressos. A frequência das citações desta obra dispensa a sua localização no *Agiologio*].
- [15] Vida de S. Jacinto de Mariz original _____ P- F.
 [MARIZ, Pedro de, *História da vida, milagres, e canonização de S. Jacinto*, fôlio. Barbosa MACHADO (*Bibliotheca Lusitana*, ed. cit. III, 595) diz que se conservava (talvez a tenha visto) na «Livraria do Illustríssimo e Excellentíssimo Duque de Lafoens que foy do Eminentíssimo Cardeal de Sousa»].
- [16] Vida da Infante D. Joanna, e deligencias que se fizeram para sua Beatificação, original _____ P- F.
 [Não é fácil a identificação desta *Vida* da Infanta D. Joana, que acompanhava, pelo menos aparentemente, o processo – ou alguns dos documentos – da sua beatificação. A referência é excessivamente lacónica para permitir uma identificação plausível, principalmente porque foram várias as «vidas» da Infanta D. Joana que circularam manuscritas. Esta devia ser a «vida» autorizada para acompanhar o processo de beatificação].

- [17] Verdadeira Nobreza de Barreiros _____ P- F.

[É a obra – não sei se no original ou em cópia – de Gaspar BARREIROS, que Barbosa MACHADO (*Biblioteca Lusitana*, ed. cit., II, 336) diz chamar-se *Verdadeira nobreza, ou linhagens antigas de Portugal*, e ter sido «composta por ordem do Cardial D. Henrique». Cremos, contudo, que este título poderá traduzir duas e não uma obra só, já que o volume que se segue nesta lista se chama «Livro de Famílias de Barreiros» (veja-se a nota que se segue)].

- [18] Liuro de famílias de Barreiros _____ P- F.

[Será o título deste *Livro de famílias* o de *Linhagens antigas de Portugal*? A ser verdade, a obra referida por Barbosa MACHADO (v. nota anterior) incluiria duas obras diferentes, ainda que sobre a mesma temática].

[fl. 36v.]

- [19] De cousas antigas e Varias 4 tom. _____ P- F.

[Estes 4 tomos em formato fol. não têm identificação possível, porque certamente – como o título indica – são o resultado da reunião de muitos dos documentos que Jorge Cardoso foi recebendo e recolhendo ao longo dos anos em que trabalhou no *Agiologio*].

- [20] Miscelania de Fernão de Pina _____ P- F.

[Certamente a obra de Fernão (ou Fernando) de PINA que J. CARDOSO citou com o título de *Memorias dos Reys de Portugal* (*Agiologio* I, 412a; II, 176e; III, 732f, etc.)].

- [21] Martyrologio do P. Paulo _____ P- F.

[Esta obra do P. PAULO DE PORTALEGRE, religioso da Congregação de S. João Evangelista (lóio), datada de 1468, é muitas vezes referida por Jorge CARDOSO nos 3 tomos do *Agiologio*, tanto com o título de *Flos sanctorum* (por ex., III, 679a), como com o de *Tratado dos varões ilustres da Cong. de S. João Evangelista*, título também da sua continuação por outro lóio, amigo de J. Cardoso, Fr. Miguel da CRUZ (*Agiologio* I, 6b, 124c, 402e; II, 208b, 631b; III, 223h, 592d, etc.)].

- [22] Poemas de Fernão da Silveyra _____ P- F.

[Seguramente os *Poemas de Fernão da Sylveira senhor de Sarzedas dedicados ao principe D. João*, fol, que Barbosa MACHADO (*Bibl. Lusitana*, ed. cit., II, 54) disse conservarem-se (ao tempo) na «Livreria do Eminentíssimo Duque de Alafoens, que foy do Eminentíssimo Cardeal de Sousa»].

- [23] Santos da Ordem eremitica de S. Agostinho 2 t. _ _ _ B- F.
 [Talvez estes dois tomos incluam a obra do bispo D. Fr. Aleixo de MENESES referida por J. CARDOSO com o título de *Livro* (ou *Tratado*) *m.s. dos varões sanctos da Ordem dos Eremitas de S. Agostinho* (*Agiologio*, I, 61, 64m, 176c, etc; II, 264f, etc.) ou como «o tratado, que nos deixou dos varões em sanctidade da Eremitica familia Augustiniana» (I, 144o), e uma outra de Fr. Manoel CALDEIRA, que J. CARDOSO referiu como «dum breue cathalogo, que nos cõmunicou de varoens illustres da Ordem [dos Eremitas de S. Agostinho]» (*Agiologio*, III, 888g)].
- [24] Dos Prelados de Lisboa 3. tom. _ _ _ P- F.
 [Não deve tratar-se de uma obra de uma autor concreto, mas, como em outros casos, da reunião de «vidas» e documentos vários referentes aos bispos de Lisboa. Talvez nestes 3 tomos estivessem incluídos alguns dos «vários Cathalogs de Prelados, que nos chegarão às mãos» (*Agiologio*, III, 84a)].
- [25] Dos Conegos, meyo conegos e Quartanarios 3 t. _ _ _ P- F.
 [Possivelmente uma obra do tipo da anterior, neste caso reunindo «vidas» e documentos referentes aos «conegos, meyo conegos e quartanarios»].
- [26] Estatutos do Cabido de Lisboa _ _ _ P- F.
 [Não encontrei qualquer referência a este manuscrito (certamente uma cópia) no *Agiologio Lusitano*, mas o seu título não coloca grandes dúvidas em relação ao eventual conteúdo].
- [27] Vso da Relação Eccles. è Coleitor _ _ _ P- F.
 [Também não encontrei mencionado este manuscrito no *Agiologio Lusitano*]
- [28] Deliciae Juventutis _ _ _ L- F.
 [Não localizei referências a este manuscrito, que também não vi citado no *Agiologio Lusitano*. Aparentemente, a sua temática destoa da geral...]
- [29] Liuro dos Franciscanos deste Reyno _ _ _ P- F.
 [Ainda que esta referência seja muito genérica – podendo, por exemplo, dizer respeito a um conjunto variado de «vidas» e a documentos relativos aos franciscanos, muito difíceis de identificar –, poder-se-á sugerir algumas das obras manuscritas frequentemente citadas por J. CARDOSO nos três tomos do *Agiologio*. A obra mais provável é a crónica de Fr. Filipe da PURIFICAÇÃO que Cardoso referiu como «o liuro que nos deixou dos principios e progressos da Prouincia da Arrábida até o anno de 1585» (I, 94f,

273e; II, 695g; III, 21m, 145e, etc.)), ou como o «diuro que nos deixou dos religiosos insignes em virtude, que florecerão na Prouincia até seu tempo» (I, 254g), podendo significar este «que nos deixou» a sua posse. Mas também poderá ser uma cópia de outra crónica manuscrita muito citada pelo autor: a de Fr. António de NISA, *Chronica m.s. da Prouincia da Piedade* (I, 443b, 500b, etc.; II, 452d, 466c, etc.; III, 59b, 116f, 129g, etc.). Ou uma cópia da «Chronica m.s.» da «Prouincia de S. Antonio» (I, 243f). Ou as «Memorias e livro dos obitos da Prouincia d'Arrabida que nos communicou o religioso padre Fr. Andre de S. Paulo». Ou a reunião destes e/ou outros documentos num volume só...]

- [30] *Liuro dos Franciscanos nas Ilhas* _____ P- F.

[É plausível que seja a reunião de «vidas» e documentos vários relativos aos franciscanos das Ilhas. Não encontrei referida nenhuma obra com este título no *Agiologio*].

- [31] *Liuro dos Carmelitas* _____ P- F.

[Ainda que este «Livro dos carmelitas» deva ser um aglomerado de documentos relativos aos carmelitas difíceis de precisar, nele devem estar incluídos, pelo menos, o *Tratado* elaborado e enviado por Fr. Luís de MÉRTOLA «a Roma e Castella para as Chronicas da Ordem» e «cujos originaes – confessa J. CARDOSO – temos em nosso poder» (*Agiologio* II, 49m; III, 643e, etc.), e as «relações» que «na India», sobre os carmelitas descalços, «inquirio com particular cuidado, para esta nossa obra...» o P. Fr. João de CRISTO (*Agiologio*, III, 452i), «cujos originaes temos em nosso poder» (*Agiologio*, II, 335i.1), bem como as «verdadeiras relações que por meio do P. Fr. João de Christo se nos communicarão da mesma casa [Conv. de N. S.^a dos Remédios de Lisboa], das quaes nos auemos de aproueitar nesta obra» (*Agiologio*, I, 225-1)].

- [32] *Liuro dos Padres da Companhia* _____ P- F.

[É provável que este «livro» reuna «vidas» e documentos variados relativos aos jesuitas, de que J. CARDOSO se foi servindo ao longo dos três tomos do *Agiologio*. Talvez nele se incluísse uma cópia do *Tratado m.s. da fundação da casa professa de S. Roque* do P. Manuel da VEIGA, muito citado por J. CARDOSO (*Agiologio*, I, 251a; II, 46c, 69h, 90f, etc; III, 428i, etc.)].

- [33] *Lusitanæ Sanctitatis* 8 tom. _____ P- 4^o

[Deve tratar-se da reunião de dados e documentos diversos, e não de uma obra específica ou homogénea. Talvez aqui se incluíssem muitas das «relações» que de diversos conventos ou por diversas pessoas foram enviadas a Jorge Cardoso: «papeis e escrituras autenticas, cujas copias temos em nosso poder» da Ordem eremitica de S. Paulo (I, 42h); «Das seis religiosas carmelitas de Tentugal temos em nosso poder largas relações dellas (...) as quais nos communicou o P. F. Luis de Mertola...» (I, 49g); «relações, que solicitadas com grandes instancias, e importunações (...) as religiosas delle

[Convento de S^a Marta de Lisboa] nos comunicarão» (I, 64n); «relações que nos mandou Sor Marta de Jesus [do Conv. De N. S^a da Quietação]» (I, 75m); «relações e memorias autenticas que nos comunicarão as freiras [dos convento de jerónimas de Viana]» (I, 95g); «relações» do convento de Odivelas que «nos communicou em vida a mui religiosa Madre Hieronima Leme» (I, 106h); «relações m.s. que as religiosas do proprio convento [Viana do Alvito, da O.S.H.] nos comunicarão» (I, 115f); «huas relações da S. Prouincia da Piedade, que nos communicou o insigne antiquario Manoel Seuerim de Faria» (I, 125f); um «sumario dos vidas de alguns religiosos illustres em sanctidade, que nos communicou o P. F. João de Christo» (I, 125i); «copia das religiosas açções de Sor Antonia de S. Paulo, fornecidas por Fr. Manuel da Esperança» (I, 126m); «memorias, monumentos e relações que nos vierão às mãos desta casa [conv. de S. Ana]» (I, 133e); «memorias e relações manuscritas daquella casa [convento de Jesus de Setubal], que temos em nosso poder» (I, 142f); «memorias e relações m.s. que (à nossa instancia) mandou fazer pela Provincia [Terceiros franciscanos] o P. F. Pedro do Spirito Sancto, sendo Prouincial della...» (I, 155f); «a copia autentica de hua reuelação, feita a S. Madre Theresa de Iesus» que «nos veio as mãos» (I, 155i); «verdadeiras relações que por meio do P. Fr. João de Christo se nos comunicarão da mesma casa [conv. De N. S^a dos Remedios de Lisboa]» (I, 225l); uma «compendiosa relação» sobre Arcangela de S. Miguel que «se nos communicou F. João de Christo...» (I, 254n); «relações» do convento da O. S. Jeronimo de Viana do Alentejo (I, 235e); «muitos papeis & autenticas escrituras, que nos communicou o muito R. P. F. Leonardo d'Assumpção, sendo meretissimo Geral da Ordem [eremitas da Serra d'Ossa]» (I, 242b); «huas cadernos da mesma prouincia [da Piedade] que nos vierão às mãos» (I, 273d); «huas relações m.s. inserti autoris, que nos vierão às mãos...» (I, 273h); «...relações, que nos vierão às mãos de religiosas fidedignas do mesmo convento [de Odivelas]» (I, 274i) e que «tmos em nosso poder» (II, 209l); «exactas relações, que nos communicou a Me. Mariana de Christo» (II, 26i); «hua copiosa relação, que se nos communicou do conuento de Iesus de Vianna, por meio do P. Antonio Cardim» (II, 47g); «larga relação [2 mártires em 1633] feita pelo muito R. P. M. António da Encarnação» (II, 50n); «autenticas relações dos dittos conuentos [S. Bento do Porto e S. João de Estremoz] que temos em nosso poder» (II, 118f-g); «em nosso poder estão as inquirições, que (...) se tiraram em Ceuta de sua vida [Fr. Manuel Nunez, O.S.S.T.] e costumes em ordem a sua Canonização» (II, 127b); «particular relação» enviada por Fr. André de S. Paulo (II, 296i); a «vida» de Leonor Rodriguez que «temos em nosso poder» (II, 315-16i); «relações que nos chegarão às mãos de conuento de Monchique» (II, 381d); a «Vida de Luis Alvares de Andrade (...) cujo original fica em nosso poder...» (II, 414i); «temos em nosso poder larga relação do Padre Ião Roivo, escrita por Fr. João de Christo» (II, 453f); «autentica certidão do Lic. Ião Cardoso de Berbuda (...) temos em nosso poder» (II, 480h); «autentica certidão (...) cuja copia temos em nosso poder» (II, 507g); a «vida» da M. Leonor Rodrigues «temos em nosso poder» (II, 521i); «relações m.s. do conuento de S. Brigitta» (II, 550f); «relações que se nos mandarão de N. S^a do Torrão» (II, 632g) «...por meio do Chantre d'Evora...» (III, 41h, 63-l, 106h e 480e); «escrituras desta sancta Congregação [Eremitas da Serra d'Ossa] que temos em nosso poder» (II, 666c); «largas relações [do conuento de S. Gonçalo de Angra] que (...) nos vierão do ditto conuento» (II, 730h); «varios papeis, e copiosas relações [sobre Maria do Lado], que nos comunicarão o P. Ioseph de Sottommaior (...) e outros religiosos...» (II, 751g); «memorias,

e relações autênticas [sobre Fr. Archanjo], que nos vierão às mãos» (II, 770f); «memórias, que nos deixou a Madre Ioanna Baptista...» (II, 771g); «relações, que se nos comunicarão do Conuento de Chelas, escritas pela muito virtuosa sôr Juliana de Jesus» (III, 63h); «autênticas, e jurídicas Relações» do Conv. do Salvador de Évora «que temos em nosso poder» (III, 74g); «breves relações» enviadas do conv. da Conceição de Beja (III, 130i); «Relações autênticas que temos em nosso poder do Conuento de S. Gonçalo de Angra» (III, 582g); um «breue tratado da vida de Fr. Pedro de Mello (...) que temos em nosso poder» (III, 610d); uma «copia» do livro m.s. da Fundação do Convento de Sevilha dos Capuchos (III, 631i); «relações autênticas» do Conv. de S. Antonio do Rio de Janeiro (III, 709e); «relações autênticas» do conv. de N. S^a da Luz, da cidade da Praia (III, 742b); «os testemunhos autênticos de duas mulheres virtuosas...» (III, 776i); «relação, que temos em nosso poder» de Sor Brisida de S. Antonio (III, 821e); as «relações, que se mandarão [do Conv. de N^a S^a da Esperança] ao P. Lezana para os Annaes da Ordem cujos originaes temos em nosso poder» (III, 874e), e muitas outras «jurídicas relações», «papeis autênticos» de diversos conventos ou enviados por diversos colaboradores (veja-se M^a de Lurdes Correia FERNANDES, *História, santidade e identidade...*, esp. «Os colaboradores de J. Cardoso», art. cit., 45-52).

[34] *Lusitanae Sanctitatis e Antiquitatis* 4 tomos. _____ P- F.

[Provavelmente um volume do género do anterior, contendo outros elementos relativos também às «antiguidades» e não só às «santidades» do reino; talvez nestes 4 tomos se incluam um «sumario da fundação e progressos do convento [de clarissas de Tomar] cuja copia alcançamos» (*Agiologio*, I, 477e); a «copia... fielmente trasladada» do «liuro m.s. da fundação» do convento dos franciscanos de Sevilha, ou «relações m.s. (...) de pessoas curiosas, e vistas nestas antiguidades» (III, 144c), e diversas outras histórias de fundações de conventos e «antiguidades» que confessou terem-lhe sido enviadas ou estarem em suas mãos. Aceitamos que algumas das «relações» referidas na nota anterior pudessem figurar nestes tomos.

Estes 4 tomos reunidos aos 8 tomos anteriores devem ser o que D. António Caetano de SOUSA disse ter visto num «Catalogo» dos manuscritos de J. Cardoso com o título de *Lusitaniae Sanctorum Códices e Antiquitas Lusitaniae* (veja-se o prologo «A quem ler» do tomo IV do *Agiologio Lusitano*, *supra* citado).

[35] *Epist.* 1. t. _____ P- F.

[Deve consistir este tomo na reunião de correspondências várias que Jorge Cardoso foi recebendo, de que serão exemplos uma «carta de Fr. Leão de S. Tomas» (*Agiologio*, I, 85i); «hua carta de F. Bartholomeu de Jesus...» (I, 236-1); «hua carta do P. Francisco da Veiga da Companhia» para o Chantre de Évora «cujá copia temos em nosso poder» (I, 235h); a «copia» de uma carta «do P. Fr. Luis Cacegas escrita em 26 de Fevereiro de 1606 a Gaspar Alvez Lousada» sobre a B. Margarida Fernandes, que também tinha em seu «poder» (I, 166d); uma «carta» de Fr. Francisco de S. Joseph sobre a morte de Fr. Alvaro Paes (I, 253d); «duas cartas de Pedro de S. Cecílio» (I, 272c); diversas «cartas» e «relações» (I, 493i); uma «carta de 24 de Março deste

presente anno de 1656 do P. Fr. Alberto de S. Thereza (...) para o Rev. Prior de Lisboa (...) cujo original está em nosso poder» (II, 273h); «varias cartas» do P. M. Fr. João Durão (II, 740g); uma «carta particular (...) de Fr. Rodrigo de Jesus (...) cujo original temos em nosso poder» (III, 87i); uma «carta em nosso poder do P. Bernardo Sobrinho (...) para o P. Fr. Manuel Ferreira» (III, 299a), e muitas outras que diz ter recebido (algumas em forma de «relação» - v. nota anterior).

- [36] Familias varias 1. t. _____ P- F.

[Possivelmente uma miscelânea de documentos genealógicos. Jorge CARDOSO referiu por diversas vezes os «livros m.s. das Familias deste Reino» (por ex., III, 105e), ou os «Nobiliarios do Conde D. Pedro, Damião de Goes, & Gaspar Barreiros» (III, 72b), mas nunca precisou com rigor se os possuía (originais ou cópias)].

- [37] Dialogos do D.or João Affonso de Beja _____ P- 4º

[Deve ser a *Primeira parte de passatempo e séstas do Doutor Ioão Affonso de Beja* citados por J. CARDOSO com o título de *Dialogos (Agiologio, II, 727a)*, que incluía, segundo Barbosa MACHADO (*Bibl. Lusitana*, ed. cit., II, 577), os seguintes livros; 1. *Dialogo das Excellencias do Alentejo, e Entre Douro e Minho* (...). 2. *Excellencias das mulheres*. 3. *Amizade*. 4. *Amor honesto*. 5. *Enfadamento de ler, e escrever* (...)].

- [38] Liuro dos Conegos Regulares _____ P- 4º

[Talvez se trate de um volume do tipo dos anteriores, reunindo diversas «relações» e documentos sobre os Cónegos Regulares (especialmente de S. Vicente e S. Cruz). Ainda que J. CARDOSO tenha referido várias «relações» sobre estes cónegos - e até crónicas manuscritas, como a de Nicolau Coelho (*Agiologio*, II, 15d e 308c; III, 496b, 570a, 741a), ou a *Fundação do Mosteiro de S. Vicente* (II, 346f), ou o *Tratado da Ordem neste Reino* (III, 708b) de Fr. Marcos da Cruz, ou a *Cronica da Congregação de Srª Cruz* de D. Agostinho do Rosário (II, 308c e 334h) -, ou outras obras como a do P. D. Nicolau das CHAGAS, *Varões illustres da Religião* (II, 585d), não afirmou possuir originais ou cópias].

- [39] Liuro dos Conegos Seculares _____ P- 4º

[Incluir-se-ão neste *Livro* trabalhos do P. Miguel da CRUZ - as *Adições ao Tratado* do P. Paulo de PORTALEGRE (v. *supra* n. 21) - ou o «breve Tratado que deixou da Ordem» (C.S.J.E.) o P. Gaspar da ANUNCIAÇÃO (*Agiologio*, II, 332c), ou mesmo - mas menos provavelmente, porque não afirmou possuí-las - as *Constituições da Congregação de S. João Evangelista* atribuídas ao P. Paulo de PORTALEGRE por J. CARDOSO? (*Agiologio*, I, 403e)].

[fl. 37r.]

- [40] Outro de seus principios contra o Gracista _____ P- 4º

[Neste caso penso que se trata de uma obra mais uniforme e, provavelmente, de carácter algo polémico, sobre as origens dos conegos seculares. Não poderá também ser uma obra do P. Paulo de PORTALEGRE que J. CARDOSO referiu ora como *Historia da Ordem*, ora como *Tratado do estado Apostolico da Congregação de S. João Evangelista neste reino (Agiologio, I, 539a; II, 208b, 285e, etc.; III, 223h, 279e, etc.)?*]

- [41] Itenerario do P. Paulo _____ P- 4º

[Talvez se refira a Paulo de PORTALEGRE, *Itinerario da Jornada á Terra Santa*, 4º, citado por B. MACHADO (*Bibl. Lusitana*, ed. cit., III, 531), dizendo vir citado no *Agiologio* I, 124, 12 jan. col 2 – embora, na realidade, não seja esta a obra aí citada, mas sim o *Tratado dos varões illustres...*].

- [42] Bispos de Evora do Conego Osorio _____ P- 4º

[Este «Conego Osorio» era Jerónimo OSORIO, sobrinho do conhecido Bispo do mesmo nome e editor das suas obras (veja-se Barbosa MACHADO, *Bibl. Lusitana*, ed. cit., II, 517-8). A obra em causa é o *Catalogo dos Bispos, e Arcebispos de Evora* que ficou manuscrito].

- [43] Liuros dos Trinitarios 3 tom. _____ P- 4º

[Fariam parte destes «3 tomos» algumas das obras manuscritas de Fr. Bernardino de S. ANTÓNIO que Jorge CARDOSO citou por diversas vezes? Concretamente, 2 tomos *De varoens illustres da Ordem da Santissima Trindade (Agiologio, I, 358d; II, 567i; III, 220f)* e a *Vida do V. Fr. Roque do Espirito Santo da Ordem da Santissima Trindade (Agiologio, III, 193c)*? Ou a *Descripção do Reyno de Portugal (Agiologio, II, 760b)*? Ou a «*Chronica m.s. da Ordem*» de Afonso GUERREIRO (*Agiologio, III, 383c*)? Excluo a outra obra manuscrita – o *Precioso thesouro da Ordem da Sanctissima Trindade* –, também referida por J. CARDOSO, mas que este disse guardar-se «no archiuio do conuento de Lisboa (*Agiologio, I, 254e e II, 567i*), não acusando possuir qualquer cópia].

- [44] Liuro da Collegiada de Guimarães _____ P- 4º

[Será o «Livro (...) de *verbo ad verbum*», contendo muitos «milagres que Nosso Senhor obra por intercessão de sua Mãe Santissima a Virgem Maria da Oliveira desta villa de Guimarães», que o Pe. Torquato Peixoto de Azevedo, nas suas «Memorias resuscitadas da antiga Guimarães», datadas de 1692 (impresas no Porto, em 1845), disse estar «no cartorio» (p. 264) ou «no archivo da real Collegiada» (p. 288)? Talvez J. Cardoso tenha conseguido uma cópia desse «livro» já depois de publicado o tomo I do *Agiológico*, no qual, a propósito da «Sagração do Altar da Collegial de

Guimarães» (p. 226b e 231-232b) não o citou, talvez porque o não conhecesse ainda...].

- [45] Apocalypse de Gregorio Lopes ___ ___ ___ P- 4º

[Esta obra, aqui ms. (possivelmente uma cópia), de Gregório LOPES, *Explicacion de Apocalypse*, foi impressa, já depois da morte de Jorge Cardoso, em Madrid, em 1678, 4º].

- [46] Flavio Dextro ___ ___ ___ ___ L- 4º

[Talvez se trate de uma cópia manuscrita da obra de Flavio DEXTRO, *Ommimoda Historia...*, diversas vezes citada no *Agiologio* (I, 269a, etc; III, 298a, etc.).]

- [47] Discursos de Solustro ___ ___ ___ ___ C- 4º

[Não encontrei qualquer alusão a estes «Discursos» de Salustio (Solustro deve ser um erro de transcrição) no *Agiologio Lusitano*].

- [48] Vida de S. Gonçalo em 8ª rima ___ ___ ___ P- 4º

[Talvez seja o *Poema de S. Gonçalo* do Licº Diogo MONTEIRO, citado – transcrevendo uma oitava laudatória daquele santo – no *Agiologio* II, 607e].

- [49] *Vida* de Sor Colecta de Fr. Marcos original ___ ___ P- 4º

[Esta obra de Fr. Marcos de LISBOA, *Vida da V. Sor Collecta de Borgonha, traduzida em portuguez* conservava-se nos finais do século XVIII, segundo Barbosa MACHADO (*Bibl. Lusitana*, ed. cit., III. 409), na «Livreria do Excellentissimo Duque de Lafões...» – como tantas outras desta lista...]

- [50] *Vida* do P. Antonio da Conceição ___ ___ ___ P- 4º

[O primeiro problema que se coloca neste caso é o da própria identificação deste «P. Antonio da Conceição», já que, com fama de santidade, processo de beatificação e biografia editada, existiram dois religiosos com o mesmo nome (Excluo aqui um outro Fr. António da Conceição, O.S.S.T., que morreu em 1585 em Marrocos, também com fama de santidade e com processo de beatificação, mas do qual J. Cardoso não citou qualquer «vida» autónoma, mas apenas (e com pena...) as curtas biografias incluídas nas crónicas da Ordem). Um, da Congregação de S. João Evangelista e vulgarmente conhecido como «Beato António», morreu em 1602; o outro, da Ordem da Santíssima Trindade e contemporâneo de J. Cardoso [que testemunhou ser ele «bem conhecido nesta Cidade por sua sancta vida, e religiosa observancia, sentida, e venerada morte – *Agiologio*, II, 382j], morreu em Julho de 1655.

Deste último saiu impressa uma biografia pelo seu companheiro de religião, o P. Fr. António CORREA, *Fama posthuma do Veneravel Padre Fr. Antonio da Conceição*, Lisboa, Oficina de Henrique Valente de Oliveira, 1658. Ainda que não se possa excluir totalmente a possibilidade de que a «Vida» possuída por J. Cardoso seja uma cópia manuscrita desta biografia do trinitário, penso ser muito mais plausível que esta *Vida do P. António da Conceição* se refira ao outro «Beato António», religioso da Congregação de S. João Evangelista, de quem o amigo de Jorge Cardoso Fr. Luis de MÉRTOLA (ou da APRESENTAÇÃO) escreveu e editou uma «Vida» que o autor do *Agiologio* referiu e seguiu quando falou deste religioso (*Agiologio*, III, 221h). Nesse caso, esta «Vida» possuída por J. Cardoso devia ser a versão manuscrita de parte do texto de Fr. Luis de MÉRTOLA que foi impresso com o título de *Extracto dos processos que se tiraram por ordem dos Illustringissimos Senhores Ordinarios na forma do direito sobre a vida, & morte do veneravel Padre Antonio da conceição (...)*, em Lisboa, por Antonio Alvares, 1647. Outra «vida» ms. deste religioso lóio era a de Belchior da GRAÇA, *Vida do Ven. P. Antonio da Conceição Conego Secular da Congregação do Evangelista*, 4º (B. MACHADO, *Bibl. Lusitana*, ed. cit., I, 493), mas que J. CARDOSO não referiu, como não aludiu à da autoria de Martinho MESQUITA (veja-se B. MACHADO, *Bibl. Lusitana*, III, 442), que talvez não estivesse ainda redigida (ou ainda não fosse do seu conhecimento) quando J. Cardoso fez o «catálogo» dos eus livros. O mesmo se diga da de Fr. Matias da CONCEIÇÃO (B. MACHADO, *Bibl. Lusitana*, ed. cit., III, 453)].

[51] *Vida do B. Valente da Companhia* _____ P- 4º

[Não encontrei nenhuma referência a esta *Vida* no *Agiologio Lusitano*].

[52] *Vida de D. Isabel de Castro* _____ P- 4º

[Não vem citada no *Agiologio*. Penso que esta D. Isabel de Castro era a filha de D. Francisco Mascarenhas e de D. Jerónima de Castro, que foi casada com D. João de Alarcão, de quem Fr. António CORREA, na *Fama posthuma do Veneravel Padre Fr. Antonio da Conceição* (Lisboa, Oficina De Henrique Valente de Oliveira, 1958, 95) fez um breve elogio, afirmando que «Antonio Mascarenhas, & Luiz Brandão da mesma Companhia, lhe escreverão a vida». Será esta uma cópia dessa «vida»? D. António Caetano de SOUSA, nos apontamentos que reuniu para os restantes 3 tomos do *Agiologio* (B. N. Lisboa, Cod. 40, fl. 66) regista o nome de D. Isabel de Castro, a 27 de Agosto – mas não incluída na edição do Tomo IV –, referindo vagamente «dua relac. M.s. que tenho»].

[53] *Vida do Pintor Santo da Companhia* _____ P- 4º

[FERNANDEZ, Manoel, S.J., *Vida do servo de Deos Manoel Anriquez, o pintor santo*, diversas vezes citado por Jorge CARDOSO (*Agiologio* II, 412b e 466f; III, 115g e 644g)].

- [54] Vida de N. S.ra de Fr. Miguel de Valença _____ P- 4º
- [Esta *Vida de Nª Senhora* do jerónimo Fr. Miguel de VALENÇA não vem mencionada no *Agiologio* – embora aí se inclua a sua «vida» (II, 708 e 715-16). Na lista das suas obras – dada a conhecer por Cândido dos SANTOS, *Os Jerónimos em Portugal. Das origens aos fins do século XVII*, 2ª ed. Porto, JNICT, 1996, esp. 193 –, cuja cópia se encontra no Arquivo Nacional-Torre do Tombo, ms. de Livraria nº 2139, não figura esta obra].
- [55] Tratado das Veuvras do mesmo original _____ P- 8º
- [VALENÇA, Fr. Miguel de, *Tratado do que ha de ter y guardar la biuda noble y virtuoda*, cuja cópia se encontra na T. T. (v. nota anterior), editada por Cândido dos SANTOS, *Os Jeronimos em Portugal*, ed. cit., 316-328].
- [56] Epistolas de Brito original _____ P- 4º
- [Não identifiquei estas *Epistolas*, que não vi citadas na *Agiologio*].
- [57] Annuas de Japão de 649. original _____ P- 4º
- [Jorge CARDOSO referiu muitas cartas annuas (manuscritas e impressas, algumas das quais possuía, como se verá na edição/estudo dos impressos), mas não vi citada esta no *Agiologio*].
- [58] Missio Japonica Societatis _____ L- 4º
- [Não localizei qualquer obra com este título no *Agiologio*. Pode consistir em vários documentos – cartas, relações várias... – relativos às missões dos jesuítas na Japão, por cujos relatos parece ter-se interessado bastante J. Cardoso].
- [59] Retrato do Reyno _____ B- 4º
- [Não o vi mencionado no *Agiologio* e a ausência de indicação do autor torna muito difícil a identificação].
- [60] Parecer Político _____ C- 4º
- [Também não encontrei alusões a este *Parecer* no *Agiologio* e, sem a indicação do autor, a identificação desta obra é praticamente impossível].

[fl. 37v.]

[61] Versos de Fr. Antonio Arrabido _____ P- 8º

[Muito provavelmente Fr. António de S. MARIA, OFM Arrábido († 1646), que J. Cardoso disse ter «estampado» um «poema heroico» a S. Antonio (*Agiologio*, III, 464a). B. MACHADO (*Bibl. Lusitana*, ed. cit., I, 320) diz que Fr. António tinha reunido um conjunto de *Varias poesias a diversos Assumptos*, baseado numa informação recolhida na *Biblioteca Lusitana* de João Franco BARRETO. Talvez seja esta a obra aqui referida simplesmente como *Versos*].

[62] Orationes Perpiniani _____ L- 8º

[Do P. Pedro PERPINIANO, S.J. (ou PERPINHAM, como também era conhecido na época) Jorge Cardoso apenas citou, no *Agiologio*, a *Historia S. Elisabeth*, que figura entre as obras impressas da sua biblioteca. Estas *Orationes* devem ser uma cópia ms. das «varias orações impressas, que andam em hum volume, muitas dellas em louvor da Rainha Sancta Isabel, tidas diante da Vniuersidade de Coimbra» (TELLES, Baltasar, *Chronica da Companhia de Jesus na Provincia de Portugal...*, Parte II, Lisboa, Paulo Craesbeeck, 1647, 19].

[63] Tratado da China _____ P- 8º

[Sem o nome do autor é difícil a identificação deste *Tratado da China*, que, com este título, não aparece citado no *Agiologio*. J. Cardoso possuía, impresso, outro *Tratado da China*, provavelmente o de Fr. Gaspar da CRUZ (Évora, 1570). Será uma cópia manuscrita deste impresso?].

[64] *Officium S. Antonij*, de Peixoto _____ L- 4º

[Deve ser a obra de BARRETO, Matcus Peixoto, *Officio da Festa, Oitavario, e tresladação de Santo Antonio, que reza a Igreja de Lisboa*, referida por B. MACHADO, *Bibl. Lusitana*, III, 450].

[65] Epitalamio ao Conde de Ericeyra _____ L- 8º

[Talvez este Conde da Ericeira seja D. Luis de Meneses, que casou em 1666. Não identifiquei este epitalâmio].

[66] Liuros de Caxa 2 vol. _____ P- F.

[Creio não ser possível, sem a presença do manuscrito, a identificação destes 2 volumes de «Livros de Caxa»].

- [67] Livro do Valor das pedras _____ C- 4º
 [Uma obra de temática interessante (e muito de gosto humanista...) no contexto geral. Compreensivelmente, não a vi referida no *Agiologio*].
- [68] Livro de Doces _____ P- 4º
 [Também este título não deixa de ser curioso, no contexto de uma biblioteca «santa»...]
- [69] Livro de Cheiros, e aguas _____ P- 4º
 [O mesmo se diga deste «Livro de Cheiros e aguas»].
- [70] Idea de Platão _____ P- 8º
 [Compreensivelmente, não vem citada no *Agiologio*].
- [71] Ad Verborum copia' 2. t. _____ L- 8º
 [Não localizei qualquer alusão a estes 2 volumes na obra de Cardoso].
- [72] Sumulus Thomistas _____ L- 4º
 [No *Agiologio* só se encontra citada a *Suma Teologica* de S. Tomás (*Agiologio*, III, 592c)]
- [73] Philosophia 3. Vol. _____ L- 4º
 [A indicação de 3 volumes parece sugerir uma colectânea de diversos textos do âmbito genérico da filosofia. Creio não ter identificação possível].
- [74] Theologia 2. Vol. _____ L- 4º
 [O título genérico de «Theologia», em 2 volumes, parece indicar igualmente uma miscelânea de textos e não uma obra uniforme].
- [75] De Bello Belgico _____ L- 4º
 [Não vem mencionada no *Agiologio*].
- [76] Martyrolog. Societatis _____ L- 4º
 [Possivelmente uma cópia manuscrita da obra com o mesmo título muito citada no *Agiologio Lusitano* (por ex., I, 29d, 29e, 73f, 87n, 96i, 115h, etc.; III, 86f, 116i, 116-l, 326g, etc.)].

- [77] Liuro de rezar todos os dias — — — L- 8º
- [Talvez um breviário ou um livro com diversas orações. Uma indicação tão vaga torna impossível a sua identificação plausível, mas mostra que, também nos manuscritos – tal como nos impressos – Jorge Cardoso não descuidava as obras de espiritualidade].
- [78] Ilha da Madeira, descobrimento 206 — — P- 4º
- [Apesar de J. Cardoso a não citar, deve ser a obra de LEITE, Jerónimo Dias, *Insulana, ou descobrimento e louvores da Ilha da Madeira*, um poema em oitava rima, com 7 cantos, que B. MACHADO (*Bibliot. Lusitana*, II, 498) diz que «se conserva na livraria do Excellentíssimo Duque de Lafoens, que foy do Eminentíssimo Cardial de Sousa».... Esta informação contribui para diminuir a hipótese de que seja uma cópia da «Relação de Francisco Alcoforado» (escudeiro do Infante D. Henrique) de que D. Francisco Manuel de MELO se serviu para a redacção da sua *Epanáfora Amorosa*, cujo «original» disse guardar «como jóia preciosa, vindo à minha mão por extraordinário caminho» e de que hoje são conhecidas pelo menos duas cópias seiscentistas? (Veja-se D. Francisco Manuel de MELO, *Epanáforas de Vária História Portuguesa*, com Introdução e Apêndice Documental por Joel Serão, Lisboa, 1977, esp. 603-615)].
- [79] Miscelania e familias das Ilhas — — — P- 4º
- [Possivelmente a obra de Gaspar FRUCTUOSO, *Descobrimto das Ilhas, ou saudades da Terra*, que J. CARDOSO citou com o título de *História das Ilhas* (*Agiologio*, II, 107, 332c, etc.; III, 16b, 195-l, 407i, 415b, etc.)? .
- [80] Vida de Beatriz Vaz de Oliueira escrita por D. Aleixo de Menezes — — — P- 4º
- [MENESES, D. Aleixo de, *Vida da Veneravel Beatris Vaz de Oliveira Religiosa Agostinha*, cujo manuscrito foi visto na «Livraria do Eminentíssimo Cardial de Sousa» pelo P. Francisco da Cruz, «como afirma nas suas Memórias MS. Para a Bib. Portuguesa», segundo informação de B. MACHADO (*Bibl. Lusitana* I, 91)].
- [81] Breuiario de Evora — — — F.
- [Na lista dos livros impressos de J. Cardoso figuram 2 obras com a indicação de «M.S.», sendo uma delas um *Breviario eborense*. Este deve ser, portanto, outro manuscrito (ou outra cópia?). Além disso, possuía também uma edição impressa, como se verá na edição/identificação dos livros impressos].

- [82] *Breviario de Lisboa* — — — — F.
- O outro «M.S.» que figura (indevidamente) na lista dos livros impressos que possuía J. Cardoso é, precisamente, um *Breviario ulisbonense*. Será este um manuscrito diferente? Ou outra cópia do mesmo?
- [83] *Servando Bispo Aurense de Pellicer* — — C- 4º
- J. CARDOSO apenas referiu, de Joseph PELLICER (que PALAU Y DULCET, *Manual del Librero Hispano-Americano*, s. v., diz ter escrito cerca de 276 obras), «um liuro sobre uma missão em Africa, impresso em Madrid em 1649» (*Agiologio*, II, 668h), que é certamente a *Misión evangélica al Reyno de Congo*.
- [84] *Duas Chronicas de Agostinhos* — — — C- F.
- [Poderá ser uma destas «Chronicas de Agostinhos» a que deixou manuscrita Fr. Luis dos ANJOS (mais tarde editada em Espanha) e que J. CARDOSO citou algumas vezes (*Agiologio*, I, 176c; III, 478a, etc.)? E a outra a 3ª parte da *Chronica de S. Agostinho de Portugal* de F. António da PURIFICAÇÃO – só foram publicadas a 1ª parte e a 2ª partes –, que J. CARDOSO citou várias vezes no *Agiologio* (por ex., II, 185c; III, 54a, etc.)?]
- [85] *Hum Liuro de politica dourado* — — — C- 4º
- [Com uma indicação tão genérica é impossível a identificação].
- [86] *Descobrimento do Maranhão* — — — C- 4º
- [Apesar de J. Cardoso a não citar, deve ser a obra manuscrita de Fr. Christóvão de LISBOA, *Historia natural e moral do Maranhão e Grão Pará*, enviada pelo autor ao Chantre de Évora, Manuel Severim de Faria, como mostrou João Francisco MARQUES, *Frei Cristóvão de Lisboa, missionário no Maranhão e Grão-Pará (1624-1635), e a defesa dos índios brasileiros*, in *Revista da Faculdade de Letras - História*, II série, XIII (1996), 350. A amizade e a colaboração do Chantre de Évora com J. Cardoso (Mª de Lurdes C. FERNANDES, *História, santidade e identidade...*, art. cit., esp. «Os colaboradores de J. Cardoso») permitem supor o acesso fácil deste à obra, possivelmente até no original - o que explica que, tal como os outros manuscritos desta lista, ele não seja hoje conhecido...].
- [87] *Herrera dos Agostinhos* — — — — L- F.
- [Talvez seja uma cópia manuscrita do *Alphabeto Augustiniano* de Fr. Thomas HERRERA, frequentemente citado no *Agiologio* (II, 185c, 209h, 362c; III, 87h, 193d, 254e, etc) e que J. CARDOSO sabia ter sido «impresso

em Madrid em nossos dias» (*Agiologio*, II, 620d), mas de que não possuía exemplar impresso (apenas do *Breve compendio...*, Madrid, 1645, como se verá na edição do «catálogo» de impressos da sua biblioteca).

- [88] Vida de S. Theodosia — — — — L- F.

[Não a vi citada no *Agiologio* e a sua identificação, sem nome do autor, é praticamente impossível].

- [89] Tratado da Oração de Falconi — — — — C- 4º

[Esta referência genérica não facilita a identificação da obra. Tendo em conta as obras deste autor hoje conhecidas – as que foram impressas, isolada ou conjuntamente –, talvez se possa sugerir a cópia de uma das *Cartillas* – a *Cartilla primera para saber leer en Cristo* ou a *Cartilla segunda para saber leer en Cristo* – que circularam autonomamente (veja-se a recente edição de Fray Juan FALCONI, *Cartillas para la oración*, ed. de Elías GÓMEZ DOMÍNGUEZ, Madrid, F.U.E.-U. P. S., 1995). Mas também poderia ser uma cópia de um dos outros tratados deste religioso da Ordem da Mercê defensor da oração mental, que vieram a ser incorporados na edição das suas *Obras espirituales*, Valencia, 1662, com várias reimpressões posteriores. J. Cardoso possuía uma edição impressa das *Obras* deste religioso mercedário, como se verá na edição/identificação dos impressos da sua biblioteca].

Libros y Lecturas en el Convento de las Madres Agustinas Recoletas de Salamanca (Siglos XVI-XVIII)

Pocos son los estudios que hasta este momento poseemos en torno al mundo de la lectura y su sociología en España pese a que de unos años acá se ha intentado, a través de variados trabajos, paliar las lagunas existentes al respecto¹. En este sentido, es acerca de la mujer y su formación sobre los que menos sabemos; o, siendo más realistas, el panorama de nuestra desconocimiento sobre el particular es desalentador. Existe ciertamente una razón que justifica esta dejadez histórica, como es el hecho de que la mujer ha jugado un papel secundario, relegado a una actividad mayoritariamente masculina en toda y cada una de sus facetas, y, ¿cómo no?, la libresca entre ellas. Por otra parte, los pocos datos que poseemos sobre las lecturas de algunas mujeres, siempre hacen referencia a una reina o mujer de alta cuna², mientras que desconocemos los libros que leían las

¹ Sigue siendo muy útil el ya clásico estudio de Maxime CHEVALIER, *Lectura y lectores en la España de los siglos XVI y XVII*, Madrid, 1976, especialmente las páginas 13-64, en donde se desglosa este problema.

² Pueden consultarse los trabajos de Diego CLEMENCÍN, *Biblioteca de la Reina Doña Isabel*, in *Elogio de la Reina Católica doña Isabel*, (Ilustración XVII), Madrid, 1920, 430-480; Francisco Javier SÁNCHEZ CANTÓN, *Libros, tapices y cuadros que coleccionó Isabel la Católica*, Madrid, 1950, 17-88; Francisco Rafael de UHAGÓN, *La biblioteca de Sancha de Guzmán, madre de Garcilaso de la Vega*, in *Documentos inéditos referentes al poeta Garcilaso de la Vega*, (nº extraordinario del *Boletín de la Real Academia de la Historia*), Madrid, 1915, 133-135; Stephen GILMAN & Michael RUGGERIO, *La biblioteca de Leonor Álvarez, esposa de Fernando de Rojas*, in *Rodrigo de Reinoso and La Celestina*, in *Romanische Forschungen*, 73 (1961), 255-284; Joaquín HAZAÑAS Y LA RUA, *Librería de Ana de Alfaro, viuda de Nicoloso Monardis*, in *La imprenta en Sevilla. Noticias inéditas de sus impresores desde la introducción del arte tipográfico en esta ciudad hasta el siglo XIX*, I, Sevilla, 1945, 47-56; Trevor J. DADSON, *Inventario de los libros de doña Brianda de la Cerda y Sarmiento, duquesa de Béjar (1602)*, in *Bulletin Hispanique*, 95 (1993), 525-541; Trevor J. DADSON, *La biblioteca de una madrileña de clase acomodada del siglo XVII: la de doña Francisca de la Paz Jofre de Loaysa (+1626)*, in *Varia Bibliographica. Homenaje a José Simón Díaz*, Madrid, 1988, 207-216; M^a Isabel BARBEITO CARNEIRO, *La biblioteca de la VI Condesa de Lemos*, in *Varia Bibliographica*. ed. cit., 67-83; José Luis BARRIO MOYA, *La librería y otros bienes de la duquesa de Sessa (1638)*, in *Cuadernos de Bibliofilia* (Valencia), 12 (1984), 41-51. También puede resultar de gran utilidad revisar el reciente libro de Marguerite DEBAE, *La bibliothéque de Marguerite D' Autriche*, Louvain-Paris, 1995; obra realizada a partir del inventario realizado entre

mujeres de clase media, de cuya vida cotidiana tampoco sabemos mucho. A este respecto, han sido muy reveladores, aunque no por ello carentes de discusión, aquellos trabajos que, tomando como base los libros escritos por algunas mujeres, religiosas en su mayor parte, han deducido las posibles lecturas de sus autoras³. Y de manera análoga pueden espigarse múltiples referencias a los hábitos de lectura de las mujeres en textos literarios varios en los que el género femenino – nos referimos a mujeres cultas, alfabetizadas y con cierto nivel social –, muestra tener una avidez natural para devorar un sinfín de libros en sus muchos ratos de ocio. Es una lástima que todos estos datos no puedan ser cotejados con el papel que desempeñó la mujer en el mundo de las letras, en concreto con su formación intelectual, en los principales centros del saber⁴. También, la clausura femenina debió de ejercer una importante labor en la alfabetización y culturización de gran parte de sus moradoras, pues, si bien muchas de ellas pertenecían a nobles familias, el grueso se surtía de la clase media y baja de la sociedad⁵. Por

1523/1524 sobre riquísimo fondo de la viuda del príncipe don Juan, primogénito de los Reyes Católicos, doña Margaria de Austria, hermana del Archiduque Felipe (Felipe el Hermoso) y a la postre regente de los Países Bajos. Lógicamente también hay que tener en cuenta que las mujeres eran lectoras en potencia de las bibliotecas de sus maridos, familiares y amigos masculinos, lo que evidentemente amplía la nómina ofrecida al máximo.

³ Valga como ejemplo tan sólo el artículo de Joel SAUGNIEUX, *Santa Teresa y los libros*, in *Actas del Congreso Internacional Teresiano (4-7 Octubre 1982)*, ed. dir. por Teófanos Egido et alii, Salamanca, 1983, 747-764; posteriormente ampliado en su *Thérèse d'Ávila et les livres*, in *Les mots et les livres. Etudes d'histoire culturelle*, Lyon, 1986, 86-109.

⁴ Muy dilucidadores al caso, entre otros, son los artículos de Luis Miguel VICENTE GARCÍA, *La defensa de la mujer como intelectual en Teresa de Cartagena y Sor Juana Inés de la Cruz*, *Mester* (Los Ángeles), 18. 2 (1989), 95-103, y de Sonja HERPOEL, *El lector femenino en el Siglo de Oro español*, in *La mujer en la Literatura Hispánica de la Edad Media y el Siglo de Oro*, ed. de Rina WALTHAUS, Amsterdam, 1993, 91-99. Véase además el estudio de Luisa LUNA, *Leyendo como una mujer la imagen de la mujer*, 1996, especialmente el capítulo dedicado a "Las lectoras y la historia literaria".

⁵ Hay que tener ciertamente en cuenta la Orden a la que pertenecían. Por ejemplo la reforma del Carmelo Descalzo por Santa Teresa espoleó un mayor interés por el mundo de la literatura, como lo evidencian el gran número de piezas poéticas a lo divino que comienzan a aparecer e fines del Quinientos en algunos conventos de clausura carmelitanos. Algunos de estos textos han sido ya publicados, como el *Libro de romances y coplas del Carmelo de Valladolid (C. 1590-1609)*, editado por Víctor GARCÍA DE LA CONCHA y Ana ÁLVAREZ PELLITERO en Valladolid en 1982; otros tan sólo descritos, como hace el artículo de Ana ÁLVAREZ PELLITERO, *Cancionero del Carmelo de Medina del Campo (1604-1622)*, in *Actas del Congreso Internacional Teresiano*, ed. cit., 525-544. Junto a estos testimonios y en un contexto totalmente diverso pero muy relacionado con el mundo de las letras, hay que poner los múltiples casos de las "monjas embaucadoras", de destacada formación intelectual, con abundancia de lecturas a sus espaldas. A este respecto sigue siendo interesante el libro de Jesús IMIRIZALDU, *Monjas y beatas embaucadoras*, Madrid, 1977; también algunos de los casos recogidos por Juan Antonio ALEJANDRE en su *Milagros, libertinos e insensatos. Galería de reos de la Inquisición de Sevilla*, Sevilla, 1997, en donde se trata el particular de algunas religiosas que tuvieron problemas con la justicia eclesiástica.

ello, un trabajo como el que aquí se expone, previo a un proyecto mayor⁶, no deja de tener interés, en cuanto plantea un foco de atención hacia las bibliotecas de los conventos de clausura femenina, pues su análisis nos ofrece no sólo un listado de autores y obras, sino que además puede ser tenido como reflejo de los intereses y lecturas de sus diferentes moradoras a través de varios siglos, con los problemas que de por sí implica.

Dado que una biblioteca es un ente vivo, sometido a continuos cambios – nuevas adquisiciones, pérdida de libros por uso, préstamo, sustracción o desastres naturales (humedad, incendios, animales bibliófagos...), amén de eliminaciones inquisitoriales, y en el caso que nos ocupa de desamortizaciones varias –, parece oportuno pasar en primer lugar revista a la historia del convento que nos ocupa.

1. Origen y fundación del Convento de La Purísima Concepción de las Madres Agustinas Recoletas de Salamanca.

«En el de 1594 el Cabildo de la Iglesia de Salamanca, estando la Sede vacante, y siendo Provisores los canónigos don Diego de Vera, catedrático de Prima de Cánones, y Licenciado Barloμέ (sic) Sánchez, Inquisidor que fue de Murcia, Zaragoza y Valencia, hizo donación de esta ermita a las Religiosas Agustinas Recoletas, para que fundasen en ella convento.

Pero, el de 1626, la avenida del Tormes, del día de San Policarpo, la arruinó enteramente. y trasladadas las Religiosas al que nuevamente construyó con magnificencia don Manuel de Fonseca, Conde de Monterrey, en la colación de San Benito, frente a su palacio, se trasladó igualmente a él la imagen del Santo, con asistencia de la ciudad, Cabildo y Caballeros de la Cofradía, que continuaron sacándola en procesión todos los años hasta el de 1724...»⁷.

Pese a este testimonio, sacado recientemente a la luz por Enrique Llamas, y según ha podido documentar la historiadora Ángela Madruga

⁶ En este momento estamos realizando un gran inventario de los libros de las bibliotecas de clausura femenina de la Diócesis de Salamanca, como base para un estudio sobre la lectura conventual, que esperamos pueda ver luz en breve.

⁷ Enrique LLAMAS MARTÍNEZ, *Las ermitas de Salamanca: Historia, arte y religiosidad popular (1128-1861)*, Salamanca, 1997, 115-117 (la cita en la 115).

Real⁸, esta comunidad de Descalzas llega a la ciudad del Tormes en 1591. Fue la agustina Sor Juana de la Visitación – que procedía del convento de Nuestra Señora de la Gracia de Ávila, fundadora también del convento de Santa Isabel de Madrid –, a instancias del entonces Obispo de la Diócesis charra, don Jerónimo Manrique, la fundadora y primera priora de este cenobio, apoyada por la albense, Sor María Ana de San José, creadora de la reforma de las Agustinas Descalzas, priora posteriormente del convento madrileño de la Encarnación, de donde habrían de venir también varias monjas a formar la primera comunidad. La herencia a su favor de Antonio López de Alabarado pondrá en contacto a las religiosas con la Cofradía de San Roque; gracias a esta relación las monjas podrán disfrutar de la Casa e Iglesia de la Cofradía, que compran sin que se traslade esta Cofradía. Las monjas prosperan merced a las rentas y donativos de San Roque y comienzan a comprar varias tierras adyacentes. Este primer periodo y la posterior protección del Conde de Monterrey la relata por extenso el cronista salmantino Bernardo Dorado en su *Compendio histórico de la ciudad de Salamanca* (Salamanca, 1776, 440):

«¶ Fundación de las Madres Agustinas:

En el año de 1594 se fundó el Monasterio de Religiosas Agustinas Recoletas; ignóranse sus fundadores, pero sabemos que su primera habitación y morada la tubieron en la Iglesia de San Roque, antigua y devota hermita de esta ciudad, sita por frente de Santa María la Blanca, presúmese estaría por cima de los quarteles, o acaso en ellos, cuya Santa Imagen se dice está tocada a el santo cuerpo que se venera en la ciudad de Venecia [...]; aquí estubieron estas santas Religiosas hasta la famosa crecida de San Policarpo, sucedida en 26 de Enero de 1626, en la que este Monasterio, como otros muchos, quedó tan maltratado y las monjas tan asustadas, que, desamparando el sitio, se refugiaron a Santa María la Blanca, y, apiadado entonces el Excelentísimo Señor don Manuel de Zúñiga y Fonseca, Conde de Moterrei, Virrei de Nápoles y Capitán General de Badajoz, de el Consejo de Estado y Guerra de su Magestad, mandó que a su costa se fabricase el suntuoso monasterio que oy admiramos, siendo su magnífica iglesia una de las más celebradas de este pueblo. Duró la obra más de nueve años, de cuya translación hablaremos en su lugar».

⁸ Cf. *Arquitectura Barroca Salmantina. Las Agustinas de Monterrey*, Salamanca, 1983, 19-27.

De nuevo se alude a este desastre natural: las grandes lluvias que acaecieron a inicios de 1626 y que motivaron que el día de San Policarpo se desbordase el río Tormes, llevándose por delante todas las edificaciones que se encontraban en su vega, y, entre ellas, la ermita de San Roque. Resulta importante a nuestro propósito tener en cuenta que esta inundación llevó consigo todo el patrimonio del primer asiento de las Agustinas Descalzas, lo que les obligó a iniciar la fundación de un nuevo monasterio. Pero tal vez no esté de más, para comprobar el alcance último de este desgraciado percance, recurrir a un testigo presencial, el bachiller Finardo Valerio, quien escribe una *Relación cierta y verdadera de la gran crecida que tuvo y ruyna que causó el Río Tormes en la Ciudad de Salamanca en 26 de Enero deste año de 1626*, en donde leemos:

«Lunes en la tarde que se contaron veynte y seys de Enero, aviendo precedido sábado y domingo grandes aguas y furiosos vientos, tendió la noche su manto negro, como se requería para las exequias de la futura tormenta. La qual se empeçó a continuar desde las quatro de la tarde con ayres y obscuridad espantosa, hasta que a las nueve de las nueve de la noche llegó la inhumana crecida, causada de las muchas nieves que en sí encerraba la Sierra de Véjar, con tan gran ímpetu y tan furioso corriente, ocupando todos los ojos de la puente con ser muchos y muy capaces, que bolvió inundando azia atrás y anegando todas las casas y conventos que tenían assiento en toda la Vega y arraval de Santa María la Blanca. Los conventos fueron: el de los Padres Mostenses, el de los Trinitarios Descalços, y el de las Agustinas Monjas Descalças, y a los Calçados Carmelitas derribó la mitad de la casa. Fue cosa de notable compassión y lástima por coger a la desgraciada gente descuydada y casi toda durmiendo, sin esperanças de que huviesse el Tormes de crecer, lo que después tan a su costa se vio, por no se aver nunca visto semejante daño y sucesso. Y assí no se veyan sino lastimosas y roncas voces, con que se animavan y ayudavan unos a otros para passar el trago de la muerte con el último de agua. Salvaron, pues, las vidas todos los Religiosos y Monjas Agustinas Descalças, excepto una, por medio de un Religioso Carmelita Calçado, lego, el qual las sacó en hombros, dándole el agua a los pechos; y, en acabando de sacar la última, se cayó el convento todo»⁹.

⁹ Cf. Jacobo SANZ HERMIDA, *La Avenida de Santa Bárbara (1498) y otras famosas crecidas del Tormes*, Salamanca, 1997, 42-50. Las pérdidas que produjo esta inundación fueron reseñadas

De este modo las Agustinas pierden todos sus bienes y deben plantearse la adquisición de terrenos para la construcción de su Convento. Por aquellos días, y tras esta riada, el entonces obispo, don Antonio Corrionero (1620-1633), siguiendo los dictados del Concilio de Trento, determinada que se reconstruyan los monasterios que estaban fuera de la muralla dentro del casco urbano¹⁰. Entre tanto las monjas ocupan en alquiler unas propiedades de Isabel de Maldonado, en la actual calle de la Compañía. En 1628, una vez obtenidos los permisos pertinentes, consiguen comprar estas mismas casas y poco a poco irán agregando solares adyacentes con el fin de construir un nuevo Convento.

En aquellos mismos años el Conde de Monterrey, don Manuel de Fonseca y Zúñiga, virrey de Nápoles (1631-1637), comienza a pensar en su monumento funerario¹¹. Este noble se había casado en 1615 con doña Leonor María de Guzmán, hermana del Conde Duque de Olivares, casado a su vez con una de las hermanas de don Manuel, Inés. Así, en un primer momento, se inclina por la Iglesia de Santa Úrsula, lindante con su palacio. Pero diversos factores harán que cambie de opinión y se decida a emprender la fundación y construcción de un Convento e Iglesia que sirviera además para perpetuar su memoria¹². Elige para ello a la Comunidad de Agustinas Descalzas, a las que pone dos condiciones a cambio de su Patronazgo: cambiar su advocación de San Roque por la de la Purísima Concepción y pasar de ser Agustinas Descalzas a Recoletas, cuyas constituciones son más

por el historiador Manuel VILLAR Y MACÍAS en su *Historia de Salamanca*, III, Salamanca, 1887, 58-66.

¹⁰ La carta del Obispo a propósito de este convento la reproduce Ángela MADRUGA REAL, *Arquitectura Barroca Salmantina*. ed. cit., 171.

¹¹ «El origen de la Casa de los Monterrey lo encontramos en Galicia, en la Casa de Viezma cuyos miembros fundaron la villa de Oiembre en el valle de Monterrey... El título de Monterrey data de la época de los Reyes Católicos y la vinculación con Salamanca se produce al casarse doña Francisca de Zúñiga, IIª Condesa de Monterrey, con don Diego de Acevedo y Fonseca, hermano del arzobispo de Toledo y Santiago, cuyo recuerdo está vivo en Salamanca por sus fundaciones». Según parece ser, durante los primeros meses de su Virreinato, el Conde fue testigo de la terrible erupción del Vesubio (diciembre de 1631), lo que, sin lugar a dudas, pudo haber planteado al noble el interés por perpetuarse tras su muerte en un notable monumento (Cf. Ángela MADRUGA REAL, *Arquitectura Barroca Salmantina*. ed. cit., 32 –para la cita– y 38).

¹² Parece ser que fue decisiva la intervención de una beata, María de San Agustín, quien tuvo varios sueños premonitores en los que veía al Conde como bienhechor de su Convento: «...avía muchas noches que soñava que Monterrey avía de tomar el Patronato de aquellas pobrecitas del Convento de San Roque, y que las avía de sacar del aprieto en que las tenía la pobreza en que el Señor las avía puesto...». Con tal sueño marchó a Madrid en busca de este noble a fin de transmitirle su mensaje. La historia, de donde está extraída esta cita, puede verse con todo detalle en el capítulo que dedica fray Alonso de VILLERINO a este convento en su *Esclarecido Solar de las Religiosas Recoletas de Nuestro Padre San Agustín y Vidas de las Insignes hijas de sus Conventos*, II, Madrid, 1681, 1-33 (la cita en el 2).

austeras. El Acta de Fundación y Patronato se concluirá en 1634 y, se encargan diferentes informes a personas notables de la ciudad sobre la viabilidad de tal proyecto. Entre ellos, podemos mencionar el realizado por Bartolomé de Arriaga, catedrático de Artes del Estudio salmantino y deán de la catedral, quien en 1635, a petición de la Comunidad de Agustinas Descalzas, dictaminará sobre la conveniencia o no de aceptar la proposición del Conde de Monterrey a propósito de la fundación del Monasterio. Sus palabras al respecto no dejan de ser elocuentes:

«Es cosa muy útil y provechosa el que se haga la dicha Fundación y es muy evidente y clara la utilidad que se siguen al dicho convento y a las religiosas dél y también a esta ciudad por aver de ser de mucho esplendor para ella».

El día de San José de 1636 se celebra una gran fiesta con motivo de la colocación de la primera piedra de lo que habría de ser el Convento de las Agustinas Recoletas¹³. Desde este momento y hasta 1640, fecha en que un ala del Convento estará habitable, las monjas pasarán a residir en el palacio de Monterrey. Al poco de tomar contacto con sus nuevas posesiones, las Agustinas Descalzas entablan la observancia de las Constituciones de la Recolectión, más severas. Ello les obliga a ser reforzadas con cinco religiosas del Convento de Valladolid:

«Salieron estas fundadoras de su Convento de Valladolid a catorze de Octubre de mil seiscientos y quarenta y uno, y entraron en el de Salamanca a quinze de dicho mes y año, día de Santa Teresa, y luego se anegó en el mar de perfección del Instituto de la Recolectión la observancia, que hasta allí se avía guardado en él. También pereció el título de San Roque, y se engrandeció aquella Casa con el título de la Purísima Concepción de nuestra Señora. Entró la Recolectión en esta Santa Casa, diciendo: *Recedant vetera noua sint omnia*»¹⁴.

El interés del Conde en su fundación se quedará manifestada en la calidad de los artistas encargados de las obras, que durarán más de un siglo:

¹³ Cf. Antonio GARCÍA BOIZA, *Una fundación de Monterrey. La Iglesia y Convento de las MM. Agustinas de Salamanca*, Salamanca, 1945.

¹⁴ Fray Alonso de VILLERINO, *Esclarecido Solar*, ed. cit., 7 y ss. El texto latino citado es un verso del *Sacris Solemnis*, himno de maitines cantado en la festividad del Corpus Christi, compuesto por Santo Tomás de Aquino.

Zacarella, Gómez de Mora y Churriguera, entre otros, para el Convento; Picchiatti y Cósimo Fanzago, junto a muchos más, para la Iglesia; además de la aportación de numerosas obras de pintores y escultores que, como Ribera, despuntaban en aquel momento¹⁵.

El 22 de marzo de 1653 fallece don Manuel de Zúñiga, VI conde de Monterrey, dejando en su testamento orden expresa para que se continúen las obras del Convento, que serán proseguidas con afán por su esposa, la condesa¹⁶. A la muerte de ésta, y dado que no poseían herederos, el Condado pasa su sobrina, Inés de Zúñiga y Juan Domingo de Haro, que inician una segunda etapa, plenamente hispana, abandonando el marcado carácter italiano que presidía su fundación. En 1710 y 1716 mueren respectivamente ambos condes, y al igual que sus predecesores, no dejan descendencia directa, por lo que el Condado es heredado por Catalina de Haro y Guzmán, hermana del conde, quien está casada con Francisco Álvarez de Toledo, X Duque de Alba; se unen así las casas de Alba, Monterrey, Carpio y Olivares. Las obras de construcción proseguirán hasta 1720.

2. Avatares históricos del Convento: guerras y desamortizaciones.

Como todos los conventos de clausura, el Monasterio de la Purísima sufrirá los percances propios de su tiempo. Así en 1810, durante la francesada, son desalojadas durante veinte días del Convento y llevadas al Monasterio de las Madres Carmelitas de la capital salmantina, a fin de que puedan instalarse en su cenobio parte de las tropas enemigas, que a su marcha se llevarán gran cantidad de piezas de plata. A partir de este momento, la Comunidad de Agustinas Recoletas iniciará un periodo de decadencia, que se irá acrecentando con el paso del tiempo. En 1887 el Obispo de la Diócesis, Tomás Cámara, con el consentimiento de las Madres, solicitará a la Santa Sede la erección de la Iglesia de las monjas como Parroquia. En ese mismo año, el Padre Santo, tras haber estudiado la necesidad de la reforma de las parroquias de la Diócesis, concede tal

¹⁵ No atañe a nuestro propósito entrar en mayores detalles sobre la factura de este Convento e Iglesia. Quien desee profundizar en este particular puede recurrir al trabajo ya citado en varias ocasiones de Ángela MADRUGA REAL.

¹⁶ El interés del Conde había aumentado con el paso del tiempo, sobre todo el año antes de su muerte, tras haber ingresado en el noviciado del Convento una hija natural suya, Inés de Fonseca Zúñiga, que había permanecido desde su nacimiento en 1640 hasta 1652 en el palacio condal. Inés Francisca de la Visitación, nombre que adquirirá tras la toma de hábito (1656), llegará a ser Priora de las Agustinas, permaneciendo en el Monasterio hasta su muerte en 1712.

petición. Así, la Parroquia tendría que comprometerse al mantenimiento del edificio, su decoro y esplendor del culto, respetando siempre el derecho de propiedad de las Religiosas, como es, entre otros, el uso de la Iglesia para sus fiestas y todas las celebraciones propias de su vida contemplativa. Para mejor cumplimiento de estos derechos y deberes, así como para asegurar las buenas relaciones entre la Parroquia y la Comunidad de Religiosas, se estableció el pertinente Estatuto de usufructo. De esta forma las monjas adquirirían también ciertas prebendas. Entremedias, las desamortizaciones y la posterior exclaustación de la República marcarán momentos trágicos en la tranquila vida de este Monasterio, cuyo alcance todavía nos es desconocido.

Recientemente ha sido restaurada la Iglesia y alguno de sus más ricos tesoros, como el enorme lienzo de la Purísima de José de Ribera (1635) que preside el altar, gracias a la colaboración de la Junta de Castilla y León, el aporte de la propia parroquia y otras Instituciones privadas.

3. Formación de una biblioteca conventual: colección, ubicación y catalogación.

Hemos señalado más arriba que toda biblioteca como ente vivo está sometida a diversos cambios con el paso del tiempo, que marcan un resultado último que no siempre puede ser evaluado de idéntica manera. Es más, no es posible pensar que a la luz de los testimonios que conservarnos podremos reconstruir a ciencia cierta ni los libros ni las lecturas de este cenobio o cualquier otro similar, pues la falta de catálogos de época nos impide abordar con mayor seguridad la elaboración de este trabajo¹⁷. En este sentido hay que tener muy en cuenta que, a diferencia que lo que puede suceder con las bibliotecas de conventos masculinos en donde a veces además estaba incluido un colegio de formación de la Orden en cuestión, y por lo tanto era usual la existencia de una biblioteca en el sentido más estricto de la palabra; al contrario, los monasterios femeninos carecen en principio de un establecimiento especialmente preparado para albergar los libros de la Comunidad, que, por lo mismo, son tenidos como bienes privativos en poder de sus propietarias que, tan sólo tras su muerte pasan a

¹⁷ Tampoco puede ser considerado como un elemento totalmente dilucidador los inventarios de bibliotecas, pues además de las carencias lógicas de toda obra catalográfica de estas características, tan sólo nos refleja la situación de una biblioteca en una época determinada que puede variar al poco.

manos de la Comunidad¹⁸. Conviene además no perder de vista la advertencia que nos hace Tomás Marín al hablar de las bibliotecas eclesiásticas, subrayando que éstas «son un puro fenómeno histórico, totalmente espontáneo, es decir, que no son consecuencia ni de un mandato divino ni de consejo evangélico, ni siquiera de una ley moral o canónica»¹⁹. Surgen, pues, impulsadas por las necesidades litúrgicas y de propia formación del clero. Así y por desgracia nuestra, podremos hablar de la existencia de tantas bibliotecas como hermanas haya en una comunidad de monjas; o, dicho de otra forma, cada monja posee su propia biblioteca que custodia en su celda²⁰. No obstante lo que si es cierto es que hay que contar con unos libros que en principio serían del dominio de la Comunidad, cuyo uso se restringiría a ocasiones muy contadas: es el caso de los ceremoniales de toma de hábito o recepción del Obispo; de las reglas de la Orden o de la elección de la Priora. Incluso podríamos llevar las cosas más lejos y pensar que los libros de rezo – breviarios, misales, oficios y manuales, primordialmente – podrían, como pertenecientes al convento, contar junto con los anteriores con una ubicación específica a la que se recurriría en caso de necesidad. Así cada hermana tendría en su poder, junto a sus libros, el breviario y misal a uso, dependiendo de la época del año y algún otro libro de rezo, mientras que otros textos como, por ejemplo, el Oficio de Semana Santa, se reservarían para usarlo en el momento preciso. De ser así, habría que tener en cuenta si no una biblioteca, sí al menos un “deposíto” donde guardarse estos textos²¹.

¹⁸ Un ejemplo de ello lo encontramos en el *ex libris* que aparece en una edición dieciochesca de las *Obras* de San JUAN DE LA CRUZ: «Aora está a uso de la ermana María de la Visitación y después de la Comunidad de Agustinas Recoletas de Medina del Campo».

¹⁹ Tomás MARÍN MARTÍNEZ, *Bibliotecas Eclesiásticas*, in *Diccionario de Historia Eclesiástica de España* (dir. Quintín ALDEA VAQUERO & Tomás MARÍN MARTÍNEZ & José VIVES GATELL), Madrid, 1972, I, 250.

²⁰ Además de en la celda, y como veremos un llamado “deposíto”, se custodiarían en el coro los libros propios del rezo común junto a los grandes cantorales. Pero cierta duda nos asalta sobre si en este último lugar no se guardarían además otro tipo de textos, como parece indicar la siguiente nota aparecida en el *Exercicio de Perfección i Virtudes Christianas*, de Alonso RODRÍGUEZ: «Este libro es del coro. Dió este libro a la Comunidad el Licenciado Luis Muñoz, rueguen a Dios por él».

²¹ El término “deposíto” nos parece muy apropiado porque de hecho en el Convento estudiado utilizaban esta nominación para el lugar que hoy llamaríamos Archivo, en el que junto a la documentación propia, se conservaban libros varios, según exigencias de la Priora; lo que confirma algo que por otra parte ya es sabido, que la Superiora ejerce un el control ideológico sobre los libros que leen sus monjas. Ejemplo de ello lo encontramos en el *ex libris* de una las traducciones de Francisco CUBILLAS DONYAGÜE a San FRANCISCO DE SALES: «Este libro es para el uso de Ángela Rosa de San Joseph, que se lo ymbió de Madrid su padre don Joseph Parricis. Con lisenia de su prelada le usa». Por otra parte, parece ser que era habitual que la Priora –encargada como es sabido de agasajar a sus monjas en sus aniversarios–, les regalase libros como lo indica la nota, curiosamente muy distanciada en el tiempo, que aparece en una edición de las *Libros de la Madre*

No tenemos constancia en este Convento, ni otros muchos en los que hemos trabajado, de que hubiera una oficina a uso de librería; lo que sí es cierto es que el paso del tiempo debió ir obligando a las comunidades a recoger aquellos textos que ya no tenían vigencia y por lo mismo sentido para sus lectoras²². Y no nos referimos tan sólo a textos antiguos, incomprensibles en su contenido, grafía y disposición para una lectora moderna, sino también a aquellos que tienen que ver con las propias actuaciones de la Orden y el oficio divino. Así se han dado casos de conventos que han cambiado. han adoptado otra observancia, quedando inservibles algunos textos específicos. Y lo mismo podría decirse para épocas recientes, en concreto tras el Concilio Vaticano II, que supuso el cambio de la liturgia y con él, entre otros, la inutilidad de los breviarios en latín. Todas las comunidades debieron guardar o deshacerse de esos libros que ya no ofrecían ningún servicio.

Pocos años ha, pero siempre en este siglo, es cuando se debió de crear la "biblioteca" de las Madres Agustinas Recoletas de Salamanca. Así, a fines de los años cincuenta los libros estaban amontonados en una habitación trastero, entre ladrillos y objetos similares, donde permanecieron aún algunos años hasta que una de las hermanas a fines de los sesenta, a instancias de un fraile agustino, rescata los libros a una nueva ubicación y comienza a catalogarlos. El paso del tiempo permite la construcción de unas estanterías *ex profeso*, que se instalan en otra sala diferente. Durante estos años, la Casa federal de las Agustinas Recoletas en España comienza a instar a los conventos de su orden a inventariar sus bienes, entre ellos lógicamente los libros. Y ya, a principios de los años noventa, coincidiendo con algunas obras de remodelación del Convento, se decide trasladar los

Teresa de Jesús del Quinientos: «Este libro es de la hermana Teresa e N. P. S. Agustín i de la Santa Obediencia que se le dio nuestra Madre Priora Josefa de los Dolores el año de 1829. Teresa».

²² Pese a que en un edición del XVII de Juan de PALAFOX Y MENDOZA, se lee el siguiente *Ex libris*: «Este libro es de las Madres Recoletas Agustinas. Este libro es de la librería de las Agustinas Recoletas de mi Reverendo San Agustín de Salamanca. A uso de Petronila de Santa María, religiosa en este mismo convento», no creemos que se pueda tomar como un claro indicio de la existencia de una biblioteca en su sentido más estricto en época tan antigua. Por otra parte, es habitual encontrar *ex libris* como el siguiente: «Este libro es de las Madres Agustinas Recoletas de esta ciudad de Salamanca», que en nuestra opinión no aluden tanto a la existencia de una estancia donde se guardarían los libros, como al hecho de querer marcar la pertenencia del libro, que a fin y a cabo, y pese a que pudiera ser custodiado y utilizado por una única monja, en el fondo pertenecía a los bienes de la Comunidad. Por otra parte no hay que olvidar, como así lo testimonian muchos de los *ex libris* de los libros de esta biblioteca, el intercambio de textos entre los conventos debía ser habitual, de ahí que fuera preciso dejar constancia del propietario. Así lo indicaría la nota insertada en una edición de los *Ejercicios Espirituales* de Antonio de MOLINA: «Este libro es de la Comunidad de Madres Agustinas Recoletas. ABCDEF si este libro se perdiese como puede suceder, suplico al que lo encontrare que se lo sepa volver de esta Comunidad; es un cuarto para las ánimas y un ochavo para él, y si no queda contento nos quedaremos sin él».

libros al lugar donde se conservan hoy en día, adaptándose las estanterías a su nueva realidad. Pero la biblioteca no estaba catalogada en su totalidad. Existían unas fichas incompletas a la espera de su ordenación y puesta en limpio. Es en 1995 cuando entramos en contacto con esta Comunidad y tomamos a nuestro cargo la catalogación informatizada de su biblioteca. Labor que se concluye en enero de 1996, con la creación de un doble fichero, numérico y alfabético, de los más de dos mil volúmenes que se conservan en este Monasterio.

4. Libros y lecturas de las Madres Agustinas Recoletas:

A continuación se presenta un catálogo de los fondos bibliográficos antiguos conservados en el Convento de las MM. Agustinas Recoletas de Salamanca²³. Como se verá se han diferenciado manuscritos de impresos, y dentro de éstos se ha establecido la consecuente división por siglos²⁴. La ordenación de las obras se hace alfabéticamente por nombre de autor o traductor, seguido del título de la obra y sus indicaciones tipográficas. El catálogo ofrece una entrada por título, indicándose el número de ejemplares que existen del mismo. En algunos casos se trata de tomos ficticios que conservan en el mismo volumen varias partes de una misma obra o varias obras, que reseñan tras la primera. Se completa la ficha catalográfica con indicaciones externas del ejemplar, sobre todo lo que atañe a su conservación, así como los *ex libris* y anotaciones manuscritas que aparecen en guardas, portadas y colofones, cuyo interés, como se comprobará más adelante, es notable para este estudio.

4. 1 Catálogo de la obras (siglos XVI-XVIII): censo bibliográfico por siglos:

¶ Obras manuscritas:

[1] CABEZA, Benito (trasladó), *Leyes de la esposa reveladas por Christo a su Charíssima Esposa, sor María de Jesús, natural de Agreda.*

Copia manuscrita. Letra del siglo XVIII.

²³ Atendemos a la clasificación de la International Standard Bibliographic Description for Older Monographic Publications (Antiquarian) – ISBD (A) –, que considera libro antiguo a todo texto impreso antes de 1801.

²⁴ No hemos tenido en cuenta los cantorales manuscritos, en su mayoría del XVIII, bastante corrientes en su factura.

[2] Copia manuscrita de la *Regla dada por nuestro Padre San Agustín a sus monjas*, Madrid: Diego Díaz de Carrera, 1648.

Letra del siglo XVIII.

Ex libris: Para uso de de Sor María Cruz del niño Jesús.

Para la hermana Theresa de Jhesús.

Para la ermana Antonia del Corazón de Jhesús.

¶ Obras impresas :

I. Obras impresas en el siglo XVI:

[1] ÁNGELES, Juan de los, *Triumphos del amor de Dios*, Medina del Campo: Francisco del Canto, 1590 (Al fin: En Medina del Campo, por Francisco del Canto, 1589).

Ex libris: Este libro trae a uso María de Santo Domingo.

[2] ÁVILA, Juan de, *Primera y Segunda Parte de las obras del Padre...*, Madrid: Luis Sánchez, 1595.

[3] BLOSIO, Ludovico, *Obras de*, Sevilla: Juan de León, 1598.

Ex libris: Al uso de María Joaquina de los Dolores, agustina recoleta en el Monasterio del...

[4] CEPEDA Y AHUMADA, Teresa, *Los libros de la Madre Teresa de Jesús*, Salamanca: Guillermo Foquel, 1589.

Ex libris: Al uso de fray Manrique Arias, carmelita. Este libro es de la hermana Teresa e N. P. S. Agustín i de la Santa Obediencia que se le dio nuestra Madre Priora Josefa de los Dolores el año de 1829. Teresa.

[5] CEPEDA Y AHUMADA, Teresa, *Los libros de la Madre Teresa de Jesús*, Madrid: Juan Flamenco, 1597.

[6] CLÍMACO, San Juan, *Escala Espiritual*, Alcalá de Henares: Sebastián Martínez, 1568.

Ex libris: Este libro es de Diego de Salado, para lo que V. M. mandare muy cierto servidor de V. M.

[7] CLÍMACO, San Juan, *Escala Espiritual*, Alcalá de Henares: Juan Gracián, 1596.

[8] GRANADA, Luis de, *Parte primera de la Introducción del Symbolo de la Fe, en la qual se trata de la Creación del Mundo para venir por las Criaturas al conocimiento del Criador y de sus divinas perfecciones*, Zaragoza: Domingo de Portonariis Ursino, 1584.

¶ Unido a él:

Segunda parte de la Introducción del Symbolo de la Fe..., Zaragoza: Domingo de Portonariis Ursino, 1584.

Tercera parte de la Introducción del Symbolo de la Fe..., Zaragoza: Domingo de Portonariis Ursino, 1584.

Quarta parte de la Introducción del Symbolo de la Fe..., Zaragoza: Domingo de Portonariis Ursino, 1584.

Parte Quinta de la Introducción del Symbolo de la Fe, Barcelona: Hubert Gotard, 1589.

Breve Tratado en que se declara de la manera que se podrá proponer la doctrina de nuestra Sancta Fe y Religión Christiana a nuestros fieles, Barcelona: Hubert Gotard, 1589.

Falto de las últimas páginas.

[9] GRANADA, Luis de, *Memorial de la Vida Christiana*, Barcelona: Jayme Cendrat, 1588.

Falto de portada.

[10] JESÚS, Thomás de, *De la antigüedad de nuestra Señora del Carmen*, Salamanca: Andrés Renaut, 1599.

Mútilo de portada.

[11] *Passio Domini Nostri Jesu Christi* [Segunda parte del *Officium Hebdomadae Sanctae*], Salamanca: Herederos de Mathías Gast, 1582.

Mútilo de portada.

Ex libris: Este libro es del Racionero Joseph García de la Iglesia de San Pablo de Salamanca, año de 1639.

[12] TITELMANN, Francisco, *Elucidatio in omnes epistolas apostolicas*, Elugduni: Gulielmum Rovillium, 1554.

II. Obras impresas en el siglo XVII:

[1] ACOSTA, Francisco de, *Vida prodigiosa y heróicas virtudes de la venerable Madre, María de Jesús, religiosa carmelita descalça*, Madrid: Domingo García Morrás, 1648
Dos ejemplares.

ALCÁZAR, Bartolomé de, véase CUBILLAS DONYAGÜE, Francisco de (pseudónimo).

[2] ANUNCIACIÓN, Juan de la, *Avisos Religiosos que a las Descalzas de Nuestra Señora del Carmen escribe en Carta Pastoral su General...*, Madrid: ?, 1698.

Ex libris: Es del padre fray Antonio de San Juan Bautista prestado a la Madre Margarita asta que quisiere, que creo no será nunca.

[3] *Año Santo. Meditaciones para todos los días sobre los Misterios que celebra Nuestra Madre la Iglesia*, Roma: Antonio Rossi, 1697.

[4] ARANDA, Gabriel de, *Vida de la Venerable Madre, Soror Isabel de San Francisco*, Sevilla: Tomás López de Haro, 1694.

[5] ASTE, Benito de, *El Glorioso y Divino Triumpho en la Canonización del Padre de los pobres... San Thomás de Villanueva*, Toledo: Francisco Calvo, 1640.

[6] BLOSIO, Ludovico, *Obras de*, Valladolid: Juan de Rueda, 1613.

Ex libris: A don Domingo y Pesqueras, calle de la Chancillería nº 20. A mi Señora Doña Casilda Sobejadono y Arbayza, Calle de la Chancillería nº 20.

[7] BLOSIO, Ludovico, *Obras*, Madrid: Juan de la Cuesta, 1619.

Ejemplar múmero de portada y primeras hojas.

Unido a él y como guarda un Bula de la Santa Cruzada de 1762, con la siguiente nota manuscrita: Bula de la Santa Cruzada para la hermana Theresa de Jesús para este año de 1762.

[8] BOSH DE CENTELLAS, Balthasar, *El triunfo de los Santos, con un brevísimo compendio de sus vidas...*, Primera Parte: Enero, Febrero y Marzo, Madrid: Antonio de Zafra, 1694.

Falto de portada.

[9] BOSH DE CENTELLAS, Balthasar, *El triunfo de los Santos, con un brevísimo compendio de sus vidas...*, Segunda Parte: Abril, Mayo y Junio, Madrid: Antonio de Zafra, 1694.

[10] BOSH DE CENTELLAS, Balthasar, *El triunfo de los Santos, con un brevísimo compendio de sus vidas...*, Tercera Parte: Julio, Agosto y Setiembre, Madrid: Antonio de Zafra, 1694.

[11] BOSH DE CENTELLAS, Balthasar, *El triunfo de los Santos, con un brevísimo compendio de sus vidas...*, Cuarta Parte: Octubre, Noviembre y Diciembre, Madrid: Antonio de Zafra, 1694.

[12] BRETÓN, Joan, *Mística Theología y Doctrina de la Perfección Evangélica...*, Madrid: Viuda de Alonso Martín, 1614.

[13] CACHUPÍN, Francisco, *Vida y Virtudes del Venerable Padre Luis de la Puente, de la Compañía de Jesús*, Salamanca: Diego de Cossio, 1652.

Ex libris: José Marina Elavades.

[14] CALASIBETTA, Manuel, *El Crédito de la Providencia Divina, San Cayetano Tiene, fundador de los clérigos reglares*, Madrid: Bernardo de Villa-Diego, 1671.

Ex libris: A uso de la hermana María Luisa de los Dolores, Recoleta Agustina.

[15] CÁRDENAS, Juan de, *Historia de la Vida y Virtudes de la Venerable Virgen, Damiana de las Llagas*, Sevilla: Juan Cabeças, 1675.

[16] *Cartas de la Seráfica y Mística Doctora, Santa Teresa de Jesús, Tomo Primero. Segunda Parte*, Zaragoza, Diego Dormer, 1658.

[17] *Cartas de Santa Teresa de Jesús... Recogidas por orden del Reverendísimo Padre, fray Diego de la Presentación, General que fue de los Carmelitas Descalzos de la Primitiva Observancia, Tomo Primero*, Barcelona: Imprenta de los Padres Carmelitas Descalzos, 1657.

Ex libris: Este libro es de las Madres Recoletas de Medina del Campo, le dio el padre frai Antonio Moreno a su hermana Theresa de la Encarnación, ésta pide a quien le tenga le encomienden a Dios.

Yo Teresa de Nuestro Padre San Agustín le uso.

[18] *Cartas de Santa Teresa de Jesús*, Tomo Primero, Madrid: Bernardo de Villa-Diego, 1678.

[19] *Cartas de Santa Teresa de Jesús*, Tomo Segundo, Madrid: Bernardo de Villa-Diego, 1678.

[20] CASTRO, Francisco de, *Reformación christiana assí del predicador como del virtuoso*, Sevilla: Lucas Martín de Hermosilla, 1628.

[21] CASTRO, Hernando de, *Manual del Christiano de varias consideraciones para el exericio Santo de la Oración*, Valladolid: Juan Lasso de las Peñas, 1633.

[22] CEPEDA Y AHUMADA, Teresa, *Los libros de la Madre Teresa de Jesús*, Madrid: Luis Sánchez, 1611.

[23] CEPEDA Y AHUMADA, Teresa de, *Libro de las Fundaciones...*, *Con algunos avisos para los que comiençan a tener Oración mental, y los conceptos del amor de Dios sobre los Cantares que escribió la misma santa*, Zaragoza: Pedro Gel, 1623.

Mútilo de portada y preliminares.

Ex libris: Menor hermana de V. M. Yo he leído este libro en el año de 1630.

Este libro es de Josepha San Antonio de Padua, Religiosa Agustina Recoleta en la Purísima Conceción en el de Montereí de Salamanca a 06 de 1759, que se le enbió su confesor.

[24] CEPEDA Y AHUMADA, Teresa, *Las obras de la Santa Madre Teresa de Jesús*, Primera Parte, Amberes: Baltasar Moreto, 1630.

[25] CEPEDA Y AHUMADA, Teresa, *Las obras de la Santa Madre Teresa de Jesús*, Segunda Parte, Amberes: Baltasar Moreto, 1630.

Ex libris: Mercenarias Descalzas. Estoi a el usso de Soror María Francisca del Señor San Josef en este de Toro, año de 1792. Me

los ha concedido la obediencia y pido a la que los lleve después de mi muerte que me encomiende a Dios y al hermano que me los dio. El Señor se lo pague. Amén.

[26] CEPEDA Y AHUMADA, Teresa, *Los libros de la Madre Teresa de Jesús*, Madrid: Francisco Martínez, 1635.

[27] CEPEDA Y AHUMADA, Teresa, *Las obras de la Santa Teresa de Jesús*, Primera Parte, Madrid: Diego Díaz de la Carrera, 1648.

[27] CEPEDA Y AHUMADA, Teresa, *Las obras de la Santa Teresa de Jesús*, Segunda Parte, Madrid: Diego Díaz de la Carrera, 1648..

Ex libris: Del uso de María Joaquina de los Dolores.

[28] CEPEDA Y AHUMADA, Teresa, *Las obras de la Gloriosa Madre Santa Teresa de Jesús*, Tomo Primero, Barcelona: Rafael Figueró, 1680.

Ex libris: Al uso de Josefa Michaela de la Concepción.

[29] CHICATELI, Sancho, *Vida y Virtudes del V. P. Camilo de Lelis, fundador de la Religión de Clérigos Regulares, Ministros de los Enfermos*, Madrid: Melchor Sánchez, 1653.

Ex libris: Este libro es de las Madres Agustinas Recoletas de esta ciudad de Salamanca.

[30] *Compendio Breve de Ejercicios Espirituales...*, Barcelona: Juan Pablo Martí, 1657.

[31] CUBILLAS DONYAGÜE, Francisco de (trad.), *Los verdaderos entretenimientos del Bienaventurado Señor San Francisco de Sales...*, Madrid: Bernardo de Hervada, 1667.

[32] CUBILLAS DONYAGÜE, Francisco de (trad.), *Viva Jesús. Epístolas Espirituales del Glorioso Señor San Francisco de Sales...*, Libro quinto, Madrid: María Rey, 1671.

Falto de portada y preliminares.

[33] CUBILLAS DONYAGÜE, Francisco de (trad.), *Cartas Espirituales del Glorioso Señor San Francisco de Sales...*, Madrid: Francisco Sanz, 1671.

Ex libris: Mis hermanos Baltasar y don Melchor de Sotomayor Paez y Oribe, caballeros del orden de San Juan qua binieron a mi profesión con otro hermano y un tío y otros me dieron todas las obras de San Francisco de Sales y otros libros del coro y misal, todos nuebos y dorados.

[33] CUBILLAS DONYAGÜE, Francisco de (trad.), *Introducción a la Vida Devota de San Francisco de Sales...*, Con una declaración mística de los Cantares de Salomón, Zaragoza: Diego Dormer, 1673.

Falto de portada y de últimas páginas.

[34] CUBILLAS DONYAGÜE, Francisco de (trad.), *Práctica del Amor de Dios que en francés escribió San Francisco de Sales...*, Zaragoza: Diego Dormer, 1673.

Dos ejemplares.

Ex libris: Este libro es de Ursola Bautista del Santissimo Sacramento que se le á dado la madre María Clara de San Joseph.

[35] CUBILLAS DONYAGÜE, Francisco, (trad.), *Directorio de Religiosas compuesto por San Francisco de Sales*, Madrid: Melchor Sánchez, 1676.

¶ Unido a él:

Viva Jesús. Compendio del Espiritu interior de las religiosas de la Visitación de Santa María, explicado por el glorioso San Francisco de Sales.

[36] CUBILLAS DONYAGÜE, Francisco de (trad.), *El Christiano Interior o la Conformidad Interior que deven tener los christianos...*, Madrid: Francisco Sanz, 1677.

Ex libris: Mi hermano me dio esos libros. Este libro con todos los demás me dio mi hermano don Melchor Paez y Sotomayor, caballero del orden de San Juan. Petronila Rosalia de Jesús y María.

[37] CUBILLAS DONYAGÜE, Francisco de (trad.), *El Christiano Interior o la Conformidad Interior que deben tener los christianos...*, Barcelona: Antonio Ferrer et alii, 1683.

[38] MIRANDA Y PAZ, Francisco *Discursos sobre si se le puede hazer fiesta al primer padre del género humano, Adán, ?1635.*

Falto de portada.

[39] *Eptome de la Vida y Muerte de San Ignacio de Loyola*, Ruremunda: Gaspar du Pree, 1662.

[40] ESCALLÓN, Alonso de, *Historia Miscelánea de la Vida de la Madre Sor Juana de la Madre de Dios*, Madrid: Julián de Paredes, 1691.

[41] ESCUELA, Gerónimo, *El Cordero Vivo y Muerto, Vestigios Sangrientos del Redentor con la Cruz...*, Zaragoza: Agustín Verges y Juan de Ybar, 1673.

Ex libris: Fray Bernardo de San Lorenzo. Es de la comunidad que se le regaló hel Ilmo. Señor Don Francisco de San Andrés, monje gerónimo del Monasterio de San Leonardo, hestramuros de la Villa de Alva de Tormes, a su sovrina María Thomasa de la Presentación de María Santissima, religiosa de coro hen este Convento observantissimo de la Purissima Concepción año de 1755. Murió con opinión de Santo, dicho Ilmo. que fue Ovispo de zela en las Indias yan silian de heste Ovispado de Salamanca.

[42] ESCUPOLI, Lorenzo, *Combate espiritual*, Tomo I, Barcelona: Pablo Campins, 1673.

Ex libris: Soi de fray Francisco Álvarez. Costaron los dos tomos ocho maravedís. A uso de la ermana Ángela Rosa de San Joseph.

[43] ESCUPOLI, Lorenzo, *Combate espiritual*, Tomo II, Barcelona: Pablo Campins, 1678.

Ex libris: A uso de la ermana Ángela Rosa de San Joseph.

[44] *Evangelia quae per totum annum leguntur tam de tempore quam de Sanctis...*, Madrid: Imprenta Real, 1661.

[45] FIGUERA, Gaspar de la, *Suma Espiritual en que se resuelven todos los casos y dificultades que ay en el camino de la perfección*, Madrid: Juan Nogués, 1666.

[46] FRANCO FERNÁNDEZ, Blas, *Vida de la Venerable Sierva de Dios, María de Jesús*, Madrid: Joseph Fernández de Buendía, 1675.

- [47] FUENTELAPEÑA, Antonio de, *Retrato divino*, Madrid: Melchor Álvarez, 1688
- [48] *Fundación del Convento de la Purissima Concepción de Franciscanas Descalzas de la ciudad de Salamanca*, Salamanca: María Estévez, 1696.
- [49] GARCÍA, Francisco, *Vida y Milagros de San Francisco Xavier*, Madrid: Imprenta Imperial, 1676.
- [50] GÓMEZ DURÁN, Pedro, *Historia Universal de la Vida y Peregrinación de el Hijo de Dios en el mundo con las descripciones de los lugares donde estuvo*, Salamanca: Diego Cusio, 1610.
- [51] GONZÁLEZ VAQUERO, Miguel, *La muger fuerte, por otro título la Vida de doña María Vela, monja de San Bernardo en el Convento de Santa Ana de Ávila*, Ávila, Madrid: Viuda de Alonso Martínez, 1618.
Portada reconstruida.
Ex libris: Este libro es de las Madres Agustinas Recoletas de Salamanca.
- [52] GRACIÁN, Gerónimo, *Obras*, Madrid: Viuda de Alonso Martín, 1616.
- [53] GRANADA, Luis de, *Doctrina Christina*, Madrid: Gabriel de León, 1656.
- [54] GRANADA, Luis de, *Obras... repartidas en tres tomos*, Tomo Primero, Madrid: Gabriel de León, 1676.
Ex libris: Este libro es del conbento de las Agustinas Recoletas de la ciudad de Salamanca y aora a uso la hermana Petronila Rosalia de Jesús María.
- [55] GRANADA, Luis de, *Breve Memorial y Guía de lo que deve haze el christiano*, Madrid: Bernardo de Villa-Diego, 1677.
- [56] GRANADA Y MENDOZA, Leandro de (trad.), *Libro intitulado Insinuación de la Divina Piedad, revelado a Santa Gertrudis*, Primera Parte, Madrid: Imprenta Real, 1614 (colofón 1615).

[57] GRANADA Y MENDOZA, Leandro de (trad.), *Segunda y Última Parte de las Admirables y Regaladas Revelaciones de la Gloriosa Santa Gertudris*, Valladolid:

Ex libris: De Alonso deán de Salamanca.

[58] HANSEN, Leonardo, *La Bienaventurada Rosa Peruana de Santa María, de la Tercera Orden de Santo Domingo, su Admirable Vida y Preciosa Muerte*, Madrid: Melchor Sánchez, 1668.

[59] HEREDIA, Antonio de, *Vidas de Santos Bienaventurados y personas Venerables de la Sagrada Religión de N. P. S. Benito*, Tomo Primero, Madrid: Melchor Álvarez, 1683.

Ex libris En la novena de 1626 años dio a la Comunidad el Eminentísimo Señor Cardenal don Joseph de Aguirre estas Crónicas de su Sagrada Religión en quatro tomos como éste, de que está este Convento de la Purísima Concepción de Recoletas de Nuestro Padre San Agustín desta ciudad de Salamanca mui agradecida.

[60] HEREDIA, Antonio de, *Vidas de Santos Bienaventurados y personas Venerables de la Sagrada Religión de N. P. S. Benito*, Tomo Segundo, Madrid: Mechor Álvarez, 1685.

Ex libris En la novena de 1626 años dio a la Comunidad el Eminentísimo Señor Cardenal don Joseph de Aguirre estas Crónicas de su Sagrada Religión en quatro tomos como éste, de que está este Convento de la Purísima Concepción de Recoletas de Nuestro Padre San Agustín desta ciudad de Salamanca mui agradecida.

[61] HEREDIA, Antonio de, *Vidas de Santos Bienaventurados y personas Venerables de la Sagrada Religión de N. P. S. Benito*, Tomo Tercero, Madrid: Francisco Sanz, 1685.

Ex libris En la novena de 1626 años dio a la Comunidad el Eminentísimo Señor Cardenal don Joseph de Aguirre estas Crónicas de su Sagrada Religión en quatro tomos como éste, de que está este Convento de la Purísima Concepción de Recoletas de Nuestro Padre San Agustín desta ciudad de Salamanca mui agradecida.

[62] HEREDIA, Antonio de, *Vidas de Santos Bienaventurados y personas Venerables de la Sagrada Religión de N. P. S. Benito*, Tomo Quarto, Madrid: Francisco Sanz, 1685.

Ex libris En la novena de 1626 años dio a la Comunidad el Eminentísimo Señor Cardenal don Joseph de Aguirre estas Crónicas de su Sagrada Religión en quatro tomos como éste, de que está este Convento de la Purísima Concepción de Recoletas de Nuestro Padre San Agustín desta ciudad de Salamanca mui agradecida.

[63] IGNACIO, Francisco, *Vida de la Venerable Madre Isabel de Jesús, recoleta agustina en el convento de San Juan Bautista de la Villa de Arenas*, Madrid: Francisco Nieto, 1675.

Dos ejemplares.

[64] *Instrucción de Religiosos del Orden de Nuestro Padre San Benito, y Exercicios Espirituales... por Orden de Nuestro Reverendísimo Padre, Maestro fray Antonio de Heredia...*, Salamanca: Lucas Pérez, 1672.

[65] JESÚS MARÍA, Joseph de, *Subida del Alma a Dios que aspira a la divina unión*, Salamanca: María Estévez, 1694.

[66] JESÚS DE ÁGREDA, María de, *Mística Ciudad de Dios, Milagro de su Omnipotencia y abismo de la Gracia...*, Primera Parte, Madrid: Bernardo de Villa-Diego, 1670.

[67] JESÚS DE ÁGREDA, María de, *Mística ciudad de Dios, milagro de su omnipotencia y abismo de la Gracia. Historia Divina y Vida de la Virgen, Madre de Dios, Reyna y Señora Nuestra, María Santísima*, Primera Parte, Lisboa: Antonio Craesbeeck de Mello, 1681.

Ex libris: Este libro es de las Agustinas.

Anotación manuscrita de un lector: En esta segunda parte los desporios, fol. 391.

[68] JESÚS DE ÁGREDA, María de, *Mística ciudad de Dios, milagro de su omnipotencia y abismo de la Gracia. Historia Divina y Vida de la Virgen, Madre de Dios, Reyna y Señora Nuestra, María Santísima*, Segunda Parte, Lisboa: Miguel Manescal, 1680.

[69] JESÚS DE ÁGREDA, María de, *Mística ciudad de Dios, milagro de su omnipotencia y abismo de la Gracia. Historia Divina y Vida de la Virgen, Madre de Dios, Reyna y Señora Nuestra, María Santissima*, Tercera Parte, Madrid: Bernardo de Villa-Diego, 1670.

Ex libris: Es de las Agustinas Recoletas de Salamanca.

Anotación manuscrita de un lector: En ese tomo tercero la fiesta del Pilar, folio = 239.

Falto de portada y preliminares.

Ex libris: Este libro es de las Madres Agustinas Recoletas.

[70] JESÚS, Tomás de, *Suma y Compendio de los Grados de Oración por donde sube un alma a la perfección y contemplación sacada de todos los libros y escritos que compuso la Santa Madre Teresa de Jesús...*, Madrid: Pablo de Val, 1665.

Dos ejemplares (uno de ellos muy incompleto).

[71] JESÚS, Tomé de, *Primera Parte de los Trabajos de Jesús*, Madrid: Viuda de Alonso Martín, 1620.

[72] JESÚS, Tomé de, *Trabajos de Jesús*, Zaragoza: Juan de Lanaja y Quartanet, 1631.

El ejemplar acusa en su estado físico abundantes lecturas, así como múltiples manchas de aceite.

[73] JESÚS, Tomé de, *Trabajos de Jesús*, Tomo Primero, Barcelona: Jacinto Andrev, 1673

Tres ejemplares.

Ex libris: Este libro se lo dio el Ilmo. Sr. Obispo de Plasencia a una Agustina Recoleta.

[74] JESÚS, Tomé de, *Trabajos de Jesús*, Tomo Segundo, Barcelona: Jacinto Andrev, 1673.

[75] JORDÁ, Jaime, *Regla de Nuestro Glorioso Padre San Agustín*, Valencia: Iusepe Parra, 1699.

JUAN DE LA CRUZ, Santo, véase SANTO MATÍA, Juan de.

[76] KEMPIS, Thomás, *De la Imitación de Christo y menosprecio del mundo*, Madrid: Andrés García de la Iglesia, 1661.

[77] KEMPIS, Tomás, *Contemptus Mundi o Menosprecio del mundo y de la Imitación de Cristo*, Valencia: Vicente Cabrera, 1693.

[78] LEZANA, Juan Baptista, *Vida de la prodigiosa y extática virgen, S. María Magdalena de Pazzi, florentina, monja Carmelia observante*, Madrid: María Rey, 1669.

[79] LÓPEZ NAVARRO, Gabriel, *Theologia Mystica, Unión y Junta Perfecta de la Alma con Dios...*, Madrid: Imprenta Real, 1641.

[80] LÓPEZ NAVARRO, Gabriel, *Theologia Mystica unión y junta perfecta de la alma con Dios en este destierro por medio de la oración de contemplación en vista sencilla de fe*, Madrid: Imprenta Real, 1651

Dos ejemplares.

Ex libris: Este libro le dio Gonzalo Tello a las Recoletas Augustinas de esta ciudad de Salamanca.

[81] LORCA, Antonio de, *El bienaventurado Pio Quinto, Pontífice Máximo de la Iglesia, Religioso de la Sagrada Orden de los Predicadores. Crónica de su Santa Vida...*, Madrid: Julián de Paredes, 1673.

Ex libris: Es de las Agustinas Recoletas de Salamanca.

[82] LOSA, Francisco, *Vida que el Siervo de Dis, Gregorio López hizo en algunos lugares de la Nueva España*, Madrid: Francisco Nieto, 1648.

[83] LOZANO, Christóval, *Exemplo de Penitentes. David Arrepentido. Historia Sagrada con lugares de la Escritura y letras humanas*, Tomo Segundo, Madrid: Imprenta Real, 1656.

[84] LUSITANO, Francisco Manuel, *El mayor pequeño. Vida del Serafín, Patriarca de los pobres*, Zaragoza: Herederos de Diego Dormer, 1675.

Ex libris: Serrano.

[85] MANRIQUE, Ángel, *Epítome de la Vida de la Venerable Madre Ana de Jesús*, Salamanca: Francisco de Roales, 1643.

[86] MARÍA, Juan Jesús de, *Escuela de oración, contemplación, mortificación de las pasiones y otras materias principales de la doctrina espiritual*, Madrid: Diego Díaz, 1656.

[87] MÁRQUEZ, Juan, *El Governador Christiano deducido de las vidas de Moysén y Josué, príncipes del Pueblo de Dios*, Madrid: Teresa Junti, 1625.

Ex libris: Es del convento de San Agustín de Medina del Campo.

[88] MAUPAS DU TOUR, Enrique de, *Vida de la Venerable Madre Sor Joanna Francisca Fremiot*, Madrid: Antonio de Zafra, 1684.

[89] MESA, Luis de, *Vida, Favores y Mercedes que nuestro Señor hizo a la Venerable Hermana, María de Jesús, de la Tercera Orden de San Francisco*, Madrid: Juan García Infançón, 1678.

¶ Unido a él:

MESA, Luis de, *Particularidades mercedes que recibió de Nuestro Señor, la venerable hermana Mariana de Jesús de la Tercera Orden de N. P. S. Francisco... Parte Segunda, dividida en tres libros*, Toledo: Agustín de Salaz Zaço, 1677.

[90] *Missale Romanum ex Decreto Sacro Sancti Concilii Tridentini restitutum...*, Venecia: Juntas, 1628.

Dos ejemplares.

[91] *Missale Romanum ex Decreto Sacro Sancti Concilii Tridentini restitutum...*, Venecia: Juntas, 1632/3.

Cuatro ejemplares.

[92] *Missæ Propriæ Festorum Ordinis Eremitarum Sancti Augustini*, Amberes: Balthasar Moreto, 1649.

[93] *Missæ Propriæ Sanctorum Ordinis Eremitarum Sancti Augustini*, Madrid: Tipografía Real de Santa Cruz, 1675.

[94] *Missæ Propriæ Festorum Ordinis Eremitarum Sancti Augustini*, Amberes: Viuda de Balthasar Moreto, 1699.

[95] *Modo de Dar el Hábito a las que entraren en esta Sagrada Religión de Nuestro Padre San Agustín*, Madrid: Imprenta del Reyno, 1636.

Cuatro ejemplares.

Ex libris: Este cuaderno es de Francisca María de San Joseph a usso y su voluntad propia.

[96] MOLINA, Antonio de, *Exercicios Espirituales de las Excelencias, Provecho y Necessidad de la Oración Mental...*, Burgos: Juan Baptista Varesio, 1615.

[97] MOLINA, Antonio de, *Exercicios Espirituales de las Excelencias, Provecho y Necessidad de la Oración Mental...*, Burgos: Pedro Gómez de Valdivieso, 1630.

[98] MOLINA, Antonio de, *Exercicios Espirituales de las Excelencias, Provecho y Necessidad de la Oración Mental...*, Madrid: Joseph Fernández Buendía, 1673.

[99] MOLINA, Antonio de, *Exercicios Espirituales de las Excelencias, Provecho y Necessidad de la Oración Mental...*, Zaragoza: Diego Dormer, 1674.

Ex libris: Este libro es de la Comunidad de Madres Agustinas Recoletas. ABCDEF si este libro se perdiese como puede suceder, suplico al que lo encontrare que se lo sepa volver de esta Comunidad; es un cuarto para las ánimas y un ochavo para él, y si no queda contento nos quedaremos sin él.

Al uso de Josefa de la Presentación.

[100] MORALES, Andrés Gerónimo de, *Escarmiento de la Alma y Guía a la Unión con Dios*, Madrid: Diego Díaz, 1667.

[101] MUÑOZ SUÁREZ, Sebastián, *Vida del Venerable Siervo de Dios, fray Francisco de la Cruz*, Madrid: Mateo de Llanos y Guzmán, 1688.

Ex libris: Este libro es de las Madres Agustinas Recoletas de Salamanca.

[102] MUÑOZ, Luis, *Vida y Virtudes del Venerable Varón el P. M. fray Luis de Granada*, Madrid: María de Quiñones, 1639.

[103] NAVARRO, Pedro, *Favores del Rey del Cielo, hechos a la Santa Virgen Juana de la Cruz, de la Orden Tercera de nuestro Seráfico Padre San Francisco*, Madrid: Thomas Iunti, 1622.

Ejemplar múmero de portada.

[104] NIEREMBERG, Juan Eusebio, *Aprecio y Estima de la Divina Gracia que nos mereció el Hijo de Dios con su preciosa Sangre y Passión*, Zaragoza: Hospital Real y General de Nuestra Señora de Gracia, 1640.

[105] NIEREMBERG, Juan Eusebio, *Vida Divina y Camino Real para la Perfección*, Madrid: Juan Sánchez, 1640.

[106] NIEREMBERG, Juan Eusebio, *Ideas de Virtud en algunos Claros Varones de la Compañía de Jesús*, Madrid: María de Quiñones, 1643.

[107] NIEREMBERG, Juan Eusebio, *Prodigio de Amor Divino y Finezas de Dios con los hombres*, Madrid: Juan Sánchez, 1641.

[108] NIEREMBERG, Juan Eusebio, *De Aprecio y Estima de la Divina Gracia que nos mereció el Hijo de Dios con su preciosa Sangre y Passión*, Madrid: Francisco Sanz, 1673.

[109] NIEREMBERG, Juan Eusebio, *Flores Espirituales y tratados muy provechosos*, Salamanca: Lucas Pérez, 1685.

[110] *Officia Propria Sanctorum Ordinis Eremitarum Sancti Augustini*, Madrid: Typographia Regia Sanctae Cruciatæ et Divini Officii, 1675.

[111] *Officium Defunctorum*, Amberes: Baltasar Moreto, 1652.

[112] *Officium et Missa in festo et per octavam Corporis Christi*, Amberes: Balthasar Moreto, 1659.

[113] *Officium et Missa in festo et per octavam Corporis Christi*, Amberes: Balthasar Moreto, 1669.

Cuatro ejemplares.

[114] *Officium et Missa in festo et per octavam Corporis Christi*, Amberes: Balthasar Moreto, 1687.

Ocho ejemplares.

[115] *Oficio de la Semana Santa, según el Missal y Breviario Romanos*, Amberes: Balthasar Moreto, 1641.

[116] *Oficio de la Semana Santa, según el Missal y Breviario Romanos*, Amberes: Balthasar Moreto, 1671.

[117] *Oficio de la Semana Santa, según el Missal y Breviario Romanos*, Amberes: Balthasar Moreto, 1673.

[118] *Oficio de la Semana Santa, según el Missal y Breviario Romanos*, Amberes: Balthasar Moreto, 1685.

[119] *Oficio de la Semana Santa, según el Missal y Breviario Romanos*, Amberes: Balthasar Moreto, 1692.
Tres ejemplares.

[120] *Ordinario y Ceremonial de los Religiosos Descalços del Orden de nuestro padre San Agustín de España e Indias*, 1629.

[121] ORFANEL, Jacinto, *Historia Eclesiástica de los sucessos de la Christiandad de Japón desde el año de 1602 qu entró en él la Orden de Predicadores, hasta el de 1620*, Madrid: Viuda de Alonso Martín, 1633.

[122] PALAFOX Y MENDOZA, Juan, *Peregrinación de Philotea al Santo Templo y Monte de la Cruz*, Madrid: Mateo Fernández, 1659.

¶ En la guarda un dibujo con el siguiente texto: Este divino libro de Philotea es del Reverendo Padre Fray Pedro de San Vicente, religioso calzado del Orden de San Agustín en su Convento de San Phelipe el 12 de dicho año de 1715. Lo hizo Lorenço Valdivieso. En Madrid a 23 de Marzo de 1745.

¶ Al final: Si este libro se perdiere como suele suceder, suplico al que me lo allare que me lo sepa bolver y le daré un plato de castañas y dos quartos para beber de la perra de Miguel. Es del padre fray Pedro de San Vicente, religioso agustino en San Phelipe el Real de Madrid. Año de 1745.
Guarde Dios al dueño deste libro.

[123] PALAFOX Y MENDOZA, Juan de, *Varón de Deseos en que se declaran las tres vías de la Vida Espiritual...*, Madrid: María de Quiñones, 1663.

Dos ejemplares.

Ex libris: Este libro es de las Madres Recoletas Agustinas. Este libro es de la librería de las Agustinas Recoletas de mi Reverendo San Agustín de Salamanca. A uso de Petronila de Santa María, religiosa en este mismo convento.

[124] PALMA, Joan de, *Vida de la Serenissima Infanta, Sor Margarita de la Cruz, Religiosa Descalza de Santa Clara*, Sevilla: Nicolás Rodríguez de Abrego, 1653.

[125] PALMA, Luis de la, *Camino Espiritual de la manera que lo enseña el Bienaventurado Padre San Ignacio, en su libro de los Exercicios*, Alcalá: Juan de Orduña, 1626.

[126] PASTOR, Alonso, *Retórica de Alma recogida que se habla callando y se dize en silencio*, Valencia: Herederos de Chrysóstomo Garriz, 1661.
Ex libris: Petronila Rosalia de Jesús María.

[127] PASTOR, Alonso, *Soledades del Amor divino y dulces laberintos del encerramiento interior de las almas limpias...*, Valencia: Herederos de Chrysóstomo Garriz, 1665.

Ex libris: A uso de Soror María Francisca de San Josef, mercenaria descalza en Toro, se lo dio a doña María Bargas, religiosa en el Real Convento de Santa Clara de Tordesillas, año 1801 por navidades y en enero de 1802 dio su alma a el Criador demás de 89 años, estando en el Convento desde mantillas, dode la iva su santa madre a dar leche a la puerta.

[128] PÉREZ, Gerónimo, *Suma Teológica. Primera y Segunda Parte en que se explican los Sacramentos, Mandamientos, Censuras, Indulgencias de la Iglesia, los quatro Novísimos y Misterios de nuestra Santa Fe*, Madrid: Viuda de Alonso Martín, 1628.

[129] PONCE VACA, Ignacio, *Manifiesto de la Cierta Verdad del Privilegio e Indulgencia Sabatina del Escapulario de María Santissima del Carmen*, Salamanca: Eugenio Antonio García, 1697.

[130] *Práxis de las Ceremonias que en nuestro Real Convento de la Encarnación de Madrid observan las Religiosas en el Coro y Oficio Divino*, Madrid: Catalina Barrio, 1647.

[131] PUENTE, Luis de la, *Guía Espiritual en que se trata de la Oración, Meditación y Contemplación...*, Valladolid: Juan Bostillo, 1609.

Dos ejemplares.

Ex libris: De la librería del Colegio de los Augustinos de Salamanca.

[132] PUENTE, Luis de la, *De las Meditaciones de los Mysterios de nuestra Santa Fe, con la práctica de la Oración mental sobre ellos*, Segundo Tomo, Valladolid: Juan Godinez de Millis, 1613.

[133] PUENTE, Luis de la, *Segundo Tomo de las Meditaciones de los misterios de nuestra Sancta Fe con la práctica de la Oración mental sobre ellos*, Valladolid: Juan Godinez Millis, 1613

Dos ejemplares.

[134] PUENTE, Luis de la, *Compendio de las Meditaciones del padre...*, Valencia: Juan Chrysóstomo, 1617.

[135] PUENTE, Luis de la, *Compendio de las Meditaciones del Venerable Padre...*, Barcelona: Rafael Figueró, 1661.

[136] PUENTE, Luis de la, *Vida Maravillosa de la Venerable Virgen, doña Marina de Escobar*, Primera Parte, Madrid: Viuda de Francisco Nieto, 1673.

[137] PUENTE, Luis de la, *Vida Maravillosa de la Venerable Virgen, doña Marina de Escobar*, Segunda Parte, Madrid: Viuda de Francisco Nieto, 1673.

[138] QUINTANA, Ignacio, *Christo Crucificado con consideraciones y afectos pra pecadores justos, aprovechados*, Valladolid: Antonio Ruyz de Valdivieso, 1653.

[139] QUINTANA, Ignacio de, *Espexo Grande de los Trabaxos de Jesús Crucificado. Consideraciones para pecadores justos y aprovechados...*, Valladolid; Bartolomé Portoles, 1656.

Dos ejemplares.

Ex libris: De fray Francisco Martínez. *Utitur* ex fray Francisco Martínez.

[140] QUINTANA, Ignacio de, *Libro Segundo de los Trabaxos de Jesús Crucificado con Consideraciones y Afectos justos y aprovechados...*, Valladolid: Bartolomé Portoles, 1656.

[141] *Regla dada por Nuestro Padre San Agustín a sus monjas con las constituciones para la nueva Recolección de ellas*, Madrid: Diego Díaz de la Carrera, 1648.

Cinco ejemplares de dos ediciones diferentes salidas de los mismos tórculos madrileños. Véase la Figura IV.

[142] RIBADENEYRA, Pedro, *Primera parte de las obras de...*, Madrid: Luis Sánchez, 1604.

Falto de portada y preliminares.

¶ Unido a él:

Segunda parte de las obras..., Madrid: Luis Sánchez, 1604; *Tercera parte de las obras...*, Madrid: Luis Sánchez, 1604.

[143] RIBADENEYRA, Pedro de, *Meditaciones, Soliloquios y Manual del Glorioso Doctor de la Iglesia, San Agustín*, Madrid: Luis Sánchez, 1608.

[144] RIBADENEYRA, Pedro de, *Meditaciones, Soliloquios, y Manual del Glorioso Doctor de la Iglesia*, Madrid: Pablo de Val, 1664.

[145] RIBADENEYRA, Pedro de (trad.), *Las confesiones del glorioso San Agustín*, Bruselas: Francisco Foppens, 1674.

[146] RIBADENEYRA, Pedro de, *Flos Sanctorum*, Tomo I, Barcelona: Vicente Subirá, 1688.

Mútilo de portada y preliminares.

[147] RIBADENEYRA, Pedro de, *Flos Sanctorum*, Tomo II, Barcelona: Vicente Subirá, 1688.

Mútilo de portada

[148] RIBADENEYRA, Pedro de, *Flos Sanctorum*, Tercera Parte, I, Barcelona: Vicente Subirá, 1688.

Ex libris: Soi del Convento de Madres Agustinas Recoletas de Salamanca. Año de 1776.

[149] RIBADENEYRA, Pedro de, *Flos Sanctorum*, Tercera Parte, II, Barcelona: Vicente Subirá, 1688.

Falto de portada

Ex libris: Soi del Convento de Madres Agustinas Recoletas de Salamanca. Año de 1776.

- [150] *Rituale seu Manuale Romanum Pauli V Pontificis Maximus...*, Madrid: Imprenta Real, 1631.
- [151] RODRÍGUEZ, Alonso, *Exercicio de Perfección i Virtudes Christianas*, Primera parte, Madrid: Sevilla: Matías Clavijo, 1615.
Falto de portada. Preliminares manuscritos.
- [152] RODRÍGUEZ, Alonso, *Exercicio de Perfección i Virtudes Christianas*, Segunda parte, Madrid: Sevilla: Matías Clavijo, 1615.
Falto de portada.
- [153] RODRÍGUEZ, Alonso, *Exercicio de Perfección y Virtudes Christianas*, Parte Segunda, Zaragoza: Diego la Torre, 1630.
- [154] RODRÍGUEZ, Alonso, *Exercicio de Perfección y Virtudes Christianas*, Parte Segunda, Madrid: Pablo de Val, 1657.
- [155] RODRÍGUEZ, Alonso, *Exercicio de Perfección i Virtudes Christianas*, Parte Tercera, Sevilla: Matías Clavijo, 1612.
Ex libris: Este libro es del coro. Dió este libro a la Comunidad el Licenciado Luis Muñoz, rueguen a Dios por él.
- [156] ROJAS, Francisco de, *Anales de la Orden de los Menores, donde se tratan las cosas memorables de personas insignes...*, Tomo primero, Valencia: Herederos de Juan de Chrisóstomo Garriz, 1652.
Ex libris: Fray Antonio Calderón
- [157] ROJAS, Francisco de, *Anales de la Orden de los Menores, donde se tratan las cosas memorables de personas insignes...*, Tomo segundo, Valencia: Herederos de Juan de Chrisóstomo Garriz, 1652.
Ex libris: Fray Antonio Calderón.
- [158] ROJAS, Francisco de, *Anales de la Orden de los Menores, donde se tratan las cosas memorables de personas insignes...*, Tomo tercero, Valencia: Herederos de Juan de Chrisóstomo Garriz, 1652.
Ex libris: Fray Antonio Calderón.
- [159] ROJO, Antonio, *Historia de San Diego de Alcalá, fundación y frutos de santidad que ha producido su convento de Santa María de Jesús...*, Madrid: Imprenta Real, 1663.

- [160] SALAZAR, Francisco de, *Afectos y Consideraciones Devotas y Eficacísimas*, Salamanca: María Estévez, 1698.
- [161] SALES, San Francisco de, *Introducción a la Vida devota*, Madrid: Diego Díaz de la Carrera, 1663.
Mútilo de portada.
- [162] SALES, San Francisco de, *Introducción a la Vida Devota de... Declaración mística del Cántico de los Cánticos compuesta por ...*, Zaragoza: Diego Dormer, 1673.
- [163] SALES, San Francisco de, *Práctica del Amor de Dios*, Zaragoza: Diego Dormer, 1673.
- [164] SALES, San Francisco de, *Directorio de Religiosas*, Madrid: Melchor Sánchez, 1676.
- [165] SAN AGUSTÍN, Andrés de, *Dios prodigiosos en el judío más obstinado... el venerable hermano fray Antonio de San Pedro*, Sevilla: T. López de Haro, 1688.
Ex libris: Este libro es de el padre fray Manuel de Santa Cathalina de la Orden de Mercenarios Descalzos Redemptores de Cautivos Christianos.
- [166] SAN BERNARDO, Francisco de, *Vida del Venerable Padre o Segundo Job destes siglos, fray Tomás de la Virgen...*, Madrid: s. i. t., 1677.
Falto de portada.
- [166] SAN BONAVENTURA, *Psalterium B. Virginis*, Madrid: Catalina de Barrio, 1640.
- [167] SAN ILDEFONSO, Augusto de, *Theología Mystica, Sciencia y Sabiduría de Dios, misteriosa, oscura y levantada para muchos*, Alcalá: María Fernández, 1644.
- [168] SAN JOSEPH, Jorge, *Buelo del Espiritu y Escala de la Perfección y Oración*, Sevilla: Andrés Grande, 1647.
- [169] SAN JOSEPH, Mariana, *Exercicios Espirituales y Repartimiento de todas las horas*, Madrid: Viuda de Alonso Martín, 1627
Dos ejemplares con diferente emisión.

[170] SAN JOSEPH, Martín de, *Historia de las Vidas y Milagros de Nuestro Beato Padre, fray Pedro de Alcántara*, Arévalo: Jerónimo Murillo, 1645.

Ejemplar múmero de portada.

Ex libris: De Doña María Gutiérrez.

¶ Unido a él, y también múmero de portada, la segunda parte:

Historia de las Vidas y Milagros de Nuestro Beato Padre, fray Pedro de Alcántara, Arévalo: Jerónimo Murillo, 1645.

[171] SAN JUAN, Raphael de, *Camino Real de la Perfección Christiana, por el exercicio de las Virtudes y de la Oración*, Madrid: Antonio Gonçález de Reyes, 1691.

[172] SAN NICOLÁS, Andrés de, *Designios del Índice más dichoso por...*, Roma: Herederos de Coliñi, 1656.

[173] SANTA TERESA, Joseph de, *Flores del Carmelo. Vidas de los Santos de Nuestra Señora del Carmen*, Madrid: Antonio Gonçález de Reyes, 1677.

[174] SANTAMARÍA, Juan, *Vida, excelentes virtudes y obras miraculosas del santo fray Pedro de Alcántara*, Madrid: Viuda de Alonso Martín, 1619.

Múmero de portada.

[175] SANTO MATÍA, Juan de, *Obras Espirituales que encamina una alma a la perfecta unión con Dios*, Alcalá: Viuda de Andrés Sánchez Ezpeleta, 1618.

[176] SANTO MATÍA, Juan de, *Obras Espirituales que encamina una alma a la perfecta unión con Dios*, Alcalá: Viuda de Andrés Sánchez Ezpeleta, 1623.

Múmero de portada y preliminares.

[177] SANTO MATÍA, Juan de, *Obras Espirituales que encamina una alma a la perfecta unión con Dios*, Madrid: Viuda de Pedro Madrigal, 1630.

[178] SFRONDATO, Nicolás (Gregorio XIII), *Práctica y exercicio espiritual de una sierva de Dios a cuyo exemplo puede qualquier Monja o*

persona espiritual y devota exercitarse para agradar más a Jesú Christo, Esposo de su alma, Zaragoza: Juan de Ybar, 1654.

Ex libris: María y José sean conmigo. Amén.

[179] SILVA Y PACHECO, Diego de, *Historia de la Imagen Sagrada de María Santísima de Valvanera*, Madrid: Imprenta de San Martín, 1665.

TERESA DE JESÚS, Santa, véase CEPEDA Y AHUMADA, Teresa.

[180] TOLONETO, Pedro, *Vida del gran Siervo de Dios, fray Inocencio de Chiusa*, Madrid: Andrés García, 1673.

[181] UROSA, Froylán de, *Instrucción de Novicios Cistercienses*, Salamanca: Lucas Pérez, 1679.

[182] VEGA, Lope de, *Pastores de Belén*, Madrid: Juan de la Cuesta, 1612.
Falto de portada.

[183] VELÁZQUEZ PINTO, Antonio, *Tesoro de los Christianos que para cada día dexó Christo en el verdadero Maná Sacramento*, Madrid: Dionisio Díaz de la Carrera, 1663.

[184] VIANA, Gaspar de, *Luz Clarísima que desengaña, mueve, guía y aficiona las almas que aspiran a la perfección y la lleva por el camino más sólido y seguro a la unión con Dios*, Madrid: Joseph Fernández de Buendía, 1672.

Ex libris: Este libro se lo dio su consejero a María Theresa, el padre fray Andrés, monja del Convento de la Purísima Concepción de las Recoletas de Nuestro San Agustín.

[185] *Vida de la Venerable Madre Mariana de San Joseph, fundadora de la Recolectión de las Monjas Augustinas, Priora del Real Convento de la Encarnación*, Madrid: Imprenta Real, 1645.

Dos ejemplares —uno completo y otro múmero—.

Ex libris: Es del doctor don Agustín Martín González. Ruega le encomienden a Dios y a toda su familia.

[186] *Vida del dichoso y venerable padre Marcelo Francisco Mastrilli, de la Compañía de Jesús*, Madrid: María de Quiñones, 1640.

[187] *Vida Interior del Ilustrísimo, Excelentísimo y Venerable Señor, don Juan de Palafox y Mendoza*, Sevilla: Lucas Martín, 1691.

[188] *Vida, Virtudes y Maravillas del Hermano, Diego de Jesús, ?*, 1669.
Mútilo de portada.

[189] VILLEGAS, Bernardino, *Soliloquios Divinos*, Valencia: Benito Mace, 1653.

Ex libris: Soi de Joseph Antonio Gil Condado de la diócesis de Sigüenza.

[190] VILLEGAS, Bernardino, *La esposa de Christo instruida con la vida de Santa Lutgarda virgen, monja de San Bernardo*, Murcia: Juan Fernández de Fuentes, 1685.

[191] VILLERINO, Alonso de, *Esclarecido Solar de las Religiosas Recoletas de Nuestro Padre San Agustín, y Vidas de las Insignes Hijas de sus Conventos*, Primer Tomo, Madrid: Bernardo de Villa-Diego, 1690.

[192] VILLERINO, Alonso de, *Esclarecido Solar de las Religiosas Recoletas de Nuestro Padre San Agustín, y Vidas de las Insignes Hijas de sus Conventos*, Segundo Tomo, Madrid: Bernardo de Villa-Diego, 1691.

Ex libris: Dado por el licenciado Raymundo Nicolás en Mayorca a 23 de marzo de 1744.

[193] VILLERINO, Alonso de, *Esclarecido Solar de las Religiosas Recoletas de Nuestro Padre San Agustín, y Vidas de las Insignes Hijas de sus Conventos*, Tercero Tomo, Madrid: Bernardo de Villa-Diego, 1694.

[194] VILLERINO, Alonso de, *Esclarecido Solar de las Religiosas Recoletas de Nuestro Padre San Agustín, y Vidas de las Insignes Hijas de sus Conventos*, Cuarto Tomo, Madrid: Bernardo de Villa-Diego, 1694.

II. Obras impresas en el siglo XVIII:

[1] AGUSTÍN, Santo, *Soliloquios y Manual del Gran Padre...*, II, Madrid: Antonio Marín, 1770.

[2] AGUSTÍN, Santo, *Meditaciones*, Madrid: Blas Román, 1780.
Ex libris: De fray Remigio García.

[3] AGUSTÍN, Santo, *Las Confesiones*, I, Madrid: Pedro Marín, 1786.

[4] AGUSTÍN, Santo, *Las Confesiones*, II, Madrid: Pedro Marín, 1786.

Nota: Sólo conservan dos de los tres volúmenes que compone esta edición del texto agustiniano.

[5] ALCÁNTARA, Pedro de, Santo, *Tratado de la Oración, Meditación y Devoción...*, Madrid: s. i. t. , 1738.

[6] ALCÁNTARA, Pedro de, Santo, *Compendio de la vida y milagros del glorioso...*, recopilado por Fr. Damián de Jesús Francisco, Madrid: Domingo García Morrás, 1655.

Ejemplar falto de portada, preliminares, y del retrato del santo.

ALCÁZAR, Bartolomé de, véase CUBILLAS DONYAGÜE, Francisco de (pseudónimo).

[7] ALCEDO, Antonio de (trad.), *Medicina doméstica o Tratado completo del método de precaver y curar las enfermedades...*, Madrid: Ramón Ruiz, 1792.

[8] ALEMÁN, Francisco Antonio (trad.), *Conocimiento de Jesu-Christo, considerado en sus misterios y en las diferentes qualidades o respectos que tiene para con Dios su Padre*, Tomo I, Madrid: Imprenta Real, 1790.

[9] ALEMÁN, Francisco Antonio (trad.), *Conocimiento de Jesu-Christo, considerado en sus misterios y en las diferentes qualidades o respectos que tiene para con Dios su Padre*, Tomo II, Madrid: Imprenta Real, 1790.

[10] ALEMÁN, Francisco Antonio (trad.), *Conocimiento de Jesu-Christo, considerado en sus misterios y en las diferentes qualidades o respectos que tiene para con Dios su Padre*, Tomo IV, Madrid: Imprenta Real, 1790.

[11] ALMEIDA, Teodoro de, *Tesoro de Paciencia o Consuelo del Alma*, Madrid: Joaquín Ibarra, 1783.

[12] ALMEIDA, Teodoro de, *Tesoro de Paciencia o Consuelo del Alma*, Madrid: Benito Cano, 1786.

[13] ALMEIDA, Teodoro de, *Tesoro de Paciencia, o Consuelo del Alma atribulada*, Madrid: Benito Cano, 1790.

[14] ALMEIDA, Teodoro de, *Tesoro de Paciencia o Consuelo del Alma*, Madrid: Ramón Ruiz, 1793.

[15] ALMEIDA, Teodoro de, *Gemidos de la Madre de Dios afligida y Consuelo de sus devotos*, Salamanca: Francisco de Toxar, 1794.

[16] ALTAMIANO, Josef de (trad.), *Retiro espiritual para un día de cada mes*, Madrid: Imprenta de Ángel Pasqual, 1720.

Ex libris: Este libro es de don Adrián de Endaya.

[17] ALTAMIANO, Josef de (trad.), *Retiro espiritual para un día de cada mes*, Salamanca: Imprenta de Eugenio García de Honorato, 1726.

[18] ALTAMIANO, Josef de (trad.), *Retiro espiritual para un día de cada mes*, Salamanca: Imprenta de Antonio Joseph Villagordo y Alcaraz, 1736.

Ex libris: A uso de la hermana Mónica de Jesús.

[19] AMADO POUGET, Francisco, *Instrucciones Generales en forma de Catecismo en las quales, por la Sagrada Escritura y tradición se explican en compendio la Historia y los Dogmas de la Religión*, II, Madrid: Imprenta Real, 1784.

[20] AMADO POUGET, Francisco, *Instrucciones Generales en forma de Catecismo en las quales, por la Sagrada Escritura y tradición se explican en compendio la Historia y los Dogmas de la Religión*, III, Madrid: Imprenta Real, 1784.

[21] AMADO POUGET, Francisco, *Instrucciones Generales en forma de Catecismo en las quales, por la Sagrada Escritura y tradición se explican en compendio la Historia y los Dogmas de la Religión*, IV, Madrid: Imprenta Real, 1784.

Nota: Falto del primer volumen de los cuatro que componen la obra.

[22] ARBIOL, Antonio, *La Religiosa instruida con doctrina de la Sagrada Escritura*, Zaragoza: Herederos de Manuel Román, 1717.

[23] ARBIOL, Antonio, *La Religiosa instruida con doctrina de la Sagrada Escritura*, Madrid: Imprenta de la Real Gazeta, 1776.

Ex libris: A uso de la hermana Gregoria.

[24] ARBIOL, Antonio, *La Religiosa instruida con doctrina de la Sagrada Escritura y Santos Padres de la Iglesia Católica...*, Madrid: Viuda de Marín, 1791.

Dos ejemplares.

Ex libris: Libro para el uso de la hermana Rafaela de la Asunción. Para el uso de la hermana Matilde Engracia del Espíritu Santo desde el año 1852 día ocho de Julio.

[25] ARBIOL, Antonio, *Desengaños místicos a las almas detenidas o engañada en el camino de la perfección*, Zaragoza: Pedro Carreras, 1729.

Dos ejemplares.

[26] ARCENIÉGA, Manuel de, *Dirección práctica de las personas que anhelan a la perfección christiana*, Madrid: Ramón Ruíz, 1795 .

[27] ARCO AGUERO, Bernardo, *Compendio de una Vida perfecta*, Madrid: Francisco Antonio de Villa-Diego, 1704.

[28] ARGERICH, Benito, *Vida interior y Cartas que escribió a diferentes personas fray Joseph de San Benito, religioso lego en el Monasterio de Nuestra Señora de Montserrat*, Madrid: Antonio Marín, 1746.

[29] ARROYAL, León de, *Versión parafrástica del Oficio parvo de Nuestra Señora*, Madrid: Joaquín Ibarra, 1784.

[30] AVANCINI, Nicolás, *Vida y Doctrina de Jesu-Christo sacada de los quatro Evangelistas y distribuida en materia de Meditación para todos los días del año*, Salamanca: Antonio Villargordo, 1760.

Nota: Oración manuscrita en guardas.

[31] ÁVILA, Sancho de (trad.), *Suspiros del Abrasado Serafín y Gran Doctor de la Iglesia San Agustín...*, Madrid: s. i. t., 1736.

[32] ÁVILA, Sancho de, *Suspiros del Abrasado Serafín y Gran Doctor de la Iglesia, San Agustín*, Madrid: Josef Doblado, 1777.

[33] ÁVILA, Sancho de (trad.), *Suspiros del Abrasado Serafín y Gran Doctor de la Iglesia San Agustín...*, Madrid: Joachín Ibarra, 1760.

Ex libris: Antolina de Jesús, monja recoleta. A uso de la hermana Teresa de N. P. S. Agustín.

[34] BAÑATI, Simón y BORNIS, Carlos de, *Admirable Vida del Venerable Padre, Francisco de Gerónimo de la Compañía de Jesús...*, Madrid: Oficina de don Gabriel del Barrio, 1737.

[35] BAÑATI, Simón y BONIS, Carlos de, *Vida del Venerable, Apostólico varón, Padre Francisco Gerónimo, de la Compañía de Jesús*, Madrid: Gabriel del Barrio, 1739.

[36] BARÓN ARÍN, Jayme, *Luz de la Fe y de la Ley Entretenimiento christiano entre Desiderio y Electo, maestro y discípulo...*, Madrid: Antonio Marín, 1732.

Dos ejemplares.

[37] BAUTISTA SORAZABAL, Juan (trad), *Poesía Sagrada: Himnos del Breviario Romano traducidos...*, Madrid: Imprenta de Don Manuel Martín, 1777.

Ex libris: De María de los Dolores.

[38] BELLATI, Antonio Francisco, (trad. Joseph Francisco de Isla), *Arte de encomendarse a Dios*, Barcelona: Viuda de Piferrer, 1781.

[39] BELLATI, Antonio Francisco, *Arte de encomendarse a Dios, o sea Virtudes de la Oración*, Valencia: Josef y Tomás de Orga, 1788.

[40] BERRETERA, Ildelfonso, *Despertador de el alma descuydada en el negocio máximo de su salvación*, Madrid: Francisco Medel del Castillo, 1725.

[41] BLOSIO, Ludovico, *Obras de...*, (trad. Fray Gregorio de Alfaro), Tomo I, Madrid: Manuel Martín, 1770.

[42] BLOSIO, Ludovico, *Obras de...*, (trad. Fray Gregorio de Alfaro), Tomo III, Madrid: Manuel Martín, 1770 .

Falto de portada.

[43] BLOSIO, Ludovico, *Obras de...*, (trad. Fray Gregorio de Alfaro), Tomo IV, Madrid: Manuel Martín, 1770.

[44] BORJA, Alonso Joseph de, *El Nuevo Thaumaturgo o Relación de los Milagos que por San Luis Gonzaga de la Compañía de Jesús, ha obrado la Omnipotencia*, Salamanca: Antonio Joseph Villargordo, 1736.

Dos ejemplares.

[45] BOSH DE CENTELLAS Y CARDONA, Balthasar, *Prácticas de visitar los enfermos y ayudar a bien morir*, Amberes: Balthasar de Wolschaten, 1701.

[46] BOUDON, Henrico María, *Dios Solo o Congregación para los intereses de Dios Solo*, Madrid: Imprenta de Francisco Xavier García, 1762.

[47] *Breviarium Romanum ex Decreto Sacrosancti Concilii Tridentini Restitutum...*, *Pars Verna*, Amberes, Tipografía Plantiniana, 1710.

[48] *Breviarium Romanum ex Decreto Sacrosancti Concilii Tridentini Restitutum...*, *Pars Verna*, Amberes, Tipografía Plantiniana, 1738.

[49] *Breviarium Romanum ex Decreto Sacrosancti Concilii Tridentini Restitutum...*, *Pars Verna*, Amberes, Tipografía Plantiniana, 1747.

[50] *Breviarium Romanum ex Decreto Sacrosancti Concilii Tridentini Restitutum...*, *Pars Verna*, Amberes, Tipografía Plantiniana, 1752.

[51] *Breviarium Romanum ex Decreto Sacrosancti Concilii Tridentini Restitutum...*, *Pars Verna*, Amberes: Oficina Plantiniana, 1764.

[52] *Breviarium Romanum ex Decreto Sacrosancti Concilii Tridentini Restitutum...*, *Pars Verna*, Madrid: Francisco Emmanuel de Mena, 1767.

[53] *Breviarium Romanum ex Decreto Sacrosancti Concilii Tridentini Restitutum...*, *Pars Verna*, Madrid: Miguel Escribano, 1778.

Dos ejemplares.

[54] *Breviarium Romanum ex Decreto Sacrosancti Concilii Tridentini Restitutum...*, *Pars Aestiva*, Madrid: Miguel Escribano, 1778.

Dos ejemplares.

[55] *Breviarium Romanum ex Decreto Sacrosancti Concilii Tridentini Restitutum...*, *Pars Aestiva*, Madrid: Miguel Escribano, 1796.

[56] *Breviarium Romanum ex Decreto Sacrosancti Concilii Tridentini Restitutum...*, Pars Aestiva, Madrid: Imprenta Real, 1796.

Dos ejemplares.

[57] *Breviarium Romanum ex Decreto Sacrosancti Concilii Tridentini Restitutum...*, Pars Autumnalis, Amberes: Oficiana Plantiniana, 1710.

[58] *Breviarium Romanum ex Decreto Sacrosancti Concilii Tridentini Restitutum...*, Pars Autumnalis, Amberes: Oficiana Plantiniana, 1747.

[59] *Breviarium Romanum ex Decreto Sacrosancti Concilii Tridentini Restitutum...*, Pars Autumnalis, Amberes: Oficiana Plantiniana, 1752.

[60] *Breviarium Romanum ex Decreto Sacrosancti Concilii Tridentini Restitutum...*, Pars Autumnalis, Amberes, Tipografia Plantiniana, 1752.

[61] *Breviarium Romanum ex Decreto Sacrosancti Concilii Tridentini Restitutum...*, Pars Autumnalis, Madrid: Miguel Escribano, 1788.

Dos ejemplares.

[62] *Breviarium Romanum ex Decreto Sacrosancti Concilii Tridentini Restitutum...*, Pars Autumnalis, Madrid: Imprenta Real, 1791.

[63] *Breviarium Romanum ex Decreto Sacrosancti Concilii Tridentini Restitutum...*, Pars Autumnalis, Madrid: Miguel Escribano, 1796.

[64] *Breviarium Romanum ex Decreto Sacrosancti Concilii Tridentini Restitutum...*, Pars Hiemalis, Amberes: Oficiana Plantiniana, 1722.

[65] *Breviarium Romanum ex Decreto Sacrosancti Concilii Tridentini Restitutum...*, Pars Hiemalis, Amberes: Oficiana Plantiniana, 1738.

Dos ejemplares.

[66] *Breviarium Romanum ex Decreto Sacrosancti Concilii Tridentini Restitutum...*, Pars Hiemalis, Amberes: Oficiana Plantiniana, 1747.

Tres ejemplares.

[67] *Breviarium Romanum ex Decreto Sacrosancti Concilii Tridentini Restitutum...*, Pars Hiemalis, Amberes: Oficiana Plantiniana, 1752.

Dos ejemplares.

[68] *Breviarium Romanum ex Decreto Sacrosancti Concilii Tridentini Restitutum...*, *Pars Hyemalis*, Madrid: Imprenta Real, 1796.

[69] *Breviarium Romanum ex Decreto Sacrosancti Concilii Tridentini Restitutum...*, *Pars Hyemalis*, Madrid: Miguel Escribano, 1796.

[70] BRICEÑO, Luis (trad.), *Cartas de San Andrés Avelino, Clérigo Reglar*, Madrid: Juan de Zúñiga, 1736.

[71] BOURDALUE, Luis de, *Retiro Espiritual para el uso de Comunidades religiosas*, Salamanca: Eugenio García Honorato, 1727.

[72] BOURDALUE, Luis de, *Retiro Espiritual para el uso de Comunidades religiosas*, Barcelona: María Ángela Martí, 1757.

Dos ejemplares.

[73] BOURDALUE, Luis de, *Retiro Espiritual para el uso de Comunidades religiosas*, Madrid: Antonio Muñoz del Valle, 1760.

Dos ejemplares.

Ex libris: Hermana Magdalena de Jhesús.

[74] BUTRÓN, Joseph Antonio, *Harmónica Vida de Santa Teresa de Jesús*, Madrid: Francisco del Hierro, 1722.

Ex libris: Es de Don Juan de Monreal, presbítero.

[75] CALATAYUD, Pedro, *Moral Anathomía de el hombre que a luz en dos doctrías prácticas para aliviar a muchas almas, que tratan de Oración y mortificación, en sus temores, ignorancias y dudas que padecen en el camino de la perfección*, s. i. t, pero Sevilla, 1758.

[76] CALDERÓN, Luis Francisco, *Opúsculos de Oro, Virtudes Morales Christianas que dedica a María Santísima, Madre de Dios, su más indigno esclavo*, Madrid: Juan García Infançon, 1707.

[77] CALDERÓN DE LA BARCA, Eugenio, *Vida, Virtudes y Milagros del Glorioso Patriarca San Cayetano Thiene...*, Madrid: Imprenta Real, 1727.

Nota: Este libro dio a la Comunidad el padre don Eugenio Calderón de la Barca –el autor de la obra–, mi hermano, cuyas cartas son suyas.

[78] CALDERÓN DE LA BARCA Y SAN MARTÍN, Bernardo, *Vida y Novena de la Gloriosa Virgen Santa Casilda...*, Madrid: Joaquín Ibarra, 1785.

[79] CAPELLUCHI, Juan, *El angélico joven S. Luis Gonzaga, propuesto por modelo de una exemplar y santa vida en algunas consideraciones prácticas...*, Valladolid: Congregación de la Buena muerte, s. a.

[80] CASSANI, Joseph, *Vida, Virtudes y Milagros de San Stanislao Kostka*, Madrid: Gabriel del Barrio, 1715.

[81] CASTELLANOS, Pedro, *Primera parte, obra póstuma de la religiosa vida exterior de el Venerable padre y Siervo de Dios, fray Diego Pérez*, Sevilla: Francisco Garay, 1710.

Ex libris: Soy de la librería de los Gerónimos de Salamanca.

[82] CASTELLOTT, Joaquín (trad.), *Año Christiano o Exercicios Devotos para todos los domingos días de Quaresma*, Tomo Primero, Madrid: Viuda de Escribano, 1789.

[83] CASTELLOTT, Joaquín (trad.), *Año Christiano o Exercicios Devotos para todos los domingos días de Quaresma*, Tomo Segundo, Madrid: Viuda de Escribano, 1789.

[84] CASTELLOTT, Joaquín (trad.), *Año Christiano o Exercicios Devotos para todos los domingos días de Quaresma*, Tomo Tercero, Madrid: Viuda de Escribano, 1789.

[85] CASTELLOTT, Joaquín (trad.), *Año Christiano o Exercicios Devotos para todos los domingos días de Quaresma*, Tomo Quarto, Madrid: Viuda de Escribano, 1789.

Nota: Marcado con un sello de los años cincuenta del Convento de la Purísima Concepción de Salamanca.

[86] CASTELLOTT, Joaquín (trad.), *Año Christiano o Exercicios Devotos para todos los domingos días de Quaresma*, Tomo Quinto, Madrid: Viuda de Escribano, 1789.

[87] CASTELLOT, Joaquín (trad.), *Año Christiano o Exercicios Devotos para todos los domingos días de Quaresma*, Tomo Sexto, Madrid: Viuda de Escribano, 1789.

[88] CASTRESANA, Gil de, *Trecena del glorioso San Antonio de Padua*, Madrid: Imprenta Real, 1788.

[89] CENTENO, Pedro, y FERNÁNDEZ DE ROXAS, Juan, *Adiciones al Año Christiano del Padre Croiset*, I, Madrid: Viuda e hijo de Marín, 1794.

[90] CENTENO, Pedro, y FERNÁNDEZ DE ROXAS, Juan, *Adiciones al Año Christiano del Padre Croiset*, II, Madrid: Viuda e hijo de Marín, 1794.

[91] CENTENO, Pedro, y FERNÁNDEZ DE ROXAS, Juan, *Adiciones al Año Christiano del Padre Croiset*, III, Madrid: Viuda e hijo de Marín, 1794.

[92] CENTENO, Pedro, y FERNÁNDEZ DE ROXAS, Juan, *Adiciones al Año Christiano del Padre Croiset*, IV, Madrid: Viuda e hijo de Marín, 1794.

[93] CEPARI, Virgilio, *Vida de San Luis Gonzaga de la Compañía de Jesús*, Pamplona: Herederos de Martínez, 1753.

[94] *Ceremonial según el Romano y el Uso de los Religiosos de Nuestro Padre San Agustín...*, Madrid: Lucas Antonio de Bedmar, 1701.

[95] CERISIERS, (trad.), *Vida de Santa Genoveva, princesa de Brabante*, Madrid: Gabriel del Barrio, 1726.

Ex libris: Soi de Beatriz Enríquez y lo firmo en 28 de mayo del año de 1738.

[96] CHIESA, Juan Nicolás, *El Religioso en soledad o Exercicios Espirituales*, Tomo Segundo, Madrid: Manuel Fernández, 1742.

[97] CHIESA, Juan Nicolás, *Reflexiones religiosas y christianas para todos los días del año*, Tomo Tercero, Madrid: Manuel Fernández, 1742.

Ex libris: Soi del Convento de las Madres Recoletas Augustinas de Medina del Campo, año 1790. *Orate pro me*.

[98] CLÍMACO, San Juan, *Escala Espiritual*, Madrid: Manuel Martín, 1769.

- [99] *Coloquios con Jesucristo Sacramentado*, Madrid: s. i. t., 1796.
- [100] *Compendio Cronológico de la Vida del Beato Padre Francisco Caracciolo*, Salamanca: Nicolás Villargordo, 1770.
- [101] *Compendio de la Verdadera Devoción al Sagrado Corazón de Nuestro Redemptor Jesús*, Pamplona: Joseph Joaquín Martínez, 1737.
- [102] *Compendio de los Ejercicios y obligaciones de los monges cistercienses de Nuestra Señora de la Trapa, con una noticia exacta de su expulsión...*, Madrid: Imprenta de Sancha, 1797.
- [103] *Compendio Historial o Relación Breve y Verídica de Portentoso Santuario y Cámara Angelical de Nuestra Señora de Monserrate*, Barcelona: Benardo Plá, s. a.
- [104] *Compendio histórico de la Vida, Virtudes y fama phóstuma del B. Simón de Roxas*, Madrid: Joaquín Ibarra, 1766.
- [105] CONCEPCIÓN, Joseph de la (trad.), *Compendio histórico de la Vida San Joseph Calasanz*, Valencia: Benito Monfort, 1768.
- [106] *Congregación a la buena muerte*, Valladolid: s. i. t., 1737.
- [107] CORAZÓN DE JESÚS, Pedro del, *Glorias de la Beata María Ana de Jesús, mercenaria descalza*, Salamanca: En la oficina de la Santa Cruz, por Domingo Casero, 1783.
- [108] CORNEJO, Damián, *Vida Admirable de la Gloriosa Santa, Margarita de Cortona*, Valladolid: s. i. t., 1764.
- [109] CRESPI DE BORJA, Luis, *Vida, Dichos y Constituciones de San Phelipe Neri Florentini*, Madrid: Juan Muñoz, 1734.
Ex libris: Soi de Juan Manuel Rodríguez, capellán del Choro.
- [110] CROISSET, Juan, *Año Christiano: o Ejercicios Devotos para todos los días del año: enero*, Madrid: Antonio Pérez del Soto, 1764.
- [111] CROISSET, Juan, *Año Christiano: o Ejercicios Devotos para todos los días del año: febrero*, Madrid: Antonio Pérez del Soto, 1765.

- [112] CROISET, Juan, *Año Christiano: o Exercicios Devotos para todos los días del año: marzo*, Madrid: Antonio Pérez del Soto, 1762.
- [113] CROISET, Juan, *Año Christiano: o Exercicios Devotos para todos los días del año: abril*, Madrid: Antonio Pérez del Soto, 1763.
- [114] CROISET, Juan, *Año Christiano: o Exercicios Devotos para todos los días del año: mayo*, Madrid: Antonio Pérez del Soto, 1763.
- [115] CROISET, Juan, *Año Christiano: o Exercicios Devotos para todos los días del año: junio*, Madrid: Antonio Pérez del Soto, 1764.
- [116] CROISET, Juan, *Año Christiano: o Exercicios Devotos para todos los días del año: julio*, Madrid: Antonio Pérez del Soto, 1765.
- [117] CROISET, Juan, *Año Christiano: o Exercicios Devotos para todos los días del año: agosto*, Madrid: Antonio Pérez del Soto, 1766.
- [118] CROISET, Juan, *Año Christiano: o Exercicios Devotos para todos los días del año: septiembre*, Madrid: Antonio Pérez del Soto, 1772.
- [119] CROISET, Juan, *Año Christiano: o Exercicios Devotos para todos los días del año: octubre*, Madrid: Antonio Pérez del Soto, 1772.
- [119] CROISET, Juan, *Año Christiano: o Exercicios Devotos para todos los días del año: noviembre*, Madrid: Antonio Pérez del Soto, 1772.
- [120] CROISET, Juan, *Año Christiano: o Exercicios Devotos para todos los días del año: diciembre*, Madrid: Antonio Pérez del Soto, 1772.
- [121] CROISET, Juan, *Año Christiano o Exercicios Devotos para todos los días del año*, Enero, Madrid: Benito Cano, 1791.
- [122] CROISET, Juan, *Año Christiano o Exercicios Devotos para todos los días del año*, Febrero, Madrid: Benito Cano, 1791.
- [123] CROISET, Juan, *Año Christiano o Exercicios Devotos para todos los días del año*, Marzo, Madrid: Benito Cano, 1791.

[124] CROISSET, Juan, *Año Christiano o Exercicios Devotos para todos los días del año*, Abril, Madrid: Benito Cano, 1791.

Ex libris: Agustinas Recoletas de Medina del Campo.

[125] CROISSET, Juan, *Año Christiano o Exercicios Devotos para todos los días del año*, Junio, Madrid: Benito Cano, 1791.

[126] CROISSET, Juan, *Año Christiano o Exercicios Devotos para todos los días del año*, Julio, Madrid: Benito Cano, 1791.

[127] CROISSET, Juan, *La devoción al Sagrado Corazón de Jesús*, Tomo Primero, Pamplona: Joseph Joaquín Martínez, 1734.

Ex libris: Este libro se le dió el Padre Francisco Zambrana a su confesada Theresa de Jhesús.

[128] CROISSET, Juan, *La devoción al Sagrado Corazón de Jesús*, Tomo II, Pamplona: Joseph Joaquín Martínez, 1734.

Dos ejemplares.

Ex libris respectivos: Este librito enbió don Bernardo de Zecezcela a su sobrina la hermana María Phelipa de la Ascensión.

Este libro se le dió el Padre Francisco Zambrana a su confesada Theresa de Jhesús.

[129] CROISSET, Juan, *Discursos Espirituales sobre los assumptos más importantes para la vida christiana*, Tomo Primero, Barcelona: María Ángela Martí, 1768.

[130] CROISSET, Juan, *Discursos Espirituales sobre los assumptos más importantes para la vida christiana*, Tomo Segundo, Barcelona: María Ángela Martí, 1768.

[131] CROISSET, Juan, *La devoción al Sagrado Corazón de Jesús*, Tomo Segundo, Salamanca: Antonio Villargordo, 1766.

[132] CUBILLAS DONYAGÜE, Francisco de (trad.), *Cartas Espirituales de Francisco de Sales*, Primera Parte, Madrid: Imprenta del Convento de la Merced, 1741.

[133] CUBILLAS DONYAGÜE, Francisco de (trad.), *Cartas Espirituales del Glorioso Señor San Francisco de Sales...*, Segunda Parte, Madrid: Imprenta del Convento de la Merced, 1741.

[134] CUBILLAS DONYAGÜE, Francisco de (trad.), *Introducción a la Vida Devota de San Francisco de Sales...*, Con una declaración mística de los Cantares de Salomón, Valencia: Vicente Cabrera, 1703.

[135] CUBILLAS DONYAGÜE, Francisco de (trad.), *Introducción a la Vida Devota de San Francisco de Sales...*, Con una declaración mística de los Cantares de Salomón, Madrid: Ángel Pasqual Rubio, 1724.

Ex libris Antonia de Seco.

[136] CUBILLAS DONYAGÜE, Francisco de (trad.), *Introducción a la Vida Devota de San Francisco de Sales...*, Con una declaración mística de los Cantares de Salomón, Madrid: Pedro Joseph Alonso y Padilla, 1747.

[137] CUBILLAS DONYAGÜE, Francisco de (trad.), *Introducción a la Vida Devota de San Francisco de Sales...*, Con una declaración mística de los Cantares de Salomón, Madrid: Andrés Ortega, 1774.

[138] CUBILLAS DONYAGÜE, Francisco de, *Introducción a la vida devota de San Francisco de Sales*, Madrid: Manuel Martín, 1779.

[139] CUBILLAS DONYAGÜE, Francisco, *Introducción a la Vida Devota de San Francisco de Sales*, Madrid: Pedro Marín, 1783.

[140] CUBILLAS DONYAGÜE, Francisco de (trad.), *Práctica del Amor de Dios que en francés escribió San Francisco de Sales...*, Madrid: Antonio Sancha, 1775.

[141] CUBILLAS DONYAGÜE, Francisco de (trad.), *Verdaderos entretenimientos del Glorioso Señor San Francisco de Sales...*, Madrid: Imprenta del Convento de Nuestra Señora de la Merced, 1740.

Tres ejemplares.

[142] CUBILLAS DONYAGÜE, Francisco de (trad.), *Verdaderos entretenimientos del Glorioso Señor San Francisco de Sales...*, Madrid: Antonio de Sancha, 1777 .

Ex libris: Este libro es para el uso de Ángela Rosa de San Joseph, que se lo ymbió de Madrid su padre don Joseph Parricis. Con lisensia de su prelada le usa.

[143] DÁVILA, Tomás, *Vida y Milagros de la Gloriosa Santa Rita de Cassia*, Madrid: Francisco Sanz 1705.

Ex libris: Agustinas Recoletas Convento de Monterey de Salamanca.

[144] DÍAZ, Juan, *Educación de la Juventud Religiosa o Escuela en la que se enseña.*, Madrid: Imprenta de D. Antonio de Sancha, 1780.

[145] *El Alma del incomparable San Agustín, sacada del cuerpo de sus Confesiones, colegida por la ilustrísima señora, doña Ana, Condesa de Argyl*, Madrid: Pedro Marín, 1778.

[146] *El Viagero universal o noticia del mundo antiguo y nuevo. Obra recopilada de los mejores viageros por D. P. E. P.*, Madrid: Imprenta de Villalpando, 1798.

[147] ELLACURIAGA, Juan de, *Vida de la Venerable Madre, Ana Phelipa de los Ángeles, Recoleta Agustina, professa en el Convento de la Villa de Medina de el Campo*, Madrid; Alonso Balvás, 1728.

Nota: El ejemplar denota en su estado una abundante lectura; reconstruido en algunos trozos rotos con hojas manuscritas, lo que nos obliga a pensar en la existencia de otro ejemplar —¿en la misma biblioteca?— a partir del cual se hace la restauración del texto perdido.

[148] ESCUPOLI, Lorenzo, *Combate espiritual*, Parte Primera, Madrid: Viuda de Manuel Fernández, 1765.

[149] ESCUPOLI, Lorenzo, *Combate espiritual*, Parte Segunda, Madrid: Viuda de Manuel Fernández, 1765.

[150] ESCUPOLI, Lorenzo, *Combate espiritual*, Parte Primera, Barcelona: María Ángela Martí, 1769.

[151] ESCUPOLI, Lorenzo, *Combate espiritual*, Parte Segunda, Barcelona: María Ángela Martí, 1769.

[152] ESCUPOLI, Lorenzo, *Combate Espiritual*, I, Madrid: Joseph Doblado, 1771.

[153] ESCUPOLI, Lorenzo, *Combate Espiritual*, II, Madrid: Joseph Doblado, 1771.

[154] ESCUPOLI, Lorenzo, *Combate espiritual*, I y II Parte, Valencia: Joseph Thomás de Orga, 1773.

*Ex libris: Habet ad usu mater Emmanuel López in Salmanticensi
Conventu S. P. H. Francisci.*

[155] ESCUPOLI, Lorenzo, *Combate espiritual*, Parte Primera, Alcalá: Pedro López, 1786.

[156] ESPINOLA, Juan de (trad.) *El Devoto de la Virgen María instruido en los motivos y en los medios que le conducen a Servirla bien*, Madrid: Francisco Lasso, 1710.

[157] ESQUIVEL, Joseph, *El devoto de María Santísima. Vida y Virtudes del Siervo de Dios, padre Fernand Rodriguez, de los clérigos regulares menores*, Madrid: Joaquín Ibarra, 1756.

[158] *Ejercicio cotidiano con diferentes oraciones y devociones para antes y después de la Confesión y Sagrada Comunión*, Madrid: Joaquín Ibarra, 1776.

[159] *Ejercicios del Christiano o Sentimientos afectuosos del alma para con su Dios*, Madrid: Imprenta de Manuel González, 1787.

[160] *Ejercicios Espirituales de Retiro que la Venerable Madre de Ágreda practicó y dexó escritos a sus Hijas...*, Madrid: Imprenta de la Causa de dicha Venerable Madre, 1745.

[161] *Ejercicios Espirituales de retiro que la venerable María de Jesús de Agreda practicó y dexó escritos*, Pamplona: s. i. t., 1769.

[162] *Ejercicios Espirituales que la Venerable Madre, María de Jesús de Agreda, practicó y dexó escritos a sus hijas*, Zaragoza: Diego Larumbe, 1704.

[163] ÉZIJIA, Gerónimo de, *Compendio de la vida y portentos de San Félix de Cantalicio*, Córdoba: Esteban de Cabrera, 1716.

[164] FERNÁNDEZ MORENO, Ángel Tomás, *Vida, Virtudes y Milagros del Grande Abogado del Cielo San Andrés Avellino*, Zaragoza: Joseph Fort, 1754.

Dos ejemplares.

[165] FERNÁNDEZ MORENO, Ángel Tomás, *Compendio histórico cronológico de la fundación del Monasterio de Jesús María de Capuchinas Mínimas del Desierto de Penitencia de la Ciudad de Granada...*, Tomo I, Madrid: Viuda de Manuel Fernández, 1768.

[166] FERRER DE VALDECEBRO, Andrés, *Historia de la Vida Maravillosa y Admirable del Segundo Pablo, Apóstol de Valencia, San Vicente Ferrer*, Madrid: Pedro Joseph Alonso y Padilla, 1730.

[167] FERRERAS, Juan de, *Reparos históricos sobre los doce primeros años del Tomo VII de la Historia de España*, Alcalá: Juan Antonio Pimentel, 1723.

Ex libris: Juan Antonio Sánchez.

Nota en guardas: Se presume con fundamento que el author principal deste libro es don Agustín de Montyano, Secretario de la Cámara de Castilla. —Letra de otra mano— Y que le ayudó don Francisco Escobar; y la única impropiedad que se nota en esta insigne y erudita obra es haver puesto los reparos en voca de oficiales de guerra, en quienes no se puede creer tanta noticia de la lengua latina, inteligencia en letras antiguas, instrucción y manejo de tantos privilegios, archivos, como refieren.

Recoleta Dolores.

[168] FEYJÓO, Benito Gerónimo, *Cartas Eruditas y Curiosas en que por la mayor parte se continúa el designio del Theatro Critico Universal*, Tomo Quinto, Madrid: Joaquín Ibarra, 1760.

[169] FIGUEIREDO, Manuel, *Epitome de la Milagrosa Vida de... Santa Rita de Casia*, Madrid: Imprenta del Venerable Padre fray Alonso de Orozco, 1730.

[170] FUENTE, Miguel de la , *Libro de las tres vidas de el hombre corporal, racional y espiritual... Segunda impresión, corregida y añadida con el Índice de las cosas más notables y un dibuxo de la Via del venerable Padre...* Madrid: Joseph Rodríguez, 1710.

Ex libris de varias poseedoras: De Juana Antonia del Sacramento; de Margaria de Teresa de Jhesús, de nadie y de todas. Del Convento de monterey, un padre nuestro en caridad por hesta que lo ha hescrito que tiene mucha necesidad —letra más moderna—.

[171] GANTE, Francisco Antonio de, *Vida del Venerable Padre, fray Alonso de Orozco*, Madrid: Juan Sanz, 1719.

[172] GANTE, Francisco Antonio de, *El Monstruo de África indefinible. Vida de San Augutin...*, Madrid: Justo Sanz, 1720.

[173] GARCÉS Y MAESTRE, Antonio (dominico), *Cartas de favor en nombre de María Santíssima a sus devotos*, Pamplona: Pasqual Ibáñez, 1755.

[174] GARCÉS Y MAESTRE, Antonio, *Cartas de favor en nombre de María Santíssima a sus devotos*, Primera parte, Pamplona: Pasqual Ibáñez, 1756.

[175] GARCÉS Y MAESTRE, Antonio, *Cartas de favor en nombre de María Santíssima a sus devotos*, Segunda parte, Pamplona: Pasqual Ibáñez, 1756.

[176] GARCÍA, Antonio, *Vida de Santa María Magdalena de Pazzi*, Madrid: 1754.

[177] GARCÍA, Santiago (dominico), *Admirable y Prodigiosa Vida de la Seráphica y Esclarecida Virgen Santa Catalina de Sena*, Salamanca: Imprenta de la Santa Cruz, 1729.

Dos ejemplares.

Ex libris: D. Ionannis Antinii a Gonzalo a Soto, huius sactis crucis vulgo Colledge.

[178] GARCÍA, Santiago, *Admirable y Prodigiosa Vida de la Seráphica y Esclarecida Virgen Santa Catalina de Sena*, Salamanca: Francisco de Toxar, 1791.

Ex libris: A uso de la hermana Calra Benita de San Josef.

[179] GÓMEZ DE LA CRUZ, Manuel, *Prodigiosa Vida y Admirable Muerte de nuestro Glorioso Padre, San Francisco de Paula*, Madrid: Viuda de Blas de Villanueva, 1727.

[180] GRANADA Y MENDOZA, Leandro de (trad.), *Libro intitulado Insinuación de la Divina Piedad, en la Vida y Revelaciones de Santa Gertrudis*, Primera Parte, Madrid: Viuda de Francisco del Hierro, 1732.

Dos ejemplares.

Ex libris de uno: A uso de la hermana Manuela Eulalia de San Diego de Alcalá.

[181] GRANADA Y MENDOZA, Leandro de (trad.), *Libro intitulado Insinuación de la Divina Piedad, en la Vida y Revelaciones de Santa Gertrudis*, Segunda Parte, Madrid: Viuda de Francisco del Hierro, 1732

Ex libris: A uso de la hermana San Diego de Alcalá que me lo regaló mi confesor.

[182] GRANADA, Luis de, *Guía de Pecadores*, Madrid: Manuel Martín, 1777.

[183] GRANADA, Luis de, *Guía de pecadores*, Parte primera, Madrid: Antonio Sancha, 1781.

[184] GRANADA, Luis de, *Guía de pecadores*, Parte segunda, Madrid: Antonio Sancha, 1781.

[185] GRANADA, Luis de, *Libro de la Oración y Meditación*, Madrid: Gerónimo de Estrada, 1702.

[186] GRANADA, Luis de, *Libro de la Oración y Meditación*, Madrid: Lorenzo Francisco Mojados, 1729.

[187] GRANADA, Luis de, *Libro de la Oración y Meditación*, Madrid: Pedro Joseph Antonio y Padilla, 1747.

[188] GRANADA, Luis de, *Libro de la Oración y Meditación*, Barcelona, María Ángela Martí, 1767.

[189] GRANADA, Luis de, *Libro de la Oración y Meditación*, Madrid: Manuel Martín, 1772.

[190] GRANADA, Luis de, *Libro de la Oración y Meditación*, Salamanca: Imprenta y Librería de Rico, 1780.

Ex libris: Mónica de Jesús.

[191] GRANADA, Luis de, *Libro de la Oración y Meditación*, Madrid: Pedro Marín, 1785.

[192] GRANADA, Luis de, *Libro de la Oración y Meditación*, Madrid: Joseph Otero, 1788.

[193] GRANADA, Luis de, *Libro de Oración y Meditación*, Salamanca: Manuel Vega y Manuel Rodríguez, 1793.

[194] GRANADA, Luis de, *Libro de la Oración y Meditación*, Salamanca: Francisco de Toxar, 1799.

[195] GRANADA, Luis de, *Libro de la Oración y Meditación...*

Nota: Sin portada, pero siglo XVIII.

[196] GRANADA, Luis de, *Obras*, Tomo XIV, Madrid: Imprenta Real, 1711.

Ex libris: Es del señor conde de Casasola.

[197] GRANADA, Luis de, *Obras*, Tomo XVI, Madrid: Imprenta Real, 1711.

[198] GRANADA, Luis de, *Obras*, Tomo XVII, Madrid: Imprenta Real, 1711.

[199] GRANADA, Luis de, *Obras*, Tomo XVIII, Madrid: Imprenta Real, 1711.

Ex libris: Es del señor conde de Casasola.

[200] GRANADA, Luis de, *Obras*, Tomo XIX, Madrid: Imprenta Real, 1711.

[201] GRANADA, Luis de, *Obras*, Tomo XX, Madrid: Imprenta Real, 1711.

Ex libris: Es del señor conde de Casasola.

[202] GRANADA, Luis de, *Obras*, Tomo XXI, Madrid: Imprenta Real, 1711.

[203] GRANADA, Luis de, *Obras*, Tomo XXII, Madrid: Imprenta Real, 1711.

Ex libris: Es del señor conde de Casasola.

[204] GRANADA, Luis de, *Obras*, Tomo XXV, Madrid: Imprenta Real, 1711.

[205] GUEREA, Ignacio, *El Libro de los Hechos de los Apóstoles escrito por San Lucas*, Madrid: Viuda de Ibarra, Hijos y Compañía, 1786.

[206] GUERRERO, Antonio, *Retiro Espiritual y sus Ejercicios*, Madrid: Antonio Sanz, 1744.

Dos ejemplares.

[207] GUERRERO MARTÍNEZ RUBIO, Antonio, *El phénix de las becas, Santo Toribio Alphonso Mogrobejo...*, Salamanca: Viuda de Gregorio Ortiz Gallardo, 1728.

[208] HAEFTEN, Benito, *Escuela del corazón*, Libros I y II, Madrid, 1748.

[209] HAEFTEN, Benito, *Escuela del corazón*, Libro III, Madrid: Imprenta Real, 1720.

[210] HASTENO, Benito, *Camino Real de la Cruz*, Madrid: Imprenta Real, 1721.

[211] *Historia de la Admirable Invención y Milagros de la Thaumaturga imagen de Nuestro Señora de la Peña de Francia*, Salamanca: Viuda de Gregorio Ortiz, 1728.

Ex libris: Fray Joseph Athanasio García Escalona.

[212] *Horæ Diurnæ Breviarii Romani...* Madrid: Francisco Emmanuel de Mena, 1767.

[213] *Horæ Diurnæ Breviarii Romani...* Madrid: Imprenta Real, 1794.

[214] ISLA, Joseph Francisco (trad.), *Compendio de la Historia de España escrito en francés por el Reverendo Padre, Duchesne, de la Compañía de Jesús...*, Tomo Primero, Amberes: Hermanos Cramer, 1758.

[215] JESÚS MARÍA, Pedro de, *Primera y Segunda parte del Coloquio Espiritual de las Monjas*, Salamanca: Imprenta de Andrés García Rico, 1782.

Cuatro ejemplares.

[216] JESÚS DE ÁGREDA, María de, *Mística Ciudad de Dios, Milagro de su Omnipotencia y abismo de la Gracia...*, Segunda Parte, Madrid: Imprenta de la V. Madre, 1744.

Ex libris: María Antonia.

[217] JESÚS, Tomé de, *Trabajos de Jesús*, Tomo Segundo, Madrid: Antonio Marín, 1763.

[218] JESÚS, Tomé de, *Trabajos de Jesús*, Tomo I, Madrid: Manuel González, 1786.

[219] JESÚS, Tomé de, *Trabajos de Jesús*, Tomo II, Madrid: Manuel González, 1787.

[220] JESÚS, Tomé de, *Trabajos de Jesús*, Tomo Primero, Madrid: Imprenta Real de la Gazeta, 1781.

[221] JESÚS, Tomé de, *Trabajos de Jesús*, Segundo Tomo, Madrid: Imprenta Real de la Gazeta, 1781.

[222] KEMPIS, Tomás, *Contemptus Mundi o Menosprecio del mundo y de la Imitación de Cristo*, Madrid: Angel Pascual, 1731.

[223] KEMPIS, Tomás, *Contemptus Mundi o Menosprecio del mundo y de la Imitación de Cristo*, Madrid: Ángel Pasqual, 1721.

Dos ejemplares.

[224] KEMPIS, Tomás, *De la Imitación de Christo y menosprecio del mundo*, Madrid: Antonio Orozco, 1766.

[225] KEMPIS, Tomás de, *De la imitación de Christo y Menosprecio del Mundo*, Madrid: Joaquín Ibarra, 1767.

[226] KEMPIS, Tomás, *De la Imitación de Christo y menosprecio del mundo*, Barcelona: María Ángela Martí, 1767.

[227] KEMPIS, Tomás, *De la Imitación de Christo y menosprecio del mundo*, Madrid: Antonio Sancha, 1775.

[228] KEMPIS, Tomás, *De la Imitación de Christo y menosprecio del mundo*, Burgos: Joseph de Astúlez, 1780.

Anotación: Se empezó esta devoción de la muerte y pasión del nuestro Señor en este año de 1860 María Teresa de la Ascensión.

[229] KEMPIS, Tomás, *Obras del Venerable...*, trad. por el P. Vergara Premostratense, I, Valladolid: Viuda e Hijos de Santander, 1789.

[230] KEMPIS, Tomás, *Obras del Venerable...*, trad. por el P. Vergara Premostratense, II, Valladolid: Viuda e Hijos de Santander, 1789.

[231] KEMPIS, Tomás, *Obras del Venerable...*, trad. por el P. Vergara Premostratense, III, Valladolid: Viuda e Hijos de Santander, 1789.

[232] KRZESIMOWSKI, Antonio Andrés, *Viador Christiano o El Hombre Peregrino en este mundo*, Madrid: Andrés Sotos, 1782.

[233] *La Juventud Triunfante, representada en las fiestas con que celebró el Colegio de la Real Compañía de Jesús de Salamanca la Canonización de San Luis Gonzaga y San Stanislao Kostjka*, Salamanca: Eugenio García de Honorato y San Miguel, 1727.

[234] LAGUNO, Francisco de, *Gracias a Dios que en el Solemnísimo Novenario rinde a su Magestad piadosa, el Real Convento de San Felipe, Orden de San Agustín...*, Madrid: Herederos de Antonio González de Reyes, 1720.

[235] LALLEMANT, *Los Salmos de David y Cánticos Sagrados interpretados en una brevísima paráfrasis*, Madrid: Benito Cano, 1786.

Dos ejemplares.

[236] LALLEMANT, *Los Salmos de David y Cánticos Sagrados interpretados en una brevisima paráfrasis*, Madrid: Viuda de Ibarra, 1789.

Dos ejemplares.

[237] LANGUET, Juan Joseph, *Tratado de la Confianza en la Misericordia de Dios*, Madrid: Pedro Joseph Alonso y Padilla, 1746.

[238] LANGUET, Juan Joseph, *Tratado de la confianza en la misericordia de Dios*, Madrid: Blas Román, 1778.

[239] LARDITO, Juan Bautista, *Idea de una perfecta religiosa en la vida de Santa Gertrudis la Grande, hija del Gran Padre y Patriarca San Benito*, Madrid: Francisco de Hierro, 1717.

Ex libris: Heste libro hes de las Agustinas Recoletas desta ciudad de Salamanca.

[240] LARDITO, Juan Bautista, *Idea de una Perfecta Religiosa en la Vida de Santa Gertrudis*, Madrid: Franciso del Hierro, 1720.

[241] LÁZARO DE HORTAL, Francisco, *Instrucción sobre la obligación de rezar el Oficio Divino*, Madrid: Joaquín Ibarra, 1772.

[242] LEÓN, Juan Baptista, *San Joaquín, Padre de la Virgen Madre, y glorioso en su admirable vida. Primera parte*, Madrid: Blas de Villanueva, 1723.

Ex libris: Es de las Madres Agustinas Recoletas.

[243] LEÓN, Juan Baptista, *San Joaquín, Padre de la Virgen Madre, y glorioso en su admirable vida. Segunda parte*, Madrid: Blas de Villanueva, 1723.

[244] LEÓN, Luis de, *De los nombres de Cristo*, Valencia: Benito Monfort, 1770.

[245] LEÓN, Luis de, *Exposición del Libro de Job*, Madrid: Pedro Marín, 1779.

Ex libris: Está a uso de la hermana Antolina M^a de Jesús y de la hermana Teresa de N. P. S. Agustín, se los dio el M. R. P. M. Prior del Convento de N. P. S. Agustín de esta villa de Medina del Campo, fray Benito Mariño, y en faltando las dos espresadas quedan para esta comunidad de Agustinas Recoletas año de 1835 y pide que le encomienden a Dios.

[246] *Letanía ilustrada en láminas* .

Nota: Grabados del siglo XVIII. Bella encuadernación.

Ex libris: María Joaquina de la Santísima Trinidad.

[247] *Librito que contiene varias cosas que pueden practicarse con fruto durante el curso de una Santa Misión*, Salamanca: Juan Antonio Lasanta, 1774.

¶ Unido a él:

BAUTISTA VERGE, Juan, *Siete meditaciones de mucho nervio para los siete días de la semana que pueden servir para renovar la memoria de los asuntos que se tratan en los sermones*, Salamanca: Nicolás de Villagordo, s.a.

[248] LÓPEZ CUESTA, Francisco (trad.), *Epístolas selectas de el Máximo Doctor de la Iglesia, San Gerónimo*, Barcelona: Carlos Saper y Jayme Osset, 1758.

Dos ejemplares.

[249] *Los Santos Evangelios traducidos al castellano...* por el P. M. fr. Anselmo Petite, Madrid: Benito Cano, 1789.

[250] *Los Santos Evangelios traducidos al castellano...* por el P. M. fr. Anselmo Petite, Madrid: Imprenta Real, 1789.

[251] LOYOLA, Juan de, *Historia del Cielo Empyreo*, Valladolid: Imprenta de la Congregación de la Buena Muerta, 1755.

Ex libris: Antonio Ignacio de Legarda. A uso de la hermana Bizenta de nuestra Señora de los Dolores.

[252] MADRE DE DIOS, Alexandro de la, *Manual Christiano*, Madrid: Joseph Rodríguez de Escobar, 1707.

[253] *Manuale Augustinianum nunc denuo iuxta Breviarii Missalisque Romani recognitionem emendatum. Pars prima, in qua de processionibus per annum, aliisque ordini peculiaribus*, Madrid: Joseph Doblado, 1785.

¶ Unido a él:

Manuale Augustinianum nunc denuo iuxta Breviarii Missalisque Romani

recognitionem emendatum. Pars secunda, in qua ea omnia quæ ad Defunctorum exequias...

Siete ejemplares.

[254] MANZANO, Joseph, *Vida y Portentosos Milagros de el Glorioso, San Isidro, Arzobispo de Sevilla*, Salamanca: Eugenio de Honorato y San Miguel, 1732.

[255] MARÍA DE ULLOA, Gonzalo de, *Meditaciones Sagradas sobre la Pasión de Christo Nuestro Señor. Aforismos Espirituales sobre las Virtudes...*, Salamanca: Andrés García Rico, 1786.

Dos ejemplares.

[256] MARTÍN DE LA SIERRA, Joseph, *Mapa de Arcanos y Verdades de nuestra Católica Religión*, Tomo Primero, Madrid: Gabriel del Barrio, 1718.

[257] MARTÍNEZ DE LA PARRA, Juan (jesuita), *Luz de Verdades Cathólicas y Explicación de la Doctrina Christiana que siguiendo la costumbre de la Casa, profesa la Compañía de Jesús de México todos los jueves del año*, Madrid: Paula Alonso y Padilla, 1747.

Ex libris: A uso de la Madre Ramona de los Santos Reyes, Dios conserbe su vida muchos años como yo se los deseo.

[258] *Meditaciones de Santa Catalina de Sena*, Salamanca: Manuel Rodríguez y Manuel de Vega, 1795.

[259] MEDRANO, Manuel Josep de, *Vida de la admirable Virgen Santa Inés de Monte-Policiano*, Madrid: Gerónimo Roxo, 1728.

Ex libris: Este libro es de Andrés Martín, vezino de la ciudad de Salamanca. Vive en casa de Señor don Agustín Manuel Capellán del Coro de la Santa Iglesia Cathedral desta dicha Ciudad.

[260] MELLÁ Y RIBELLES, Antonio, *Excelencias de la Virginidad Evangélica...*, Madrid: Benito Cano, 1790.

[261] *Missale Romanum ex Decreto Sacrosancti Concilii Tridentini Restitutum...*, Venecia: Nicolas Pezzana, 1752.

[262] *Missale Romanum ex Decreto Sacro Sancti Concilii Tridentini restitutum...*, Venecia: Nicolás Pezzana, 1754.

[263] *Missale Romanum ex Decreto Sacro Sancti Concilii Tridentini restitutum...*, Madrid: Joaquín Ibarra, 1772.

[264] *Missale Romanum ex Decreto Sacro Sancti Concilii Tridentini restitutum...*, Madrid: Pedro Marín, 1786.

Cinco ejemplares.

[265] *Modo de Dar el Hábito a las que entraren en esta Sagrada Religión de Nuestro Padre San Agustín*, Salamanca: María Estévez, 1725.

Dieciséis ejemplares.

[266] *Modo de recibir al Señor Obispo prelado de este Convento de Agustinas Recoletas de la Concepción de Salamanca*, s. i. t. , pero siglo XVIII.

Veintiséis ejemplares.

[267] MOLINA, Antonio de, *Exercicios Espirituales de las Excelencias, Provecho y Necesidad de la Oración Mental*, Barcelona: María Ángela Martí, 1766.

Ex libris: A uso de María Juaquina de la Santísima Trinidad.

[268] MOLINA, Antonio de, *Exercicios Espirituales de las Excelencias, Provecho y Necesidad de la Oración Mental...*, Madrid: Pedro Marín, 1773.

Ex libris: Soy de el Noviciado de los FF. Capuchinos de Salamanca. Año de 1775.

[269] MOLINA, Antonio de, *Exercicios Espirituales de las Excelencias, Provecho y Necesidad de la Oración Mental...*, Barcelona: María Ángela Martí, 1766.

[270] MOLINA, Antonio de, *Exercicios Espirituales de las Excelencias, Provecho y Necesidad de la Oración Mental...*, Barcelona: Eulalia Piferrer, 1776.

Anotación manuscrita: Jesús María y Josef sea conmigo. Amén.

Ex libris: Está al uso de la Hermana Manuela de San Juan de

Sahagún. Era este libro de su hermano Francisco que Dios tenga ya en su Santa Gloria.

[271] MOLINA, Antonio de, *Ejercicios Espirituales de las Excelencias, Provecho y Necesidad de la Oración Mental...*, Madrid: Pedro Marín, 1777.

Ex libris: A uso de la hermana María Eulalia de San Diego de Alcalá, que lo regaló mi confesor.

[272] MOLINA, Antonio de, *Ejercicios Espirituales de las Excelencias, Provecho y Necesidad de la Oración Mental...*, Madrid: Joseph Otero, 1783.

[273] MOLINA, Antonio de, *Ejercicios Espirituales de las Excelencias, Provecho y Necesidad de la Oración Mental...*, Madrid: Viuda e hijo de Otero, 1790.

[274] MORALES, Andrés Gerónimo de, *Escarmiento de la Alma o Guía a la Unión con Dios*, Zaragoza: s. i. t., 1712.

Ex libris: A uso de Juana Antonia del Santísimo Espíritu.

[275] MORALES, Andrés Gerónimo, *Escarmiento del Alma y Guía a la unión con Dios*, Madrid: González, 1791.

[276] MOREL, Antonio, *La felicidad del simple religioso que ama su estado y obligaciones*, Valencia: Oficina del Diario, 1796.

[277] MUÑOZ, Luis, *Vida y Virtudes del V. P. M., fray Luis de Granada*, Madrid: Antonio Pérez de Soto, 1756.

[278] NEPEU, Francisco, *Método de la Oración mental y su práctica*, Tomo primero, Madrid: Francisco Javier García, 1761.

[279] NIEREMBERG, Juan Eusebio, *Del Aprecio y Estima de la Divina Gracia*, Tomo Primero, Madrid: Joseph Rodríguez y Escobar, 1714.

[280] NORIEGA, Joseph Estevan de, *El segundo Esposo de María. Vida Maravillosa del Beato Joseph Hermano, Canónigo Reglar...*, Madrid: Miguel de Rezola, 1730.

[281] *Novena y Ejercicios Espirituales de la Esclarecida Santa Gertrudis la Magna*, Sevilla: s. i. t., 1705.

Dos ejemplares.

[282] *Officia Propria Sanctorum Ordinis Eremitarum S. Augustini*, Amberes: Tipografía Plantiniana, 1732.

Dos ejemplares.

[283] *Officia Propria Sanctorum Ordinis Eremitarum S. Augustini*, Madrid: Sancha, 1792.

[284] *Officium et Missa in festo et per octavam Corporis Christi*, Amberes: Viuda de Balthasar Moreto, 1702.

Cinco ejemplares.

[285] *Officium et Missa in festo et per octavam Corporis Christi*, Amberes: Officina Plantiniana, 1723.

Dos ejemplares.

[286] *Officium et Missa in festo et per octavam Corporis Christi*, Amberes: Officina Plantiniana, 1736.

Dos ejemplares.

[287] *Officium et Missa in festo et per octavam Corporis Christi*, Pamplona: Tipografía latina, 1761 [Al fin una portada de Of. Plantiniana, 1761].

[288] *Officium et Missa in festo et per octavam Corporis Christi*, Madrid: Viuda e hijo de Marín, 1762.

[289] *Officium et Missa in festo et per octavam Corporis Christi*, Madrid: Joaquín Ibarra, 1765.

[290] *Officium et Missa in festo et per octavam Corporis Christi*, Madrid: Joaquín Ibarra, 1777.

[291] *Officium Hebdomadæ Sanctæ*, Amberes: Balthasar Moreto, 1752.

[292] *Oficio de la Semana Santa, según el Missal y Breviario Romanos*, Amberes: Imprenta Plantiniana, 1710.

Dos ejemplares.

[293] *Oficio de la Semana Santa, según el Missal y Breviario Romanos*, Amberes: Imprenta Plantiniana, 1730.

[294] *Oficio de la Semana Santa, según el Missal y Breviario Romanos*, Amberes: Imprenta Plantiniana, 1739.

Cuatro ejemplares.

[295] *Oficio de la Semana Santa, según el Missal y Breviario Romanos*, Amberes: Imprenta Plantiniana, 1741.

[296] *Oficio de la Semana Santa, según el Missal y Breviario Romanos*, Amberes: Imprenta Plantiniana, 1745.

Dos ejemplares.

[297] *Oficio de la Semana Santa, según el Missal y Breviario Romanos*, Amberes: Imprenta Plantiniana, 1752.

Dos ejemplares.

[298] *Oficio de la Semana Santa, según el Missal y Breviario Romanos*, Amberes: Imprenta Plantiniana, 1756.

[299] *Oficio de la Semana Santa, según el Missal y Breviario Romanos*, Amberes: Imprenta Plantiniana, 1760.

[300] *Oficio de la Semana Santa, según el Missal y Breviario Romanos*, Amberes: Imprenta Plantiniana, 1761.

Dos ejemplares.

[301] *Oficio de la Semana Santa, según el Misal y Breviario Romanos*, Madrid: Joaquín de Ibarra, 1769.

Dos ejemplares.

[302] *Oficio de la Semana Santa, según el Misal y Breviario Romanos*, Madrid: Antonio Sancha, 1776.

[303] *Oficio de la Semana Santa, según el Misal y Breviario Romanos*, Madrid: Joaquín de Ibarra, 1779.

[304] *Oficio de la Semana Santa, según el Misal y Breviario Romanos*, Madrid: Benito Cano, 1788.

Dos ejemplares.

[305] *Oficio de la Semana Santa, según el Misal y Breviario Romanos*, Madrid: Joseph García Herreros 1792.

[306] *Oraciones para uso del Real Convento de Santa Isabel de Madrid, Recoletas del Orden de N. P. Agustín*, Madrid: s. i. t., 1754.

[307] OROZCO, Alonso, *Confesiones de este predicador...*, Madrid: Imprenta del Venerable Padre, 1730.

[308] OROZCO, Alonso de, *Regla de Nuestro Padre, San Agustín, y su Exposición en Castellano*, Madrid: Antonio Sancha, 1781.

[309] PALACIOS, Ventura, *Instrucciones Espirituales sacadas de los opúsculos del venerable Dionisio Cartujano...*, Tomo segundo, Madrid: Pedro Marín, 1776.

[310] PALAFOX Y MENDOZA, Juan de, *Gemidos del Corazón...*, Barcelona: Viuda de Piferrer, 17?

[311] PALAFOX Y MENDOZA, Juan, *El Pastor de Nochebuena*, Barcelona: Pablo Campins, 1721.

[312] PALMA, Luis de la, *Historia de la Sagrada Passión sacada de los quatro evangelistas*, Salamanca: Eugenio García de Honorato, 1731.

[313] PAN Y AGUA, Juan Carlos, *Compendio de la vida exemplar de la Venerable Madre Sor Teresa Juliana de Santo Domingo*, Salamanca: Eugenio García de Honorato, 1751.

[314] PAULOVVSKI, Daniel, *Locución de Dios al corazón de el Religioso en el Retiro Sagrado de los Exercicios Espirituales*, Salamanca: Antonio Villagordo, 1733.

[315] PÉREZ, Miguel, *La Virgen de Oliva. Discursos históricos y exornatorios de la Milagrosa Imagen de la Virgen María*, Salamanca: Francisco García Onorato, 1717.

Ex libris: Este libro de Nuestra Señora de la Oliba es de las Agustinas Recoletas de Salamanca.

[316] PETITE, Anselmo, *Los Santos Evangelios traducidos al castellano*, Tomo I, Valladolid: Viuda de don Tomás de Santander, 1785.

Ex libris: Este libro es del uso de Doña María del Carmen de Moya.

[317] PETITE, Anselmo, *Los Santos Evangelios traducidos al castellano*, Tomo II, Valladolid: Viuda de don Tomás de Santander, 1785.

Ex libris: Este libro es del uso de Doña María del Carmen de Moya.

[318] PINAMONTI, Juan Pedro de, *Compendio doctrinal muy útil para explicar y saber la Doctrina Christiana*, Salamanca: Antonio Villargordo, 1741.

[319] PINAMONTI, Juan Pedro de (trad. por el P. Juan de Gamiz), *La Cruz aligerada o motivos para confortarse en las tribulaciones*, San Sebastián: Bartholomé Riesto y Montero, 1738.

Ex libris: Este libro es de Antonia de Lezo y Pacheco en los passaxes a 26 de abril del año de 1754.

[320] PINAMONTI, Juan Pedro, *La Religiosa en Soledad, obra en que se expone a las religiosas el modo de emplearse con fruto en los Exercicios Espirituales*, Madrid: Francisco del Hierro, 1723.

Cinco ejemplares.

En uno de los ejemplares se lee el siguiente poema manuscrito:
«Serás especial profesar/ Josepha/ Si agradas, como
Marsela/ Michaela/ A Dios con su perfección/ Concepción/
Nociudo (nocludo) tu dirección/ será siempre a lo divino,/ como
monxa de Agustino/ Josepha Michaela de la Concepción.

Ex libris: Josepha Michaela de la Concepción.

Ex libris de otro ejemplar: Este libro se le envió a la Madre Mariana de San Tomás de Villanueva su confesor, el reverendísimo padre Miguel Jerónimo de Ycar, de la Compañía de Jesús. Es de las Monjas Agustinas Recoletas de Salamanca.

[321] PINAMONTI, Juan Pedro, *La Religiosa en Soledad, obra que se expone a las Religiosas. El Modo de emplearse con fruto en los Exercicios Espirituales de San Ignacio de Loyola*, Madrid: Antonio Sanz, 1733.

Ex libris: Soi del uso del padre lector Lucas Martínez, religioso premostratense.

[322] PINTÓN, Josef, *Compendio histórico de la Religión desde la Creación del mundo... Para el uso de la juventud*, Madrid: Joaquín Ibarra, 1765.

[323] PINTÓN, Josef, *Compendio histórico de la Religión desde la Creación del mundo...*, Tomo Segundo, Madrid: Joaquín Ibarra, 1772.

Al final la siguiente anotación: Si este libro se perdiera, como suele acontecer, se le se an volver a Alicada.

[324] PONSI, Domingo, *Vida de la Beata Lucia de Nardi Virgen, de la Orden de Predicadores*, Valencia: Joseph Thomás Lucas, 1744.

[325] PORTILLO Y AGUILAR, Sebastián de, *Chrónica Espiritual Augustiniana. Vidas de Santos, Beatos y Venerables Religiosos y Religiosas del Orden de su Gran Padre San Agustín, para todos los días del año*, Tomo Primero, Madrid: Imprenta de fray Alonso de Orozco, 1731.

[326] PORTILLO Y AGUILAR, Sebastián de, *Chrónica Espiritual Augustiniana. Vidas de Santos, Beatos y Venerables Religiosos y Religiosas del Orden de su Gran Padre San Agustín, para todos los días del año*, Tomo Tercero, Madrid: Imprenta de fray Alonso de Orozco, 1732.

[327] PORTILLO Y AGUILAR, Sebastián de, *Chrónica Espiritual Augustiniana. Vidas de Santos, Beatos y Venerables Religiosos y Religiosas del Orden de su Gran Padre San Agustín, para todos los días del año*, Tomo Cuarto, Madrid: Imprenta de fray Alonso de Orozco, 1732.

[328] PRESENTACIÓN, Juan de la, *Vida Devota de la Beata Madre, María Ana de Jesús*, Madrid: Isidoro de Hernandez Pacheco, 1784.

[329] PUENTE, Luis de la (jesuita), *Tesoro escondido de las enfermedades y trabajos descubierto por...*, Madrid: Imprenta de Manuel Fernández, 1750.

[330] PUIMAYOR Y BUDAR, *Compendio histórico de la Vida del Beato Gaspar de Bono, del Orden de Mínimos*, Valencia: Joseph Estevan, 1787.

[331] QUEVEDO, Manuel de, *Compendio breve de la dilatada vida del Venerable Padre, fray Alonso de Orozco...*, Madrid: Imprenta del Venerable Padre, 1730.

[332] QUEVEDO, Manuel de (agustino), *Correa de San Agustín que a su Madre, Santa Mónica, dio María Santísima*, Madrid: Herederos de Antonio González de Reyes, 1727.

Ex libris: Este libro presentó a la hermana Ángela Rosenda un religioso de la orden Agustino Calzado, año de 1766.

[333] QUIJANO, Gabriel, *Epístolas de S. Pablo Apóstol parafraseadas*, Madrid: Imprenta Real, 1786.

[334] QUILES, Joseph (trad.), *La Religiosa Instruida y dirigida a todos los estados de la vida con diálogos familiares*, Murcia: Francisco Benedito, 1774.

Dos ejemplares.

Ex libris en uno de ellos: De el uso de fray Manuel Menéndez.

[335] QUINTANA, Eusebio, *Prodigiosa Vida del muy ilustre varón, y extático héroe, comúnmente conocido por el Padre de la Caridad..., el Beato Padre Francisco Caraciolo*, Madrid: Antonio Marín, 1769.

Anotación manuscrita: En el año 1773 dio a la Comunidad este libro el Reverendísimo Padre Lector fray Juan Domínguez, clérigo menor en su colegio de San Carlos desta ciudad de Salamanca. Agustinas Recoletas.

[336] RASPEÑO, Diego, *Vida y Virtudes del Venerable y Ilustrísimo Señor, Don fray Juan de Montalván, Obispo de Guadix y Baza, y Electo de Plasencia, de la Orden de los Predicadores*, Salamanca: Eugenio de Honorato, 1726.

Ex libris: Antonia de Leza.

[337] *Regla de San Agustín y Constituciones de su Religión*, Madrid: Juan Sanz, 1719.

Dos ejemplares.

[338] *Regla de San Agustín y Constituciones para las hermanas Religiosas de la Visitación...*, Madrid: Antonio Marín, 1749.

Nota: Bella encuadernación con el escudo de los Condes de Monterrey.

[339] *Regla de N. P. San Agustín y su exposición en castellano*, Madrid: Antonio de Sancha, 1781.

[340] RIBADENEYRA, Pedro de, *Las Confesiones del Glorioso Doctor de la Iglesia, San Agustín*, Madrid: Ángel Pasqual Rubio, 1726.

[341] RIBADENEYRA, Pedro de, *Segunda Parte de las Confesiones del Glorioso San Agustín*, Madrid: Ángel Pasqual Rubio, 1726.

[342] RIBADENEYRA, Pedro de, *Meditaciones, Soliloquios y Manual del Glorioso Doctor de la Iglesia, San Agustín*, Pamplona: Joseph Joaquín Martínez, 1720.

Dos ejemplares.

[343] RIBADENEYRA, Pedro de, *Meditaciones, Soliloquios, y Manual del Glorioso Doctor de la Iglesia, San Agustín*, Amberes: Juan Verdussen, 1720.

Ex libris: Francisco Alonso.

Anotación manuscrita al fin: Manos mías, me alegraré que si este libro se perdiese le digo, al que se le entregue si lo quiere volver.

[344] RIBADENEYRA, Pedro de, *Meditaciones del Glorioso Doctor de la Iglesia, San Agustín*, Madrid: Antonio Balbás, 1755.

Anotación: Devoción para la Asunción de María. *Ex libris* tachado, ilegible.

[345] RIGUAL, Josef, *Oficio de la Semana Santa y Semana de Pascua*, Madrid: Pedro Marín, 1785.

[346] RIGUAL, Josef, *Oficio de la Semana Santa y Semana de Pascua*, Madrid: Pedro Marín, 1786.

[347] RIGUAL, Josef, *Oficio de la Semana Santa y Semana de Pascua*, Madrid: Imprenta Real, 1788.

Dos ejemplares.

[348] RIGUAL, Josef, *Oficio de la Semana Santa y Semana de Pascua*, Madrid: Imprenta Real, 1798.

[349] *Rituale seu Manuale Romanum Pauli V Pont. Maximi Iussu Editum cum Cantu Toletano...*, Amberes: Tipografía Plantiniana, 1750.

[350] RODRÍGUEZ DE ARELLANO, Joseph Xavier, *Avisos que se daba a sí misma la Seráfica Doctora, Santa Teresa de Jesús*, Tomo Primero, Burgos: Joseph de Navas, 1777.

Ex libris: Este libro es de la Comunidad de las Agustinas Recoletas de Salamanca. Se le regaló a la Madre Ana María de Jhesús el reverendísimo padre maestro fray José Barcina, religioso de nuestra Orden, haultual Rector del Colegio de Doña María de Aragón. Año 1781.

[351] RODRÍGUEZ DE ARELLANO, Joseph Xavier, *Avisos que se daba a sí misma la Seráfica Doctora, Santa Teresa de Jesús*, Tomo Segundo, Burgos: Joseph de Navas, 1780.

Ex libris: Este libro es de la Comunidad de las Agustinas Recoletas de Salamanca. Se le regaló a la Madre Ana María de Jhesús el reverendísimo padre maestro fray José Barcina, religioso de nuestra Orden, haultual Rector del Colegio de Doña María de Aragón. Año 1781.

[352] RODRÍGUEZ DE CISNEROS, Juan, *Vida de la Venerable Madre Sor Gerónima de Jesús y Carrillo*, Madrid; Thomás Rodríguez Frías, 1727.

Ex libris: Este libro da Theresa de la Encarnación y Anguza y Mendoça.

[353] ROMELINI, Gavino, *Vida, Martirio, Virtudes y Milagros de San Juan Nepomuceno...*, Valencia: Joseph Estevan Dolz, 1734.

[354] ROSELL, Basilio Tomás, *El Monacato o Tardes Monásticas*, Valencia: Salvador Faulí, 1787.

[355] ROSIGNIOLI, Carlos Gregorio, *Noticias Memorables de los Exercicios Espirituales de San Ignacio de Loyola*, Salamanca: Eugenio García de Honorato y San Miguel, 1731.

[356] SALAMÓ, Simón, *Regla de Vida muy útil para los pobres*, Madrid: Blas Román, 1776.

[357] SALAZAR, Francisco de, *Afectos y Consideraciones Devotas y Eficacissimas*, Salamanca: Eugenio Antonio García, 1716.

[358] SALAZAR, Francisco de, *Afectos y Consideraciones Devotas y Eficacissimas*, Salamanca: Eugenio García de Honorato, 1731.

[359] SALAZAR, Francisco de, *Afectos y Consideraciones Devotas y Eficacísimas*, Salamanca: Antonio Joseph Villargordo y Alcaraz, 1749.

Ex libris: Este libro de don Manuel Pasqual, capellán de la Santa Iglesia.

Anotación: Costó quatro reales el día 17 de noviembre de 1758.

[360] SALAZAR, Francisco de, *Afectos y Consideraciones Devotas y Eficacísimas*, Barcelona: María Ángela Martí, 1766.

[361] SALAZAR, Francisco de, *Afectos y Consideraciones Devotas y Eficacísimas*, Madrid: Manuel Martín, 1778.

[362] SALAZAR, Francisco de, *Afectos y Consideraciones devotas sobre los quatro novísimos, añadidas a los ejercicios de la primera de San Ignacio de Loyola*, Madrid: Manuel Martín, 1780 .

[363] SALES, Francisco de, Santo, *Introducción a la Vida Devota*, Madrid: Joseph García Lanza, 1760.

[364] SALES, Francisco de, Santo, *Introducción a la Vida Devota*, Madrid: Plácido Barco López, 1789.

Ex libris: Teresa de Nuestro Padre San Agustín y de la Santa Obediencia.

[365] SALES, Francisco de, Santo, *Introducción a la vida devota* (trad. por Pedro de Silva), Madrid: Viuda de Ibarra, 1793.

[366] SALOMÓ, Simón, y GELABERT, Melchor, *Regla de vida muy útil para los pobres y para el pueblo menos instruido, muy saludable a los rica y a las personas doctas*, Barcelona: Juan Francisco Piferrer, 17?

[367] SALÓN, Miguel (agustino), *Vida de Santo Thomas de Villanueva*, Salamanca: Eugenio García Honorato, 1737.

Dos ejemplares.

[368] SAN ÁNGEL, Juan de, *Disciplina religiosa en consideraciones espirituales*, Madrid: Viuda de Matheo Blanco, 1717.

Ex libris: Este libro me lo dio mi confesor don Justo Morán es de las Madres Recoletas. M^a Ana de San Joseph.

[369] SAN ANTONIO, Juan de, *Historia de la Nueva, Admirable y Portentosa Imagen de Nuestra Señora de la Portería de Ávila y de su fiel Camarero, fray Luis de San Joseph...*, Salamanca: Antonio Villarroel y Torres, 1739.

[370] SAN ANTONIO, Marcos de, *Vida Prodigiosa de la Venerable Madre Sor Clara de Jesús María, Virgen Admirable...*, Madrid: Manuel Sanz, 1734.

[371] SAN BERNARDO, Francisco de, *Vida del Venerable Padre Fray Thomas de la Virgen, religioso descalzo de la Orden de la Santísima Trinidad*, Madrid: Antonio Marín, 1747.

[372] SAN BERNARDO, Juan de, *Vida y Milagros de Santa Rosalia Virgen*, Madrid: Manuel Martín, 1774.

[373] SAN DIEGO, Luis de, *Compendio de la Vida del Beato fray Miguel de los Santos*, Madrid: Manuel Martín, 1779.

[374] SAN JOSEPH, Chistoval de (trad.), *San Agustín de la Santa Virgindad*, Madrid: Antonio Sanz, 1749.

Ex libris: Este libro se le dio el reverendo religioso agustino Francisco Juan Manzano a la hermana Ángela Rosenda. Año de 1776.

[375] SAN JUAN BAUTISTA, Cayetano de, *Explicación de la Doctrina Christiana según el método con que enseñan los Padres de las Escuelas Pías...*, Valladolid: Viuda e Hijos de Santander, 1793.

[376] SANCHÍS, Joseph, *Obras Espirituales del Venerable Padre, fray Juan Falconi, del Real y Militar Orden de María Santísima de la Merced*, Madrid: Antonio Marín, 1763.

[377] SANCHÍS, Josef, *Obras espirituales del venerable padre presentado, fray Juan Falconi, del Real y Militar Orden de María Santísima de la Merced*, Madrid: Pedro Marín, 1780.

[378] SANTA MARÍA Y ULLOA, Pedro, *Arco Iris de Paz, cuya cuerda es la consideración y meditación para rezar el Santísimo Rosario de Nuestra Señora*, Sevilla: Lucas Martín, 1718.

[379] SANTA TERESA, Juan Josef de, *Finezas de Jesús Sacramentado para con los hombres, e ingraticudes de los hombres para con Jesús Sacramentado*, Salamanca: Andrés García Rico, s. a.

Dos ejemplares.

[380] SANTANDER, Francisco de (trad.)(franciscano capuchino), *El Capuchino Retirado por diez días en sí mismo...*, Madrid: Imprenta de D. Manuel Martín, 1772.

[381] SANTO MATÍA, Juan de, *Obras Espirituales que encaminan a la más perfecta unión con Dios*, Pamplona: Pasqual Ibáñez, 1774.

Ex libris: Aora está a uso de la ermana María de la Visitación y después de la Comunidad de Agustinas Recoletas de Medina del Campo.

[382] SEVILLA, Isidoro de (capuchino), *Novena a la Gloriosissima, Fervorosa Penitente, Gloriosa Arrepentida y Afectuosissima Amante de Dios, Sra. Santa María Magdalena*, Sevilla, 1726.

¶ Unida a ella:

Novena del glorioso San Antonio de Padua, luz de la Iglesia..., s. i. t.

Novena de la Dolores y Amarguísima Soledad de María Santísima, Madrid: Imprenta de la Viuda de Manuel Fernández, 1755.

Mútila de portada.

[383] SICARDO, Joseph, *Vida y Milagros del Glorioso San Nicolás de Tolentino*, Madrid: Manuel Ruiz de Murga, 1701.

[388] SIGÜENZA, Joseph de (jerónimo), *Instrucción de Mestros, Escuela de Novicios, Arte de perfección Religiosa y Monástica*, Madrid: Joseph Rodríguez, 1712.

[389] TELLADO, Buenaventura, *Nuevo Manojito de flores, en tres ramilletes compuesto de varias Flores para todas las personas cathólicas, eclesiásticas y religiosas*, Madrid: Joaquín Ibarra, 1761.

[390] TELLO, Diego, *Vida, Milagros y Martyrio del Gloriosísimo Arzobispo de Sevilla, San Laureano...*, Roma: Cayetano Cenobio, 1722.

[391] TERCERO, Josef, *La Virgen en el templo, honrando el templo, virtudes heróicas que exercitó María Santíssima, Señora Nuestra, mientras vivió en el Templo*, Sevilla: Joseph Padrino, 1755.

[392] *Traducción métrica castellana de los hymnos y seqüencias de el Breviario y Missal Romano...*, Madrid: Imprenta del Convento de la Merced, 1744.

Ex libris: Del uso de la madre Antonia religiosa recoleta del convento de Salamanca.

[393] UROSA, Froylán, *Instrucción de novicios cistercienses de la Congregación de San Bernardo y Observancia de Castilla*, Madrid: s. i. t., 1713.

[394] UROSA, Froylán de, *Instrucción de novicios cistercienses de la Congregación de San Bernardo*, quarta impresión, s. i. t. (pero p. q. 1713).

Ex libris: Roberto de Lavandera.

Anotación: Digo yo fray Roberto de Lavandera que he tomado el santo hávito el día 13 de abril de 131 en este real monasterio de Hoya, siendo el reverendísimo padre fray Anselmo abad deste convento y el padre maestro Andrés Montero.

[395] UROSA, Froylán de, *Instrucción de novicios cistercienses de la Congregación de San Bernardo*, Valladolid: Herederos de don Thomás de Santander, 1782.

Dos ejemplares.

Ex libris de uno de ellos: En uso de fray Remigio García, monje de San Bernardo del Monasterio de Sera.

[396] VEGA Y TORYA, Francisco de la, *Vida del Venerable Siervo de Dios y Finíssimo Capellán de Maria Santíssima, Padre Maestro fray Simón de Roxas...*, Madrid: Manuel Martín, 1760.

[397] VELA Y OLMO, Manuel, *El alma al pie del Calvario*, Madrid: Benito Cano, 1795.

[398] VELA Y OLMO, Manuel (trad.), *Moysés considerado como legislador y moralista. Obra escrita en francés por Mr. de Pastoret*, Madrid: Cano, 1798.

[399] VENTURA, Joseph Raphael, *Sagrado Áureo Engaste de la mejor joya compuesta de cinco preciosas piedras...*, que formó la nobilísima ciudad de Salamanca en las solemnes fiestas celebradas en honra de los Santos Mártires, Arcadio, Probo, Paschasio, Eutychiano y Paulillo, Salamanca: Nicolás Joseph Villargordo, 1745.

Dos ejemplares. Uno de ellos sin el grabado calcográfico de los santos; el otro, con una gran mancha de aceite en los últimos folios.

[400] VERGARA Y AZCÁRATE, Cayetano, *Vida del Venerable Siervo de Dios, Pablo Burali de Arezo*, Madrid: Pedro Marín, 1772.

Tres ejemplares.

[401] VERGARA, Sebastián de, *Vida y Milagros de el Thaumaturgo Español, Moysés Segundo, Redemptor de Cautivos, Abogado de los Felices Partos, Santo Domingo Benedictino*, Madrid: Herederos de Francisco de Hierro, 1736.

Ex libris: Este libro le inbió el Reverendo padre fray Matheo de la Barzena a su hermana María Thomasa de San Gerónimo. Es de las madres Recoletas de Salamanca.

[402] VERGE, Juan Bautista, *Memorial de la Misión, Meditaciones cotidianas dedicadas al Patriarca, San Phelipe Neri*, Madrid: Andrés de Sotos, 1787.

[403] VICENTE TOSCA, Thomás, *Vida, Virtudes y Milagros de la Venerable Madre Sor Josepha María (En el siglo Josepha Albiñana)*, Valencia: Joseph Estevan Dolz, 1737.

[404] *Vida de Santa Genoveva, Princesa de Brabante*, Madrid: Gabriel del Barrio, 1726.

[405] VIDAL, Manuel, *Augustinos de Salamanca. Historia del Observantísimo Convento de San Agustín, Nuestro Padre, de dicha Ciudad*, Primer Tomo, Salamanca: Eugenio García de Honorato, 1751.

[406] VIDAL, Manuel, *Augustinos de Salamanca. Historia del Observantísimo Convento de San Agustín, Nuestro Padre, de dicha Ciudad*, Segundo Tomo, Salamanca: Eugenio García de Honorato, 1751.

Ex libris: Soy de las Madres Agustinas Recoletas de Salamanca. Este libro le tiene a su uso la hermana Ana María de Jhesús.

[407] VILLACASTÍN, Tomás de, *Manual de Ejercicios Espirituales para tener oración mental*, Salamanca: s. i. t., 1737.

[408] VILLACASTÍN, Tomás de, *Manual de Ejercicios Espirituales para tener oración mental*, Barcelona: Juan Piferrer, 1739.

Ex libris: Para uso de Sor Ángel Thomasa Gutiérrez. Para uso de Francisca Martínez.

[409] VILLACASTÍN, Tomás de (jesuita), *Manual de Ejercicios Espirituales para tener Oración mental*, Barcelona: María Ángela Martí, 1767.

Dos ejemplares.

Es libris en uno de ellos: Este libro es de Don Francisco Domínguez.

Anotación: Costó 4 reales.

[410] VILLACASTÍN, Thomas de, *Manual de Ejercicios espirituales para tener oración mental*, Madrid: Antonio Sancha, 1781.

[411] VILLAFANE, Juan de, *Idea de perfección propuesta al mundo para su imitación y desengaño... Vida, Virtudes y Milagros de la Venerable Petronila de San Lorenzo, religiosa Agustina Recoleta*, Salamanca: Francisco Garcia Onorato 1721.

Ex libris: Es de la madre Rosa de Santa Theresa de Jhesús.

[412] VILLANUEVA, Juan Lorenzo, *Oficio de la Semana Santa traducido al castellano para uso de todos los fieles*, Barcelona: Carlos Gilbert y Tutó, 1784.

[413] VILLARROEL, Diego de Torres, *Obras*, Tomo I, Salamanca: Pedro Ortiz Gomez, 1752.

[414] VILLARROEL, Diego de Torres, *Obras*, Tomo II, Salamanca: Pedro Ortiz Gomez, 1752.

Mútilo de portada.

[415] VILLARROEL, Diego de Torres, *Obras*, Tomo III, Salamanca: Pedro Ortiz Gomez, 1752.

Mútilo de portada.

[416] VILLARROEL, Diego de Torres, *Obras*, Tomo IV, Salamanca: Pedro Ortiz Gomez, 1752.

[417] VILLARROEL, Diego de Torres, *Obras*, Tomo V, Salamanca: Pedro Ortiz Gomez, 1752.

Mútilo de portada.

[418] VILLARROEL, Diego de Torres, *Obras*, Tomo VI, Salamanca: Pedro Ortiz Gomez, 1752.

Mútilo de portada.

[419] VILLARROEL, Diego de Torres, *Obras*, Tomo XI, Salamanca: Pedro Ortiz Gomez, 1752.

Mútilo de portada.

[420] VILLARROEL, Diego de Torres, *Obras*, Tomo XII, Salamanca: Pedro Ortiz Gomez, 1752.

[421] VILLARROEL, Diego de Torres, *Obras*, Tomo XIII, Salamanca: Pedro Ortiz Gomez, 1752.

[422] VILLEGAS, Alonso de, *Flos Sanctorum*, Madrid: Francisco de Hierro, 1721.

[423] XIMÉNEZ, Francisco, *Epístolas de San Pablo Apóstol traducidas de la Vulgata*, Madrid: Ramón Ruiz, 1799.

[424] ZARAGOZA, Joseph de, *Espejo Carmelitano en que claramente se ven Indulgencias, Gracias, Privilegios y favores Espirituales que gozan los Hermanos Terceros de la Beatissima Virgen del Carmen...*, Salamanca: Imprenta de la Santa Cruz, 1727

[425] ZARAGOZA, Joseph de, *Espejo Carmelitano en que claramente se ven Indulgencias, Gracias, Privilegios y favores Espirituales que tienen y pueden gozar los Hermanos Terceros Carmelitas* Salamanca: Imprenta de la Santa Cruz por Antonio Villarroel y Torres, 1742.

[426] ZEBALLOS, Eugenio de, *Meditaciones, Soliloquios i Manual del Gran Padre San Agustín*, Tomo I, Madrid: Gerónimo Ortega, Hijos de Ibarra y Compañía, 1788.

[427] ZEVALLOS, Luis Ignacio (jesuita), *Passión de Christo comunicada por admirable beneficio a la Madre Juana de la Encarnación*, Madrid: Imprenta de Francisco Fernández, 1720.

[428] ZEVALLOS, Luis Ignacio de, *Vida y Virtudes, Favores del Cielo... de la Venerable Madre Juana de la Encarnación, religiosa augustina descalza*, Madrid: Manuel Fernández, 1717.

[429] ZIFUENTES, Alonso de, *Vida, Heróycas Virtudes y Prodigios del gran padre de pobres y insigne operario apostólico y venerable padre, Jacinto de Loyola*, Pamplona: Francisco Picart, 1706.

Anotación manuscrita: Para la Madre Hermana Andrea de Jhesús Nazareno, religiosa en el siempre magnífico y mui religioso combento de Monte Rey de Agustinas Recoletas en la Hespañola Athenas y noble ciudad de Salamanca. Lo encamina su más amante hermano que las la hestima y su mayor bien desea. Licenciado Lorezon Sanfisso y Moscosso.

4.2 Volumen, estado y conservación de los fondos.

Como ya he señalado anteriormente en nota, no se tienen en cuenta en este Inventario los cantorales manuscritos, aunque sí se recogen las dos obras manuscritas, copias de impresos, que carecen, por lo mismo, de mayor valor, pero que sirven como indicio tanto del interés concreto por la translación de Benito Cabeza, como la necesidad que posee en un momento dado la Comunidad de Agustinas de aumentar el volumen de ejemplares de sus *Reglas*, seguramente por una necesidad surgida en una época floreciente en la que Convento albergaría a un nùtrido número de hermanas.

En lo que respecta a los libros impresos, se han compilado un total de 630 entradas que corresponden a un número mayor de títulos, pues muchos volúmenes contienen dos o más obras. Así, las 7 entradas catalogadas para el siglo XVI representan en realidad un total de 12 obras, pues, por ejemplo en el ítem de fray Luis de Granada se recogen las cinco partes del *Símbolo de la Fe* en diferentes ediciones, junto al *Breve Tratado de la Santa Fe y Religión Christiana*. En el siglo XVII se compilan 194 entradas pero con 198 títulos; y ya en el siglo XVIII, en los 429 se recogen 433 títulos. Por otra parte no hay que olvidar que muchas obras poseen

ejemplares repetidos, normalmente dos y tres veces, cuando no superan la docena, como sucede con las obras propias de la Orden, lo que nos obliga a aumentar el volumen total de libros inventariados a más de 800. La cifra, por tanto, es importante y pone de manifiesto el esplendor de este Convento y la notoriedad de su biblioteca²⁵.

A simple vista llama la atención la diferencia numérica que existe entre los diferentes siglos, siendo con mucho el Setecientos la centuria de la que se poseen – conservan – mayor número de libros. La explicación a este respecto es bien simple, sobre todo si tenemos en cuenta la evolución histórica de este Convento: es el siglo XVIII cuando el Monasterio de la Purísima de Salamanca goza de su mayor auge y esplendor, una vez que han finalizado las obras de su edificación. Por otra parte, teniendo de nuevo a la vista sus avatares históricos, hemos de pensar que los volúmenes que pertenecen al siglo XVI entraron en el Convento después de 1612, pues la Riada de San Policarpo acaecida en aquel año acabó con el antiguo cenobio, perdiéndose en la misma todas las pertenencias de las agustinas, como hemos tenido ocasión de notar más arriba. Es importante este hecho porque pone de relieve algo que se evidencia en los *ex libris* que aparecen en los diferentes libros: gran parte de las obras conservadas en esta biblioteca pertenecían en su origen a personas ajenas al Convento, diversos motivos – préstamos, regalos, cesiones... – posibilitaron el que acabasen entre sus muros. Nota ésta que redundaba en esa calificación de toda biblioteca como ente vivo, sometido a múltiples modificaciones.

Otro aspecto que conviene tener en cuenta es el estado de conservación de los libros. Mayoritariamente están bien conservados, aunque se observan abundantes ausencias de portadas, como queda recogido en las notas que acompañan a las entradas bibliográficas. Las humedades, insectos o roedores apenas han hecho mella, al menos en los ejemplares que han quedado en esta biblioteca. No obstante muchos de ellos aparecen con amplias manchas de aceite, o restos de cera de velas, lo que denota su lectura, a veces incluso continuada. Un tanto de lo mismo se puede indicar respecto al desgaste del papel de algunos ejemplares, así como la reconstrucción de portadas y páginas de algunos libros que nos hablan del interés de estos textos²⁶.

²⁵ Puede compararse esta cifra con los 113 títulos que compila Blanca RODRÍGUEZ BRAVO en su *Catálogo Bibliográfico del Monasterio de la Inmaculada Concepción de León (Siglos XVII y XVIII)*, León, 1994.

²⁶ El desgaste es patente en los impresos del siglo XVII, obras por otra parte, como es bien sabido, estampadas en papeles de baja calidad, de ahí que su conservación no siempre es óptima. En cuanto a las reconstrucciones son interesantes porque además de ser indicio, como se ha señalado, del

Las encuadernaciones en su mayoría son de pergamino, aunque cabe resaltar el hecho de que los libros de rezo – breviarios, misales, oficios... – conservan mayoritariamente sus encuadernaciones originales en piel adornada y con cierres metálicos. En las obras del siglo XVIII se observa cierta abundancia del uso editorial de las típicas pastas valencianas, al igual que se conservan algunos textos con bellas encuadernaciones en piel marcadas con el escudo de los Condes de Monterrey.

Por último cabe resaltar el hecho de que en muchos libros han sido recortados los grabados – estampas de santos de la Orden primordialmente – e introducidos en otras obras, junto a restos de láminas de devoción popular del Setecientos sobre todo. Esta tendencia ha sido primordialmente constable en los libros de rezo, donde los recortes, preces y notas manuscritas de sus propietarios se perdían entre sus hojas.

4.3 Libros en el convento y para el convento.

A poco que revisemos el Inventario de las obras que se han conservado en este Convento nos daremos cuenta rápida de los intereses literarios de este Monasterio. Abundan, como es lógico los libros de rezo – breviarios, misales y oficios principalmente –, impresos en su mayor parte, sobre todo en lo que atañe al siglo XVII, en Amberes en los famosos talleres de los Herederos de Plantino, quienes desde el siglo XVI poseían en exclusiva, como es sabido, el privilegio para la estampación de estos textos²⁷. Junto a ellos los libros propios de la Orden – reglas, manuales... –, las obras de San Agustín y textos varios de sus santos y beatos, como el Padre Orozco. En segundo término cabe resaltar la abundancia de ejemplares de las obras de Santa Teresa en diversas ediciones y de otros carmelitas como San Juan de la Cruz. Junto a ellos, las obras de San Francisco de Sales, u otros textos franciscanos como los de Francisco Arbiol, los *Desengaños místicos* o *La religiosa instruida* – que se complementa con

interés de la obra en cuestión, nos indica que debió de existir otro ejemplar de la misma obra que sirviera de modelo para copiar los párrafos o las hojas perdidas.

²⁷ Para este particular véase la obra de Colin CLAIR, *Cristóbal Plantino, editor del Humanismo*, Madrid, 1964, 137-154; asimismo téngase en cuenta los trabajos de Maurits Sabbe, *Viaje a España del librero Baltasar Moreto*, trad. y notas de Antonio RODRÍGUEZ-MOÑINO, Madrid, 1944; Christian PELIGRY, *La Oficina Plantiniana y los libros litúrgicos y su difusión en España: Un caso de estrategia editorial*, in *Simposio Internacional sobre Cristóbal Plantino*, ed. de Hans TROMP y Pedro PEIRA, Madrid, 1990, 63-75;

La religiosa enseñada del dominico Jaime Barón y Arín y *La religiosa en Soledad* de Giovanni Pietro Pinamonti –. El *Año christiano* de Croiset, los *Combates Espirituales* de Lorenzo Escupoli, florilegios y vidas de santos de varias Órdenes, o los clásicos *Exercicios espirituales* del cartujo Antonio de Molina junto a las *Meditaciones* del jesuita Luis de la Puente, vienen a completar la larga lista de obras más usuales que se encuentran esta biblioteca.

Entre este *mare magnum* de libros habituales en su mayoría en gran parte de los monasterios de clausura, me interesa destacar una serie de obras por su relación directa con nuestro Convento. Se conserva un ejemplar completo de los cuatro volúmenes del *Esclarecido Solar de las religiosas recoletas de Nuestro Padre San Agustín* de fray Alonso de Villerino (Madrid, 1690-1694), en cuyo segundo volumen se encuentra la descripción del Convento de la Concepción de Salamanca (Vid. Figura I). De las varias ediciones de *Las confesiones* de San Agustín, es resaltable la edición que imprime en Bruselas Francisco Foppens en 1674, según traducción del jesuita Pedro de Ribadineyra dedicada a doña Inés de Zúfiga. Esta noble, como se señaló más arriba, había heredado de su tía la condesa doña Leonor María de Guzmán el VII condado de los Monterrey, y se le había encomendó la labor de continuar el mecenazgo en la construcción de algunas dependencias del Convento de las Madres Agustinas Recoletas. Ello explica la dedicatoria de la obra agustiniana, al igual que el tratamiento de «Mi señora» que le da en la portada el impresor y librero Francisco Foppens – no olvidemos que los Condes de Monterrey, entre otros importantes cargos públicos, desempeñaron el papel de Gobernadores Generales de Flandes – (Vid. Figura III).

Mayor vinculación con este Convento tendrán los dos pliegucitos sueltos, impresos con toda seguridad en Salamanca en el siglo XVIII, que tratan sobre la elección de la priora – siguiendo la costumbre habitual de todos los conventos de esta Orden – y el *Modo de recibir al Señor Obispo*, texto compuesto *ex profeso* para este cenobio (Vid. Figura II). De ellos, dada su extrema rareza ya que tan sólo se conservan los ejemplares que se custodian en esta biblioteca, me ha parecido oportuno incluir una edición en el *Apéndice* que se acompaña a este estudio. Algo semejante se puede señalar respecto al *Modo de dar el hábito a las que entraren en esta Sagrada Religión de nuestro Padre San Agustín* (Salamanca, 1725), texto del que poseemos lógicamente un importante número de ejemplares dentro del Convento para uso a lo largo de los años de las diferentes hermanas y de las novicias que profesaban. Fue impreso con toda seguridad, como es lógico

pensar, por encargo de este Monasterio, en la ciudad del Tormes en los talleres de la impresora de la Universidad María Estévez (Vid. Figura V).

Hay que tener también en cuenta textos como el *Sagrado Áureo engáste de la mejor joya... que formó la nobilísima ciudad de Salamanca en las solemnes fiestas celebradas en honra de los Santos Mártires Arcadio, Probo, Paschasio, Eutychiano y Paulillo* (Salamanca, 1745), del que se conservan dos ejemplares dentro del Convento. Esta obra, cuyo título nada nos aporta a nuestro particular, mucho tiene que ver con este cenobio, pues, según leemos en su interior, en las fiestas que se celebraron para conmemorar el Decreto que meses antes había expedido el Papa, aprobando un Oficio propio con Rito Doble mayor para toda la diócesis salmantina en honor y culto de estos cinco pseudomártires locales, se dijeron varios sermones desde el púlpito de la Iglesia de la Purísima, al igual que se pintó un Vitor en la fachada externa del Monasterio como homenaje a tan fatuo acontecimiento (Vid. Figura VI)²⁸. Lo mismo se puede decir del *Compendio histórico de la ciudad de Salamanca* del cronista Bernardo Dorado, en donde se alude expresamente varias veces a esta Comunidad de religiosas (Vid. Figura VIII)²⁹; o la *Historia del Convento de San Agustín* de Salamanca de fray Manuel Vidal (Vid. Figura VII); libros todos ellos que nos manifiestan la vitalidad de este Monasterio a lo largo del Setecientos y su vinculación con los principales acontecimientos de la vida salmantina de esta época.

No hay que perder de vista además que en una biblioteca de estas características podremos encontrarnos con obras que desconocemos o de las que poseemos tan sólo una obscura noticia. Así, por ejemplo, hallamos dos ejemplares diferentes de una *Regla de San Agustín*, salidas el mismo año de la misma imprenta; la tipobibliografía clásica tan sólo describe una de ellas (Vid. Figura IV).

Existen ciertamente libros que extrañan por su temática en la biblioteca de un convento femenino. Es el caso, entre otras, de las obras completas del polifacético Diego de Torres Villarreal. GARCÍA BOIZA nos da la clave para entender la razón de su existencia:

²⁸ Sobre este particular véase el artículo de Jacobo SANZ HERMIDA, *Sobre el Rezo Doble de los cinco mártires, naturales de Salamanca*, in *Revista de Estudios*, 40 (1998) [En prensa]. El libro en cuestión posee una bella portada a tres tintas, y tras ella un hermoso grabado calcográfico de Tomás Francisco Prieto en donde se representa a estos cinco santos. Para la actividad de este grabador salmantino, véase el catálogo *Libros de un grabador del XVIII*, Madrid: Fábrica Nacional de Moneda y Timbre, 1992.

²⁹ Conservan en su biblioteca la primera emisión de este importante texto de la historiografía salmantina. Para su estudio y descripción puede verse el artículo de Jacobo SANZ HERMIDA, *Fuentes historiográficas salmantinas: Las ediciones del Bernardo Dorado*, in *Revista de Estudios*, 39 (1997), 275-294.

«El convento amplísimo conserva todavía lo que fueron paneras inmensas, que ocupan más de treinta metros de fachada a la calle de la Compañía, donde se encerraba el trigo de la renta de este Convento, que sostenía de modo habitual siete capellanes. Uno de estos siete capellanes lo fue en el siglo XVIII aquel extraño personaje, el “Piscator Salmantino”, don Diego de Torres Villarroel, que siendo, además, administrador de los Condes de Monterrey, vivió en el propio palacio y allí murió»³⁰.

Es lógico, por tanto, que si Torres Villarroel fue capellán de las Agustinas Recoletas de Salamanca les hubiera regalado un ejemplar de sus obras, como por otra parte debía de ser usual, según podemos deducir de la nota que aparece en la obra del clérigo reglar, lector de Sagrada Theología en el Colegio de Salamanca, don Eugenio Calderón de la Barca, *Vida, Virtudes y Milagros del Glorioso Patriarca San Cayetano Thiene...* (Madrid, 1727), en cuya portada leemos: «Este libro dio a la Comunidad el padre don Eugenio Calderón de la Barca, mi hermano, cuyas cartas son suyas».

Un último aspecto importante: algunas obras que se difundieron en varios volúmenes se han conservado completas con volúmenes de ediciones diferentes, lo que tal vez haya que explicar como el resultado de un interés particular de alguna monja — ¿de la priora para el convento? — por tener la totalidad del texto³¹. Es el caso, entre otras, de la *Mística ciudad de Dios* de Sor María de Jesús de Ágreda, de la que se conservan dos primeras partes, impresas en Madrid por Bernardo de Villa-Diego (1670) y en Lisboa por Antonio Craesbeeck de Mello (1681), respectivamente; la segunda parte también de Lisboa, pero del taller de Miguel Manescal (1680), y la tercera parte de nuevo en Madrid, por Bernardo de Villa-Dieg (1670). Por el contrario, hallamos numerosas lagunas de obras que aparecen incompletas, de las que tan sólo se conservan uno o dos ejemplares, pero que nos inducen a pensar que en alguna época debió de poseerse la totalidad³².

³⁰ *Una fundación de Monterrey*, ed. cit., 31-32.

³¹ Tampoco se me escapa el hecho de que estas obras pudieran haber pertenecido a otra persona ajena al Convento, quien las completó, y que más tarde estos libros hubieran ido a parar allí a través de los varios cauces ya señalados.

³² No hay que perder tampoco de vista el hecho de que son escasas, quitando los libros de rezo, las obras en lengua latina, lo que tiene explicación en que la mayoría de las monjas no sabrían latín, frente a un convento masculino en donde los textos latinos de tema vario son abundantes.

4.4 Libros y lectoras.

Como ya se ha señalado los libros de rezo serían los más usuales a todas las monjas de éste o cualquier otro convento. Junto a éstos cada hermana tendría su particular biblioteca de libros de su pertenencia, que seguramente podría intercambiar con los de otra hermana. Las anotaciones y los *ex libris* que aparecen en guardas, portadas y colofones nos permiten en parte evidenciar la existencia de lectoras en potencia. Señalo “en potencia” porque en verdad no podemos pensar que el hecho de poseer un libro significa ser lector de un libro, aunque ciertamente sí posibilita el serlo. Por otra parte el número de ejemplares conservados de una misma obra, también puede tomarse como indicio del interés de ese texto en la comunidad.

Excede al propósito de este trabajo, dada ya su amplitud, analizar la ideología que subyace a las obras conservadas en esta biblioteca. En cambio me parece oportuno subrayar cómo se produce el acopio material de libros o, dicho de otra manera, cómo se incrementa una biblioteca de un convento femenino. De nuevo las anotaciones que aparecen en los libros son el único, a la vez que fiel, testimonio de este particular. Sabemos por ellas que los confesores regalaban libros a sus monjas, igual que hacía, como hemos visto, la priora, posiblemente para agasajar a alguna de sus hermanas. Asimismo un obispo podría donar alguno de estos libros, como aquellos *Trabajos de Jesús* de Tomé de Jesús dados por el Prelado de Plasencia a una agustina recoleta anónima, o como regalo de un Cardenal a la Comunidad, como se anota en las *Vidas de Santos Bienaventurados y personas Venerables de la Sagrada Religión de N. P. S. Benito*, de Antonio de Heredia:

«En la novena de 1626 años dio a la Comunidad el Eminentísimo Señor Cardenal don Joseph de Aguirre estas Crónicas de su Sagrada Religión en quatro tomos como éste, de que está este Convento de la Purísima Concepción de Recoletas de Nuestro Padre San Agustín desta ciudad de Salamanca muy agradecida».

Asimismo los familiares de algunas monjas les regalarían y donarían libros. Por ejemplo, leemos cómo al profesar en el Convento una monja recibe como dote de sus hermanos y tío varias obras, entre las que se encuentran las *Cartas Espirituales del Glorioso Señor San Francisco de*

Sales, de las que incluso se nos señala su estado físico³³:

«Mis hermanos Baltasar y don Melchor de Sotomayor Paez y Oribe, caballeros del orden de San Juan qua binieron a mi profesión con otro hermano y un tío y otros me dieron todas las obras de San Francisco de Sales y otros libros del coro y misal, todos nuebos y dorados».

Tampoco eran extraños los intercambios, préstamos y regalos de libros entre conventos femeninos de la misma orden, e incluso entre conventos masculinos y femeninos. Ello explica el número de obras que poseen *ex libris* de otros cenobios, como *El Cordero Vivo y Muerto*, *Vestigios Sangrientos del Redentor con la Cruz...*, de Gerónimo Escuela, en donde se da cumplida noticia de la vida de su antiguo poseedor y del nombre de la nueva propietaria:

«*Ex libris*: Fray Bernardo de San Lorenzo. Es de la comunidad que se le regaló hel Ilmo. Señor Don Francisco de San Andrés, monje gerónimo del Monasterio de San Leonardo, hestramuros de la Villa de Alva de Tormes, a su sovrina María Thomasa de la Presentación de María Santíssima, religiosa de coro hen este Convento observantíssimo de la Puríssima Concepción año de 1755. Murió con opinión de Santo, dicho Ilmo. que fue Ovispo de zela en las Indias yan silian de heste Ovispado de Salamanca».

No muchos más datos podemos extraer de los libros de la biblioteca de las MM. Agustinas Recoletas de Salamanca, y de la formación y la lectura que adquirirían a través de los mismos las monjas; lo que sí es evidente es que se hace preciso una catalogación concienzuda de las diferentes bibliotecas que todavía se conservan en conventos de clausura femenina pues, si bien es verdad que los datos que nos aportan han de ser relativizados por todo lo anteriormente subrayado, no es menos cierto que con su conocimiento avanzaremos notablemente en el estudio y análisis de las lecturas que pudieron servir para formar un nutrido grupo de mujeres,

³³ Me parece que no es impertinente el indicar que se trata de ejemplares nuevos e incluso que están dorados, porque me imagino que esta nota pone de manifiesto la costumbre habitual de regalar libros a las monjas por sus antiguos poseedores. De esta manera podremos pensar que una biblioteca conventual se surtiría de un importante fondo de libros de segunda mano, que en principio serían todos aquellos que no tienen que ver con el uso cotidiano de cada hermana e incluso con las obras más comunes de la Orden.

monjas de clausura todas ellas, que desempeñaron un papel fundamental en la difusión de la literatura y la cultura de los siglos pasados, al haber sido muchas de ellas autoras de notables tratados de muy diversa índole. Por otra parte, al carecer, como ya se ha apuntado, de estudios sobre la sociología de la lectura en ámbitos femeninos, los catálogos de bibliotecas conventuales se convierten en una herramienta utilísima, por no decir, imprescindible a este propósito. Como tal se presenta este artículo, base de un estudio más amplio sobre el que se está trabajando.

Jacobo Sanz Hermida

Summary: *This article, being published before other larger ones currently in preparation, purports to study the contents of a typical library in a convent of nuns, using, as a point of departure, the books presently found in the library of Convento de la Purísima Concepción in Salamanca. To that end, the bibliographical list of its holdings (16th-18th Centuries) as well as a physical description of the state of conservation of these books will be presented. All of this should serve as a basis for drawing meaningful conclusions as to the reading habits and interest of this Community of cloistered Agustinian nuns.*

APÉNDICES

FORMA QUE SE TIENE EN LA ELECCIÓN DE LA PRIORA

Antes de la elección ha de preceder la visita en la forma que se acostumbra, la qual se ha de hazer a la reja del Coro, a donde se juntará el Convento, y, acabado, se hará la elección de la Priora, aviéndose dicho aquel día Misa del Espíritu Santo. Comenzará el Prelado el Hymno *Veni creator, et cætera*, rezado, y le proseguirá el Coro, y al fin se dirá este verso:

V. *Emite spiritum tuum et creabuntur.*

R. *Et renovabis, et cætera.*

V. *Dominus vobiscum, et cætera.*

R. *Et cum spiritu tuo.*

OREMUS

DEUS, qui corda fidelium Sancti Spiritus illustratione docuisti, da nobis in eodem Spiritu recta sapere et de eius semper consolatione gaudere. Per Dominum, et cætera.

Y en acabando esta oración se sentará, y llegará la Priora a la ventanilla y entragárale al Prelado o al que hiziere la elección el sello y las llaves del oficio, el qual renunciará diciendo: *Agimus tibi gratias, omnipotens Deus, pro universis beneficiis tuis; qui vivis et regnas in sæcula sæculorum.*

Luego llegará cada una por sí y darán sus votos secretos por cédulas, y, en aviendo votados todas, llamará el Prelado a la Priora que acabó y, estando presente el Confessor, el qual ha de asistir a todos estos actos, y el escribir las cédulas. Contáranse los votos y la que tubiere uno más de la mitad dellos será Priora, y estando ajustados, mandará el Prelado se llegue el Convento a la reja y llamará a la que fuere electa, y ella se pondrá de rodillas junto a la reja, y dirá el Prelado en voz alta:

In nomine Domini nostri Iesu Christi, Amen. Anno eiusdem³⁴ et cætera, die et talis mensis, Ego N. pronuncio et Venerabilem in Christo Sororem N. electam fuisse in Priorisam huius Monasterii N.

³⁴ Impreso eiusden.

Luego le entregará las llaves y sello, y el Convento comenzará el *te Deum* cantado, y, acabado, dirá el Prelado:

- V. *Confirma hoc Deus quod operatus es in nobis.*
R. *A templo, et cæteris.*
V. *Ora pro nobis Sancta Dei genitrix.*
R. *Ut digni, et cætera.*
V. *Ora pro nobis B. P. Augustine.*
R. *Ut dini efficiamur, et cætera.*
V. *Dominus Vobiscum.*
R. *Et cum spiritu tuo.*

OREMUS

DEUS virtutum, cuius, est totum quod es optimum insere pectoribus nostris amorem tui nominis, et præta in nobis religionis augmentum, ut quæ sunt bona nutrias, ac³⁵ pietatis studio, quæ sunt nutrita custodias.

Gratiam tuam quæsumus, Domine, mentibus nostris infunde, ut qui, Angelo nuntiante, Christi Filii tui incarnationem cognovimus, per passionem eius, et Crucem, ad Resurrectionis³⁶ gloriam perducamur.

Concede nobis quæsumus omnipotens Deus Sanci Patris Nostris Augustini devota commemoratione gaudere cuius patrocinio salvari, te auxiliante, confidimus. Per Dominum.

LAUS DEO

ET B. V. MARIE

³⁵ Impreso *hac*.

³⁶ Impreso *Resurrectiones*.

MODO DE RECIBIR AL SEÑOR OBISPO PRELADO
DE ESTE CONVENTO DE AGUSTINAS
RECOLETAS DE LA CONCEPCIÓN DE SALAMANCA

Ha de salir la Comunidad a la Puerta, con los Ciriales y la Cruz, y ha de tener un sitial en que se arrodille, y en comenzando a entrar por la Puerta se ha de comenzar: *Te Deum laudamus*.

NOTA

La Prelada, al entrar por la puerta, antes de arrodillarse le ha de dar un hysopo para echarse Agua bendita, y echarla a los circunstantes. Luego se lo bolverá a tornar, y el Prelado se arrodilla en las almohadas, y la Prelada le dará a adorar una Cruz, luego se la bolverá a tomar y él se levantará y le llevarán en Procesión hasta el Coro; llegados allá, la Comunidad se pondrá en sus Coros, y la Cruz y Ciriales se quedarán al lado del Evangelio junto al Altar, y arrimado a la grada de él. En el medio estará puesto un sitial, donde el Prelado se arrodille a hacer Oración y, en acabando el *Te Deum laudamus*, dos Cantoras en medio del Coro dirá el Responso siguiente, comenzando ellas y respondiendo el Coro:

R. *Ecce Sacerdos magnus, qui in diebus suis placuit Deo; ideo jurejurando fecit illum Dominus crescere in plebem suam.*

V. *Benedictionem omnium gentium dedit illi, et testamentum suum confirmavit super caput eius, ideo jurando, et cætera. Gloria Patri.*

Luego dirán estos Versos:

V. *Salvum fac servum tuum.*

R. *Deus meus, sperantem in te.*

V. *Mitte³⁷ ei Domine auxilium de Sancto, et de Sion tuere eum.*

V. *Ora pro Eo, Sancta Dei Genitris.*

R. *Ut dignus efficiatur promissionibus Christi.*

V. *Ora pro eo³⁸ Beate Pater Augustine.*

R. *Ut dignus efficiatur promissionibus Christi.*

³⁷ Impreso *Mite*.

³⁸ Impreso *heo*.

Luego el Señor Capellán Mayor, u otro que haga sus veces que hubiere entrado con el Prelado, se pondrá en pie al lado de la Epístola, y dirá las Oraciones siguientes, respondiéndolo el Coro al *Dominus Vobiscum*.

OREMUS³⁹

DEUS fidelium omnium Pastor et rector, famulum tuum N. qui Ecclesiae præesse voluisti, propitius respice; da ei, quæsumus Domine, verbo et exemplo, quibus præest, proficere, ut ad vitam una cum grege sibi credito perveniat sempiternam. Per Christum.

OREMUS

FAMULIS tuis, quæsumus Domine, Coelestis gratæ munus impertire, ut quibus Beatæ Virginis partus extitit salutis exordium, Conceptionis eius votiva commemoratio pacis tribuat incrementum. Per Christum. Amen.

OREMUS

ADESTO supplicationibus nobis, Omnipotens Deus, et quibus fidutiam sperandi pietatis indulges, intercente Beato Patre nostro Augustino Confessore tuo atque Pontifice consuete misericordiæ tribue benignus effectum. Per Christum. Amen.

Luego el Prelado se sienta en la Silla de la Priora, y van todas las religiosas a besar la mano de dos en dos, una de cada Coro por su antigüedad, lo qual acabado, el Prelado echa la bendición Episcopal a la Comunidad, a la qual responde el Coro, y van luego a visitar la Clausura, *et cætera*.

NOTA

Si entrare el Señor Capellán Mayor, u otro que haga sus veces, a él le darán las Sachristanas el hysopo y la Cruz para darla al Prelado quando entra, *et cætera*.

³⁹ Impreso *Oredus*.

ESCLARECIDO
S O L A R
 DE LAS RELIGIOSAS
 RECOLETAS DE NUESTRO
 PADRE SAN AVGVSTIN.
 Y VIDAS DE LAS INSIGNES HIJAS
 de sus Conventos.

SV AVTOR

EL R. P. M. Fr. ALONSO DE FILLERINO,
 Theologo del Señor Nuncio de España, y Examinador
 del Tribunal de la Nunciatura, Religioso de la Ob-
 servancia del mismo Gran Padre de la Iglesia
 San Augustin.

TOMO SEGUNDO.

DEDICALE

A LAS MUY REVERENDAS
 Madres Priora, y Religiosas del Convento
 Real de Santa Isabel de
 Madrid.

CON PRIVILEGIO.

EN MADRID, En la Imprenta de Ricardo de Valdivia,
 Impresor de la Magestad. Año de M.DC.LXXIII.

LIBRO
 DIEZ Y SIETE.
 DE LA FVNDACION DEL
 Convento de la Concepcion
 de Salamanca.
 TRATADO PRIMERO.
 DEL TIEMPO, Y CIRCUNSTANCIAS
 de la Fundación.

AVAN Antiquo fecit prin-
 cipio que tunc el fampuso-
 gino, y observantissimo
 Convento de la Concep-
 cion de Salamanca, se ha probado en el
 capítulo septimo del Libro Apologético
 dando á entender que se fundó fuera
 de la Ciudad con título de Santa Uer-
 ge el día veinte y uno de Septiembre de
 mil quinientos y noventa y quatro
 siendo Superiora Priora, y Fundadora
 la Madre Juana de la Villalacion, hija
 del Convento de la Observancia de
 Nuestra Señora de Gracia de la Ciu-
 dad de Avila, de donde la sacaron á
 fundar el Real Convento de Santa Is-
 abel de Madrid, y después por la razon
 que allí dixe, le trasladó el Convento
 de Salamanca, al fin de que se grem-
 ancesco la Justicia de la fabrica, y el
 que de la observancia de la Recolecti-
 on. Después de aver pertenecido en
 este segundo passage, con el título de
 Santa Uerge, y profesiones de Defaño,
 tan político, que se falló en algunas

po de algunas que pidieron ciertos
 Betas profetas, que recobieron las
 Madres para ello, hasta que se ter-
 minó el Señor de mover con el singular
 modo que luego diximos sus circun-
 stancias del Excelentissimo Señor Conde
 de Montecery Don Manuel de Fon-
 teca y Zuñiga, y de la Excelentissima Se-
 ñora Doña Leonor María de Guzman,
 hermana del Señor C. de de Oliva-
 res, á que con estos el Patrono, y de
 apelarse el Convento para facilitarle
 la abstracción de los piques en la casa,
 a lo elevado de sus edificios que me-
 recen los edificios que se han hecho en
 población, con allistimos aletres, y no
 se gremian en la Christianidad, por
 hallarse en el dicho passage de la ya
 mejor Abbenia del mundo, y donde
 concurren los mas Reinos sagrados
 de los terminos que ablanda la Fe.

Muyto Dios Almirante de la heroy-
 ca acción las circunstances de los Exce-
 lentissimos Señores Condes de Mon-
 terey, en la forma siguiente. Con-
 A
 de.

FIGURA I

✱
 MODO DE RECIBIR
 AL
 SEÑOR OBISPO
 PRELADO DE ESTE CONVENTO
 DE
 AGUSTINAS
 RECOLETAS
 DE LA CONCEPCION
 DE SALAMANCA.

HA de salir la Comunidad à la Puerta, con los Ciriales, y la Cruz, y ha de tener un sitio en que se arrodille, y en comenzando à entrar por la Puerta se ha de comenzar: *Te Deum laudamus.*

NO-

Fol. 1.

FORMA DE
 QUE SE TIE-
 NE EN LA ELEC-
 cion de la Prio-
 rades de la
 eleccion ha de
 proceder la vi-
 sita, en la for-
 ma que se acostumbra; la
 qual se ha de hazer à la re-
 ja del Coro, à donde se
 juntar el Convento, y a-
 cabado, se hatà la eleccio-
 n. A de

FIGURA II

L A S
CONFESIONES
DEL GLORIOSO DOCTOR
DE LA IGLESIA
S. AGUSTIN.

TRADUCIDAS
del Latin en Castellano por el R. Padre
PEDRO DE RIBADINEYRA,
de la Compañia de JESU.
A SU EXCELENCIA
MI SEÑORA
LA CONDESA
DE MONTEREY, &c.



EN BRUSSELAS,
por FRANCISCO FOPPENS, Im-
preſor y Mandador de Libros. 1674.

A LA
EXCELENTISSIMA
SEÑORA
DOÑA YNES
DE ZUÑIGA

FONSECA

*Condeſa de Monterey y Fuentes,
Marqueſa de Terazona, Baro-
neſa de Maldegenit, &c.*

EN tiempos paſſados,
quando el copiar los
libros con la pluma,
no conſumia poco
tiempo, y era de gran traba-
jo, y no menos coſta; no ſa-
* 3 lian

FIGURA III

REGLA DADA
POR NUESTRO
PADRE SAN AGUSTIN
 A SVS MONIAS.

Con las Constituciones para la nueva Re-
 coleccion dellas.

*Aprobadas por N. Santissimo P. Paulo V. para el
 Real Convento de la Encarnacion de Madrid,
 Y confirmadas por N. Santissimo P. Urbano
 VIII. Y mandadas guardar en los demàs
 Conuentos de España de la misma
 Recoleccion.*



Con Licencia de los Superiores;
 EN MADRID
 Por Diego Diaz de la Carrera, Año 1648.

REGLA DADA
 ✠
POR N. PADRE
S^N. AGUSTIN,
 A SUS MONJAS.

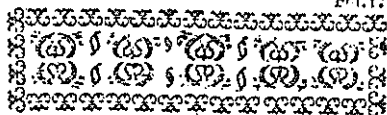
CON LAS CONSTITUCIONES PARA
 la nueva Recoleccion de ellas.

*APROBADAS POR Nro. SANTISSIMO
 Padre Paulo V. para el Real Convento
 de la Encarnacion de Madrid.*

Y CONFIRMADAS POR Nro:
 Smo. P. Urbano VIII. y mandadas
 guardar en los demàs Conuentos
 de España de la misma
 Recoleccion.

Con Licencia de los Superiores.
 EN MADRID:
 Por Diego Diaz de la Carrera. Año 1648.

FIGURA IV



Post Communionem:

Auxiliare Domine famula tua,
ut corpore pijs actionibus
intenta donis tuae gratiae per-
fruat. Per Dominum, &c.

MODO

DE DAR
EL HAVITO A
LAS QUE ENTRAREN EN
esta Sagrada Religion de nuestro
Padre San Augustin.

EN SALAMANCA POR
Maria Estevez, Impressora de la
Universidad.



N entrando en la Iglesia
la que ha de recibir el Ha-
bito, la llevaran sus pa-
drinos hasta la grada pri-
mera

Año de 1725.

FIGURA V

SAGRADO
AUREO ENGASTE
 DE LA MEJOR JOYA,
 COMPUESTA
 DE CINCO PRECIOSAS PIEDRAS,
 RUBIES EN LO SANGRIENTO, Y DIAMANTES EN LA ZE,
 QUE FORMÓ
 LA NOBILISSIMA CIUDAD
DE SALAMANCA
 EN LAS SOLEMNES FIESTAS
 CELEBRADAS EN HONRA DE LOS SANTOS MARTYRES
ARCADIO, PROBO,
PASCHASIO, EUTYCHIANO, Y PAULLLO,
 SUS ILUSTRES HIJOS,
 Y EXTENSION DE SU GLORIA POR LA GRACIA DEL NUESTRO SEÑOR
 DE DOBLE MAYOR,
 CONCEDIDA POR LA SANTIDAD DE
BENEDICTO XIII.
 PONTIFICE REINANTE.
 DESCRIBIALE
 D. JOSEPH RAPHAEL VENTURA, PRESBITERO,
 QUIEN DEDICA SU OBRA
 A LA MISMA INCLYTA CIUDAD.
 EN SALAMANCA: POR NICOLAS JOSEPH VILLARGORDO
 Y ALCAÑAL. Año 1745.



FIGURA VI

AUGUSTINOS DESALAMANCA.

HISTORIA
DEL OBSERVANTISSIMO
CONVENTO
DE S. AUGUSTIN N. P.
DE DICHA CIUDAD,

DISPUESTA
POR EL R. P. M. FRAI, MANUEL VIDAL; PRIOR,
*que ha sido muchas veces del mismo Convento, Maestro en Theologia,
i Artes por la celebre Universidad Salmanticense, i su Cabedrativo
(despues de otras de su propia i Proridad) de la
de Theologia Moral.*

PRIMER TOMO.

DEDICADO

A NUESTRO SALVADOR;

Y MAESTRO

CHRISTO JESUS,

VENERADO, Y ADORADO DE LOS GENTILES
en la milagrosa Zebuana Efigie de su Infancia
siempre Divina,

PROTECTOR DULCISIMO, Y MUI CUIDADOSO
de los Augustinos Salmanticenses en la Magestuosa,
i bella Copia de tan portentoso Original.

Con Licencia; Por Eugenio Garcia de Honorato i S. Miguel,
Impressor de esta Ciudad, i Universidad. Año de 1751.

✠

COMPENDIO HISTORICO DE LA CIUDAD DE SALAMANCA, SU ANTIGUEDAD, LA DE SU SANTA IGLESIA, SU FUNDACION,

Y
GRANDEZAS, QUE LA ILUSTRAN,

ESCRITA

POR DON BERNARDO DORADO,

*Cura proprio de el Lugar de la Mata
de Armuña.*

✠✠✠✠✠ EN SALAMANCA: ✠✠✠✠✠

POR JUAN ANTONIO DE LASANTA.

440

Compendio Historico

S. VI.

FUNDACION DE LAS MADRES AGUSTINAS.

EN el año de 1594. se fundó el Monasterio de Religiosas Agustinas Recoletas, ignoranse sus Fundadores, pero sabemos que su primera habitación, y morada la tubieron en la Iglesia de *San Roque*, antigua y devota Hermita de esta Ciudad sita por frente de Santa Maria la Blanca, presumese estaria por cima de los *Quartéres*, ó acaso en ellos, cuya Santa Imagen se dice está tocada à el santo cuerpo, que se vendra en la Ciudad de Venecia; es tradición que à esta milagrosa Efigie se debió el remedio, y cura de una grande epidemia, y peste que padeció este Pueblo en tiempos antiguos, por lo que agradecida esta Ciudad ferió el día de su festividad con especial voto, que hizo: aquí estubieron estas santas Religiosas hasta la famosa crecida de San Policarpo sucedida en 26. de Enero de 1626. en la que este Monasterio, como otros muchos, quedó tan maltratado, y las Monjas tan asustadas, que desamparando el sitio se refugiaron à Santa Maria la Blanca, y apiadado entonces el Excelentísimo Señor Don Manuel de Zuñiga y Fonseca, Conde de Monterrei, Virrei de Napoles, y Capitan General de Badajoz, de el Consejo de Estado, y Guerra de Su Magestad mandó que à su costa se fabricase el suntuoso Monasterio, que oy admiramos, siendo su magnífica Iglesia una de las mas celebradas de este Pueblo: duro la obra mas de nueve años, de cuya translation hablaremos en su lugar.



FIGURA VIII

Notícias breves para a história dos leitores e da leitura na cidade do Porto (1657-1746)

Quando trabalhávamos para a dissertação de mestrado¹, com um *corpus* constituído pelos testamentos elaborados pelos moradores das actuais freguesias da cidade do Porto para os anos de 1650-1749, a documentação compulsada proporcionou-nos variadíssimos contactos com a vida dos portuenses durante o antigo regime. Um dos aspectos que muito nos interessou relacionava-se com as bibliotecas e os livros que alguns testadores declaravam possuir e, quem sabe, talvez tivessem lido.

As informações que obtivemos não nos permitem, por agora, elaborar uma análise sistemática das preferências literárias, em que vão necessariamente preferências de ordem cultural e espiritual dos diferentes grupos sociais com que trabalhámos. Por isso, apresentaremos apenas as notícias que pudemos extrair da documentação consultada, visto serem sugestivas de uma certa dinâmica cultural da cidade do Porto que, por enquanto, apenas se presente.

Leitores

Os possíveis leitores, pertencentes a grupos sociais com alguma ilustração (clero, nobreza e letrados), perfazem o número de 492, representando 39% do *corpus* estudado. Deste número, 492, vinte e um testadores declaram possuir livros ou bibliotecas. Representando estes, apenas, 4.3%, sugere-nos que o número de indivíduos interessados pelo livro talvez seja um pouco mais elevado, visto os testadores não serem obrigados a referir tudo o que possuem nos respectivos testamentos, e alguns deles ordenarem, mesmo, que seja feito inventário de todos os seus bens, não tendo ainda tido nós acesso a tais documentos.

Passaremos à identificação dos leitores por ordem cronológica.

1. Cónego Gonçalo Alvo Godinho, morador na freguesia da Sé.
Em testamento datado de 1657 declara possuir «livraria»².

¹ Manuela Martins RODRIGUES, *Morrer no Porto durante a Época Barroca: atitudes e sentimento religioso – 1650-1749*, dissertação de mestrado, policopiado, F.L.U.P., 1991.

² A.D.P., PO 9º-3ª série, livro 68, f. 86 v.

2. António da Rocha Pimentel, nobre e homem de negócios, morador em Miragaia.

Em testamento datado de 1659 enumera os livros que possui e que adiante transcrevemos³.

3. Licenciado Manuel da Silva Carneiro, ouvidor da comarca de Bragança e natural da cidade do Porto.

Em testamento, escrito nesta cidade, lega ao afilhado Lourenço Botelho a sua «livraria» e declara que deve ao mercador de livros, António Gomes, a quantia de 300 mil reis, informando que se lhe deverá deduzir uns «livrinhos que me qua mandou [Bragança] quatro ou cinco»⁴.

4. Advogado e cidadão da cidade do Porto Manuel da Silva Carneiro, morador na freguesia da Sé.

Em testamento datado de 1663 lega a sua «livraria» a seu filho João Carneiro da Silva⁵.

5. Abade Luis de Sousa Coutinho, morador na freguesia da Sé.

Em testamento datado de 1678 refere possuir livros e sermões⁶.

6. Abade das Igrejas de Bitarães e Lustosa, Domingos Barreto, morador na freguesia da Sé. Junto ao testamento, datado de 1684, aparece inventário com a discriminação dos livros que possui que igualmente transcrevemos⁷.

7. Gaspar Rebelo da Costa, desembargador dos agravos da Relação, morador no Bairro da Cordoaria Nova.

Em testamento datado de 1696 declara: «E o Numaro dos livros que serão noventa corpos pouquo mais ao menos de que fiquava roí se venderão tambem»⁸.

8. Pantaleão da Rocha de Magalhães, abade beneficiado da Sé, morador na freguesia da Sé.

Em testamento datado de 1703 escreve que possui quinze livros «curiosos e varios» para além dos papéis de solfa que tem composto. E acrescenta: «cabedal de composição que tenho feita e os livros que pertencerem a muzica e os da semana santa»⁹.

9. Manuel de Souza de Azevedo mantém negócios de certo vulto com a

³ A.D.P., PO 1^o-4^a série, livro 151, f. 109.

⁴ A.H.M.P., Secção H, Banco 3, livro 16, f.3.

⁵ A.D.P., PO 4^o, livro 55A, f. 36.

⁶ A.D.P., PO 4^o, livro 71, f.92.

⁷ A.H.M.P., Secção H, Banco 4, livro 27, f. 175.

⁸ A.D.P., PO 4^o, livro 96, f. 193V.

⁹ A.H.M.P., Secção H, Banco 6, livro 20, f. 35.

cidade da Baía, talvez recentemente nobilitado, morador na freguesia de Santo Ildefonso.

Em testamento datado de 1713 faz um legado a seu sobrinho beneditino, nos seguintes termos : «dous contadorez de Evano com escudos e azaz de prata masissa e outrosy todos os livros assim espirituaes como humanistaz que se me acharem »¹⁰.

10. Reverendo Doutor José Pereira da Cruz, morador na freguesia da Vitória.

Em testamento datado de 1717 informa que possui «livraria» e acrescenta: «Se se encontrar ai um livrinho de outava composto em verso pelo Padre Pimenta me parece ser do Padre Miguel da Visitação como tambem outro da vida de Camões se entregue ao Dr. Antonio Quaresma, meu amigo, cuio deve ser.»¹¹.

11. Manuel Mendes da Silva, presbítero do hábito de S. Pedro, morador na freguesia da Sé.

Em testamento datado de 1723 escreve que se deverá pagar ao livreiro António da Cunha, um livro velho que valeria oito ou nove vinténs¹².

12. João Alvares Pedrosa, licenciado e sacerdote de missa, morador na freguesia da Sé.

Em testamento datado de 1723 refere que possui «biblioteca»¹³.

13. Domingos Ferreira de Aguiar, licenciado e morador na freguesia da Vitória.

Em testamento datado de 1724 diz que possui «livraria» que poderia suprir uma dívida de dez moedas de ouro, e continua: «que por estar truncada não chegará para pagamento»¹⁴.

14. Domingos de Freitas Barreto, sacerdote do hábito de S. Pedro, morador na freguesia de Santo Ildefonso.

Em testamento datado de 1726 ordena que se faça inventário de todos os livros, papéis e documentos que possui¹⁵.

15. Baltasar de Barros e Sá mantém negócios com o Brasil, talvez recentemente nobilitado, morador na freguesia da Sé.

Junto ao testamento, que elabora no ano de 1726, aparece uma lista dos

¹⁰ A.H.M.P., Secção H, Banco 6, livro 18, f. 20V.

¹¹ A.D.P., PO 2º, livro 211, f. 217 v.

¹² A.D.P., PO 2º, livro 226, f. 288 v.

¹³ A.D.P., PO 9º-3ª série, livro 21 E, f. 233.

¹⁴ A.D.P., PO 2º, livro 231, f. 120 v.

¹⁵ A.H.M.P., Secção H, Banco 6, livro 20, f. 65.

livros de que era possuidor que igualmente transcrevemos¹⁶.

16. O jesuíta José Palmer Xavier, morador na freguesia de S. Nicolau.

Em testamento datado de 1746 refere que possui breviários e dois tomos do Padre Granada¹⁷.

17. Silvestre da Silva Peixoto, sacerdote do hábito de S. Pedro, cónego da colegiada de Cedofeita, Desembargador da Relação, morador na freguesia de S. Nicolau.

Em testamento datado de 1730 informa possuir uma «livraria» de grande valor¹⁸.

18. Manuel Correia do Vale, cónego capitular da colegiada de Cedofeita, morador na freguesia de Massarelos.

Em testamento datado de 1737 afirma possuir vários livros para além dos breviários de rezar¹⁹.

19. Francisco António de Barros, licenciado e cavaleiro da Ordem de Cristo, morador na freguesia da Vitória.

Em testamento datado de 1744 manda avaliar os livros que possui pelos testamenteiros, e acrescenta: «Ente eles ha dois tomos do Pinheiro de Testamentis e outros dois de Gabriel Pereira demana regia que pertencem a Manoel Matheus Pamplona, e mais um tomo de meia folha encadernado em pasta velha cujo autor he Guilherme Benedicto, da viuva de Diogo Mendes Duro»²⁰.

20. D. Isabel Luisa Coutinho, proprietária do correio-mor, moradora na freguesia da Sé.

Em testamento datado de 1743 afirma: «dos livros que tem em casa alguns forão do irmão Ignacio de Santo António, pertencentes à livraria de Santo Eloi»²¹.

21. Doutor Domingos Barbosa, cónego magistral da Sé do Porto, morador na freguesia da Sé.

Em testamento datado de 1746 lega ao sobrinho Tomás Barbosa a sua biblioteca²².

¹⁶ A.H.M.P., Secção H, Banco 1, livro 40, s/p.

¹⁷ A.D.P., Po 4º, livro 200, f. 274 v.

¹⁸ A.H.M.P., Secção H, Banco 6, livro 20, f. 189v.

¹⁹ A.D.P., PO 2º, livro 262, f. 38.

²⁰ A.D.P., PO 4º, livro 196, f. 13v.

²¹ A.D.P., PO 2º, livro 282, f. 34 v.

²² A.D.P., PO 9º-3ª série, livro 68, f. 18.

Inventários de Livrarias

Como referimos, publicamos três listas de livros constantes dos inventários anexos aos testamentos de António da Rocha Pimentel, referido sob o número 2, de Domingos Barreto, referido sob o número 6 e de Baltasar de Barros e Sá, referido sob o número 15. Apesar de não ser actualmente possível calibrar o seu peso e o respectivo significado no conjunto de todas as «livrarias» anunciadas nos testamentos que se situam dentro dos limites cronológicos que estabelecemos, consideramos interessante a apresentação de tais documentos como fonte para a história da leitura²³.

Obras pertencentes a António da Rocha Pimentel

- «hum livrinho intitulado Tizouro de devação e outro estoria geral de espanha e outo intitulado desterro de ignorancias e a desendencia do Condestavel dom Nuno Alvares Pereira»²⁴.

Obras pertencentes a Domingos Barreto

- um missal novo dourado
- dois breviários
- Midulla de Theologia Moral
- Historia de Felipe quarto
- Hum Callopino
- Anteguidades de Madrid
- Mistica Cidade de Deus
- Trabajos de [...] ²⁵
- Pratica de Curas e confesores
- Uma Ordenação Velha
- Graciano
- Appellecion General de Hespanha
- Justa aclamação de El Rei D. João quarto
- segundo tomo do Bonifacio
- A Biblia
- Curia Filipina
- Tezaurus Lingoa latina
- Francisco Soares, Deffentio Fides Cattolicae
- Adagios de Sto. Erasmo

²³ De momento não procedemos à identificação dos autores de cada uma das obras citadas, que será divulgada oportunamente. Na transcrição de cada uma das lista de livros respeita-se a grafia dos respectivos escrivães.

²⁴ A.D.P., PO 1º, 4ª série, livro 151, f. 109.

²⁵ Leitura muito difícil. Possivelmente deve ler-se Jesus.

- El Governador Christiano
- Hum livro italiano de fortificacoens
- Prado espiritual
- Lucano
- Emprezas millitares
- Prattica criminal e civil instrução de escrivães
- Vida de D. João de Castro
- Catalogo dos Bispos do Porto
- Decretos ecclesiasticos
- Virgilio em prosa
- Calopino
- Testamento Novo
- Comedia aulegrafia de Jorge Ferreira de Vasconcelos
- Paulo Orosio, adversus paganos
- Ramilhete de Flores
- Retiro de proffanas conversações
- Rodrigues Soares
- Reduzion e restituicion del Rei de Portugal
- Reportorio das ordenações
- Relação do nosso Caminho da India para este Reino por terra
- primeira e segunda parte da Summa Theologica de Sto Tomas
- Relação Geral da Cristandade de Ethiopia
- As obras de Seneca
- Luz da Medicina
- Parallelo de Principes e varões illustres
- Vocabulario da lingua Toscana
- varia fortuna de Pindaro
- Emprezas militares de Lusitanos
- Catalunha em frança
- Estrada de bello Belgico
- Cronica de Joanes Naclery
- Peres Universareis
- Leis extravagantes coligidas por Duarte Nunes
- Historia da India
- Cronica del rei D. João o primeiro e de outros Reis
- Cronica del rei D. Manoel
- Summa Theologica
- Diálogos de Frei Amador Arrais
- Historia Real Sagrada Luz de Principes e sudittos
- Principio do Reino de Portugal da vida del Rei D. Afonso Henriques

- Primazia da Igreja Bracarense
- Gloriosa Coroa de esforçados Rellegiosos da Companhia
- Empresas espirituais e morais
- Vida de Frei Bartolomeu dos Martires
- Principios e Regras comuns de direito
- Sermonario de Naxera
- Tratado dos Confessores Sollisitantes
- Obras de appio [?] e florentino
- Rellateo de Sensures
- Exclamaciones politicas
- Hum livro de arte da cozinha
- Cronica do Imperador D. Afonso setimo de Hespanha
- Vida de D. Duarte de Menezes
- Instrução de Ordenantes
- Historia de D. João de Austria
- Missal Romano
- Dinis Gregorio Papa
- Flores de Hespanha excelencias de Portugal
- Sem dos Pontifices Romanos
- Arnaldo Corvino
- Index de Bartolameu Casseneus
- D. Affonso de Castro
- Catalogo dos Reis de Hespanha
- Compendio de doutrina cristã
- Os sete livros de flavio Joseph
- Plutarco na vida dos varoens Gregos e Romanos illustres
- Constancia de Justo Lipsio
- Pallafos
- Catalogo Gloria mundi cassaneus
- escola espiritual
- Oficios de Santos fora de Breviários
- Torquato tasso, italiano
- Rimas de D. Garcia de Larzedo
- Segunda parte de Cretticon
- Historia de S. João de Deos
- Marte portugues
- Restauração da Baía
- Vida de el rei D. Sebastião
- fuzida do mundo pera Deus
- Epistolas de Gregorio

- Restauração de Portugal
- Hum livro de Sermões
- Lucio Floro
- Republica e política cristiana
- escoto
- Cortes na Aldeia
- Joanes Egidio
- Advertencias ao jubilleu do ano de 1620
- Plutarco appotemata Regimina imperattorum
- Antiquidades Romanorum
- Varias antiguidades de espanha Africa e outras partes
- Primeira, segunda e quarta decada de João de Barros
- Segunda parte do Flos Sanctorum
- Bullas da Religião de Malta
- Primeira, segunda, terceira e quarta parte da monarquia lusitana
- Rezervatione Juris Canonici
- Noutes de Aulo Gillio
- Segunda parte da Historia eclesiastica de Braga
- Dois tomos do Descobrimento da India
- Primeira, segunda e terceira parte da Monarquia eclesiastica
- Outra parte do descobrimento da India
- Primeira parte da Historia pontifical
- Meditações de Frei Luis de Granada
- Pratica criminal canónica
- Desenganos da medicina da botica
- Guia espiritual
- Confessionário Geral
- Summa de Silvestre
- Opera Thomas Quempis
- Armas e triunfos heroicos de Los hijos de Galiza
- Martirellogio
- uma biblia
- Vitta summorum Pontifficarum
- El perfeito detionario ou thezauro de la lingua vulgar e lattina
- um livro de Roma triunfante que contem dez livros Latinos
- Discurso politico e militar
- Cronica da companhia de Jesus
- Abecedário militar
- Tabulla dellos apelidos e sollares do Marques de monte bello
- Carta do ilustríssimo Senhor Federico

- Crónica da Companhia de Jesus da provincia de Portugal
- Dicionario Italiano
- El Imperio de la Relligioni
- Nuova inventione de formar fontes, italiano
- Hum livro italiano
- Primeira parte de Vallasco
- Hum livro italiano grande
- Vocabulario espanhol
- Obra do Marquês Maluizi, italiano
- Summa Capittula Auctorum Regum Luzittania
- Hum livro italiano pequeno
- Hum livro grego pequeno
- Hum livro braquarence
- Dicionário sine Lingoarum?
- Compendio historico
- Dicionário celiconiano
- História de França
- Remissões sobre varios Lugares do Concilio Tridentino
- Hum livro italiano
- Hum livro italiano
- Segunda parte de decretos Pontificios
- Andre [...] ²⁶ Juris consulto
- Hum livro francês
- Chave de Ouro Gramatica
- Decretos e Determinações de Santo Concilio Tridentino
- Manual de Contadores - Aritmética de Moia
- Obras de Cornelio Tacito ²⁷

Obras pertencentes a Baltasar de Barros e Sá

- Conversão de Santa Maria Egiciana de mey 4º em verso
- Escada mistica de Jacob
- Gigarrelez de Tolledo
- Vida de Santa Roza de Viterbo
- Thezouro de prudentez
- Remilhette de Mirra e Memorial da Paixão
- Norte espirital da vida Christaa
- Gritos daz almaz
- Pão partido em pequeninos

²⁶ A.H.M.P., Secção H, banco 4, livro 27, f.175 e seguintes

²⁷ A.H.M.P., Secção H, banco 1, livro 40 s/p.

- varias poesias de Paulo Gonçalves de Andrade
- Novena de Santa Anna
- Summa de Frei Luiz de Granada
- Castro de Bem morrer
- Regra da Ordem terceira
- Jubileu da Corroya de Santo Agostinho
- Vida de Santa Quitéria
- Livro spiritual pera todos os dias da Somana
- Vida e Excellenciaz de São Jozeph
- Meditaçoiz de Santa Brizida
- Tratado de nove Rosaz
- Padre Santo Henrique Suzo
- Bacolo Pastoral
- Monarchia do Christão
- Decada da Paixão ²⁸

Abreviaturas:

- A.D.P. - Arquivo Distrital do Porto
- A.H.M.P. - Arquivo Histórico da Misericórdia do Porto

Maria Manuela Martins Rodrigues

Abstract:

As it can be apprehended by this work's title, it resulted on the gathering of the first conclusions collected from the research study presently being carried on. These first results may suggest the existence of a reasonably dynamic cultural life in the city of Oporto, during the second half of the 17th century and the first half of the 18th century, specially centred on the economically and socially predominant classes, and specifically, the influential canons and abbots from the city.

²⁸ A.H.M.P., Secção H, banco 1, livro 40 s/p.

Uma *Corrigenda* e duas visões.

A biografia da Madre Soror Maria da Conceição, O.S.C., no *Agiológio Lusitano* e na *Crónica Seráfica da Província dos Algarves*

Quando, a propósito das notas que dedicamos à *Vida e Mercês que Deus fez ao Veneravel D. Leão de Noronha*¹, uma biografia desse «santo» cortesão português († 1572) a quem o autor e o continuador do *Agiológio Lusitano* dão um lugar de relevo – traduzido até no excepcional número de páginas que lhe dedica a obra –, procuramos completar, tanto quanto possível, as magras notícias que se conheciam sobre Jerónimo de Melo Coutinho († 1645), o «hagiógrafo» de D. Leão e, além de seu parente sanguíneo, seu neto por afinidade. Com efeito, Jerónimo de Melo foi casado com D. Maria de Noronha, filha de D. Tomás de Noronha, personagem a quem dedicam igualmente larga atenção Jorge Cardoso e D. António Caetano de Sousa, já que D. Tomás foi um «santo» herdeiro de outro «santo». Nesta ordem de ideias em que genealogia e prosápia familiar se vêem envolvidas e glorificadas pelas virtudes e, digamo-lo mesmo, pela santidade dos seus membros, chamamos, então, a atenção para outra obra de Jerónimo de Melo – *Vida de Soror Maria da Conceição, Dama da Rainha D. Catherina, filha de D. Pedro de Meneses Sottomayor, Senhor de Alconchel, e de D. Maria de Noronha, religiosa no Convento da Madre de Deus* – em que se ocupa da «santidade» de uma sua tia, já que essa Soror Maria da Conceição era irmã de sua mãe, D. Ana Manuel. A obra, embora tenha permanecido manuscrita, foi conhecida de D. Barbosa Machado². No entanto, não tendo logrado localizar o manuscrito, procuramos, então, Soror Maria da Conceição entre as inúmeras religiosas da Madre de Deus de quem, mais ou menos resumidamente, se lembra Fr. Jerónimo de Belém nessa magna obra que é a sua *Crónica Seráfica da Santa Província dos Algarves* (Lisboa, 1752-1758). Não propriamente adormecido, como

¹ José Adriano de Freitas CARVALHO, *Vida e Mercês que Deus fez ao veneravel D. Leão de Noronha: do santo de corte ao santo de família na Época Moderna em Portugal in Via Spiritus*, 3 (1996), 81-161.

² Diogo Barbosa MACHADO, *Bibliotheca Lusitana*, II, Lisboa, 1747 (aliás, Coimbra, 1956), 507.

Homero, sobre as páginas dessa *Crónica*, mas cego, escrevemos que Fr. Jerónimo de Belém, «cuja *Terceira Parte* (1754) é integralmente dedicada ao mosteiro da Madre de Deus de Xabregas, não se ocupa de Soror Maria da Conceição. Ter-lhe-ia escapado a biografia escrita por J. de Melo? Ou, tal como parece ter acontecido com D. Leão de Noronha, ficou reduzida a um âmbito familiar?»³.

Estas nossas linhas contêm um erro – mesmo se por «cegueira» – e uma pergunta cuja resposta parece, afinal, ser verdadeira. Na verdade, o grande cronista franciscano não esqueceu Soror Maria da Conceição, mas parece não ter conhecido a sua biografia devida a Jerónimo de Melo. E, como se sabe, também Jorge Cardoso, de quem, então, utilizámos alguns dados da sua «lembrança» hagiográfica de Soror Maria da Conceição para precisar alguns momentos da vida e escritos de Jerónimo de Melo, se ocupa da carmelita da Madre de Deus em 22 de Fevereiro. Por outro lado, a biografia de Maria da Conceição não deverá ter ficado, como falsamente sugeríamos, reduzida ao círculo da sua família. Tentemos, corrigindo erros e anulando falsas questões, comparar as páginas que o hagiógrafo português e o cronista franciscano dedicam à memória dessa filha de Santa Clara. Talvez, a comparação revele algumas surpresas. Tentemos confrontar, passo a passo, a biografia – as biografias? – e interroguemo-nos depois sobre as suas fontes. Começemos pelo cronista, pois deu origem a esta *corrigen*da e que, por mais moderno, pôde conhecer as páginas do *Agiológico Lusitano*. Que não utilizou...

Com efeito, nessa *Terceira Parte*, antes de entrar nas grandes biografadas – a alguma das quais, como Soror Clara do Santíssimo Sacramento, consagrará um inteiro Livro – lembra, como a primeira «de tres religiosas veneráveis» a «pacífica e humilde» Soror Maria da Conceição⁴. Passemos, por agora, e até porque já a conhecemos da titulação da obra de Jerónimo de Melo, a sua genealogia. A dama de D. Catarina de Áustria terá entrado na Madre de Deus em 1582, mas, infelizmente, não podemos dar razão ao cronista quando diz que «na sua [da Rainha] presença recebeu o santo hábito», pois Catarina de Áustria morreu nos primeiros dias de Janeiro de 1578. Em 1582, a sua tomada de hábito só poderia ter sido solenizada com a presença de outra Catarina, a de Bragança, «rainha» em Vila Viçosa... Por sua vez, Jorge Cardoso é um pouco mais preciso, já que nos indica o lugar de nascimento – Ferosmelhe, junto a Coimbra –, a sua

³ José Adriano de Freitas CARVALHO, *Vida e Mercês que Deus fez ao Veneravel D. Leão de Noronha...*, art. cit., 102, n.º 79.

⁴ Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica da Santa Provincia dos Algarves, Terceira Parte*, 14, 4, 130-132 (Pensamos que para esta biografia de pouco mais de duas páginas será legítimo não oferecer a localização precisa de cada uma das referências que dela colhemos).

educação entre as clarissas desta cidade e, mais tarde, em Chelas e até o ano do seu nascimento: 1523... Mas os dois autores estão de acordo quanto à presença da «piisíssima rainha» na sua tomada de hábito, resolução em que foi apoiada por Fr. João de Salinas, ao parecer, seu confessor⁵. Jorge Cardoso permite, porém, datar a sua entrada na Madre de Deus na «segunda feira *post dominicam in albis*» de 1552, ano em que, evidentemente, Catarina de Áustria podia ter acompanhado a sua dama nesse momento decisivo e que nos remete para os dias ainda felizes – «Rosas de Ouro» do papa..., casamento do príncipe João... chegada de D. Joana de Áustria... – da corte de D. João III... De qualquer modo, este simples dado apenas serve para sublinhar *coram populo* a alta prosápia de mais uma das religiosas da Madre de Deus e a estima em que era tida na corte. Aliás, uma deferência que as rainhas dispensavam com alguma frequência e que muitos poetas do século XVII saberão aproveitar – de *motu proprio* ou por encomenda – como assunto. Mas como conciliar 1552 com 1582? Errata de impressão, isto é, um 8 por um 5? Seria a mais simples – e, logo, a melhor – das respostas, se não houvesse alguma outra discrepância cronológica.

Fr. Jerónimo de Belém apresenta-a como «devotíssima do Augustíssimo Sacramento do Altar». Nos dias em que comungava «correntes de lágrimas [...] sahião dos seus olhos», ternura que a Crónica superlativa ao acentuar a sua insensibilidade perante a morte de seus parentes, pois «se portava com tal valor, como se o sangue a desconhecesse». Apenas devoção e ternura? Também temor, pois para as comunhões se preparava, «como para morrer [...] e como se cada huma dellas fosse o viático para a Eternidade». Sublinhemos ainda um pouco mais esta piedade eucarística de Soror Maria da Conceição, fazendo notar, como o cronista, o silêncio e a vacância que guardava nesses dias e que era um modo por que se manifestava esse «acatamento» de temor e por que transparecia, pela «alienação dos sentidos», o «recolhimento interior» em que recebia «particulares favores» que discretamente não revelava. Aceitemos que o facto de o cronista – e certamente a sua fonte – assinalar, antes de qualquer

⁵ Fr. Luis de SOUSA, *Historia de S. Domingos Particular do reino de Portugal e suas Conquistas, Segunda Parte*, I, 2 (Lisboa, 1866, 24) refere-se apenas às peripécias da eleição de Fr. Juan de Salinas, um discípulo do Padre Juan Hurtado, como provincial dos dominicanos portugueses em 1551. V. BELTRÁN DE HEREDIA, *El Intercambio Hispano-Lusitano en la Historia de la Orden de Predicadores* in *Miscelanea de Beltrán de Heredia*, Salamanca, 1971, I, 103-130 pouco mais acrescenta a esse dado sobre esse dominicano com quem contactou Santa Teresa que o tinha por «hombre muy espiritual» (Santa Teresa de JESUS, *Cuentas de Conciencia*, 53^a11 e *Cartas* (69 3T 10) in *Obras Completas*, Madrid, 1962, 456 e 663 respectivamente). José Sebastião da Silva DIAS, *Correntes de Sentimento Religioso em Portugal (Séculos XVI a XVIII)*, Coimbra, 1956, 157, 165 *et passim* permite enquadrá-lo nas linhas de reforma dominicana em Portugal.

outra, esta dimensão eucarística deverá corresponder à sua valorização como traço definidor da espiritualidade de Soror Maria da Conceição. Lastimaremos sempre que, neste contexto, não materialize essa valorização apontando a frequência das suas comunhões, mas estaremos dispostos a colocá-la numa orientação favorável à comunhão frequente no quadro da renovação espiritual dos meados do século XVI – a *Apologia* de Fr. Domingos de Valtanás, por exemplo, é de 1558 – e que, na Madre de Deus, se verá consagrada na comunhão quotidiana, alcançada, através da Virgem Maria, por Soror Joana da Trindade († 1694) cujo «amor, e devoção[...] ao Augustissimo Sacramento do Altar parecia sem exemplo e pela ancia de recebê-lo em sua alma, e em quanto não se facilitou a Comunhão quotidiana, fazia cousas tão célebres com seus excessos, que divertia, ao mesmo tempo em que edificava»⁶.

Jorge Cardoso, por sua vez, não dá qualquer relevo a essa dimensão, embora a ela possa fazer uma alusão remota quando diz, a propósito da sua vocação religiosa, que «o Senhor a tocou interiormente, estando hua noite de Endoenças, orando em presença do divinissimo Sacramento...»⁷. Uma alusão esta que está longe de deixar prever a dimensão que, segundo a *Crónica Seráfica*, alcançará a devoção eucarística de Soror Maria da Conceição. No entanto, por algumas referências que faz o *Agiológico Lusitano* às suas preces pela «extirpação das heregias» e «reformação dos Catholicos», poderíamos ver ainda nessa profunda devoção ao Santíssimo Sacramento uma manifestação da oposição às doutrinas reformadas sobre a presença real de Cristo na Eucaristia e a confirmação da sua adesão à renovação espiritual dos católicos a que já aludimos.

A devoção à Paixão de Cristo foi também, segundo o Padre Belém, uma outra nota da sua espiritualidade. E embora o cronista apenas fale da sua «devoção», parece, no entanto, legítimo quer pelas tradições culturais quer pelo que, implicitamente, sugere o autor franciscano, aceitar que Soror Maria da Conceição fazia da Paixão de Cristo um ponto central da sua oração. Da sua oração? Da sua oração mental, atrevemo-nos a dizer, pois «em huma ocasião da disciplina da comunidade viu ao Senhor no passo da Columna, com as chagas tão vivas, como nos açoutes Ihas fizeram os judeos». Esta visão, no dizer da *Crónica* foi um dos «favores» que recebeu na sua oração, e viu essas chagas, particularmente «aquella chaga grande

⁶ Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Seráfica...*, III, 15, 7, ed. cit., 315-317.

⁷ Jorge CARDOSO, *Agiológico Lusitano dos Santos, e Varoens Illustres em Virtudes do reino de Portugal e suas Conquistas*, I, Lisboa, 1652, 496 (Como para a *Crónica Seráfica* dispensamo-nos de dar a localização precisa de cada uma das referências que tomámos dessa biografia de pouco mais de uma página).

das costas», «como [se] na realidade a estivesse vendo com os olhos do corpo, assim como com os da alma a via claramente».

No *Agiológico Lusitano* nada se diz a respeito da normalíssima devoção e meditação na Paixão de Cristo, ainda que não se esqueçam «os soberanos favores» que recebia na sua oração. Curiosamente, prefere-se sublinhar as «suas sagradas vigílias, e oração, em que era mui frequente, encomendando com fervorosas preces sempre a Deus o felice estado da Igreja, extirpação de heregias, conversão dos infieis, e reformação dos Catholicos». Uma dimensão «eclesial», muito interessante, que aponta a esse clima de reformação e contra-reformação que era a linha forte do contexto espiritual dos seus dias.

Devota das almas do Purgatório, por elas rezava todo o Saltério, o «que não he – comenta o Padre Belém – pequeno suffragio, mas como era pratica na lingua latina, de que teve boa intelligencia, menos lhe custava, do que a outras custaria».

Se Jorge Cardoso «esqueceu» esta devoção, lembra – o que não faz Jerónimo de Belém – o seu «amor do proximo, usando de suma caridade para pobres, e necessitados, o que o ceo (inda nesta vida) lhe pagou, pois muitas vezes achou multiplicadas as mesmas cousas, que com elles despendia», indicação que, a julgar pelo que de semelhante se valoriza na *Vida de D. Leão de Noronha* de Jerónimo de Melo, bem poderia tê-la lido nessa *Vida* de Soror Maria da Conceição que escreveu o mesmo autor.

Algumas referências anteriores da *Crónica Seráfica* permitem introduzir à questão das suas penitências, rigores que remontavam já aos seus tempos de dama da rainha, quem, alguma vez, chegou a ter de lhe «enviar muito ouro para se lhe dar de beber», pois assim o exigia o remédio da sua enfermidade devida a esses extremadas violências ao seu corpo. Apesar de tudo – não duvidemos, por agora, das contas de Fr. Jerónimo – morreu com mais de noventa anos...

Naturalmente, Jorge Cardoso não deixa de chamar a atenção, com uma discrição que contrasta com o imenso catálogo de rigores e violências corporais que é a sua obra, para este aspectos ascéticos. E se se faz eco, como o Padre Belém, dos tempos em que, ainda dama do paço, começou a «sopear as vaidades, e riquezas mundanas, e vestir-se de grosseiro burek», recorda depois, para os anos de clarissa, apenas que se «[macerava] com varios generos de mortificações asperrimamente».

Por outro lado, a alusão do cronista franciscano ao seu domínio da língua latina permitirá aceitar que fosse «discreta, e bem instruida na Historia Ecclesiastica, e secular, particularmente na do Reyno, e em suas antiguidades». A sua conversação era, assim, «gostosa» e «só nestas

materias se ouvia fallar». É uma lástima que o cronista ou a sua fonte tenham omitido as leituras que tais matérias pressupõem e o estilo de gente que disfrutava de tão «gostasas» práticas... Por nós, até nos atrevemos a imaginar Soror Maria da Conceição a conversar sobre as «antiguidades do Reyno» com sua sobrinha, por afinidade, D. Maria de Noronha, a mulher de Jerónimo de Melo, que era, garante D. Barbosa Machado, «consultada como Oraculo pelo vasto conhecimento, que tinha das Familias, e Antiguidades do Reyno...»⁸.

No *Agiológio Lusitano* nada há quem recorde estas conversas eruditas..., mas, sim, quase em contraste e com o mesmo afínco, que, dada a sua «summa prudencia, a superior luz de que era illustrada, e singular modo, i efficacia, que tinha no persuadir», concorriam «a ella, não somente as religiosas, mas todo o estado de gente a communicar cousas de sua alma, e tomar seus santos conselhos».

Fundadora e abadesa do mosteiro de clarissas de Sacavém – de acordo com Jorge Cardoso, durante mais de quarenta anos – Soror Maria da Conceição morreu, porém, na Madre de Deus em data imprecisa de 1644. Com mais de noventa anos..., o que, contas feitas, parece indicar que teria nascido por volta de 1554. São as referências cronológicas de Fr. Jerónimo de Belém. Teria, deste modo, entrado na Madre de Deus com cerca de vinte e oito / vinte e nove anos.

São datas que, uma vez mais, não coincidem com as que traz o *Agiológio Lusitano*. Jorge Cardoso, que a faz tomar o hábito com a mesma idade que Fr. Jerónimo de Belém (1523-1552) diz, sem, igualmente precisar a data, que morreu, na Madre de Deus, em 1622, ano que, efectivamente, permite dizer que morreu quase centenária, com noventa e nove anos...

A fonte de Fr. Jerónimo de Belém para estas memórias biográficas foi, como normalmente, uma freira da Madre de Deus, que o cronista diz «sua discipula». Ora, o título que da obra de Jerónimo Coutinho dá D. Barbosa Machado é, como vimos, *Vida de Soror Maria da Conceição, Dama que foy da Rainha Dona Catherina, filha de D. Pedro de Meneses Sottomayor, Senhor de Alconchel, e de D. Maria de Noronha, religiosa do Convento da Madre de Deus*, dizeres que poderíamos pensar ter Fr. Jerónimo de Belém transformado na apresentação da sua (e nossa) personagem quando escreve: «Soror Maria da Conceição... Forão seus pays D. Pedro de Meneses, Senhor de Alconchel, e Dona Maria de Noronha; e ella dama da Rainha Dona Catharina...». Como, por questão de cronologias, o Abade de Sever – o II volume da *Bibliotheca Lusitana* é de 1747 – não pôde servir-se da obra de Jerónimo de Belém – o III volume da *Crónica*

⁸ D. Barbosa MACHADO, *Bibliotheca Lusitana*, II, ed. cit., 507.

Seráfica só se publicará em 1754 —, tão pouco pôde tirar, como por vezes faz, o seu título dessa página de Fr. Jerónimo de Belém... E só com esse título o cronista franciscano não poderia escrever uma biografia... Resta, portanto, pensar que Jerónimo de Melo conheceu e utilizou a biografia que escreveu uma discípula dessa sua tia? É apenas uma possibilidade, mas que pode, de algum modo, ver-se reforçada pelo facto de «a sua vida [se ter escrito] em vários idiomas, para que a todas as nações fossem manifestas suas exelentes virtudes». Esta «sua vida» é a mesma coisa que a «vida» que escreveu a discípula de Soror Maria da Conceição? À primeira vista, a resposta teria de ser positiva... E, no entanto, tal propaganda dir-se-ia mais condizente com os interesses em promover uma santa da sua família que, como a *Vida de D. Leão de Noronha*, deveria perseguir a biografia que dela escreveu seu sobrinho... Uma santa da sua família do seu sangue e um santo do sangue de sua mulher... Mas como eram parentes pelos Noronha, esta família via-se, assim, engrandecida...

Ora, as fontes de Jorge Cardoso foram as «relações de hum e outro convento» — entendamos, da Madre de Deus e de Sacavém — e a «sua historia ms. por Hieronymo de Melo, Comendador de Punhote, fidalgo por sua nobreza e virtude assaz conhecido neste Reyno».

Como explicar as discrepâncias, antes de mais, de ordem cronológica, e as diferenças — de tom., de selecção., etc. — entre a biografia de Soror Maria da Conceição na *Crónica Seráfica* e a que dela traz o *Agiolégio Lusitano*? Se, de ambas, a fonte mais provável, directa ou indirectamente, foi a discípula, é difícil, no estado actual da questão dar uma resposta satisfatória... E neste momento a mais satisfatória seria que Jorge Cardoso, através de J. de Melo, e Jerónimo de Belém aproveitaram dessa fonte o que mais se coadunava com os fins edificantes que perseguiram nas respectivas obras... É uma resposta que nem sequer, por falta de qualquer base de apoio, chega a ser uma hipótese... A menos satisfatória parece ser a que considera que Fr. Jerónimo de Belém não terá conhecido a obra de Jerónimo de Melo... Será, porém, sempre estranho que o autor da *Crónica* não cite aqui, como faz tantas outras vezes, o autor do *Agiolégio*...

De todos os modos, o que as páginas do cronista e as do hagiógrafo apresentam, são, mais do que dados «complementares» uns dos outros com que seria (im)possível escrever a biografia completa dessa «venerável madre», ângulos diferentes de olhar a mesma figura e a selecção que daí decorre traduzirá uma visão que há que olhar no seu contexto cultural, social, portanto, também. Mesmo que a primeira biógrafa de Soror Maria da Conceição, a sua discípula, escreva quase em tempos em que Jerónimo de Melo (1578-1645) também se terá interessado pela hagiografia de familiares

seus – D. Leão..., Soror Maria da Conceição –, a obra que resulta de quem a vê desde o claustro e a de quem a observa desde o mundo, de quem, pela evocação da sua memória, quer exaltar e propor um modelo à admiração e imitação de uma casa e ordem religiosa, e de quem procura exaltar, por meio da memória da santidade de um dos seus membros, a santidade de uma família e, deste modo, contribuir para a sua exaltação no mundo, essas obras, dizíamos, terão, obviamente, que nos mostrar, não faces diversas da mesma personagem, mas o seu funcionamento – o seu aproveitamento – em contextos e com finalidades diversos... Como acontece tantas vezes, não será com os diferentes dados de diferentes vidas que poderemos reconstruir a vida... De um santo ou de um pecador...

José Adriano de Freitas Carvalho

Notas

Devotio in propatulo:
un cartel poético desconocido de la Cofradía
del *Rosario de Nuestra Señora* (c. 1545)

(I)

A comienzos del año 1996 llegaron a mis manos un par de hojas impresas prácticamente destrozadas. Fueron un inesperado regalo de la fortuna que me han dado algún que otro quebradero de cabeza, especialmente por intentar hacer bueno el conocido refrán de que «a libro regalado no le mires nunca el diente»¹. Se trataba, en realidad, de dos ejemplares de un mismo original que habían servido para reforzar la tapa interior de una encuadernación, como bien muestra todavía en su vuelto una de ellas, con claro indicio de los márgenes del pegamento que sirvió para dar volumen al cartón; la otra exhibe bien visibles las manchas del engrudo que las unía. Es muy probable que existieran más, a modo de protección de la cubierta de la encuadernación, como artificio típico para dar el volumen y la consistencia necesaria a las tapas. Salvadas en lo posible sin cortar con cuchilla su constitución, miden aproximadamente 21,9x32,7 cmts., contando sus longitudes máximas, y se encontraban en un lamentable estado de conservación: taladros de polilla en ambas por casi todos los bordes que habían quedado dentro de los límites del refuerzo de la cola, manchas de humedad y restos de pegamento, el papel acartonado por la presión, etc. Una primera limpieza y lavado personal, con el fin (al menos) de saber de qué se trataba, y una cuidada restauración posterior, remarginando los dañadísimos contornos, han hecho más o menos legible su contenido. Hoy presentan un aspecto mucho más saludable y, desde luego, más agradecido que cuando arribaron a mi biblioteca.

¹ No, no hay error textual por *haplografía*; nos ceñimos (y acogemos) a la 7ª acepción del vocablo recogida puntualmente en el *Diccionario de la Real Academia* (Madrid, RAE, 1984, 20 ed.), I, p. 496, 'diente': "*Impr[enta]*. Huella que se advierte cuando, por no estar bien apuntado el pliego, no se corresponde las planas del blanco con las de la retirada".

Indicaba antes que se trataba de dos ejemplares del mismo original, pero con una pequeña (y agradable) sorpresa. En efecto son exactamente iguales, es decir, pertenecen a la misma tirada de la edición², aunque, y por escasos centímetros, una de ellas tienen un poco más de texto que la otra; osea, que se cortó por distinto lugar, un poco más arriba, y posee unos 6,8 cmts. más de la edición original. Conviene concluir, entonces, aclarando que en su origen se trataba de una hoja impresa por una sola cara de aproximadamente unos 65x45 cmts., la medida habitual del pliego de impresión en el Siglo de Oro³, que se cortó más o menos hacia la mitad, pero que uno de los ejemplares se guillotiné un poco más arriba y gracias a ello, superponiendo ambos restos con esa desviación vertical, conservamos alrededor de un 45% de lo que contenía; siempre hablando de la parte inferior del pliego.

Leímos con detalle de qué se trataba y a tiempo estuvimos todavía de incluir su existencia en el *Nuevo Diccionario bibliográfico de pliegos sueltos poéticos (siglo XVI)* de Antonio Rodríguez-Moñino⁴, pues no en vano contenía textos poéticos; allí también indicábamos un trabajo en prensa sobre el asunto, que iniciamos, rehicimos y abordamos ahora (con más ánimo que entonces).

Al conservar en uno de los lados los restos de una orla vertical de largas piezas xilográficas, podemos suponer que este tipo de adorno tipográfico sería completo y enmarcaría todo el pliego, aunque quizá no todas las piezas fuesen del mismo modelo⁵; en cualquier caso, el texto se encuentra en el interior. Al comienzo de lo conservado, que parece ser claramente la mitad inferior de la hoja, se observa casi completamente el inicio de un texto poético de seis estrofas dispuesto en seis columnas, que hemos nominado de izquierda a derecha: a, b, c, d, e y f, según los criterios habituales cuando aparece poesía en las ediciones.

² *Vid.* para la correcta interpretación de estos conceptos el trabajo imprescindible de Jaime Moll, *Problemas bibliográficos del libro del Siglo de Oro*, in *Boletín de la Real Academia Española*, LIX (enero-abril 1979), 49-107, en especial, 57-58.

³ *Vid.* las palabras de Alonso Víctor de Paredes en su *Institución y origen del Arte de la imprenta y reglas generales para los componedores*, ed. de Jaime Moll, Madrid, El Crotalón, 1984, fol. 23v-25v.

⁴ Edición corregida y actualizada por Arthur I.-F. Askins y Víctor Infantes, Madrid: Castalia, 1997, n° 861.2, que debe ser: 861.3, como se recoge en el «Índice de primeros versos de los textos».

⁵ Para este ornato de la página se utilizaban piezas de diferentes tamaños y representaciones, pero no siempre existía en la imprenta un juego suficiente para completar toda la orla con elementos iguales, máxime, como en este caso, al tratarse de un cartel y se rellenaban con las que hubiera disponibles; de hecho era lo habitual, y conocemos bastantes de los que daremos cumplida nota bibliográfica.

Analizando esta presentación editorial, y gracias a los restos de un doblez central vertical que creemos que plegaría la hoja en su centro, podemos suponer cómo sería (más o menos) la distribución general del impreso. Desconocemos lo que tendría en la parte superior, desde luego algún tipo de encabezamiento a modo de título, probablemente en tipografía más grande para *visualizar* el contenido, tal vez algún texto *programático* en prosa y, desde luego, todas las estrofas anteriores que faltan de los cinco misterios, que al comprobar su extensión en el *modelo* literario de donde proviene, ese «libro del rosario de un religioso de la orden de predicadores» que se cita al final, hemos supuesto su número y su constitución aproximada; de hecho son las estrofas correspondientes a los cinco misterios, más otra de remate a modo de explicación o coda final. Así, aprovechando las seis columnas de impresión de los textos poéticos, debajo de las dos primeras, a y b, aparece un texto en prosa del que nos falta prácticamente toda la mitad izquierda, la ocupada por el espacio que deja la primera estrofa, y del que tampoco tenemos el final, aunque a tenor de lo que diremos luego tampoco parece que fuera mucho.

Debajo de las columnas c y d aparece un breve texto en prosa y, debajo de él, un gran grabado de la Virgen del Rosario, y más debajo todavía, otro grabadito con una cruz trebolada, flanqueado de tres leyendas, dos horizontales en sus flancos y una inferior; no creemos que existiera nada más debajo de este espacio gráfico/textual. Igual sucede en el caso de las columnas e y f, debajo de las dos estrofas se encuentra un breve texto en prosa y, de nuevo bajo él, otro texto poético también a dos columnas, que por su estructura estrófica hay que leer empezando en la columna e y siguiendo por la columna f, rematado con una última estrofa, a una sola columna, y lógicamente ocupando el centro de la caja tipográfica diseñada antes para dos, que nos parece el final de todo el conjunto. Por ello indicábamos antes, que no creemos que debajo de lo conservado existiera mucho más texto, probablemente un colofón, a lo sumo, y, casi seguro, de nuevo la orla que circundaba todo el pliego. (Como se habrá dado cuenta el lector, esta prolija descripción intenta exponer las características *gráficas* del cartel, dada la imposibilidad de ofrecer un facsímile medianamente aceptable.)

La constitución del impreso, la adscripción tipográfica de la que carece (al menos en lo conservado), su llamativa aparición, ni citada ni sugerida por ningún estudioso, y otros pormenores de índole bibliográfica nos han tenido atentos durante más tiempo del deseado y creemos que a la postre hemos dado con algunas respuestas⁶; pero el tema, la piadosa

⁶ Esperemos que no sea la última vez que aparecen *restos* editoriales en tapas y guardas de encuadernaciones, pues en casi todas las ocasiones han supuesto descubrimientos de una cierta

devoción hispánica del *Rosario*, se sale por todos los costados de las bibliografías y estamos saturados de referencias, lecturas y cotejos, pues jamás habíamos sospechado la cantidad de obras, textos y autores que han tratado este asunto en el Siglo de Oro. Por todo ello hemos renunciado a un único trabajo, a todas luces insuficiente y demasiado extenso, y hemos decidido parcelar los problemas y estudiar los contenidos a medida que vamos teniendo las contestaciones (y los datos) a todas las interrogantes que plantea. Hoy empezamos por ofrecer lo más importante: el texto, los textos; para seguir con las fuentes poéticas, la historia del tema, las deudas doctrinales, el contexto devoto del asunto, etc. En fin, todo lo que significa *entender* este cartel poético del *Rosario de Nuestra Señora*; y que no se preocupe el lector (si es que lo hace), que en la próxima entrega vamos a llenar bastantes de los puntos suspensivos que hemos tenido que utilizar ahora.

Victor Infantes

Addenda.

Incluimos los criterios que hemos seguido a la hora de ofrecer el contenido textual del cartel, básicamente una transcripción *ad litterae*, como simple exposición de los problemas específicos que plantea por su constitución y por lo conservado. Ofrecemos la copia por las líneas de las columnas del original, bien una a una en el caso de la poesía, bien dos a dos en el caso de la prosa. En general, mantenemos todas las características gráficas y tipográficas: la puntuación propia, con la inclusión de los dos puntos; las mayúsculas, aún en los casos de claras anomalías; la mención de los calderones para indicar entradas testuales; las sangrías exteriores de los versos; las aglutinaciones, excepto las que no sean necesarias para el sentido; las variaciones vocálicas y las formas léxicas particulares, la carencia de un sistema de acentuación; incluso, mantenemos el paréntesis (), existente en el propio original. A cambio, hemos desarrollado todas las abreviaturas para no interferir con signos ajenos una

consideración, casos de los manuscritos de *Roncesvalles*, las *Cantigas* de Martín Codax y de Don Denis, del *Amadis de Gaula*, etc. o de los impresos de la *Cárcel de amor*, el *Diálogo de las mujeres* de Cristóbal de Castillejo, algunas *Cartillas*, ciertos *Calendarios*, etc.; vestigios que esperan la atención de quienes tiene la fortuna (y el instinto) de encontrarlos.

lectura a todas luces ya dificultosa y utilizamos el paréntesis rectangular simple [] para indicar las intervenciones personales, casi siempre de reposiciones obvias, y el doble [[]] para expresar pérdidas irreparables.

Col a: [[...]]
 [[...]]
 [[...]]
 [[...]]
 [[...]]
 [[...]]
 [[...]] ia
 [[...]] io,
 [[...]]
 [[...]] a.

Col. b: [[...]]
 [[...]] [c]ontemplando,
 fuera quan[¿t/d?]o a su reposo,
 tu hijo muy glorioso,
 se subira, tu mirando,
 D[e t]odas las hierarchias,
 Le salen a rescebir.
 Unos dan[do] melodias,
 Otros haziendo alegrias,
 Porque le veyan subir,

Col. a y b: [[...]] ha de tener en rezar el sancto
 [[...]] ana.
 [[...]] mysterios: y offrecimiento
 [[...]] señora del Rosario: escripto enel libro dela
 [[...]] Conuento delos frayle[s dela] orden de predi
 [[...]] ha de dar: ni pagar cosa alguna de obligacion:
 [[...]] graciosamente. Han se de rezar, y conten
 [[...]]
 [[...]] x. Aue marias, y ansi todo el psalterio, en
 [[...]] semana:desta manera. El Domingo todo
 [[...]] cl. Aue marias. El Lunes: y Jueues los
 [[...]] , y .l. Aue marias. El Martes: y Uiernes:
 [[...]] [d]ela misma manera. El Miercoles: y Saba
 [[...]] [d]ela misma manera. Pero esto es de deuo=
 [[...]] [co]fradia no es menester que se diga mas de vna
 [[...]] [p]orque son las .cl. ue marias: y .xv. vezes el
 [[...]] cion) si quissieren ganar los perdones con
 [[...]] n cosa alguna: ni tampoco peccan.
 [[...]] [co]fradia todas las personas de qualquier estado
 [[...]] uno: como dicho es. Pueden ansi mesmo
 [[...]] [c]ofradia: para que sean participantes delos bie
 [[...]] a: con tal que cada semana diga que en los man=
 [[...]] ntero por cada vno dellos.

[...] [c]ofradia: que rezar en el rosario entero: vltra
 [...] los beneficios que por toda la christiandad
 [...] toda la orden de predicadores: ganarlo siguiente.
 [...] y papa Joan .xxij. y vltimamente papa Six=
 [...] xxv. concedio por cada vez que rezar en el
 [...] ij. concedio Indulgencia plenaria: vna vez
 [...] rte.
 [...] ndo todos los perdone concedidos por los
 [...] [c]ofrades concedio de nueuo .x. años: y .x. qua
 [...] ario entero. [calderón] Item el mismo papa Leon
 [...] : que visitando .v. altares: y rezando en cada
 [...] :o en vn altar solo rezando toda lo que se ha
 [...] : todas las estaciones de Roma: como si
 [...] [i]glesias de Roma: y han de rezar las dichas
 [...] aue marias: en los dias siguientes.
 [...] [A]duiento: y el Miercoles: Uiernes. y sa=
 [...] [A]duiento. [calderón] Item vigilia de nauidad: y
 [...] vna delas tres misas: y los dias de sant
 [...] [¿Siluest?]res. Cabo de año: y los Reyes. [calderón] Item
 [...] a: Sexagessima: y Quinquagessima: que
 [...] antes de quaresma. [calderón] Item el Miercoles
 [...] [d]jas de quaresma: y los Domingos: y el
 [...] ochauario. [calderón] Item el dia delas ledanias
 [...] co. Item el dia dela ascension de nuestro señor Ie.
 [...] a de Spiritu sancto: y el dia dela dicha pascua
 [...] Item el Miercoles: Uiernes y Sabado
 [...] son las primeras que se si[guen] despues de
 [...] vno destes sobredich[os] delas han concedido
 [...] [di]chos perdone: que no a[...] a que a lo menos
 [...] [q]uarentenas de indulgencia: y otros d[...]
 [...] naria. Iten otros que se pudiesse sacar
 [...] [do]mingo de septuagessima. El martes
 [...] [q]uarte domingos de quaresma. [...] vi [...]
 [...] ramos. Y el miercoles [...]

Col. c: [...]
 Aquella dulce [...]
 Del spiritu vngir,

Col d: [...]
 [...] tonos representa,
 En la qual virgen serena

y de sus dones cumplir	Fuystes de dolor agena,
A la su gente escogida:	Quanto soys de culpa exempta
Con la qual: los pecadores	Y entonces lalma sintio
Que hasta alli nada supieron	Su gloria sola, y sin par,
fueron tan grandes doctores,	Avnque luego boluio
Que doze predicadores	Al cuerpo, y con el subio
Todo el mundo, conuirtieron.	Al cielo para reynar.

Col. c y d: [calderón] Es de notar que los mysterios gozosos son los cinco primeros que vereys aqui puestos con orden: y los dolorosos los otros cinco: y los gloriosos los vltimos: y cada vno reza un padrenuestro con .x. aue marias.
[Gran grabado de la Virgen del Rosario, debajo:]
Pater noster [pequeño grabado de cruz trebolada] Aue María.
Defen[sio] Fidei.

Col. e: El quinto claro nos muestra	Col. f: [calderón] Por estos cinco [[...]]
quando fuystes sublimada	Gloriosa reyna [[...]]
y enlos cielos coronada	Que tengays de mi memoria,
[P]ara ser señorea [sic] nuestra	Porq[ue] sea (con victoria)
[[...]] que fueren culpados	En la gloria rescebido:
[U]os tengan por aduogada	Y pues gloria soys del mundo,
Haziendo que sus peccados	Que la gloria me otorgueys
Sean de Dios perdonados,	y me librey del profundo:
Y la gloria otorgada.	y el vuestro rostro jocundo
	En la gloria me enseñeys.

Col. e y f: [calderón] Otras muchas mas estaciones ay en Roma en domingos: y fiestas: las quales estan sumadas y puestas mas largamente enlas bullas dela Cruzada: y de sant Pedro.
[calderón] Y vltimamente para Paulo .iij. a instancias del Reuerendissimo señor el cardenal don fray Iuan de Toledo Arçobispo de Sanctiago en el año .M. D. y .xliij. concedio a todos los que rezaren el rosario .lvj. mil años y vna indulgencia plenaria por cada vez. [calderón] Todo esto hallaran mas largamente enel libro del rosario, nueuamente compuesto por vn religioso dela orden de predicadores.
[calderón] Los gozos de nuestra señora del Rosario.

Col. e. [calderón] Uestros gozos
con señal
Cantare virgen Maria
Pues que vuestra señoría
Es [...] virgen del rosal.

[calderón] Dios planto en vos
señora
El rosal muy excellent
Haziendos merescedora
Dengendrarlo puramente.
Dando fe ala señal
Que del cielo descendia
De Dios padre que queria
Ser vos madre del rosal

[calderón] De vuestro vientre
nascida
De verde rosa la planta
Fuystes dangeles seruida
como del cielo infanta:
Quedastes entera y sin mal
llena de gran alegría
Pariendo en la establia.
Al celestial rosal.

[calderón] Quando los reyes
sintieron
Del Rosal el gran olor
Con la estrella partieron
A adorar el redemptor
Y hallaron verdad tal
De Balam la prophecia
Pues vuestra meced tenia
Enlos braços el rosal.
[calderón] Gran gozo os
presentaua
el hijo resucitado
Con las rosas que lleuaua
En manos pies y costado:

Col. f. Por las quales Belia
Que los sanctos malheria:
Fue vencido en aquel dia
Que florescio el rosal.

[calderón] Acabada la gran
guerra
Del peccado: y desconsuelo
Fue lleuado dela tierra
El rosal arriba al cielo
Con victoria triumphal
e vistas quando subia,
y el padre que rescebia
Enlos cielos el rosal.

[calderón] No fue de menos
estima
Uenir le spiritu sancto,
Pues vino delalta cima
Con virtud y poder tanto
Que inflamo con fuerça tal
Toda aquella compañia
Que Dios padre elegia.
Para estar enel rosal.

[calderón] Uestra vida
acabada:
El mayor gozo sentistes
Quando fuystes presentada
Delante el que concebistes
Y alli os dio poder tal
Que teneys tal señoría
Que vos sola soys la guia
Delos hijos del Rosal.
[calderón] Pues vuestro poder
es tal
Que mandays por todauia
Preseruad virgen Maria
Los cofrades del Rosal.

Col. e y f:

[calderón] A los Lectores.

[calderón] Siendo de gracias, muy rico sumario,

Y siendo fundada, por virgen y madre,

Y siendo quien vence, a nuestro contrario:

La gran cofradía, del sancto Rosario:

Qual es aquel, que no es su cofrade:

No aya ninguno (sus culpas llorando)

Que dexé ganancia, [[...]] alta y subida,

Quel precio es virtudes, ganadas orando,

Y el premio la gloria, do bien gozando,

[[...]] la vida.

Recensões

Ana Isabel BUESCU, *Imagens do Príncipe. Discurso normativo e representação (1525-49)*, Lisboa, Cosmos, 1996, 434 pp.

Poucas vezes na história cultural portuguesa do Humanismo renascentista se terá apresentado uma síntese tão «organizada» de um tema premente – por significado e por urgência de estudo – como a que nos é dada por esta obra.

Dividida em duas grandes partes – «Virtudes e modelos na construção da imagem do príncipe» e «Modalidades de um discurso especular» – o belo livro de Ana Isabel Buescu, servido, por sua vez, por um discurso inevitável e reiteradamente circular, vai analisando, lentamente, os «Percursos da constituição de um género»... e «A representação do perfeito príncipe nos tratados joaninos»..., para passar depois, numa segunda parte, sob o signo do «discurso especular», a analisar a «Pedagogia do príncipe»..., «Uma Imagem virtuosa» que daí decorre..., «O corpo místico da república»..., «Uma imagem no feminino» – capítulo em que se debruça sobre «O retrato da perfeita princesa»... – e, finalmente, como conclusão desse jogo subtil – talvez, até, nem sempre tão subtil – de imagens da imagem – é para o que servem os espelhos – a «Apropriação de imagens» que se pode verificar, quase como uma prova real, em diversas manifestações literárias áulicas. Este simples enumerar dos momentos capitais e organizadores da obra deverá alertar para a importância do estudo em causa, apoiado, aliás, numa soberba e actualizada bibliografia. Tentemos apresentar alguns dos momentos que nos pareceram mais interessantes, prevenindo, porém, que, como qualquer leitura, a recensão «est pour une grande part projection des désirs du lecteur sur le texte» (C. G. Dubois) e, conseqüentemente, «si accetta o si rifiuta la testimonianza dei documenti a seconda, né più né meno, di quel che conviene» (K. Clark cit. por R. e Margot Wittkower *Nati sotto Saturno*).

«O presente estudo tem – como já se terá concluído e adverte, desde o início, a sua autora – por objecto [o] discurso normativo constituído pelos espelhos de príncipes em Portugal nos alvares da Época Moderna» (pág. 19), o que, no fundo, quer dizer que tenta descodificar «a imagem ideal do governante» (pág. 17, 62...) – do reino e da sua família, vertentes inseparáveis – de acordo com «as virtudes que teve – ou deverá ter – no desempenho do ofício régio» (pág. 16). Essa imagem que acaba por ser, inevitavelmente, a do «príncipe cristão» – conceito de notável centralidade na obra, ainda que não totalmente explorado – vai-se desenhando por meio de toda uma literatura de velhas raízes – *Policraticus... De Regimine Principum...* – e coagula, entre nós – citamos quase pela ordem em que a autora as vai estudando ou reestudando –, em obras de D. António Pinheiro – *Oração* [aos moços fidalgos]..., *Panegírico de Plínio...* –, de Francisco de Monzón – *Libro Primero del Espejo del Príncipe Christiano...*, *Libro Segundo del Espejo del Príncipe Christiano...*, *Libro Primero del Espejo de la Princesa Christiana...* –, de

Fr. António de Beja – *Breve Doutrina e Ensinança de Príncipes* –, de Sancho de Noronha – *Oração e Tratado Moral de Louvores e Perigos de Alguns estados seculares* –, de Lourenço de Cáceres – *Das Condições e Partes que há-de ter um bom Príncipe...*, *Tratado dos trabalhos do Rei...* –, de Fr. António de Guevara – *Relox de Príncipes* – e de outras «peças» que, por menores, não são menos significativas, como, por exemplo, a *Carta* de Sá de Miranda a D. João III. É toda uma «literatura de carácter político e áulico» (pág.22) – talvez fosse mais justo dizê-la de carácter áulico e político, pois, talvez, a ordem dos factores não seja aqui arbitrária... – que de uma maneira ou de outra se «re-diz» e de que só uma atenção sábia consegue calibrar a originalidade... Que nem sempre é muita... E nem era esse o fim que perseguia, mas, sim, o de marcar a funcionalidade da mesma imagem – quase sempre um tanto atemporal – em diferentes contextos e, logo, cronologias... O modo – ou um dos modos – de essa imagem poder apresentar-se ou ser apresentada como «actual»... e, logo, poder exigir *uma* educação e *uma* pedagogia. Necessariamente, de tudo isto decorre, como acentua Ana Isabel Buescu, «para além da dimensão virtuosa do soberano ideal, [...] práticas e códigos de comportamento apropriados pelos círculos da aristocracia áulica» (pág. 31). E uma dessas apropriações verifica-se no válido ou privado..., como há-de glosar, com sumo acerto, aliás, um epígono de estes autores, Rodrigues Lobo, na sua *Corte na Aldeia* (1619) – perdoar a propaganda em casa própria: mas por que utilizou a péssima edição de Lopes Vieira adulterada por sucessivos erros de tipografia? – lançando mão de um *Aviso de Privados* – uma obra a que, talvez, tivesse válido a pena dar maior relevo – de Fr. António de Guevara depois de ter passado por *Il Cortigiano* e por *Il Galateo* (pelo italiano e pelo espanhol ...). Rodrigues Lobo sabe, como os seus mestres que o privado tem de ganhar o coração do seu príncipe, mas, como certamente estará de acordo Ana Isabel Buescu, não é esta a sua finalidade última: toda a sua cortesia, a começar por essa «técnica» que é a *sprezzatura*, procura conquistar para aconselhar e «ajudar» a governar... Todo o áulico aspira à privança... e à política, se não ao governo... Talvez, por isso, nesta ordem de ideias e no jogo de imagens que pressupõe e se multiplica por «imitação», se pudesse atender um pouco mais a documentos em que o próprio príncipe se «re-vê». A autora, aludindo à importância da questão (pág. 35) lembrou os *Enseignements* de Luis IX, mas, já que entre nós não temos – que eu saiba, pelo menos – esse tipo de instruções, bem poderíamos recorrer às ordenações de cortesias e protocolos de um D. João III, em que este, olhando para o imperador, seu cunhado, reajusta a sua imagem real. Fr. Luis de Sousa deu conta destas «novidades»... E, por tudo isto, nunca se poderá discutir o acerto da autora em acentuar, ao longo da sua obra (págs.31, 35, 38, 71, 119, 239 *et passim*) o papel da cultura de corte nestes anos. Mesmo em períodos em que não há, entre nós, directos contributos para a constituição do género, isto é, *specula principum* escritos – como durante o tempo dos príncipes de Avis, um «tempo» tão breve e tão interiorizado – sempre se poderia olhar para esses espelhos vivos que se propunham ser esses príncipes, como, aliás, não escondeu D. Duarte nas célebres páginas *Da prática que tínhamos com El-Rei meu Senhor e Padre...* Naturalmente, a importância da *imitatio* – conceito chave para perceber a dinâmica do Humanismo renascentista e, conseqüentemente a

«literatura especular» que produz – é posta em relevo por Ana Isabel Buescu (pág. 30, 36, 39, 71, 72, 92, 166, 227 *et passim*) e, por isso teríamos gostado de a ver mais sublinhada (conf. pág. 245) como princípio actuante da política real proclamada em tantas alturas de «reformas» e aproveitado quando se tratava de, no turno de quem se seguia, propor a «conversão» do reino... O princípio da «conversão» – moral e/ou religiosa – conheceu, pela prática de tantos que dentro e fora das fronteiras se dedicaram à sua realização, esse apelo imitativo... Recordemos o drama de um Manuel da Nóbrega num Brasil *sine lege et sine rege*...

Não nos demoraremos aqui a sublinhar as páginas dedicadas a analisar a «pedagogia do príncipe» de acordo, fundamentalmente, com António Pinheiro e Francisco de Monzón, e a «matriz cristológica» de uma «imagem virtuosa» do príncipe que se vai tornando, ao nível deste tipo de literatura, numa imagem cada vez mais «classificizante»... E, digámo-lo, com algum atraso..., frente a esse tacitismo – que também propunha a sua «imagem» do *seu* príncipe, claro! – que ia ganhando foros – e bem polémicos – na corte peninsular até se ver consagrado por um António Pérez e um Álamos de Barrientos... Essa «matriz cristológica» que vem estudada, com mais ou menos incidência, a propósito das obras de Fr. António de Beja e de Sancho de Noronha, poderia até ter constituído o eixo da obra de Ana Isabel Buescu, mas não seremos nós a criticá-la por ter preferido, atendendo a matizes literários e cronológicos, e sempre doutrinários, apenas acentuar os momentos mais fortes dessa matriz. A *Breve Doutrina e Ensinança de Príncipes*, publicada em 1525 no contexto celebrativo do casamento de João III com Catarina de Áustria, é, das obras dos dois autores referidos, a que pode prestar-se melhor a anotar essa «matriz cristológica», isto é, a representação do «ofício do rei» como uma imitação de Cristo (pág. 146). Felizmente, a análise de Ana Isabel Buescu não forçou, como poderia temer-se pela promessa do título desse capítulo, Fr. António de Beja a dizer mais do que o que ele diz.. E o que ele diz nessa página da *Breve Doutrina* (I, 1), será necessário sublinhá-lo, são umas banalidades que se podem ler – e com muito mais profundidade e originalidade – em qualquer tratado *de regno Christi*, género que, depois do século XIV, logo no século XVI também, como ensina esse Mestre que é D. Jean Leclercq, se fixa, antes de mais, nos aspectos políticos desse "reino" (*L'Idée du Royauté du Christ au Moyen Âge*, Paris, 1959). Banalidades, aliás, logo cimentadas por uma erudição clássica de mais que duvidosa mão..., o que não impede que tenha sabido aproveitar a *Oratio* de G. Pico, donde, talvez, esse pacifismo de Fr. António de Beja que já se tem assinalado, como chama a atenção a autora (pág.149). É, pensamos, uma hipótese a pôr não só para este jerónimo, mas também para outros autores portugueses em que a *causa pacis* reluz (conf. pág. 171), ainda que haja que ponderar se tal pacifismo não derivará, precisamente, dessa tradição da literatura ascética destinada ao rei (Conf. J. Leclercq, *ob. cit.* pág. 46-47). Se essa «matriz cristológica» não vai mais além do que propor que, à semelhança de Cristo, deve o rei cultivar a Sabedoria, a Justiça e a Prudência, poderemos duvidar que o *Tratado Moral* de Sancho de Noronha, verdadeiramente organizado sobre o Temor de Deus, possa dever algo a essa matriz.... Gostaríamos de chamar a atenção para o facto de esta matriz se encontrar, por vezes, onde menos se espera, como, por exemplo nas *Homilias e Meditações* (Évora, antes de 1564?) do cardeal D. Henrique, e se organiza

em fórmulas muito precisas que não desdenharia qualquer dos autores examinados. Lembramo-lo, sem, evidentemente, querer sequer insinuar que Ana Isabel Buescu devesse ter considerado essa obrzinha do futuro rei, pois, pelas datas em que foi elaborada e publicada, não podia ter entrada nessas belas *Imagens do Príncipe*. O acentuar destas perspectivas da matriz cristológica – um elemento que, de forma implícita, pelo menos, organiza qualquer obra em torno do «príncipe cristão» – não infirma, obviamente, outros aspectos da análise que Ana Isabel Buescu faz dessas obras... De todos os modos, preferiríamos pôr um acento especial no Temor de Deus que é notável – no pleno sentido da palavra – no *Tratado Moral* de Sancho de Noronha. É o Temor de Deus – não o temor a Deus – que, por exemplo, bem vistas as coisas, «transfere» para o rei a exigência do estrito cumprimento da Justiça (pág. 159). Esta perspectiva é o que parece, salvo melhor opinião, distinguir, para melhor, Sancho de Noronha de, por exemplo, um Lourenço de Cáceres, autor a quem, na obra que analisamos, se dedica larga atenção. Ana Isabel Buescu, sem deixar de, reiteradamente, assinalar a sua relativa falta de originalidade – ou, se preferirmos, ponderando essa falta como uma normalidade do género – aponta o que constituiu a sua «singularidade» no panorama da literatura para príncipes – sobretudo, para os não-príncipes lerem o que o seu príncipe se propõe –, quer dizer «um discurso que [se organiza] em função entre [um] tipo de referências de carácter abstracto, como os trabalhos do rei [...] e uma dimensão quase insolitamente concreta, relativa a papéis sociais bem determinados, como o capitão, o embaixador, o oficial da fazenda, o pregador.» (pág. 171). Não nos deteremos nas abundantes páginas que em *Imagens do Príncipe* se dedicam a António de Guevara e que constituem, embora, a nosso parecer, com algum desvio da linha metodológica até aqui seguida, uma acertada síntese do «último» sobre o bispo de Mondoñedo e a sua obra, em especial o *Relox de Principes* – incluído em virtude da sua edição de Lisboa (1529) patrocinada por D. João III –, mas chamaremos a atenção para o capítulo que atende ao "corpo místico" da república. São páginas em que vem particularmente estudado o *Libro Segundo del Espejo del Perfecto Principe Christiano* de Francisco de Monzón, obra fundamental, desde este ponto de vista, em que essa célebre metáfora «acaba por conferir, no âmbito desta concepção orgânica da sociedade, um quase idêntico protagonismo à *cabeça* e ao *corpo* de uma república idealmente ordenada.» (pág. 193). Com efeito, aqui não se trata apenas de um «perfeito príncipe cristão», mas das «repúblicas perfeitas» (196, 199), objectivo que, se, aparentemente, se diria alargar os horizontes utópicos da proposta global, talvez denote uma certa reserva na capacidade da imagem especular do príncipe ser capaz, por si só, de organizar, como até parecia deduzível, a república... Por isso, é, agora, mais preciso e urgente o apelo à imagem de cada qual, isto é, à interacção das virtudes de cada súbdito com as virtudes do príncipe... (Conf. pág. 196, 199) E como todos os súbditos devem imitar Cristo..., a república cristã já não depende tanto do rei «imitador de Cristo», mas da harmonia interdependente das virtudes da cabeça e do corpo... Curiosamente, poderia defender-se que a crítica à corte que tece Monzón – a esse «mundo ao contrário», como bem diz a autora (pág. 204) – ganha pleno sentido quando nos lembramos de que é a corte nesse lugar de «sociabilidade de eleição», essa sociabilidade que, em sede humanística, significava a confiança na conversação, isto

é, na palavra e na capacidade do homem, através dela, se aperfeiçoar... De *Il Cortigiano* à *Corte na Aldeia*, passando pela *Civile Conversazione* é este o fito a atingir e a base das re formulações que se vão propondo... E o lembrarmo-lo aqui não impede que remitamos para outras páginas em que Ana Isabel Buesu, a propósito de *El Libro Primero del Espejo del príncipe Christiano*, aponta, mas apenas na sua mais aparente – aparente não quer dizer menos importante – dimensão: a cortesia – que também foi tida entre as virtudes – na sua dimensão de civilidade (pág. 133-134) ... E dentro desta mesma ordem de ideias, muita da atenção que dedica ao exame do *Libro Primero del Espejo de la Princesa Chistiana* do mesmo F. de Monzón teria sido ainda mais bem recompensada se tivesse tido o apoio de um texto como o *Arte de Galanteria*, de D. Francisco de Portugal († 1632), uma obra tardiamente publicada (Lisboa, 1670), mas em que, por muitas razões, ainda ecoam os últimos tempos do reinado de D. João III.

E para terminar esta longa nota de leitura, gostaria de recordar a importância do capítulo *Apropriação de Imagens*, umas páginas rapsódicas, mas em que vão, como que numa revisão final, passando muitos dos temas e momentos que já encontramos. Ana Isabel Buesu serviu-se delas para acentuar a «homogeneidade» de «uma cultura política comum aos círculos áulicos» baseada, em larga medida, em *loci communes*... Destaquemos, pelo futuro que lhe estava reservado, essa metáfora que faz do rei o sol..., *topos* que encontramos utilizado (especialmente, utilizado, ao parecer) por D. António Pinheiro na *Oração – e pour cause?* – de abertura das primeiras cortes de D. Sebastião (pág. 102, 241), uma metáfora complexa de que, por muito que a coloquemos no contexto de um *corpo místico* «republicano»..., não poderemos esquecer que muito do seu simbolismo lhe advém de domínios astrológicos, como «ensina» H. C. Agrippa no seu *De occulta Philosophia* (II, 28, 32, 41 *et passim*). E a cultura de corte – de qualquer corte – sempre gostou de utilizar essas constelações de tópicos culturais, como se pode ver em tantos trabalhos de C. Vasoli, especialmente em *La Cultura delle Corti* (1980).

Servido – permita-se-nos a reiteração – por uma excelente e ordenada bibliografia e por um bom índice analítico, *Imagens do Príncipe* será sempre uma obra que teremos de referir todos os que nos interessamos por essa cultura de corte...

José Adriano de Freitas Carvalho

Anne Marie QUINT, *L' «Imagem da Vida Cristã» de Fei Heitor Pinto. Essai d'Interprétation du Langage figuré chez un Humaniste Chrétien*, Paris, Centre Culturel Calouste Gulbenkian, 1995

Um grande trabalho – nada menos que uma tese de Doctorat d'État – dedicado à linguagem de Fr. Heitor Pinto, uma perspectiva que, de um modo ou de outro, e segundo várias modalidades, sempre aparece rapidamente enunciado nos estudos dedicados ao autor da *Imagem da Vida Cristã*. O que, feitas as contas, sublinha a pertinência da longa investigação de A. M. Quint. Embora o título de

capa, aquele que anuncia imediatamente a obra ao leitor, possa sugerir algo de mais vasto, a autora insiste em precisar, desde o início, que é esse e não outro o seu objectivo: «...notre propos n'était pas d'étudier les idées de Frei Heitor Pinto, mais les moyens qu'il utilise pour les mettre en évidence» (pág. 21).

Dividido em dois «livros», do primeiro, que é como que a preparação indispensável do leitor para esse estudo da linguagem, poderia dizer-se que apresenta o «estado da questão» dos conhecimentos sobre o monge jerónimo; do segundo, «Au coeur du langage figuré», que se ocupa do «papel dos quatro Elementos na formação dos significantes das imagens», daquilo que, no homem, inspira a imaginação de Fr. Heitor, e, por fim, do que a autora sugere como «as actividades humanas» enquanto fontes de numerosas imagens da prosa dos diálogos.

Como já teremos descoberto, trata-se de um estudo «literário» que se ocupa do texto da *Imagem...* como «literatura» que também é, evidentemente, ainda que não primordialmente. E embora A. M. Quint saiba muito bem que não é legítimo – ou nem sempre legítimo – dissociar o fundo e a forma (pág. 20), atrevo-me a pensar que os autores de obras de espiritualidade só teriam a ganhar se lhes estudássemos primeiro o fundo e depois a forma, já que, normalmente, não costuma ser possível abarcar os dois numa análise simultânea. Com efeito, salvo melhor opinião, nos autores de obras de espiritualidade – e espiritualidade no mais amplo sentido da palavra – a «literatura» é algo de secundário – isto é, que vem em segundo lugar e, por isso, é sempre algo que está ao serviço de... E A. M. Quint tentou, muitas vezes, chamar a atenção para as suas ideias – um pouco menos para a sua espiritualidade, entendida esta aqui, sobretudo, como expressão da sua *ars orandi* – para "mostrar", com precisão, que a «linguagem figurada» está, exactamente, ao serviço de... Antes de abordar a linguagem de esse *eloquente – vir lusitana eloquentia [...] celebratissimus* (pág. 37), classificação que cremos deverá entender-se, antes de mais, por referência aos seus sermões, essa obra que, infelizmente, talvez nunca mais logremos ler na sua integridade dado o tipo de restauro a que foi submetido o códice da *Angelica* de Roma – A. M. Quint vai apresentando, resumidamente, os diversos diálogos que constituem a *Imagem...* nas suas duas partes, para lhes esboçar a génese, sublinhando, como fazem todos a isso induzidos pelo próprio Fr. Heitor, a importância de Platão na construção do diálogo do jerónimo português (pág. 71 segs.). E desde este ponto de vista, gostaríamos de chamar a atenção para que a evidência do «carácter artificial» do diálogo na *Imagem...* (pá. 79), que resulta não só da tradição do género de que se invoca, mas também, talvez, do facto de os seus interlocutores admitirem antecipadamente uma verdade (pág. 79), é, a nosso ver, apenas aparente... Com efeito, o debate na *Imagem...* não está ao serviço de descobrir qualquer verdade – nem sequer ao nível catequético de guiar e instruir –, mas, sim, de aprofundar, de ir mais longe no conhecimento e, logo, da vivência da verdade... A linguagem figurada que estuda A. M. Quint está, precisamente, posta ao serviço deste aprofundar e, sobretudo, do ajudar o leitor a, por si, poder aprofundar a verdade... E, até certo ponto, A. M. Quint deixa-nos perceber esta perspectiva essencial (pág. 81, 147, 148 *et passim*). E o mesmo se diga dessa grande erudição que analisa a autora – uma erudição, em grande parte, feita, como sempre, com o recurso de *officinas e poliantes...* – e de que assinalou muito bem a respectiva

função (pág. 105). De todos os modos, por nossa parte, na sequência do que já tivemos ocasião de sugerir – *Erudição e Espiritualidade no Século XVI em Portugal. Nótula a propósito da 'Imagem da Vida Cristã' de Fr. Heitor Pinto, O. S. H.*, Lisboa, 1988 – sublinharíamos que a erudição em Fr. Heitor, como aliás, para S. Jerónimo segundo decorre da sua comovida recordação da erudição de Nepuciano, é uma demonstração de humildade, talvez melhor até, uma forma da humildade que fundamenta a verdadeira sabedoria... e não, como acentua com toda a razão A. M. Quint, um alarde de saberes de humanista, coisa que, ao parecer, não se considerava... E ainda neste campo de erudições, a autora aponta certamente para essa interpenetração – aliás, tanto do seu tempo cultural – da cultura popular e da cultura erudita (pág. 111) e, por isso, é muito interessante ver A. M. Quint mostrar, a título de exemplo dessa interpenetração, a estreita relação entre algumas passagens da *Imagem* e o *Romancero*... (pág. 112-113). Por isso, e também por razões de doutrinação literária do seu tempo, gostaríamos de ter visto distinguir melhor Poesia e poetas... de poesia e trovas... Homero é Poeta..., mas as trovas, os livros de versos profanos não são Poesia... No entanto, subscrevemos a síntese que faz das duas primeiras partes do primeiro livro: «La constante référence à Platon, le déploiement de culture, les racines populaires: autant de traits qui marquent de façon décisive le 'dialogue hectorien'». (pág.127).

As páginas que depois dedica a *de l'art d'écrire au langage figuré*, preciosas nas suas finas análises conduzidas com uma perspicácia só comparável à paciência no desejo de passar da superfície a zonas cada vez mais profundas (pág. 237, 240, 272...), só «sofrem» algumas limitações em virtude de A. M. Quint, como já apontámos, ter tratado a *Imagem*... como se fosse uma obra de diálogos como tantas outras..., uma obra «literária» imediatamente dissociável do fim para que foi escrita ou, se preferirmos, associável a um fim para que não foi escrita... , como sabe muito bem a autora que disso nos adverte (pág. 233. 234 *et passim*). Por isso, quando a vemos escrever que «le langage figuré doit servir à illustrer, à éclairer sa pensée» (pág.233), não podemos deixar de aplaudir, mas gostaríamos de saber precisamente o que se ilustra, não só em cada momento da análise, mas no seu todo... Por isso, quando, por exemplo, A. M. Quint conclui, no fim de uma série de análises, que, em determinada passagem, «Fr. Heitor Pinto [utilisa] tour a tour trois constructions différentes pour exploiter à fond une même image et cela sans cesser de faire avancer simultanément l'expression de sa pensée» (pág. 211), poderia ter ido um pouco mais longe e mostrado que essas três construções foram um dos processos que utiliza para, entendamos o paradoxo, dizer o indizível que é esse «contentamento espiritual fundado em Deus, [que] pode durar sempre, porque Deus dura para sempre.» (pág.210). Talvez deste modo, alguns «transfers inattendus» que assinala A. M. Quint não aparecessem tão surpreendentes...

Do segundo livro da obra, o núcleo da sua tese, nada mais podemos dizer nesta breve apresentação de um trabalho modelar pelo rigor com que soube levar a cabo os objectivos que se propôs. E é sempre com interesse que a vemos sugerir (pág. 234, 240, como através das imagens, podemos encontrar o «coração»..., o «íntimo do homem» que é Fr. Heitor Pinto (pág.355, 570). E, como consequência, serão sempre a ler as páginas em que nos vai mostrando como, no fundo, o que faz

Fr. Heitor Pinto, com esse repositório de figuras e imagens que é a sua *Imagem...*, é «expor» o «divro do mundo» através dos seus elementos – Fogo, Ar, Água, Terra. Expor? Talvez, melhor, ensinar a ler.

E desde este ponto de vista, devemos estar gratos a Ane Marie Quint por, por sua vez, nos ter ensinado a ler o mundo em Fr. Heitor Pinto... Não era ele que tanto gostava de espelhos?

José Adriano de Freitas Carvalho

Carlos M. N. EIRE - *From Madrid to Purgatory. The art and craft of dying in sixteenth-century Spain*, Cambridge University Press, 1995, 571 pp..

O título *From Madrid to Purgatory* com que Carlos Eire, da Universidade de Virgínia, apresenta a público o trabalho realizado na sua dissertação de Doutoramento constitui uma derivação bem encontrada da expressão *De Madrid al cielo*, que sucessivas gerações de madrilenos têm utilizado, para expressar o orgulho relativamente à sua cidade, que possibilita a quem a frequenta, nela vive e nela morre, uma felicidade só compatível com a do Paraíso, entendido como o único e possível rival de Madrid, pois só este pode competir com a capital espanhola.

O título e o índice da obra desde logo nos apresentam o âmbito temático do trabalho: reconstituir, através da exploração do testamento e do relato da morte de Filipe II e de Santa Teresa, o pulsar espiritual dos madrilenos, no tempo de Filipe II, particularmente no que se refere aos últimos fins.

Eire explica, nas primeiras páginas, a génese e caminhos desta opção temática, aos quais não é estranho o desafio de demonstrar o contrário do que afirma Philippe Ariès, em *The Hour of our death*, para quem o Purgatório aparece como «a dogma that was long limited to a small elite of theologians such as saint Thomas Aquinas or philosophical writers such as Dante ... (it) rarely appears in popular writing before the middle of the seventeenth century; one seldom finds references to it in Parisian wills before 1640» (p. 4). Ora Eire sustenta nesta obra que, de facto, «Purgatory had not been a trivial elitist concept in the age of the Reformation but, rather, one of the chief focal points of popular religion» (p. 4).

O estudo do autor centra-se assim no século XVI, uma época que tem sido marginalizada nesta área de estudo, e detém-se especificamente em Espanha, uma região que a investigação francesa, pioneira nestes domínios, tem esquecido.

Eire apresenta-se convicto de que as atitudes perante a morte e o futuro depois da morte devem ter constituído um pico na divergência entre protestantes e católicos, aquando da Reforma. Por isso escolheu o século XVI, restringindo o seu campo de investigação ao território espanhol, entre outras razões por se considerar leitor assíduo da literatura devota espanhola e de ter, por isso, a percepção de que o Céu, o Inferno e o Purgatório eram parte da topografia da nação, tanto quanto Madrid, Gibraltar ou os Pirinéus (p.6). Neste contexto, é de lamentar que Eire não tenha alargado a esses autores que diz conhecer a fundamentação das convicções que

vai enunciando e que não só abririam ao leitor perspectivas mais alargadas sobre o tópico em causa, como dariam maior consistência e densidade à exibição do material documental utilizado.

O trabalho organiza-se num prólogo, três capítulos e um epílogo, de peso e estrutura desiguais. O seu corpo central constitui de facto três secções distintas - quase autónomas umas em relação às outras e a que só o paratexto de abertura e de encerramento confere unicidade. Aliás, essa autonomia parece surgir da própria vontade do autor, que designa os seus capítulos por «livros». Aí se analisa o modelo da “boa” morte nos dois escalões sociais mais importantes da época - a do monarca, Filipe II, e a do santo, Santa Teresa de Ávila - cujos paradigmas Eire procura justapor às atitudes dominantes nos grupos sociais mais terrenos, e que se revelam nos testamentos madrilenos do século XVI.

O interesse pelas fontes testamentárias do séc. XVI e suas interpretações começou sobretudo a tomar corpo em Espanha na década de 90, uma vez que os estudos realizados nos anos 80 se centraram apenas sobre testamentos dos sécs. XVII e XVIII, descurando, segundo Eire, os desenvolvimentos iniciados no séc. XVI, período no qual se forjaram inúmeras atitudes e costumes da época barroca (pp. 44-45). Para Eire, que dedica várias páginas à síntese analítica dos trabalhos mais recentes sobre testamentos espanhóis, as abordagens anteriores enfermam de uma segmentação cronológica demasiado vasta, que não permite a apreensão rigorosa e em profundidade dos modelos de comportamento face à morte, uma vez que, nesta matéria, o séc. XVI exige uma criteriosa distinção de décadas.

O estudo do A. incide sobre um corpo testamentário totalmente oriundo de Madrid, uma vez que é seu intuito apreender a relação entre a fé popular e a prática e modelos de comportamento oficialmente propostos pela Igreja e pelo Estado. Desse objectivo resulta a opção por Madrid, no sentido de situar a sua investigação o mais próximo possível da corte régia (p. 51), que elegera oficialmente Madrid para capital permanente do reino de Espanha em 1561, ano em que o Concílio de Trento ultimava também as suas sessões. Assim, os anos posteriores a esta data abrem ao historiador um ângulo de visão mais próximo dos modelos propostos pelo rei e pela Igreja.

Como já se disse, a obra apresenta-se em capítulos de força desigual. De facto, se o 1º cap. abre realmente ao leitor rasgos claros do que foi a obsessão testamentária em Madrid, por parte das classes mais estáveis do ponto de vista social e económico, e permite uma aproximação ao ritual da morte na faixa cronológica escolhida, o mesmo não se poderá afirmar com a mesma convicção dos capítulos seguintes, particularmente do terceiro, pois a preocupação de aí fornecer ao leitor uma visão da morte para os diferentes estados (o rei, a monja...) não atinge a profundidade e a novidade exigidas num trabalho desta natureza. O 1º cap. constitui de facto um texto relevante para a compreensão da essência, da estrutura e da finalidade cumprida pelos testamentos no séc. XVI em Madrid, revelando a percepção epocal da escatologia católica. O pioneirismo do trabalho de Eire reside precisa e justamente aqui, no facto de ter aberto, para a Península Ibérica, uma investigação centrada no séc. XVI, que só Sara Nalle's fizera para Cuenca (p. 45-46).

Neste cap., as páginas consagradas às artes de morrer, se bem que procurando sobretudo convocar elementos necessários ao desenvolvimento da reflexão – e, por esse facto, sejam sobretudo generalizantes e panorâmicas – apresentam a particularidade de apontar para a reinterpretção tridentina de tais obras e de fornecer ao leitor a informação da ênfase que os novos tratados colocavam na liberdade do testamento. Para além disso, Eire articula esta problemática com a edição da *Agonia del tránsito de la muerte. Con avisos y consuelos que cerca della son provechosos*, de Alejo Venegas, editada em Alcalá, em 1565, tratado que codificava então as mais recentes atitudes do moribundo em relação à morte. Essa articulação afigura-se proveitosa, na medida em que coloca a tónica na fortuna que teve em Espanha a *Preparação para a morte* de Erasmo, obra que justamente influenciou a *Agonia del tránsito...* do toledano Venegas, como Marcel Bataillon teve já oportunidade de demonstrar em *Erasmo Y España*. Todavia, Eire propõe que Venegas teve como intuito mostrar a rejeição da piedade erasmista, ao enfatizar a importância dos rituais de morte católicos, que Erasmo desvalorizava, face à verdadeira caridade e fé em Cristo (p. 27).

Apesar do testamento constituir uma fonte documental de intrincada malha ideológica, rica em percursos a explorar, Eire privilegiou sobretudo a relação do moribundo com a morte e o futuro *post-mortem*, deixando voluntariamente de lado outros veios, como os da relação entre o morto e o vivo, por exemplo.

Em Portugal, a investigação histórica tem também agarrado, nos últimos anos, o filão documental oferecido pelos testamentos, embora se tenha situado, ela também, nos séculos XVII e XVIII. Refiram-se, por exemplo, os trabalhos de Manuela Martins Rodrigues – *Morrer no Porto durante a época barroca: atitudes e sentimento religioso*, dissertação de Mestrado apresentada à Fac. Letras da Univ. Porto (policopiada) ou *Entre o temor e a confiança. O medo da agonia e a presença do Purgatório nos discursos testamentários portuenses (1650-1749)*, artigo editado nas actas do colóquio *Os “Últimos Fins” na cultura ibérica dos sécs XV a XVIII*, Porto, *Revista da Fac. Letras – Línguas e Literaturas*, Anexo VIII, 1997, que procuram estudar o sentimento religioso face à morte, na época barroca. Existem também estudos, raros, sobre o testamento na Idade Média e, embora para um período mais tardio, refira-se também a dissertação de Doutoramento de Ana Cristina Araújo, apresentada à Univ. de Coimbra em 1995, intitulada *A Morte em Lisboa – Atitudes e representações (1700-1830)*.

No entanto, para o séc. XVI português, paira ainda um pesado silêncio em torno dos documentos testamentários, embora eles existam nos arquivos nacionais. Seria interessante ordenar e sistematizar essas fontes documentais, de modo a poder estabelecer-se, com clareza e precisão, linhas de continuidade e de rupturas, face ao sentimento religioso em Portugal, cuja história urge ir fazendo e completando.

É por abrir pistas para uma apreensão de linhas de comportamento perante a morte, numa época até agora pouco privilegiada pela investigação, que o trabalho de Eire se recorta, com mérito, no âmbito dos trabalhos sobre os últimos fins na Península Ibérica.

No Prólogo, Eire apresenta algumas categorias e conceitos-base que estiveram na gestação e percurso da sua metodologia científica, retirados sobretudo

do campo da antropologia, mas não os desenvolve com a profundidade e clareza que seriam de desejar. *Mito, paradigma, ritual* são assim apresentados como motores de uma reflexão que, articulando o mito com o paradigma da boa morte e o testamento com o ritual de morte, procuram mostrar de que modo «myth and ritual relate to each other in the formation of collective attitudes at various social levels» (p. 12). Outra das metas visadas por Eire é provar a relação intrínseca entre o sagrado e o profano, que o autor vê como categorias centrais no pensamento e na vida de piedade espanhola do séc. XVI (p. 12).

Este trabalho é definido pelo autor como a história da morte e da «early modern spanish religion». Propõe-se também como história de santidade no reino de Espanha e das práticas fúnebres em Madrid, embora sem pretensões de exaustividade. Enfim, o autor pretende definitivamente afirmar que o Purgatório aparece como uma noção próxima e alargada na mentalidade da primeira idade moderna em Espanha e que, embora ambicionando o Paraíso, a maior parte dos espanhóis do séc. XVI esperavam, pelo melhor, uma parcela de Purgatório (p. 15), contrariamente ao que sustentou Philippe Ariès. Embora «ávidos de Paraíso», grande parte dos madrilenos do séc. XVI ambicionava esse lugar no Purgatório, pois só as almas dos santos e santas podiam aspirar a uma entrada franca e directa no Céu. Assim, para a generalidade das pessoas, mesmo para as elites, a morte não constituía uma jornada de Madrid para o Céu, mas de Madrid para o Purgatório.

No cap. II, ao centrar-se no paradigma da morte do rei, Eire pretende mostrar de que modo, através da construção do Escorial, esse incomparável monumento à morte, onde os reis viviam, legislavam, rezavam e morriam, Filipe II delineou uma estreita relação entre a forma de viver e morrer e o poder real. Para Eire, o Escorial explica o posterior declínio de Espanha, pois a pressuposição de que os sucessos de uma nação dependiam da fé de um monarca e do seu comportamento face aos valores sagrados leva a que, quer para o caso de Filipe II, quer para o do seu sucessor Filipe III, nenhum reverso da sorte possa ser imputado ao rei, uma vez que a sua atitude perante o sagrado foi considerada ímpar e inegalável em fervor por outra qualquer monarquia europeia do tempo. Assim se construiu o carácter sagrado da monarquia espanhola, sustentado fortemente pelos sermões pronunciados aquando das exéquias de Filipe II. No entanto, apesar de Eire, nas conclusões finais da obra, frisar que apenas pretendeu insinuar uma vaga relação dialéctica entre os rituais de morte espanhóis e o declínio de Espanha (p. 531), e que não pretende afirmar taxativa e deterministicamente essa relação, a sua perspectiva carece, do nosso ponto de vista, de maior sustentação na obra, pois apenas se socorre dos textos que constroem uma legitimação do monarca, como o texto elogioso do Papa Clemente VIII, a 9 de Outubro de 1558 (pp. 351- 352), por exemplo, ou dos sermões de Cervera de la Torre. Mas falarão todos os sermões e textos tão consensualmente?

Eire detém-se com minúcia na descrição dos rituais de morte que envolveram os últimos meses da vida de Filipe II, fundamentando-se em alguns relatos da sua morte, que focalizam a intensa devoção do rei às relíquias de santos, as práticas de caridade, a frequência assídua dos sacramentos, a oração permanente suscitada pela profusão de crucifixos com que se fez rodear o leito de morte, etc.. Eire faz ainda referência aos textos usados por Filipe II para orar, que entretanto se

converteram em exemplos de artes de morrer. Enfim, a atitude de Filipe II face à morte afirmou-se sobretudo por contraponto aos modelos da Reforma que, desta forma e com esta extraordinária projecção, saíram fortemente desvalorizados. Um dos autores mais citados por Eire, Cervera de la Torre, ao interpretar a “boa morte” de todos os monarcas espanhóis, promove a imagem da morte de Filipe II como modelo (p. 354). O seu plano era propor a relação entre a santidade e a boa morte, de que resultava a articulação entre monarca santo e povo escolhido. Assim, com a santa morte de Filipe II, sustentava-se a ideia de que Filipe cumprira a vontade e o trabalho de Deus e que o seu reino fora o escolhido pela vontade de Deus. Segundo Eire, esta ideia de escolha constitui o *leit-motiv* formador e unificador de todos os relatos em torno da morte do rei. E por isso dela sobressai, para Eire, um significado político incontornável: o de que, morrendo bem, Filipe II provava que foi um bom católico e que a verdadeira fé sempre foi professada pela monarquia espanhola. Filipe II, na morte, mostrou ser um perfeito modelo de submissão à Igreja e aos seus ensinamentos. A tese fundamental sustentada por Eire é a de que Filipe II foi uma parte da cultura que por sua vez ele também formou. Se o seu objectivo foi o de transformar a mentalidade, no que reporta à relação do seu cadáver com a busca do Paraíso, é porque era esse também o desejo manifestado entre os seus súbditos (p. 368). Deste modo, Eire distancia-se de algumas teses que pretenderam ver a rejeição de Filipe II por alguns dos seus súbditos, à luz da concepção que Filipe criara da sua monarquia, como uma vasta instituição monástica, meticulosamente alimentada pelo rei. Trata-se de uma interpretação de Eire que, repetimos, necessitava de maior consistência demonstrativa e de uma mais ampla utilização de textos documentais de apoio.

O cap. III é o que menos aportações traz à investigação de Eire, embora sirva para confirmar a sua tese de que os santos tinham uma entrada directa no Paraíso. Por isso se apoiou nas afirmações de Ribera, cujo escopo evidente era conseguir a canonização de Santa Teresa. Eire detém-se em factos por demais conhecidos do leitor, como o corpo incorruptível da santa, as suas aparições, os milagres que se lhe atribuíram, etc. No entanto, utiliza estes dados para os confirmar como sinais que os espanhóis interpretaram na altura como evidências claras de que Teresa tinha entrado directamente no Paraíso, contrariando assim as teses reformistas. Alba e o próprio corpo de Teresa foram de facto interpretados na altura, por Paulo Zamora, como pedaços de Paraíso. Yepes, por seu lado, deu à morte de Santa Teresa sobretudo uma interpretação politico-religiosa, ao afirmar que o amor de Deus por Teresa, manifestado das maneiras visíveis que todos conheciam, constituía uma prova para o mundo dos erros do Protestantismo e a afirmação da necessidade da acção da Contra-Reforma católica, vista como eleita por Deus. Mas o que sobressai de todos estes relatos hagiográficos é a sua profusa difusão na Península Ibérica e a convicção tridentina por eles expressa de que é possível, a partir da imitação de modelos santos, igualar o paradigma e assim alcançar também o Paraíso (pp. 502-510). O paradigma da boa e santa morte oferece-se como o modelo dominante na incipiente sociedade barroca, que procurava assim vislumbrar, no mínimo, um lugar no Purgatório.

O Epílogo é sub-titulado por Eire como *In death as in life*, sintetizando nele o autor que a morte e o *post mortem* só podiam ser entendidos como reflexão sobre a vida terrena e vice-versa. Assim explica Eire o sucesso de todas as boas mortes de que falou nos capítulos II e III, que se justifica pelo entrelaçamento entre a morte e a vida, a acção e os paradigmas, que o século XVI profundamente viveu em Espanha.

Por tudo isto, e apesar do difícil equilíbrio mantido entre um pioneirismo incontornável e alguma fragilidade expositiva e argumentativa, *From Madrid to Purgatory* é uma obra a ler, sobretudo ao aproximarmo-nos da celebração do quarto centenário sobre a morte de Filipe II.

Isabel Morujão

Ronaldo VAINFAS (org.), *Confissões da Bahia, Santo Ofício da Inquisição de Lisboa*, S. Paulo, Companhia das Letras, 1997, 362 pp.

Professor do Departamento de História da Universidade Federal Fluminense, Doutor pela Universidade de S. Paulo, Ronaldo Vainfas é um conhecido estudioso da Inquisição Portuguesa.

Há que repisá-lo: os fundos inquisitoriais lusos – acervo riquíssimo de documentação, conservado desde a sua produção à extinção do tribunal numa admirável integridade – continuam a constituir suculenta oferta de cujas possibilidades a historiografia contemporânea está longe de se aproveitar cabalmente. Neste campo proliferam repetições, rotinas e gregarismos de quem prefere a simples reedição de juízos e impressivas sínteses da época liberal ao contacto directo e pessoal com as fontes, mesmo se, como se sabe, estas estão, na sua esmagadora maioria, centralizadamente disponíveis, hoje em excelentes condições de consulta, no Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

Exactamente o que não tem sucedido com Ronaldo Vainfas. O contacto com os fundos inquisitoriais tem-lhe permitido importantes e originais trabalhos sobre a sociedade colonial do Brasil, sendo de destacar dois títulos: *Trópico dos pecados – moral, sexualidade e inquisição no Brasil colonial*, Rio de Janeiro, 1989, e *A heresia dos índios: catolicismo e rebeldia no Brasil colonial*, S. Paulo, 1995. Mas não só: em 1992, no âmbito dos trabalhos apresentados no 1.º Congresso Internacional sobre Inquisição, realizado na Universidade de S. Paulo (Maio de 1987), deu a lume *Justiça e Misericórdia: reflexões sobre o sistema punitivo da Inquisição Portuguesa*.

Em 1986-87 Ronaldo Vainfas realizou pesquisas em Lisboa e, no âmbito do 1.º Congresso Luso-Brasileiro sobre Inquisição (17-20 de Fevereiro de 1987), aqui apresentou um estimulante trabalho intitulado *Moralidades do Trópico e Inquisição: notas sobre casamento, celibato e fornicção no imaginário do Brasil colónia*. Neste artigo o autor explora o conteúdo de denúncias e confissões resultantes da *Visitação do Santo Ofício de Lisboa às partes da Bahia e*

Pernambuco, encabeçada pelo visitador apostólico Heitor Furtado de Mendonça entre 1591 e 1595. Essas *denúncias* e *confissões* tinham sido já objecto de publicação no Brasil, nas primeiras décadas deste século, por Capistrano de Abreu. Mas o autor não apenas revisitou e revalorizou criticamente estas fontes – o que já seria meritório – como lhes procurou completar os dados, referentes ao universo da população "transgressora" abrangida, com declarado recurso aos ficheiros do A.N.T.T. e do arquivo do Núcleo de Sociologia Histórica do Instituto Gulbenkian (projecto "Inquisição e Sociedade").

Agora, passada já uma década, querendo alargar as possibilidades de acesso do público leitor de língua portuguesa a estas fontes, Ronaldo Vainfas fez dobrar o nosso reconhecimento ao colocar-nos nas mãos, em volume atraente e maneirinho, um texto que «há muito merecia reedição»: o livro das *Confissões da Baía* (1591-1592) da *Primeira visitaçãõ do Santo Ofício às partes do Brasil*. Compreende-se a justeza com que o livro foi integrado numa colecção de «Retratos do Brasil». Com efeito, como na sua *Introdução* reconhece Ronaldo Vainfas (pp. 31-32), este livro de confissões é um «livro de viagem», no tempo e no espaço, que nos faz seguir de muito perto a vida quotidiana da colónia, contactando com os amores, ambições, modos de viver e destinos cruzados das populações branca, negra e ameríndia no momento crucial e criativo em que, sob o signo da monarquia dual ibérica e da ameaça dos huguenotes franceses, o Brasil forjava os pressupostos da sua futura identidade. Mais: estas confissões não são apenas *confissões da Baía*, mas confissões do espaço intercontinental português, porque, como resulta da leitura dos depoimentos dos confitentes perante o visitador apostólico, somos informados sobre factos pretéritos vividos nas metropolitanas Lisboa, Guimarães ou Porto, nas ilhas dos Açores, de Cabo Verde, de S. Tomé ou do Príncipe, na costa de África, na Índia, nas Índias de Castela, no interior dos sertões brasileiros, ou até sob as ondas do Atlântico, no convés de barcos portugueses ou de corsários estrangeiros.

Em termos de leitura, para tornar este livro mais facilmente «palatável» aos nossos contemporâneos, Ronaldo Vainfas seguiu um inteligente critério de modernização ortográfica e de pontuação, evitando outrossim, tal como Capistrano, as «fórmulas tabelioas» (cf. pp. 13-16). Na apresentação da obra, na introdução e notas que a acompanham, tudo parece nortear-se por um compreensível e louvável desejo de boa informação, clareza, simplicidade e didactismo. Todavia, neste aspecto, constitui surpresa desagradável a incoerente inexistência de índices no fim do volume, particularmente de um de lugares e onomástico, facultado que é ao leitor o texto corrido das 121 confissões numeradas, *da cidade e do Recôncavo*, ainda que acompanhado de oportunos esclarecimentos e informações infra-paginais.

A importância do colono cristão-novo numa primeira etapa da História do Brasil (vivendo e prosperando nestas paragens, até à data desta *visitação*, em relativa tranquilidade), as cerimónias da chegada à Baía de Heitor Furtado de Mendonça, o significado social e religioso do Edital da Fé e do Monitório, então publicados, marcando «o grande momento inaugural da acção inquisitorial» nestas terras, o papel da personalidade zelosa do visitador apostólico, exorbitando das instruções "moderadas" do Inquisidor Geral, Cardeal Arquiduque Alberto de Áustria, estes são alguns dos mais importantes aspectos considerados por Ronaldo

Vainfas, com sobriedade e isenção científica, nas páginas da sua *Introdução*. Todavia, da sua leitura, surge-nos, entre outras, uma reserva, formulável nos seguintes termos: habituado por dever de ofício a estas matérias, num contexto metropolitano, e previamente instruído e prevenido sobre as particulares "urgências" do Brasil, que agora atraíam esta iniciativa, terá a «enormidade de confissões e denúncias que ouviu» (p.28) perturbado o visitador apostólico? Dificilmente o acreditaríamos, e o próprio autor o reconhece (ibid.), ao evocar o tipo de casos com que Heitor Furtado de Mendonça se teve de haver: «Casos de cristãos-novos judaizantes, coisa já por ele esperada, e uma plêiade de blasfemos, defensores do direito à fornicação, detratores do clero, sodomitas, bigamos e, sobretudo – e isto sim o pegou desprevenido –, uma tropa de mamelucos praticantes de gentilidades e uma autêntica heresia indígena, chamada na Bahia de Santidade».

Um risco gostaríamos de relevar nesta publicação, não obstante com ela, como referimos, se tenha prestado excelente serviço à comunidade, propiciando-lhe fácil acesso a importante fonte documental do nosso quinhentismo. A flagrância impressiva dum «retrato do Brasil» de finais do século XVI, a partir desta fonte, não resultará, indiscutivelmente, se não numa perspectiva de conjunto e do "apport" que a interpretação de cada caso tratado na mesa da visitaçõ trouxe à história colectiva da colónia. Convidado a "viajar" ao Brasil de finais de quinhentos, perante o repositório de todos estes casos das confissões baianas, excessivamente entregue a si mesmo, um leitor menos destro pode sentir-se carecido de "roteiro" que lhe permita saltar da mera observação curiosa destes comportamentos "castigados", na sua particularização processual, para o enquadramento que lhes confere sentido. Com efeito, não basta, ultrapassando as barreiras do segredo, fazer ouvir as declarações de uma sequência de confitentes e espreitar as principais cenas de actuação inquisitorial do primeiro visitador do «estado e província do Brasil». Importa, através de umas e de outras, fazer sentir esse leitor a vibrante palpitação das formas de vida, motivações e específicas circunstâncias que dão individualidade àquela grande e jovem colónia americana; caso contrário, em vez de um «retrato do Brasil», em vez da desejada representação global da sua realidade humana nessa época, apenas lhe será propiciada uma sequência de imagens da actividade do Santo Ofício em terras brasileiras. Quer-nos sinceramente parecer que um cruzamento destas fontes inquisitoriais com outras fontes de informação, especialmente com as jesuíticas, e particularmente uma inclusão na *bibliografia* que acompanha a *Introdução às Confissões da Bahia* de algumas referências "clássicas", fora do estrito âmbito dos estudos sobre o Santo Ofício no Brasil (o que impede, por exemplo, que se inclua nesse elenco a *História da colonização portuguesa do Brasil* da direcção de Carlos Malheiro Dias, comemorativa do 1.º Centenário da Independência do Brasil? Ou a *História da Companhia de Jesus no Brasil* do Padre Serafim Leite (S.J.)?), poderia ser muito útil para obviar a esse risco. Baste lembrarmos, como exemplo, que nesta última obra se fornecem importantes indicações sobre as relações dos jesuítas com os cristãos-novos, sobre o seu relacionamento com a inquisição e, particularmente, com o visitador Heitor Furtado que, à sua chegada à Baía, se instalou no colégio destes padres, sobre a biblioteca deste colégio e sobre os estudos de humanidades, artes e teologia aqui existentes, sobre a leitura de livros proibidos, e até sobre um

atentado frustrado produzido em 1592 contra a vida do visitador, facto referido nas *Cartas de Anchieta* e que, surpreendentemente, Ronaldo Vainfas entendeu deixar passar em claro nesta sua *Introdução*.

Gostaríamos, efectivamente, de ver alargado o texto da *Introdução* e das *notas* que acompanham as *Confissões da Bahia*. Essas *notas* infra-paginais, dotadas de resto de clareza e oportunidade, são predominantemente esclarecimentos de natureza vocabular e precessual. Quer-nos todavia parecer que a riqueza de informações produzidas pela fonte, nas questões que sugere e nas inferências que provoca, se não compadece facilmente com a brevidade e laconismo adoptados pelo organizador da edição. Dois exemplos ainda, relativos a dois temas maiores: a formação intelectual na colónia e as relações inter-raciais. Respeitante ao primeiro, no conjunto destas confissões aparece-nos o nome de três jovens graduados em artes, residentes da Baía, respectivamente dois licenciados e um mestre em artes (pp. 97-98). No «tempo da graça», em 20.8.1591, um deles confessou ao visitador que havia blasfemado, diante desses colegas, haveria sete ou oito meses, ao discutir com o seu mestre, licenciado Domingos Pires, «à porta dos estudos», acerca da conta da circunferência e diâmetro da terra, matéria que então se lia no curso. Ora acontece que esta preciosa informação não é acompanhada de qualquer consideração sobre programas, frequência e regime de estudos, particularmente para alunos externos, no colégio da Baía. Com respeito ao segundo tema, são referidos nas *Confissões* numerosos «brasis cristãos» e mamelucos implicados no culto idolátrico à *santidade*, descaradamente protegido pelo escravocrata do recôncavo Fernão Cabral de Taíde. Vê-se claramente destas páginas que muitos destes mamelucos, à maneira do filho de Tristão da Cunha (n.º 61) viviam «ao modo gentilico», tendo várias mulheres e «conversando carnalmente» as índias. Feita breve referência a esta importantíssima questão da *santidade*, centralizando uma grande teia de confissões e denúncias na colónia, e tendo em conta, para mais, que a crença vaticinava o futuro cativo da gente branca, como aceitar facilmente que o autor, revisitando criticamente os admiráveis escritos de Gilberto Freire, não se tenha querido deter na consideração das relações inter-étnicas e especificidades da miscigenação brasileira? Sendo este zeloso visitador cioso em questões de pureza de sangue, não seria interessante tentar calibrar apreciações e castigos seus em função de uma diferenciada origem racial dos penitenciados? Árvore na floresta, talvez um "pormenor", mas evidenciando impressivamente a diferença de critérios existente entre um *morador* e o inquisidor: no processo de um cristão-novo por si castigado com dureza, Heitor Furtado de Mendonça não admitia que, em versos escritos pelo réu a uma beleza nativa, sua amada, este lhe pudesse ter chamado «perfeita, digna e justa», sendo aquela mulher, a seu juízo, «tão imperfeita, tão *indiana* e tão injusta»... Quantos casos parecidos?

Pedro Vilas Boas Tavares

M^a Luisa LÓPEZ-VIDRIERO y Consolación MORALES BORRERO, dirs., *Catálogo de la Real Biblioteca. Tomo XII. Impresos Siglo XVII*, Madrid, Editorial Patrimonio Nacional, 1996, 781 pp.

Siempre es bien recibida entre los investigadores la aparición de cualquier catálogo bibliográfico, máxime si, como en el caso que nos ocupa, su contenido describe los ricos fondos de tan regia biblioteca. 5.163 registros inventariados, que, por otra parte, no recogen la totalidad de los impresos del seiscientos custodiados en la Biblioteca y la Farmacia del Palacio Real de Madrid, pues la extraordinaria librería del Conde de Gondomar está siendo objeto de estudio aparte, en el *Proyecto Gondomar*, que en breve comenzará a dar sus frutos. En este caso se describen los libros de don Diego de Sarmiento y sus descendientes. El proyecto de tan elogiable labor, insertado dentro del *Catálogo Colectivo del Patrimonio Bibliográfico Español*, que coordina el Ministerio de Cultura español bajo la dirección de Mercedes Dexeus, comenzó su andadura en 1984 con una primera catalogación de los textos españoles del siglo XVII escritos en castellano, catalán y vasco. A partir de 1988 se inició una catalogación más exhaustiva, mediante la descripción de los libros impresos «cualquiera que fuese su lengua o lugar de imprenta», dirigida por la entonces directora de esta insigne Librería, doña Consolación Morales Borrero. En 1992, la informatización de la Real Biblioteca, coincidiendo con el relevo en su dirección en manos de M^a Luisa López Vidriero, obligó a un replanteamiento del trabajo hasta entonces realizado hacia una catalogación automatizada, con lo que ello implicaba. Y así, tras ocho años de arduo trabajo, aparece por fin este grueso volumen de casi ochocientas páginas en donde se observa el desvelo y laboriosidad de un equipo de documentalistas que aunque ha ido mudando a lo largo de estos años, siempre ha contado con el trabajo de Emma Alonso, Isabel Balsinde – coordinadora además del *Catálogo* –, y Marta Sánchez Báscones.

Como señala certeramente en el Prólogo el Presidente del Patrimonio Nacional, don Manuel Gómez de Pablos González, este inventario «es un reflejo de la preocupación por las ideas de Estado que tuvo tanto la Monarquía de los Austrias como la nobleza vinculada a ella». En un largo siglo, el Seiscientos, regentado por tres monarcas, Felipe III (1598-1621); Felipe IV (1621-1665) y Carlos II (1665-1700), España, que ocupaba un lugar privilegiado en la política internacional, ve como poco a poco comienza a desintegrarse su hegemonía, a la vez que se inicia una conciencia de crisis nacional basada en un cúmulo de contradicciones y ambigüedades que quedan perfectamente dibujadas en aquellos versos que pone Gracián en boca de Critilo (*Criticón*, I, 3): «¿A quién no pasará de ver un concierto/ tan extraño compuesto de oposiciones?! Así es, que todo este Universo se compone/ de contrarios y se concierta de desconciertos».

En este contexto surge esta ilustre colección de libros, que forman parte de la colección de los libros de Cámara, pues, como es sabido, un importante volumen del fondo bibliográfico de la colección regia pasó a la Biblioteca Pública Real a principios del siglo XVIII, hoy Biblioteca Nacional de Madrid, tras el incendio del antiguo Alcázar. El montante de libros es muy significativo, al igual que los diferentes idiomas en los que están escritos: español, francés, italiano, alemán,

portugués y latín principalmente. Variada también es su temática: patristica, libros de derecho, obras de autores clásicos, corografías, libros de viajes, historia, cinegéticos, y, como no, literarios, con abundancia de colecciones dramáticas, reflejo fiel de los dispares intereses de una época tan conflictiva como el Seiscentos.

El sistema de presentación de este Catálogo es muy simple en pro de su manejo: se registra cada volumen mediante la ordenación alfabética de sus autores, signados con una letra – inicial del apellido del autor – y un número en correlación. Cada ficha catalográfica desarrolla, pues, el nombre del autor – en el caso de santos y frailes se indica su dignidad eclesiástica y la Orden a la que pertenecen respectivamente –, una completa transcripción del título, la descripción tipográfica detallada de cada impreso – se indica la existencia de grabados y sus autores –, apostillas, signatura, tipo de encuadernación y *ex libris* si lo posee. Van añadidos además, al final del inventario, importantes y útiles índices: onomástico de colaboradores (ilustradores, editores literarios, traductores, etc.), títulos, materias, impresores, editores, lugares de impresión y procedencias. Una página de abreviaturas y signos convencionales inicial ayuda notablemente al profano en los usos bibliográficos.

Es una lástima que tan ardua y encomiable tarea se vea un tanto enturbiada por unos pequeños defectos de forma que perjudican la ágil consulta de esta obra. Así, no se entiende el por qué de la existencia de unos bises y números en blanco, máxime cuando no se explicita a qué corresponden – sólo se subraya: «Números en blanco y bises han sido en ocasiones, muy a nuestro pesar, soluciones imprescindibles» –, dejando al libre discernimiento del lector que en el caso de asientos en blanco puede interpretar tanto que se trata de varios ejemplares de una misma obra – lo que tal vez se podía haber subsanado con un *idem* siempre y cuando se trate de la misma edición y no existan posibles diferencias, como varias emisiones, y su estado de conservación sea idéntico. Con todo podrían aparecer *ex libris* o encuadernaciones diferentes dignos de ser reseñados –, o que tales asientos corresponden a libros inexistentes.

Mayor problema, seguramente achacable a los procesadores informáticos, presentan aquellas entradas en las que se describen varias obras de un mismo autor impresas en diferentes años y en algunos casos con más de una parte. Es el caso, por ejemplo del Obispo de Monopoli, Juan Lopez (O.P.). El asiento L-217 describe su *Quarta parte de la Historia general de Santo Domingo...*, Valladolid: Francisco Fernández de Córdoba, 1615; el L-218, la *Quinta parte de la historia de Santo Domingo...*, Valladolid: Juan de Rueda, 1621, y el L-219, *Tercera parte de la Historia general de Sancto Domingo*, Valladolid: Francisco Fernández de Córdoba, 1613. Lo lógico hubiera sido comenzar describiendo la *Tercera parte*, tras ella la *Quarta parte* y por último la *Quinta*, pues tanto la fecha de escritura de la obra como en este caso la de la impresión de los ejemplares así obliga. Sin lugar a dudas el responsable de esta incoherencia es el *sort* del computador que ordena alfabéticamente antes *Quarta parte* que *Tercera parte*. Un tanto de lo mismo se puede decir de las comedias de Tirso de Molina (M-326 y M-327), en donde hubiera resultado más útil para el investigador encontrar primero la *Segunda parte* y tras ella la *Parte tercera*, pues ése es su orden de producción, indiferentemente que en los

ejemplares descritos la *Segunda parte* posee una fecha posterior a la *Tercera*. Bien es verdad que en estos dos casos citados las descripciones se encuentran en la misma página por lo que en principio no suponen un mayor engorro al lector. No así en el caso de las comedias de Lope de Vega, donde el investigador debe leer con atención todas las entradas (de la V-71 a la V-88) pues lo que en principio parece un orden atendiendo al número de cada parte se rompe en V-79 y V-80 describiendo dos ediciones de la *Segunda parte*, entre la *Parte decinueve* y la *Parte veinte*. Y lo mismo le sucede a la V-86 que recoge la *cuarta parte* entre la *Parte veynte y quatro* y la *octava parte*.

Al margen de estos detalles menores, este Catálogo posee una impecable presentación, en la que resulta, pese al volumen del mismo y abundancia de datos consignados en las descripciones, rarísimo encontrar una errata tipográfica, lo que nos da razón del cuidado que se ha tenido en la preparación e impresión de este trabajo. Además se ilustra la obra con una interesante y variada selección de bellas imágenes (portadas, frontispicios, retratos calcográficos...) que enriquecen la obra.

Se trata, por lo tanto, de un trabajo riguroso catalográficamente, en el que se observa un desvelo y pulcritud poco usuales en obras de estas características, que dice mucho del rigor y laboriosidad del equipo de personas que lo ha realizado. Y pese a que difícilmente un lector del mismo logrará evaluar el alcance último de las miles de horas que se le han dedicado en su ejecución, no por ello dejara de denotar el esfuerzo y valor que una obra como ésta posee para la comunidad científica que se congratula con su aparición.

Jacobo Sanz Hermida

CONTINISIO, Chiara – MOZZARELLI, Cesare (a cura di), *Repubblica e Virtù – Pensiero politico e Monarchia cattolica fra XVI e XVII secolo*, Roma, Bulzoni Editore, 1995, 611pp.

Constituída por vinte e seis estudos de amplitudes diversas, esta obra resulta de um colóquio levado a efeito em Outubro de 1993 na Università Cattolica del Sacro Cuore de Milão com a colaboração do respectivo Istituto di Storia Moderna, do Departamento de Historia da Universidad Autónoma de Madrid e do Centro Studi Europa delle Corti. Nas palavras dos responsáveis pela edição, Chiara Continisio e Cesare Mozzarelli, os cinco maiores temas estruturantes – República, virtude, Monarquia Católica, idade moderna, pensamento político – «potevano sembrare fra loro dissonanti o poco pertinenti». Contudo, a atenção prestada à prudência, como virtude política por excelência, confere unidade a um conjunto de contribuições polarizadas, essencialmente, pelo pensamento político dos séculos XVI e XVII.

Examinadas pontualmente, as várias faces do problema conduzem, na maioria das vezes, a ângulos de visão esperados – mas não repetidos ou repetitivos – como acontece com os trabalhos que estudam a tratadística que desenvolve em geral

o tema do «perfeito príncipe católico» ou em particular a «exemplaridade» de Fernando o Católico ou de Filipe II o Prudente. Se, em relação ao primeiro, se pesquisam as origens de um mito, «Alle origine del mito di Fernando il cattolico, Principe virtuoso», de Enrico Bogliolo (13-27), procurando clarificar as razões que levam a que, cento e quinze anos depois da morte do monarca, ele possa surgir nas páginas de Diego Saavedra Fajardo, nas *Introducciones a la politica e Razón de Estado del rey don Fernando el Católico* (1631), como «il fondatore dello Stato spagnolo e il modello di vero re» (13), face ao segundo, historia-se, no interessantíssimo artigo de Chiara Continisio «Il Re prudente. Saggio sulle virtù politiche e sul cosmo culturale dell'antigo regime» (311-354), a «lenda negra» que o envolveu e desenha-se uma pauta comportamental que, ao contrário de interpretações psicológicas, procura enquadrar na cultura de antigo regime formas de agir que passam pela concepção de «da dignità regale, la maestà, la dissimulazione, il senso del dovere, L'ansia di servire Dio con la propria arte di governo...» (313). E, de certa forma, e mais do que Fernando, Filipe II torna-se a figura emblemática deste colóquio, no sentido em que a tratadística estudada pelos diferentes autores se encontra constelada de «príncipes prudentes» e valoriza particularmente o «príncipe contrarreformístico» – «Lineamenti di etica politica nella *Filosofia morale* di Emanuele Tesauro» (29-44), de Evandro Botto, «Esplicar los grandes hechos de vuestra magestad: Virgilio Malvezzi historien de Philippe IV», de José Luis Colomer». E mesmo a reflexão que teoricamente desenvolve o «bom governo», prendendo-o umbilicalmente a um modelo de perfeição ética que realize a conciliação entre o «bonum utile» e o «bonum honestum» – «Religione, armi e 'savi'. L'idea di potere nell'opera di autori bolognesi del seicento», de Gian Luigi Betti (483-496), «El favor real: liberalidad del príncipe y jerarquía de la república (1665-1700)», de Antonio Álvarez-Ossorio Alvarino (393-456) – passa obrigatoriamente pela «prudência», vista como instrumento fundamental de resposta ao desafio de Maquiavel: não só um bom cristão pode ser um bom príncipe, como, mais do que isso, *apenas* um bom cristão é efectivamente um bom príncipe. Daí que, da prudência, encarada na qualidade de virtude política por excelência, se ocupem vários trabalhos na tentativa de esclarecer a sua natureza – conhecimento da vontade divina e das coisas humanas, arte de estado, imperativo de conciliação entre os negócios terrenos e os desígnios divinos, que o título da obra do nosso António de Sousa Macedo, *Armonia Política dos documentos divinos com as conveniencias do Estado* (1651) tão bem traduziria, se neste encontro Portugal tivesse estado presente – e precisar os seus fundamentos – herança ciceroniana e estoíca, mas também aristotélico-tomista, com preocupações de catolicismo pós-tridentino. Neste contexto, revelam-se particularmente interessantes as reflexões dispersas pelos vários estudos sobre a «magnanimidade», a «dissimulação», que retém os contributos de Rosario Villari no seu *Elogio della dissimulazione* (Roma-Bari 1987) e os muito importantes e vários trabalhos da Adriano Prosperi, e os sempre discutidos contornos da liberalidade como difícil e instável equilíbrio entre a avareza e a prodigalidade. Aqui se inserem os interessantíssimos estudos de Daniela Frigo «Virtù politiche e 'pratica delle corti': l'immagine del ambasciatore tra cinque e seicento» (355-376), ou não fosse o embaixador perfeito também um modelo de prudência nos seus diversos

contornos e matizes, e «Il modello conservativo della Monarchia Cattolica: la costruzione dell' obbedienza in Botero, Bozio e Charron» (497-510) de Gianfranco Borrelli.

Alguns dos trabalhos examinam também, dentro do tema «Monarquia Católica», aspectos que relevam do título concedido a Fernando – de Pablo Fernández Albalejo, 'Rey católico': gestación y metamorfosis de un título» (109-120) e estudam faces do confronto político entre a Espanha e a França, discutindo os desenvolvimentos vários das designações «católico» e «cristianíssimo».

Menos esperado no enquadramento proposto, mas de forma alguma menos interessante, é o estudo de Giulio Sodano intitulado «Prudenza e Santità nell'età moderna» (151-171). Partindo da necessidade de reconhecimento da heroicidade das virtudes ordinais e cardinais na «proclamazione della santità», o autor explora nos *Summaria* preparados para a Sagrada Congregação dos Ritos «quali atti, gesti, parole e fatti erano ritenuti esempi di un comportamento «eroicamente» prudente di un santo» (151). Seleccionando os processos de canonização de Francesco Caracciolo, Camillo de Lellis, João da Cruz e Bernardino Realino, mostra que o domínio onde a prudência se exerce prioritariamente se prende às actividades relativas ao governo da ordem, embora se prolongue pela direcção de noviços e mosteiros femininos, no sentido em que ambas as tarefas, e particularmente a segunda, requeriam uma enorme prudência, capaz de conciliar suavidade e dureza disciplinar. Não se esgotava, todavia, nestas actividades, a tão imprescindível virtude. Dela dependiam também a justeza e oportunidade de conselhos claramente dados ou apenas sugeridos a quem os consultava (162-163).

Pela diversidade de textos e autores estudados, pelo cuidado e exaustividade bibliográficos, naturalmente nem sempre iguais, mas de uma forma geral rigorosos e objectivos, julgamos estar perante um conjunto de trabalhos de leitura obrigatória para quem se debruça não só sobre o pensamento político dos séculos XVI e XVII, mas também sobre a literatura de comportamento social do mesmo tempo.

Zulmira C. Santos

J. Pinharanda GOMES, *D. Manuel Mendes da Conceição Santos, Vice-Reitor do Seminário da Guarda (1905-1916) e Bispo de Portalegre (1916-1920)*, Ed. da vice-postulação da causa de beatificação e canonização, Évora, 1996, 295 pp.

Na linha de outras biografias por si delineadas, J. Pinharanda Gomes ocupa-se aqui da personalidade e da obra de D. Manuel Mendes da Conceição Santos, neste caso completando anterior trabalho, apenas referente à etapa egitaniense da vida deste prelado.

Com justiça, as palavras introdutórias de Mons. José Filipe Mendeiros, escritas «à guisa de prefácio», encarecem a importância da matéria tratada para a nossa história social e eclesiástica contemporâneas e, conseqüentemente, o valor da

dívida em que ficamos ao autor por mais esta "ressurreição" das batalhas do espírito de que foi protagonista e testemunha priverligiado Manuel Mendes da Conceição Santos, nos últimos anos de regime monárquico e nas duas primeiras décadas de República. No seu Prólogo, com modesta e segura franqueza, dando-nos conta de relevantes notas pessoais e do seu itinerário de investigação (e poder-se-á uma vez mais verificar como os factores afectivos e subjectivos são decisivos na reconstituição de uma biografia!), Pinharanda Gomes apresenta-nos a génese deste livro e o rumo e condicionantes da sua investigação. Da nossa parte, depois da sua gozosa leitura integral (convívio com páginas onde claramente se palpa a riquíssima personalidade e beleza de alma do biografado), apenas formularemos um voto: oxalá que - sem complexos - os nossos contemporanistas, sobretudo aqueles que se ocupam do sidonismo, dos anos vinte e do ressurgimento católico, não hesitem em compulsar este volume, municiando-se da ampla e variada riqueza informativa que nele lhes é prodigalizada.

Tendo nascido em 1876, a juventude, a infância e os estudos romanos de Manuel Mendes da Conceição Santos ocupam um período de 29 anos, até 1905: no oportuno e utilíssimo «inróito breve» consagrado a esta fase da sua vida, o autor baseou-se em obra publicada em 1960 por D. Francisco Maria da Silva, Arcebispo de Braga. Todavia, como, justa e naturalmente, o próprio autor não deixa de sublinhar, os ciclos de vida na Guarda e em Portalegre (cap.s da 1.^a e 2.^a partes), correspondendo a dois longos «excursos», são de sua «inteira pesquisa e completo levantamento». Para o efeito, dando como desaparecidos «os diários de D. Manuel» - não entrariam nessa designação *agendas* e apontamentos pessoais avulsos, de reflexão, deste eclesiástico? -, em boa hora Pinharanda Gomes coligiu «documentação valiosa e testemunhal» que «seria pena deixar sepultada em jornais de problemática consulta».

Na medida em que à comunidade científica interessam sumamente a preservação, acessibilidade e divulgação do tipo de fontes usadas nesta obra, sem dificuldade se admitirá que, ainda em boa hora, resolveu Pinharanda Gomes «dar a palavra ao seu biografado». O vivo e sincero aplauso com que o lemos e com que, necessariamente, há-de ser acolhido este livro, não nos inibe, todavia, do apontamento de uma reserva metodológica. Com efeito, uma coisa é a incontornável atitude de «dar a palavra ao biografado», outra é a forma concreta, adoptada pelo autor, para fazer essa voz presente ao leitor de hoje. Em vez do pequeno *Apêndice* existente, em vez de, no corpo do seu próprio texto, ter Pinharanda Gomes procedido a sucessivas, extensas e frequentemente integrais transcrições de longos documentos biográficos e pastorais produzidos por D. Manuel Mendes da Conceição Santos, teria sido francamente preferível - parece-nos - que a secção final do livro tivesse engrossado com a transcrição integral dos documentos mais importantes invocados ao longo da obra; então, as notas de rodapé, corroborando a exegese do autor, fariam a transcrição das partes da fonte sucessivamente aduzidas, enquanto amplo apêndice final arquivava o repositório completo dessa documentação.

Todavia, aspectos de método e forma não retiram interesse a tão benemérita obra. Para além da sua mais óbvia valia, no campo da história social, cultural e política - dada a viva reconstituição neste livro, a um nível regional, de

conflitos e paixões ideológicas que sacudiram todo o país, nomeadamente através de abundante recenseamento de nomes e factos concretos, relativos às duras lutas e vicissitudes de implementação da política eclesiástica republicana na Guarda e na província –, esta obra fornece informações e sugestões preciosas no campo da história eclesiástica e da espiritualidade. Neste último campo, não é difícil fornecer exemplos de alguns importantíssimos temas tocados pelo autor ao longo da obra: o movimento social católico perante as forças partidárias e ideológicas coevas, a comunhão das crianças e o desenvolvimento do culto eucarístico, o incremento da devoção ao Sagrado Coração de Jesus e do culto condestabriano, a espiritualidade sacerdotal de Manuel Mendes da Conceição Santos e o modelo sacerdotal de Santo Afonso Maria de Ligório, os catecismos católico popular e de Pio X – em cujas traduções se comprometeu Manuel Mendes da Conceição Santos – e a doutrinação popular em Portugal. Num largo etcetera entram ainda sensíveis matérias a que este biografado, como prelado, prestou solícita atenção: o incremento das Conferências de S. Vicente de Paulo no nosso país, a assistência religiosa aos soldados portugueses destacados para a guerra, e – em tempos de «República Nova» – a associação de Manuel Mendes da Conceição Santos à Cruzada Nun'Álvares e aos seus ideais de ressurgimento nacional. No meio desta riqueza, não falta sequer o dedo do autor indicando novas pistas à investigação, como quando se interroga sobre se não teria sido o gosto por Lourdes a «ter aberto os olhos» de D. Manuel «para os segredos de Fátima», a que ele terá aderido ainda em 1917, ou, a propósito da crise da pneumónica em 1918, ao lembrar que está por confeccionar uma monografia sobre o tema, tendo por base os documentos pastorais dos bispos portugueses.

Já no final da obra, relatando as vivências de uma sua «viagem decisiva», D. Manuel é posto, deliberadamente, em "contacto directo" com o leitor (pp. 233-248). Falam de novo os documentos. A excelente documentação exumada, parecemos ter todavia um importante significado colectivo não expressamente relevado pelo autor. A descrição da visita *ad sacra limina* do bispo de Portalegre permite sem dúvida ao leitor, a partir das palavras do próprio biografado, aquilatar da acrisolada piedade romana de D. Manuel Mendes da Conceição Santos e do seu entusiasmo perante a Urbe – «cidade augusta», ostentando, «dominadora sempre», o seu «diadema de Rainha do Universo», onde do alto da sua «sedia gestatória», abençoando os fiéis, viu a primeira vez Bento XV, Vigário de Cristo e «o mais alto potentado da terra». Quer-nos todavia parecer que também aqui, neste texto de peregrino, «crónica do bispo para o seu povo», as marcas de entranhada afectividade, devoção e fidelidade filial ao Pontífice Romano têm um sentido "pedagógico" que deve ser relevado: o bispo de Portalegre estava em plena sintonia com sentimentos e expressões que, nesta época, todo o episcopado português procurava incrementar no seio dos fiéis, como resposta ao ataques da incredulidade e do anti-clericalismo. Com efeito, neste relato dos inolvidáveis dias da sua peregrinação, não se patenteia apenas a natural devoção ao sucessor de Pedro e a exaltante experiência de uma audiência particular com o Papa, na qual o prelado português sentiu que Deus lhe falava por meio do seu Vigário; ao transmitir ao seu rebanho a vibração por si experimentada ao contacto com Roma, que, no rescaldo da guerra, se lhe apresentava regorgitando de peregrinos de todo o mundo e de vitalidade espiritual, enfatizada por

numerosas e solenes beatificações e canonizações a que lhe fora dado assistir, este prelado sonhava também uma nova primavera para a igreja em Portugal. A seu ver, a cerimónia de canonização de Joana d'Arc simbolizava precisamente a liberdade, grandes progressos e triunfo social dos católicos gauleses, consagrando a «aliança indissolúvel da Igreja e da França». Por isso, irresistivelmente, ao assistir à glorificação de Joana d'Arc, o seu espírito «vinha cá muito longe, recordando alguém que, como ela, morreu em 1431 e, como ela, foi suscitado por Deus para vingar e vincar a independência da sua Pátria – Nuno Álvares Pereira», e interrogava-se: «Já está sobre os altares, mas não atingiu ainda a glorificação suprema. Quando assistiremos também à sua canonização?».

Também em Roma D. Manuel podia mergulhar na cultura portuguesa. Na sua «crónica» não fica – naturalmente – esquecido o Pontifício Colégio Português de Roma, o «transcendente alcance desta instituição» e o quanto os católicos de Portugal ficavam devendo «à iniciativa patriótica dos nobres Viscondes da Pesqueira». Segundo o testemunho de D. Manuel – e para quando, superando «subsídios» esparsos a reunião de todos esses e outros testemunhos (documentais-arquivísticos e vivenciais) numa grande monografia sobre a instituição? – todos os dias se falava a língua portuguesa e estava-se então no Colégio como em Portugal. Como neste aspecto seria desejável que assim se continuasse!...

Com a devida vénia do autor – a quem, como teremos sublinhado, acresce reconhecimento público por mais esta oportuna obra –, seja-nos permitido, por fim, limitarmo-nos a uma sugestão particular e a um reparo finais. Quanto à primeira, ao olharmos para a reprodução de uma interessante fotografia tirada no santuário de Fátima, numa pose conjunta, aos três sucessivos bispos de Portalegre, e ao lembrarmos-nos da frase ainda há pouco emoldurada num dos corredores do Seminário de Vilar, no Porto, por iniciativa do Dr. António Ferreira Gomes, futuro prelado desta diocese – «de pé diante dos homens, de joelhos diante de Deus» –, «regra de vida» também adoptada por D. Manuel Mendes da Conceição Santos (p. 258), ficamos com a convicção de que valeria a pena esmiuçar as recíprocas influências na relação pessoal entre os três prelados fotografados, porventura propiciando-nos reveladoras linhas de continuidade de uma certa tradição eclesiástica de resistência aos abusos do estado republicano. O reparo é simples: coerentemente com a imagem de um estudo realmente elaborado «sine ira», preferiríamos que o seu autor tivesse eliminado referências anacrónicas a factos da nossa vida política recente (p. 182); não nos parece legítimo que a propósito da participação de Portugal na primeira Guerra Mundial se salte para a apreciação moral de factos passados num outro contexto, cerca de sessenta anos depois, até porque a actual experiência democrática, como facilmente se reconhecerá, quase nada tem de paralelo com a da primeira república, e uma apreciação ponderada e justa da descolonização portuguesa não cabe facilmente... no espaço de um compreensível desabafo.

Pedro Vilas Boas Tavares

Crónica

Seminários do Centro Inter-Universitário de História da Espiritualidade – 1997/1998

19 de Dezembro – 9h 30m

Pedro Cordovil, O. Cart., *A espiritualidade cartuxa.*

30 de Janeiro – 9h 30m

Isabel Morujão, *Literatura devota em Portugal no tempo dos Filipes:
o Memorial da Infância de Cristo...*

21 de Fevereiro – 9h 30m

Pedro Tavares, *Instituição e vicissitudes de um beatério do século XVI ao
século XIX: as beatas do Campo da Vinha.*

13 de Março – 9h 30m

José Adriano de Carvalho, *Outro «português entre castelhanos» (1580-
1602): Frei António da Conceição, C. R. S. J. E., vulgo Beato
António.*

20 de Abril – 16h 30m

Jacob Sanz Hermida, *Título a indicar.*

24 de Abril – 9h 30m

Luís F. de Sá Fardilha, *As Várias Rimas ao Bom Jesus, de Diogo Bernardes,
e os seus contextos*

26 de Junho – 9h 30m

Zulmira C. Santos, *Teatro português em Marrocos no tempo de Filipe II:
o testemunho do Cancioneiro de D. Maria Henriques .*

3 de Julho – 9h 30m

Maria de Lurdes Correia Fernandes, *Mártires portuguesas no Oriente no
tempo de Filipe II.*

Colóquio

*D. Maria de Portugal, Princesa de Parma (1565-1576) e o seu tempo.
As relações culturais entre Portugal e Itália na segunda metade de Quinhentos*
C. I. U. H.E. – Instituto de Cultura Portuguesa
Porto, 28, 29 e 30 de Maio de 1998

Participantes com comunicação:

- Ana Maria Martins Pereira (Univ. Complutense) – *[Alexandre Farnese nas relações de sucessos espanhóis]*.
- Giuseppe Bertini (Univ. de Parma) – *L'entrata solenne di Maria di Portogallo a Parma nel 1566.*
- Hélio J. S. Alves (Univ. de Évora) – *Influências italianas sobre o poeta Luís Pereira e o adeus a D. Maria de Portugal.*
- Jacobo Sanz Hermida (Univ. do Porto) – *Vida en Imágenes de Alejandro Farnesio y María de Portugal.*
- José Adriano de Freitas Carvalho (Univ. do Porto) – *A correspondência de Maria de Portugal com S. André Avelino.*
- Luís de Sá Fardilha (Univ. do Porto) – *A celebração poética em Portugal do casamento de Maria e Alexandre.*
- Maria de Lurdes Correia Fernandes (Univ. do Porto) – *A difusão da «Vida» da Princesa de D. Maria em Itália e em Espanha. Do texto ao comentário.*
- Miguel Falomir (Museo del Prado) – *De la cámara a la galería. Usos y funciones del retrato en la Corte de Felipe II.*
- Pedro Tavares (Univ. do Porto) – *Um professor de matemática da Princesa Maria de Portugal na fundação de um beatério em Braga.*
- Roberto Rusconi (Univ. degli Studi – L'Aquila) – *Politica e religione nell'età del Concilio.*
- Steffano Andretta (Univ. degli Studi Roma Tre) – *Os elogios fúnebres de D. Maria de Portugal.*
- Vítor Serrão (Univ. de Lisboa) – *À volta do pintor Gaspar Dias.*

Biblioteca da *Via Spiritus*

I - José Adriano de Freitas Carvalho, «*Nobres Leteras*»... «*Fermosos Volumes*»... *Inventários de bibliotecas dos franciscanos observantes no século XV em Portugal*, Porto, 1994.

II - *Catálogo da Biblioteca do Convento de Santo António de Caminha (O.F.M.)*. Edição e estudo bibliográfico.

Publicações com a colaboração dos membros do C.I.U.H.E. e do Instituto de Cultura Portuguesa

I - *Problemáticas em História Cultural*, Porto, Instituto de Cultura Portuguesa, 1987 - 236 p.

II - *Bibliografia Cronológica da Literatura de Espiritualidade em Portugal (1501-1700)*, Porto, Instituto de Cultura Portuguesa, 1988 - 526 p.

III - Manuel Gomes de Lima Bezerra, *Os Estrangeiros no Lima*, Viana do Castelo, Câmara Municipal de Viana do Castelo, 1992, 3 volumes (Edição Fac-similada e Estudos Introdutórios).

IV - *Espiritualidade e Corte em Portugal (Séculos XVI a XVIII)*, Porto, Instituto de Cultura Portuguesa, 1993 - 264 p.

V - *Antologia de Espirituais Portugueses*, Lisboa, I.N.C.M., 1994.

VI - Isabel Morujão, *Contributo para uma Bibliografia Cronológica da Literatura Monástica Feminina Portuguesa dos sécs. XVII e XVIII (Impressos)*, Lisboa, Centro de Estudos de História Religiosa - Universidade Católica Portuguesa, 1995 - 90 p.

VII - Maria de Lurdes Correia Fernandes, *Espelhos, Cartas e Guias. Casamento e Espiritualidade na Península Ibérica. 1450-1700*, Porto, Instituto de Cultura Portuguesa, 1995 - X + 455 p.

VIII - *Os "últimos fins" na cultura ibérica dos séculos XV-XVIII*, C.I.U.H.E. e Instituto de Cultura Portuguesa, Porto, 1997.

Via Spiritus - normas para a apresentação dos artigos:

I - Citação

1) No texto:

- a) Títulos: em itálico.
- b) Textos (frases, extractos, etc.): entre « » (ex.: «ele viu o...»)
- c) Palavras ou expressões em destaque: itálico (ex: *quaestio*, *Devotio Moderna, in re*).

2) Em nota

– Autor e obras singulares:

- a) Nome do autor (apelido em maiúsculas): ex: R. (ou Roberto) RUSCONI).
- b) Título da obra: título completo em itálico.
- c) O nome do autor vai separado do título da obra por vírgula.
- d) Local e data da edição.
- e) A referência bibliográfica exigirá a localização de citação, indicando a pág. ou págs. por simples algarismos (ex: *Muerte y Sociedad en la España de los Austrias*, Madrid, 1993, 18-180).
- f) Nas subsequentes referências ou citações da mesma obra devem apenas referir-se o nome do autor, o título abreviado da obra (seguido ou não de ed. cit., de acordo com a citação ou não da mesma edição), seguida da referência à pág. ou págs. como em e).

– Obra colectiva (actas e obras de AA.VV., dicionários, enciclopédias, etc.)

- g) Nome do autor como em a).
- h) Título do trabalho em itálico seguido de *in*.
- i) Título da obra em itálico (seguido do nome do *curator* entre parêntesis caso exista).
- j) Lugar, data de edição e páginas de acordo com e).

3) Citação de artigo de revista

- a) Nome do autor como em 2) a).
- b) Título do artigo em itálico seguido de *in*.
- c) Nome da revista em itálico, seguido da respectiva identificação: volume, ano entre parêntesis, pág. ou págs. como em 2) e) – ex: *Cristianesimo nella Storia*, XVI / 1 (1994), 29.

- d) Nas subsequentes referências ou citações do mesmo artigo deve proceder-se como na citação de obras singulares, indicando art. cit. em vez de ed. cit.

Nota importante: Os originais deverão ser entregues acompanhados de cópia em *diskette* (*windows* ou compatível), bem como da tradução do título em inglês e de um resumo em português e em inglês. Não haverá revisão de provas.

Serão liminarmente recusados todos os artigos que não obedeçam a estas normas e exigências.

Originais, notas, livros a recensear e/ou a anunciar devem ser enviados a:

Redacção da Revista *Via Spiritus*
C.I.U.H.E - Instituto de Cultura Portuguesa
Faculdade de Letras da Universidade do Porto
Via Panorâmica, s. n.
4150 Porto (Portugal)
e-mail: ciuhe@esoterica.pt